

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA**

AILTON SANCHES JÚNIOR

**“TU, PORÉM”.
A RELEVÂNCIA DAS CARTAS PASTORAIS PARA
A CONTEMPORANEIDADE DO MINISTÉRIO
PASTORAL EVANGÉLICO.**

**Dissertação de Mestrado
Orientador: Prof. Dr. Valdir Marques
BELO HORIZONTE
2008**

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA**

AILTON SANCHES JÚNIOR

**“TU, PORÉM”.
A RELEVÂNCIA DAS CARTAS PASTORAIS PARA
A CONTEMPORANEIDADE DO MINISTÉRIO
PASTORAL EVANGÉLICO.**

Dissertação apresentada como exigência parcial do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) para o conferimento do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Marques

Área de Concentração: Teologia Sistemática

Linha de Pesquisa: Fontes Bíblicas da Tradição
Cristã

Projeto de Pesquisa: Antropologia Paulina

**BELO HORIZONTE
2008**

SANCHES JÚNIOR, AILTON. *“Tu, porém”. A relevância das cartas Pastorais para a contemporaneidade do ministério pastoral evangélico*. Dissertação de Mestrado em Teologia. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Área de concentração: Teologia bíblico-sistemática. Linha de pesquisa: Fontes bíblicas da tradição cristã.

Data de aprovação pela Banca Examinadora:

08 / Outubro / 2008

Membros da Banca Examinadora:

Prof. Dr. Valdir Marques, SJ, FAJE – Orientador

Prof. Dr. Paulo César Barros, SJ, FAJE

Prof. Dr. Adilson Schultz, PUC-MG

Ao meu amado e eterno pai,
homem que viveu e trabalhou por Cristo
e pôde dizer:

“Τὸν καλὸν ἀγῶνα ἡγωνίσωμαι, τὸν δρόμον τετέλεκα, τὴν πίστιν τετήρηκα”.

AILTON SANCHES

★ 1935

✝ 2005

Agradecimentos

- Ao Deus trino, soberano sobre tudo e todos, em quem eu posso confiar sempre.
- À minha amada esposa, Raquel, e minhas duas filhas, Ana Ester e Ana Clara. Três fontes inspiradoras para a minha vida!
- À minha mãe, Maria José. Não tenho palavras para agradecer a Deus por tamanho exemplo de *fé, esperança e amor*!
- Ao Sidney e a Regina, pelo exemplo de seriedade para com a carreira teológica.
- Aos meus irmãos, Sylton e Sylvio, pelo apoio financeiro durante esse tempo de pesquisa.
- Ao meu amigo-orientador, Pe. Valdir Marques. Obrigado pelo seu exemplo de dedicação ao estudo das Escrituras Sagradas e a Igreja de Jesus Cristo.
- A todos os professores e colegas de sala de aula da FAJE. Conviver com todos vocês esse tempo foi um aprendizado para o resto da vida! E, aos funcionários, especialmente Dulcinéia Guides, pelo excelente trabalho que realiza na Secretaria.
- Aos colegas professores do curso de Teologia do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix (FATE-BH). Deus recompensará todo o esforço de cada um de vocês, acreditem!

Ἡ χάρις μετὰ πάντων ὑμῶν.

“As virtudes cristãs – fé, esperança e amor –
são virtudes alegres e exuberantes.
Elas possuem certa aura de audácia:
o amor perdoa o imperdoável, senão deixa de ser virtude.
A esperança não desiste, mesmo em face do desespero,
senão deixa de ser virtude.
E a fé acredita no inacreditável,
senão deixa de ser virtude.”

C. K. Chesterton

RESUMO

Esta dissertação propõe-se a pesquisar a relevância da mensagem das Cartas Pastorais para o ministério pastoral contemporâneo, apresentando o apóstolo Paulo e dois de seus discípulos, Timóteo e Tito, como modelos de pastores para os dias de hoje, por meio de suas práticas e atitudes. Para isso, pretende-se, primeiramente, identificar algumas atitudes problemáticas presentes nas Igrejas Evangélicas Brasileiras (IEB's), com relação ao desenvolvimento do ministério pastoral e de todas as atividades relacionadas a ele. Em seguida, encontrar nas Cartas Pastorais subsídios para um modelo pastoral em Paulo, Timóteo e Tito que sirva de paradigma para o pastorado hoje, fundamentado e comprometido com a tradição da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo, presente no Novo Testamento. Isso se dará em três momentos: 1) na apresentação das três Cartas onde, além de traçar a perspectiva histórica da interpretação das Cartas, se reconstruirá o contexto e o ambiente para o qual o apóstolo Paulo escreve aos jovens Timóteo e Tito; 2) no trabalho de leitura e interpretação das Cartas, buscando-se reconstruir a imagem do apóstolo enquanto modelo de pastor; 3) na análise confrontativa entre os modelos encontrados nas Cartas, nas pessoas de Paulo, Timóteo e Tito, e a realidade do ministério pastoral hodierno. Esse confronto possibilitará refletir, finalmente, acerca do distanciamento que há entre o exercício do ministério pastoral na atualidade e os modelos bíblicos, na tentativa de apontar possíveis soluções e, assim, resgatar a figura do pastor que vive seu ministério comprometido com a verdade do Evangelho de Jesus Cristo.

ABSTRACT

This dissertation proposes to research the relevance of the message of the Pastoral Letters to contemporary pastoral ministry, presenting the Apostle Paul and two of his disciples, Timothy and Titus, as models of pastors for today's world, through their practices and attitudes. To attain that, firstly, the intention is to identify some problematic attitudes within Evangelical Brazilian Churches (IEB's), in relation to the developing of the pastoral ministry and all activities that pertain to it. Next, to find in the Pastoral Letters subsidy for a pastoral model in Paul, Timothy, and Titus will serve as a paradigm for the pastorate today, founded and committed with the tradition of the message of the Gospel of Jesus Christ, present in the New Testament. This will take place in three moments: 1) in the presentation of the three Letters where, besides tracing the historical perspective of the interpretation of those Letters, the context and environment to which the apostle Paul writes to the young Timothy and Titus will be reconstructed; 2) in the work of reading and interpretation of the Letters, seeking to reconstruct the image of the apostle as a pastor's model; 3) in the confrontational analysis between the models found in the Letters, in the persons of Paul, Timothy, and Titus, and the reality of the pastoral ministry of today. This confrontation will enable reflection, finally, in the distancing that exists between the pastoral ministry today and the biblical models, in the attempt to pointing to possible solutions and, thus, rescuing the image of the pastor that lives out his ministry committed to the truth of the Gospel of Jesus Christ.

PALAVRAS-CHAVE

Ministério Pastoral, Igreja Evangélica Brasileira, Apóstolo Paulo, Cartas Pastorais, Timóteo e Tito.

KEYWORDS

Pastoral Ministry, Evangelical Brazilian Church, Apostle Paul, Pastoral Letters, Timothy and Titus.

LISTA DE ABREVIATURAS

1 e 2Co – Primeira e Segunda Epístolas aos Coríntios

1 e 2Cr – Primeiro e Segundo Livros das Crônicas

1 e 2Pe – Primeira e Segunda Epístolas de Pedro

1 e 2Sm – Primeiro e Segundo Livros de Samuel

1 e 2Tm – Primeira e Segunda Cartas a Timóteo

1 e 2Ts – Primeira e Segunda Epístola aos Tessalonicenses

1ª VgM – Primeira Viagem Missionária

2ª VgM – Segunda Viagem Missionária

3ª VgM – Terceira Viagem Missionária

3Mac – Livro dos Macabeus

4Mac – Livro dos Macabeus

adj. - Adjetivo

Am – Livro do profeta Amós

Ap – Livro do Apocalipse

AT – Antigo Testamento

At – Atos dos Apóstolos

c. – cerca de

cap. – capítulo

Cl – Epístola aos Colossenses

CP – Confissão Positiva

Dn – Livro de Daniel

Ef – Epístola aos Efésios

Ex – Livro do Êxodo

Ez – Livro de Ezequiel

fem. - feminino

Fm – Carta a Filemom

Fp – Epístola aos Filipenses

Gl – Epístola aos Gálatas

Gn – Livro do Gênesis

Hb – Epístola aos Hebreus

IEB – Igreja Evangélica Brasileira

Is – Livro de Isaías

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

Jd – Epístola de Judas

Jo – Evangelho segundo João

Lc – Evangelho segundo Lucas

lit. – literalmente

LXX – Tradução da Septuaginta

masc. – masculino

Mc – Evangelho segundo Marcos

Mt – Evangelho segundo Mateus

NT – Novo Testamento

ℙ – papiro

p. ex. – por exemplo

Rm – Epístola aos Romanos

Sir – Sirácida

Sl – Livro dos Salmos

subs. – Substantivo

Tg – Epístola de Tiago

TP – Teologia da Prosperidade

Tt – Carta a Tito

vb. – verbo

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS	Pág. 8
1 INTRODUÇÃO	11
2 OS PROBLEMAS DO MINISTÉRIO PASTORAL CONTEMPORÂNEO ...	16
2.1 Introdução	16
2.2 Discurso persuasivo <i>versus</i> Pregação cristocêntrica	17
2.3 Templos e números <i>versus</i> Formação de discípulos	23
2.4 A Teologia da Prosperidade <i>versus</i> Seguimento de Cristo	28
2.5 Má formação de pastores <i>versus</i> Vocação e preparo	39
2.6 Síntese	45
3 INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS PASTORAIS	47
3.1 Introdução	47
3.2 A situação histórico-biográfica e datação	49
3.3 Questões críticas: gênero literário, linguagem e estilo	54
3.4 Relação comum entre o conteúdo das cartas	57
3.4.1 <i>Esboço de 1Timóteo</i>	58
3.4.2 <i>Esboço de 2Timóteo</i>	59
3.4.3 <i>Esboço de Tito</i>	60
3.4.4 <i>Relação entre o conteúdo das três Cartas</i>	60
3.5 O ambiente teológico: os falsos mestres	64
3.6 Os personagens	66
3.7 O desenvolvimento do ministério	70
3.8 Síntese	78
4 RESGATE DA IMAGEM DO APÓSTOLO PAULO ENQUANTO MODELO PASTORAL	80
4.1 Introdução	80
4.2 Plantador de Igrejas – 1Tm 1.1, 2.7	81
4.3 Pai, mestre e modelo – 1Tm 1.2, 18; 2Tm 1.2-6, 3.10-11; Tt 1.4	86
4.4 Ministro de Cristo Jesus – 1Tm 1.12; 2Tm 1.1, 11-12; Tt 1.1	90
4.5 Autoridade e cuidado pastoral – 1Tm 1.5; Tt 3. 8-11	95
4.6 O cristocentrismo da espiritualidade pastoral paulina – 1Tm 1.16; Tt 2.11-15, 3.3-7; 2Tm 2.11-13, 4.6-8	100
4.7 Síntese	105
5 REFLEXÕES PARA O MINISTÉRIO PASTORAL EVANGÉLICO NA ATUALIDADE, A PARTIR DAS INSTRUÇÕES E DELEGAÇÕES A TIMÓTEO E TITO	108
5.1 Introdução	108
5.2 Qualificações individuais indispensáveis aos pastores	109
5.2.1 <i>Fé e boa consciência</i> – 1Tm 1.19; 2Tm 2.8; Tt 2.1	110
5.2.2 <i>Ser servo do Senhor</i> – 2Tm 2.24-26	112

5.2.3	<i>Exercício da piedade e pureza – 1Tm 4.7, 5.22; 2Tm 3.14-15</i>	114
5.2.4	<i>Disciplina no estudo e ensino – 1Tm 4.13; 2Tm 1.13, 2.15-18; Tt 2.7b-8</i>	118
5.2.5	<i>Luta pela justiça – 1Tm 6.11; 2Tm 2.22; Tt 2.15</i>	121
5.3	A prática pastoral na comunidade	124
5.3.1	<i>Combater o bom combate – 1Tm 1.18; 2Tm 1.8, 2.3</i>	126
5.3.2	<i>O ministro deve ser padrão para a Igreja – 1Tm 4.12; 2Tm 1.13; Tt 2.7-8a</i>	129
5.3.3	<i>Apto para o ensino, admoestação e exortação – 1Tm 1.3-4, 6.3-10; 2Tm 4.2-5</i>	131
5.3.4	<i>Cuidado pastoral – 1Tm 5.1-25; Tt 1.5-2.10</i>	135
5.4	Síntese	139
6	CONCLUSÃO	141
	BIBLIOGRAFIA	147

1 INTRODUÇÃO

“A humanidade vive uma de suas mais profundas crises, como se um tornado estivesse passando por aqui, jogando tudo para o ar, e nós, ainda meio tontos, estivéssemos tentando juntar os destroços antes de uma nova tempestade”¹. Com esta frase, Ricardo Gondim, pastor da Igreja Assembléia de Deus Betesda, prefaciando o livro *Uma Igreja sem propósitos: os pecados da Igreja que resistiram ao tempo*, expõe o modo como se apresenta o cenário mundial afetado por tantos acontecimentos e mudanças ocorridos, pelo menos, nos últimos cinquenta anos.

Após a queda do paradigma racionalista, humanista e positivista o que se vê é um cenário de quebras de paradigmas, re-invenções de conceitos, novas ordens sendo estabelecidas, planos de emergência, tratados dos mais diversos contra as guerras ou a favor delas, crescimento do terrorismo e do medo, desempregos maciços, pressões de grupos homossexuais alterando o conceito de família, escândalos políticos, mau uso dos recursos naturais, descobertas “homéricas” no campo da genética.

É quase impossível e infantil achar que todos estes acontecimentos não afetaram ou não afetam as estruturas eclesiais – a Igreja local – e, principalmente, a formação e desenvolvimento da vida cristã pessoal. As bases ou paradigmas do Cristianismo também foram afetados nos últimos cinquenta anos e o são muito mais hoje. A impressão é que um grande furacão passa sobre a Igreja de tempos em tempos, destruindo os fundamentos antigos e estabelecendo novos e/ou provisórios que podem ser mudados com os próximos ventos.

A crise que “sopra” a/na Igreja afeta a todos, desde a liderança mais engajada até o cristão recém-chegado. Nas palavras de Ricardo Gondim,

Hoje se publicam muitos livros ensinando macetes que prometem alavancar a Igreja numericamente. Há uma epidemia de seminários e de manuais afirmando que técnicas gerenciais tornarão a Igreja relevante. Os pastores acreditam na máxima do mercado: quem não tem competência não se estabelece. O sucesso passa a ser urgente, e uma máquina empresarial substitui a missão. Nesse clima, a espiritualidade torna-se utilitária, promovendo relacionamentos superficiais. Pressionados pelo mercado, pastores passaram a ver outros colegas de ministério como concorrentes, transformaram seus discursos em apelos mercadológicos, fizeram de seus púlpitos uma plataforma de espetáculos e passaram a tratar os fiéis como clientes. Todo esse vendaval aconteceu em menos de uma geração².

¹ GONDIM, R. *Prefácio*. In: BARRO, J. H. *Uma Igreja sem propósitos: os pecados da Igreja que resistiram ao tempo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. p. 13. Para seguir uma padronização lógica na citação dos autores em todo o corpo do texto, serão apresentados o primeiro nome e sobrenome completos, e, em alguns casos, apenas os sobrenomes serão citados. Nas notas de rodapé, apenas o sobrenome será citado completo.

² Ibidem, p. 14.

Por isso, não é preciso tanto esforço para perceber a alta rotatividade dos cristãos à procura de Igrejas que possam oferecer-lhes algo novo. Também, não é preciso tanto esforço para notar que essas novas formas de discursos, que apelam para o “mercado”, surgem carregadas de novas tendências e conseqüências “teológicas”. Dois exemplos evidenciam isso: o primeiro, na perspectiva da chamada “batalha espiritual”³ atual, de maneira generalizada, trocou-se a centralidade do culto na pessoa de Jesus Cristo pela ênfase em Satanás e seus demônios. Em alguns cultos se dá tanta ênfase ao que o Diabo pode ou não pode fazer e sequer mencionam o que Jesus Cristo fez na cruz, cerca de 2.000 anos atrás. Isso gera conseqüências, por exemplo, no que diz respeito ao modo como esses cristãos desenvolverão sua vida cristã: “*Com medo do Diabo?*” ou “*Com temor a Deus e Jesus Cristo?*”.

O segundo, é evidente a transformação do conteúdo do Evangelho em mercadoria. Deus é transformado num servo que *deve* atender a qualquer tipo de desejo daquele que exige algo “*em nome de Seu Filho*”! A fé ganhou aspectos mágicos, tipo *abracadabra*, e a oração passou a ser considerada o meio para reivindicar a Deus-Pai todos os *direitos obrigatórios* como filho.

As conseqüências e manifestações dessa crise podem e, de fato, têm atingido as bases da Igreja, tanto organizacionais quanto teológicas. Às vezes, na tentativa de querer *fazer* uma Igreja relevante demais para o mundo, tomam-se como irrelevantes os fundamentos tradicionais da própria teologia e fé cristãs. O foco é perdido. E, se isso acontece, a Igreja e o pastorado perdem a sua finalidade, seu propósito, sua missão. Conseqüentemente, os cristãos deixam de ser cristãos-discípulos e passam a ser os *consumidores* secularizados dos produtos oferecidos pela empresa-eclesiástica, que cada vez mais faz de tudo para manter seus *clientes* satisfeitos.

É visível o “espírito” do consumismo que toma conta das Igrejas. Os paradigmas que orientam o consumismo numa sociedade tipicamente capitalista são os mesmos que têm penetrado nas Igrejas, *coisificando* tudo, inclusive as pessoas e os relacionamentos, depreciando-os, tornando-as individualistas, egoístas, impessoalistas e, até, etnocêntricas. Homens e mulheres passam a ter o seu valor definido pelo: 1) seu poder aquisitivo, 2) pelo grupo a que pertence e/ou 3) por sua capacidade produtiva. Desse modo, a Igreja deixa de ser formada por aqueles que, segundo os textos paulinos, foram alcançados pela Graça salvadora

³ No meio evangélico, especificamente pentecostal e neopentecostal, chama-se “batalha espiritual” a prática de libertação espiritual, associada à possessão e ao exorcismo de demônios.

de Cristo e vivem em comunhão (*koinonia; ekklesia*), passando a ser vivida como mais um evento cultural, um clube social, de uma sociedade normal com suas peculiaridades mercadológicas.

Discutir a vida da Igreja, sua natureza, seus ministérios, seus ministros e membros é necessário, sempre. Repetir é regressar para inovar. Não significa que a mesma coisa feita no passado deverá ser feita no presente. Não significa fazer a mesma coisa, mas, antes, rever tradições, diretrizes, métodos, estratégias, etc, que possam servir de fundamentos para o desenvolvimento de algo na atualidade. É conhecer para inovar. Saber o que aconteceu em cada período da história para compreender o momento presente e empreender uma nova ação (exercício de *práxis hermenêutica* da história) a partir dos desafios do tempo e contexto presentes.

Ser pastor nos dias atuais é mais difícil do que em qualquer outra época de que se tem lembrança. Este século testemunhou o colapso do consenso cristão que manteve a cultura ocidental coesa durante séculos. A sua secularização empurrou as igrejas para as margens da consciência de nosso país. O relativismo moral, que acompanha uma visão secular da realidade, afeta profundamente a obra da Igreja e o seu ministério⁴.

Concordando com as palavras acima, observa-se que, por conta da crise que alcança a Igreja, há uma extensão dessa crise sobre o ministério pastoral nos dias de hoje, que traz perplexidade. Esta perplexidade faz gerar inúmeras inquietações e questionamentos do tipo: *como exercer o pastorado num contexto desses? Como ser um pastor segundo os moldes bíblicos e não se contaminar com os modelos não-bíblicos que surgem todos os dias? Como a reflexão teológica pode ser útil nessa tarefa? Onde encontrar, nas Escrituras Sagradas, pistas para a construção de um modelo bíblico a ser seguido pelos pastores hoje? As cartas e a teologia de Paulo podem orientar nesse trabalho?*

Por isso, diante desses questionamentos, entre muitos outros, quando apenas dava-se início ao projeto desta pesquisa, percebeu-se a importância de examinar este problema. Daí surgiu o objetivo principal desta dissertação, que é: pesquisar a relevância da mensagem das Cartas Pastorais para o ministério pastoral contemporâneo, no imenso cenário das Igrejas Evangélicas Brasileiras (IEB's⁵), apresentando o apóstolo Paulo e dois de seus discípulos,

⁴ FISHER, D. *O pastor do século 21: uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no terceiro milênio*. São Paulo: Vida, 2001. p. 5.

⁵ Por Igreja Evangélica Brasileira (IEB) se compreende o grupo de todas as Igrejas que têm como base fundante a Reforma Protestante, iniciada em 1517, na Alemanha e que se estabeleceram no Brasil a partir de 10 de maio de 1855. Cf. LÉONARD, É. G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. 3 ed. São Paulo: ASTE, 2002. p. 53-79. É importante ressaltar que o termo IEB abarca todas as Igrejas protestantes

Timóteo e Tito, como modelos de pastores para os dias de hoje, por meio de suas práticas e atitudes.

A frase de Paulo, “Tu, porém” (Cf. 1Tm 6.11; 2Tm 3.10, 14; 4.5; Tt 2.1), presente no título, completa a intenção e o objetivo desta pesquisa, no sentido de pretender ser relevante (um alerta) para todos os pastores e ministros do Evangelho, no que diz respeito às qualificações e exigências que a Bíblia aponta para o ministério pastoral. Que cada leitor se identifique, ao final da leitura, com o “Tu, porém” e se sinta convocado a contribuir para a reflexão teológica acerca da vocação e do exercício pastoral.

O método utilizado para realização deste trabalho abrange os seguintes passos: 1) identificar alguns aspectos da realidade das IEB's, no que diz respeito ao ministério pastoral e suas conseqüências para o ambiente eclesial como um todo e 2) buscar nas Cartas Pastorais, por meio da leitura e análise exegética destes textos, apontamentos, reflexões e caminhos pelos quais se podem trilhar, hoje, para o resgate de um modelo de pastor que seja possivelmente identificado com o modelo bíblico.

Nos dois momentos será utilizada a pesquisa bibliográfica e uma reflexão teológica de cunho pastoral. Portanto, não serão realizadas pesquisas de campo, entrevistas e/ou outras metodologias de pesquisa. Além disso, como em toda pesquisa da prática teológica-pastoral, contar-se-á com a experiência pessoal do pesquisador e suas intuições, a partir de atividade ministerial em igrejas evangélicas, especificamente batistas históricas, além da formação teológica, com especializações na área da Teologia Pastoral.

Para o desenvolvimento de tais passos, o estudo será dividido em quatro capítulos (numerados de 2 a 5 no Sumário), excetuando-se esta Introdução (# 1) e a Conclusão (# 6). Em linhas gerais, no segundo capítulo (*Os problemas do ministério pastoral contemporâneo*) será apresentado o cenário do fenômeno religioso das IEB's, visando caracterizar o nível da crise que perpassa o ambiente eclesial, especificamente no que diz respeito ao ministério pastoral.

No terceiro capítulo (*Introdução geral às Cartas Pastorais*) será feita uma apresentação das três Cartas no que se refere à situação histórica, gênero literário, linguagem

históricas (batistas, presbiterianas, metodistas, luteranas) e suas variações posteriores, incluindo as Igrejas ligadas aos movimentos de Renovação Espiritual e Pentecostal, que mantêm certo distanciamento, teológico ou prático, do movimento conhecido como Neopentecostalismo ou recebe influência deste em alguns momentos. Por força da concisão preferiu-se agrupar todas as denominações em vez de seguir, por exemplo, a classificação extensa do IBGE, no Censo 2000.

e estilo, ao percurso histórico da interpretação das Pastorais ao longo da história da Igreja, ao ambiente teológico e o problema dos falsos ensinamentos, às características biográficas de Paulo, Timóteo e Tito e à organização do ministério eclesiástico desenvolvido nas Igrejas de Éfeso e Creta.

No quarto capítulo (*Resgate da imagem do apóstolo Paulo enquanto modelo pastoral*) tentar-se-á reconstruir a perspectiva da vida e do ministério do apóstolo, a partir dos textos das Pastorais, tentando encontrar as bases para uma reflexão acerca dos modelos ministeriais presentes nas IEB's contemporâneas e dos desafios que esta Igreja apresenta.

No quinto capítulo (*Reflexões para o ministério pastoral evangélico na atualidade, a partir das instruções e delegações a Timóteo e Tito*) buscar-se-á refletir sobre algumas das qualificações essenciais que os pastores e ministros das comunidades de Éfeso e Creta deveriam ter e fazer observações que sejam relevantes para a discussão acerca do ministério pastoral nas IEB's hoje.

Em função das definições e recortes acerca do tema, alguns objetivos não se constituem como integrantes deste trabalho, embora possam ocorrer em algum momento no texto: 1) o estudo da crítica bíblica para fundamentar a interpretação dos textos das Pastorais; 2) as análises exegéticas e hermenêuticas histórico-críticas baseadas em metodologias literárias e lingüísticas; 3) o estudo de textos da Tradição cristã, provenientes da produção teológica dos Pais da Igreja ou dos Concílios e do Magistério Católico.

2 OS PROBLEMAS DO MINISTÉRIO PASTORAL CONTEMPORÂNEO

2.1 Introdução

Como visto acima, não só as demais estruturas sociais estão sofrendo mudanças em suas bases, mas, também, a Igreja tem sido atingida, tanto nas suas estruturas organizacionais quanto teológicas. Se isso é verdadeiro, então é necessário realizar mais que um exercício de identificação dessas mudanças. É preciso, ainda, mensurá-las em relação ao nível de suas conseqüências para a vida da Igreja e do pastorado.

Para isso, o objetivo primeiro deste capítulo é identificar algumas atitudes ou características problemáticas presentes nas IEB's, com relação à formação e ao desenvolvimento do ministério pastoral, da pregação, das ênfases evangelísticas e teológicas, das preocupações pastorais que ora se apresentam inversas, indicar suas bases pseudobíblicas julgando-as à luz da Bíblia, resgatando os princípios nela estabelecidos enquanto Palavra de Deus, enquanto regra de fé e prática para a Igreja hodierna.

Neste momento o método será o da pesquisa bibliográfica, explorando os autores que já trataram ou têm tratado o assunto (p. ex. João Batista Libanio, Ricardo Mariano, Paulo Romeiro, Jorge Henrique Barro, Ronald Sider, Philip Yancey, Brennan Manning⁶), observando suas análises e conclusões, bem como os próprios textos dos pastores e teólogos (p. ex. Kenneth Hagin, John Avanzini, Romildo R. Soares, Edir Macedo⁷) que, por meio de seu pensamento e sua interpretação bíblica, têm contribuído para que essa crise se alastre, além de dicionários e enciclopédias teológicas e dicionários lingüísticos.

Importante ressaltar que, ao descrever essas características problemáticas, não se faz com generalização, ou seja, esses problemas não se apresentam em todas as IEB's, mas em algumas especificamente. Afirmar de modo generalizador seria não reconhecer o esforço

⁶ Aqui são apresentadas algumas das principais obras desses autores a título de introdução. LIBANIO, J. B. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002; MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo brasileiro*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005; ROMEIRO, P. *Supercrentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. 2 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2007; BARRO, J. H. *Uma igreja sem propósitos: os pecados da igreja que resistiram ao tempo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004; SIDER, R. *O escândalo do comportamento evangélico: por que os cristãos estão vivendo exatamente como o resto do mundo?* Viçosa: Editora Ultimato, 2006; YANCEY, P. *Igreja: por que me importar?* São Paulo: SEPAL, 2001; MANNING, B. *O evangelho maltrapilho*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

⁷ Também aqui são apresentadas algumas das principais obras desses autores a título de introdução. HAGIN, K. *A autoridade do crente*. Rio de Janeiro: Graça, [s.d.]; AVANZINI, J. *30, 60, cem por um: a liberação da sua colheita financeira*. Rio de Janeiro: ADHONEP, 2001; SOARES, R. R. *As bênçãos que enriquecem*. Rio de Janeiro: Graça, 1985; MACEDO, E. *Vida com abundância*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990.

daqueles que têm lutado, enfrentado a crise dos púlpitos e ministérios⁸ e resistido aos maus ventos que sopram sobre a Igreja.

2.2 Discurso persuasivo *versus* Pregação cristocêntrica

A IEB contemporânea tem experimentado o maior crescimento numérico desde sua chegada ao país. Prova disso são os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados no Censo Demográfico de 2000, onde o índice percentual geral de evangélicos chegou a 15,41%, ou 26.184.941 brasileiros⁹, números maiores que os apresentados no Censo de 1991, onde eram 13.189.282 brasileiros, cerca de 8,98% da população¹⁰.

Contudo, ao mesmo tempo, as IEB's têm experimentado uma crise nos seus púlpitos. Com frequência cada vez maior o padrão da pregação tem sido degradado. Mais preocupados com números e com a satisfação dos seus ouvintes, os pregadores contemporâneos lançam mão de vasta gama de instrumentos para atrair as pessoas e convencê-las com as suas pseudo-verdades anunciadas.

Para satisfazer a busca desenfreada e “vencer as concorrências” no atual mercado religioso¹¹, os pregadores exploram o sensacionalismo, o consumismo e o imediatismo, prometendo a realização do impossível desde que os seus ouvintes sigam seus conselhos e contribuam ao final. As questões levantadas por Luís Wesley, pastor metodista, revelam sua preocupação com os pregadores e suas mensagens:

Há muitas mensagens convenientes, irrelevantes e cheias de afagos teológicos que não chamam a Igreja ao arrependimento. Há pregações que ouço por aí que me fazem retorcer no banco de tanta indignação. Já me perguntei várias vezes: o que há com boa parte de nossos pregadores? Quem os transformou em *superstars*? Quem os ensinou a pregar com tanta insensatez? Por que já não mais sobem ao púlpito sob a convicção do Espírito e em conformidade com *todo o conselho de Deus*? Por que não expõem a Palavra de forma integral e integrada?¹²

⁸ SOUZA, L. W. de. *Uma Igreja sem o propósito da pureza e da santidade*. In: BARRO, J. H. *Op. cit.*, p. 94.

⁹ IBGE. <http://www2.ceris.org.br/estatistica/religiaoibge/_rqdreligiao2000.asp>, acessado em 02/10/07.

¹⁰ Cf. MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo brasileiro*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 10ss.

¹¹ Para uma investigação mais aprofundada e densa sobre a discussão do fenômeno religioso contemporâneo, ver duas obras de João Batista Libanio, teólogo jesuíta: *A religião no início do milênio* (2002) e *Olhando para o futuro: perspectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina* (2003), ambos Edições Loyola.

¹² SOUZA, L. W. de. *Op. cit.*, p. 94.

Um dos motivos da provável incerteza a respeito do Cristianismo, do Evangelho e da função da Igreja deve-se, provavelmente, ao fato de que os próprios pregadores perderam sua confiança na Palavra de Deus e/ou já não se dão ao trabalho de estudá-la com dedicação e de anunciá-la com temor. Na verdade, os púlpitos estão repletos de muitas coisas, exceto do forte conteúdo bíblico. As mensagens são esvaziadas da soberania de Deus, da centralidade de Jesus Cristo e do poder do Espírito Santo que geram compromisso dos crentes e engajamento com a missão de levar avante o Reino de Deus. São mensagens prejudiciais e não produtivas.

Os resultados são sintomáticos. Como a pregação da Palavra não é levada a sério, mas de modo despreocupado, as consequências são diversas e diretas¹³. Quando a pregação não tem o anúncio de Cristo como ponto central de seu conteúdo, corre sério risco de não ser bíblica e de haver centralização em outras pessoas ou situações, gerando na Igreja falta de maturidade cristã, conversões artificiais, pragmatismo, individualismo, utilização do marketing para crescimento da Igreja, e outras tantas consequências.

Um livro, recentemente traduzido para a língua portuguesa, chama à atenção para a discussão acerca do padrão ético do pregador, e dos cristãos em geral, já pelo seu intrigante título: *O escândalo do comportamento evangélico: por que os cristãos estão vivendo exatamente como o resto do mundo?*. O seu autor, Ronald J. Sider, teólogo protestante, reúne dados do Barna Institute, importante centro de pesquisas nos Estados Unidos, com relação, por exemplo, aos índices de divórcio naquele país. Ele diz: “Em uma pesquisa de 1999, George Barna constatou que, nos Estados Unidos, o percentual dos cristãos nascidos de novo que haviam se divorciado era um pouco maior (26%) que o de não-cristãos (22%)”¹⁴. Ronald Sider afirma com absoluta certeza que a justificativa para esses dados se dá por causa do *barateamento*¹⁵ da mensagem do Evangelho de Jesus, praticado nos púlpitos das Igrejas.

¹³ Robinson Cavalcanti, bispo anglicano, aponta, ainda, algumas consequências da falta de seriedade com a pregação e o anúncio da Palavra: “O rápido crescimento do protestantismo não tem sido acompanhado de redução dos problemas sociais, políticos, econômicos, morais. A Igreja não cresceu; inchou, imersa em sua superficialidade e inutilidade. Combatem os vícios individuais, mas não se combatem os vícios sociais. Os escândalos se sucedem e, no lugar do sangue dos mártires, temos os sanguessugas. As Igrejas históricas, desde o regime militar, deram as costas ao seu passado de luta pela abolição, pela República, pela separação entre Igreja e Estado, pela injustiça social. Se continuarmos assim, mesmo se chegarmos a 100% da população, a corrupção política, as desigualdades, a violência e a imoralidade não diminuirão”. CAVALCANTI, R. *Crescem os crentes, crescem os problemas*. In: *Ultimato*. Viçosa: Editora Ultimato, 2006. n. 302. set/out. p. 38s.

¹⁴ SIDER, R. J. *O escândalo do comportamento evangélico: por que os cristãos estão vivendo exatamente como o resto do mundo?* Viçosa: Editora Ultimato, 2006. p. 18.

¹⁵ O termo *barateamento* foi utilizado por Dietrich Bonhoeffer em seu livro *Nachfolge* (*Discipulado* – 1937), quando, já naqueles tempos, em meio ao regime nazista, denunciava o modo como os princípios eternos do Evangelho de Jesus Cristo eram tão facilmente abandonados por aqueles que aderiam ao secularismo racionalista moderno. Ele disse: “A graça barata é pregação do perdão sem arrependimento, é o batismo sem a disciplina de

Temos facilitado ao extremo o caminho para que as pessoas se tornem “nascidas de novo”. Espertos marqueteiros evangélicos têm oferecido a salvação eterna como um dom gratuito, desde que você diga sim a uma fórmula simples. [...] A graça barata está presente quando reduzimos o evangelho ao simples perdão dos pecados; limitamos a salvação a seguro pessoal contra o fogo do inferno; entendemos, de maneira errada, que as pessoas são primeiramente almas; na melhor das hipóteses, compreendemos metade daquilo que a Bíblia fala sobre pecado; incorporamos o individualismo, o materialismo e o relativismo da nossa cultura vigente; falta-nos uma compreensão e prática bíblicas por parte da Igreja; e fracassamos no ensino de uma visão do mundo bíblica¹⁶.

Como já mencionado, se o centro da pregação não é mais Jesus Cristo, mas o Diabo, os cristãos são, naturalmente, levados a desenvolver uma “teologia” de tipo pagã, onde duas forças equivalentes se combatem numa região celeste e o resultado desse combate depende do modo como os seres humanos agem aqui na região física, no cosmo¹⁷. Assim, a atividade satânica se torna o centro e mesmo a razão de ser de muitos ministérios e Igrejas. Cristãos salvos ou não-cristãos são objetos dos “cultos do descarrego” ou libertação, marcados, até mesmo, por momentos de expulsão coletiva dos demônios das pessoas presentes.

Outro exemplo diz respeito à vida e conduta do próprio pregador. Se ele não tem piedade alguma, sua pregação torna-se um desastre. Os inúmeros e recentes escândalos, propagandeados e altamente explorados pela mídia brasileira, revelam que o que muitos pregadores proclamam é cancelado pela impiedade de suas vidas. Nas palavras de Brennan Manning, teólogo católico, a “tentação do momento é aparência sem conteúdo. A dicotomia entre o que dizemos e o que fazemos é tão predominante na Igreja e na sociedade que acabamos realmente acreditando em nossas ilusões e racionalizações”¹⁸.

Nesse sentido, ainda, o pastor presbiteriano Hernandes Lopes comenta:

Há um divórcio entre o que os pregadores proclamam e o que eles vivem. Há um abismo entre o sermão e a vida, entre a fé e as obras. Muitos pregadores não vivem o que pregam. Eles condenam o pecado no púlpito e o praticam em secreto. [...] Os pecados do pregador são mais hipócritas, porque ele tem falado diariamente contra

uma congregação, é a Ceia do Senhor sem a confissão dos pecados, é a absolvição sem a confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, a graça sem a cruz, a graça sem Jesus Cristo vivo, encarnado”. In: *Discipulado*. 7 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 10.

¹⁶ SIDER, R. *Op. cit.*, p. 56.

¹⁷ “Quando, na Igreja, o estudo sério, paciente e piedoso das Escrituras é substituído pelo folclórico e irresponsável colecionar experiências, o Deus Soberano, Senhor dos exércitos, Rei dos Reis, é na prática trocado por um Deus impotente e acuado que contempla assustado a batalha espiritual travada no cosmo entre anjos maus e bons sob o comando de espertos e modernos gurus”. LOPES, A. N. *O que você precisa saber sobre batalha espiritual*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998. p. 7.

¹⁸ MANNING, B. *O evangelho maltrapilho*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 127.

eles. [...] Não há maior tragédia para a Igreja do que um pregador ímpio e impuro no púlpito¹⁹.

O termo grego κήρυξ (*kêryx*), geralmente traduzido por “arauto”, “pregador” e “mensageiro”²⁰, indica a ação daquele que é chamado e convocado a desempenhar uma função de anunciador das palavras daquele que o convocou para o exercício de tal função. É o representante oficial daquele que o envia. De maneira geral, “denota o homem que é comissionado pelo seu soberano, para anunciar em alta voz alguma notícia, para assim torná-la conhecida”²¹. Isso já era marca do arauto na *polis* grega, onde

o *kêryx* sempre ficava sob a autoridade de outra pessoa, de quem era porta voz. Ele mesmo era imune. Transmitia a mensagem e a intenção do seu senhor. Não tinha, portanto, qualquer liberdade própria para negociar. Seu cargo se revestia, em todos os casos, de caráter oficial, até mesmo quando aparecia na praça do mercado como intermediário público ou leiloeiro. Aquilo que anunciava tornava-se válido mediante o ato da proclamação²².

No Antigo Testamento (AT), o termo, que aparece apenas quatro vezes na Septuaginta (LXX), sempre se refere a pessoas ou instituições estrangeiras e nunca vinculadas a Israel (Gn 41.43; Dn 3.4; 4Mac 6.4; Sir 20.15). Isso evidencia que em Israel não se conhecia uma figura comparável com o *kêryx* grego, nem mesmo os profetas²³.

Já no Novo Testamento (NT), o uso do termo, que também é raro, só aparece três vezes (1Tm 2.7; 2Tm 1.11; 2Pe 2.5) é combinado com o termo ἀπόστολος (*apóstolos*). No entanto, há uma diferença marcante entre o uso do termo na cultura grega que, como visto, privilegiava a pessoa, o *kêryx*. Nos dois casos (1Tm 2.7; 2Tm 1.11), a importância não se dá à instituição ou à pessoa, mas, sim, ao ato efetivo daquilo que é proclamado. É o conteúdo que importa, o *kérygma* (κήρυγμα). Segundo Lothar Coenen, o *kérygma* “é o fenômeno de uma chamada que sai e impõe suas reivindicações sobre os ouvintes: corresponde à vida e atividade dos profetas”²⁴.

¹⁹ LOPES, H. D. *Piedade e paixão: a vida do ministro é a vida do seu ministério*. São Paulo: Candeia, 2002. p. 20s.

²⁰ RUSCONI, C. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 265.

²¹ COENEN, L. Κήρύσσω. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.) *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1857.

²² *Ibidem*, p. 1858s.

²³ *Ibidem*.

²⁴ *Ibidem*, p. 1862.

Seguindo a mesma linha de pensamento, John Stott, reverendo anglicano, destaca quatro características que apontam para o perfil do verdadeiro arauto do Evangelho. Primeiro, ele “tem boas notícias que devem ser *proclamadas ao mundo todo*”²⁵ e continuamente, porque elas são válidas para todos. O texto de 1 Coríntios 11.26 revela a preocupação do apóstolo Paulo em recomendar que o Evangelho [as boas notícias] deve ser anunciado “até que ele [Jesus] venha”²⁶. Essa característica aponta para a função pública e universal daquele que anuncia as palavras do Senhor.

Em segundo lugar, o pregador anuncia a “intervenção sobrenatural de Deus, de maneira suprema na morte e ressurreição de seu Filho, para a salvação da humanidade”²⁷, como o conteúdo (*kérygma*²⁸) central dessa mensagem. O pregador não prega a si mesmo, mas, sendo a pregação “iniciativa de Deus, tendo por objeto a obra de Deus, sua manifestação em Jesus Cristo, é a palavra do próprio Deus”²⁹ que é proclamada e como tal deve ser recebida. O pregador é, então, testemunha. E, como tal, deve manter a fidelidade das palavras de Deus e do conteúdo todo do Evangelho. John Stott acrescenta: “muito do que se chama hoje ‘testemunho’ é realmente autobiografia, ou até mesmo auto-propaganda. Todo testemunho verdadeiro é testemunho de Jesus Cristo”³⁰.

Em terceiro lugar, John Stott diz que o pregador “não prega simplesmente a boa notícia, sem se importar se os seus ouvintes escutam ou não. A proclamação introduz um apelo. O arauto espera uma resposta”³¹. Como fala da intervenção direta e decisiva de Deus na história, a reconciliação que Deus operou através de Cristo, essa pregação exige uma resposta, a reconciliação dos que ouvem com Deus. Se a mensagem do Reino de Deus fala da

²⁵ STOTT, J. *O perfil do pregador*. 4ed. São Paulo: SEPAL, 2000. p. 42. (Grifo do autor).

²⁶ Todas as citações bíblicas serão da versão de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada (ARA), da *Bíblia de Estudo Almeida* (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999). Quando outra versão for utilizada, será mencionada entre parênteses, após a citação. As citações em língua grega são extraídas do The Greek New Testament (4 ed., 1994).

²⁷ STOTT, J. *Op.cit.* p. 43.

²⁸ Juan A. Ruiz de Gopegui, discutindo a relação entre evangelização e catequese na América Latina, a partir da análise da obra de C. H. Dodd, *The apostolic preaching and its developments* (1936), destaca que no pensamento de Dodd o termo *kérigma* “não indica a ação do pregador, mas o conteúdo da mensagem de um determinado tipo de pregação: ‘a proclamação’ ou anúncio público do Cristianismo aos não cristãos”. In: *Conhecimento de Deus e evangelização: estudo teológico-pastoral em face da prática evangelizadora na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1977. p. 20.

²⁹ SENFT, C. Pregar. In: ALLMEN, J.-J. von (org.). *Vocabulário bíblico*. São Paulo: ASTE, 2001. p. 458. Ainda sobre esse aspecto, Juan A. R. de Gopegui acrescenta: “Se Deus é o autor da salvação, deve sê-lo também da ‘pregação’ através da qual ele salva o homem”. In: GOPEGUI, J. A. R. de. *Op. cit.*, p. 29.

³⁰ STOTT, J. *Op. cit.*, p. 82s.

³¹ *Ibidem*, p. 44.

existência de todo o ser humano para a existência toda do ser humano, e essa mensagem deseja promover transformação de toda essa existência deve, então, exigir uma resposta.

E, em quarto lugar, quando o pregador “transmite sua proclamação, a voz do rei está sendo ouvida”³², ou seja, com sua vida e ministério o pregador se torna embaixador de Cristo, quando ele fala é o próprio Cristo quem fala aos homens e mulheres e os confronta diretamente com sua Palavra. O pregador não é nada em si mesmo; ele existe tão-somente por aquele que o envia e pela Palavra que transmite, da qual está plenamente encarregado³³.

Assim, não resta dúvidas de que, para que o pregador e sua mensagem sejam, de fato, relevantes na atualidade, essa mensagem precisa ser cristocêntrica. Como afirma Thomas F. Jones, teólogo reformado,

A verdadeira pregação cristã precisa centralizar-se na cruz de Jesus Cristo. [...] Portanto, nenhuma doutrina da Escritura pode fielmente ser apresentada ao homem a menos que se torne manifesto o seu relacionamento com a cruz. Aquele que é vocacionado para pregar, portanto, deve pregar a Cristo, pois nenhuma outra mensagem há que proceda de Deus³⁴.

Em todo o NT, é notório que muitos homens (Paulo, Estevão, Pedro, João e tantos outros) se dedicaram a anunciar o verdadeiro Evangelho de Cristo, mesmo passando por situações adversas como: perseguições, mortes, acusações injustas e outras. Quando, por exemplo, se toma a vida do apóstolo Paulo, segundo o relato lucano no livro dos Atos dos Apóstolos, percebe-se claramente que ele foi tentado a apresentar um discurso que agradasse seus ouvintes, como no caso dos filósofos gregos no episódio do Areópago em Atenas (Cf. At 17.16-34). No entanto, concluiu que importava muito mais anunciar o Evangelho de Cristo a todos os homens e em todos os lugares (1Co 2.1-5). Paulo de forma alguma abriu mão de Cristo em suas pregações, Cristo para ele era tudo, era o ápice da obra salvífica de Deus. O pastor e teólogo reformado J. I. Packer conclui: “O chamado do pregador consiste em anunciar todo evangelho de Deus; e a Cruz é o centro desse conselho”³⁵.

Para que isso ocorra, primeiro, o pastor deve ser um homem de oração (Cf. Cl 1.9; 1Ts 3.10; 2Ts 1.11): “O Senhor lhe disse: vá à casa de Judas, na rua chamada direita, pergunte por um homem de Tarso chamado Saulo. Ele está orando” (At 9.11); segundo, ele deve ter

³² Ibidem.

³³ Cf. SENFT, C. *Op. cit.*, p. 457.

³⁴ JONES, T. F. *apud* CHAPPELL, B. *Pregação cristocêntrica: restaurando o sermão expositivo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 294.

³⁵ PACKER, J. I. *Entre os gigantes de Deus*. São Paulo: Fiel, 1996. p. 307.

compaixão pelas almas, porque foi chamado para pastorear o rebanho de Deus: “Cuidem de vocês mesmos e de todo rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a Igreja de Deus, que comprou com o seu próprio sangue” (At 20.28); terceiro, ele deve ser humilde: “Embora eu seja o menor dos menores dentre todos os santos, foi-me concedida esta graça de anunciar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo” (Ef 3:8). Quarto, o pastor deve ter um caráter aprovado: Paulo apresenta as características em 1Tm 3.1-7 e Tt 1.5-9, afirmando que não deve ser neófito na fé, mas, deve ser treinado, conhecer a Bíblia e estudá-la muito. Em resumo, o pregador deve ter sua vida pautada na Bíblia, refletindo todas as suas riquezas, valores éticos, morais e espirituais.

Desse modo, o pastor realizará o bom propósito de sua vocação: apresentar aos homens e mulheres a pura e simples mensagem do Evangelho, não idéias de si mesmo ou de outros. Sua preocupação será de anunciar as verdades bíblicas completas, do juízo ao perdão, do pecado à graça, de modo que os homens e mulheres sejam desafiados a abraçarem uma fé também verdadeira, pura e simples, capaz de mudar toda a história de suas vidas. O Evangelho da graça está presente na simplicidade de seu anúncio, na simplicidade de quem o anuncia e na simplicidade de quem o ouve, a fim de que “ninguém se glorie” (Ef 2.9).

2.3 Templos e números *versus* Formação de discípulos

Um outro tipo de contradição bastante marcante na atual IEB é a ênfase exagerada sobre os números de membros, os grandes ajuntamentos e as grandes Igrejas, em detrimento do acompanhamento e da *formação* cristã da fé desses membros. Existe uma preocupação dos pastores e líderes com o desenvolvimento de grandes e visíveis ministérios, e isso revela, na verdade, seus desejos por poder, status e sucesso.

Os valores se invertem. Ao invés de buscarem o sucesso espiritual de suas ovelhas, objetivo básico da vocação pastoral (“com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” – Ef 4.12 e “a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” – 2Tm 3.17), tais líderes se utilizam das próprias pessoas que se achegam, para promoção de seus nomes e ministérios.

Uma busca egocêntrica, fanática e alucinante por status dentro do vasto e múltiplo mercado religioso pós-moderno. O sucesso ministerial/vocacional é medido pelo número de membros, pelo tamanho dos templos ou pelos relatórios financeiros satisfatórios. Tornam-se

“celebridades do evangelho”, onde a fama e a notoriedade pública parecem ser, de fato, os grandes elementos de suas vocações. Muitos utilizam as mais diversas estratégias do marketing para atrair os fiéis e fazê-los se sentirem realizados na sua busca espiritual. A justificativa para essa prática passa pela fala de que tudo é criação de Deus, então, tudo deve ser usado para a expansão da mensagem do Evangelho³⁶.

Não é difícil encontrar homens e mulheres preocupados com isso. Basta ligar a TV, num dia qualquer, e comprovar que muitos falam de si mesmos, de seus ministérios, de suas mega-Igrejas, de seus investimentos e, claro, da sua necessidade de financiamentos por parte dos fiéis para a realização dos seus sonhos megalomaniacos, que incluem na lista: canal de TV, Rádio, Revistas, terrenos estrategicamente localizados, etc³⁷.

A busca por esse tipo de sucesso passa por ativismo descontrolado, uma dinâmica sem objetivos sérios e uma realização superficial e enganosa. Isso porque o foco sai da *formação* dos membros, do pastorado do rebanho das ovelhas para o empreendimento da *carreira* ministerial. Aqui, as palavras de Luiz Wesley podem parecer pesadas, mas revelam sua posição crítica e audaz diante dessa situação:

Na maioria das vezes, os enganadores cínicos são muito populares, atraentes e admirados. Deliciam-se ao observar que sua popularidade cresce enquanto corrompem e escondem a verdade. São verdadeiros calhordas que fazem do engano um passatempo. Enganam e depois se retiram para um canto qualquer para fazer chacota dos enganados e para babar a própria calhordice. Apreciam a capacidade de planejar a embromação dos outros e orgulham-se de ver as situações sempre virarem a seu favor. Não percebem nem admitem, contudo, que o Senhor da Igreja não os deixará permanentemente imunes e impunes³⁸.

Para esses, que esquecem que crescimento numérico em si mesmo não é prova de saúde da Igreja, ela deve crescer a qualquer custo. Associado a esse desejo, no Brasil,

³⁶ Em entrevista à revista *VEJA*, a apóstola Valnice Milhomens, líder do Ministério Palavra da Fé, afirma: “O marketing é criação do homem e o homem é criação de Deus. Por que Deus não usaria o marketing para atrair mais fiéis?”. Cf. CARNEIRO, M. *Em nome do marketing*. In: *VEJA*. São Paulo: Editora Abril, 2004. n. 39. ed. 1873. p. 76s.

³⁷ O uso dos veículos de comunicação mais diversos para a expansão de sua mensagem não é exclusividade dos evangélicos. Em 2004, a revista “*Negócios da Comunicação*”, especializada na divulgação de tendências e conselhos na área de publicidade, marketing e negócios, na seção “MÍDIA RELIGIOSA”, trouxe a seguinte capa: “*GUERRA SANTA: avanço da mídia evangélica obriga católicos a investir em comunicação de massa*”. Na matéria são divulgados os nomes dos grandes pastores, líderes e denominações evangélicas que investem no ambiente da TV e rádio, como esse movimento acelerou o crescimento dos evangélicos no país e como esse crescimento fez movimentar os católicos a explorarem ainda mais os veículos de comunicação. Um ensaio rico em informações sobre as estratégias de crescimento de ambos os segmentos cristãos no país. Cf. NASCIMENTO, G. *Em nome de Deus*. In: *Negócios da comunicação*. São Paulo: Editora Segmento, 2004. n. 8. mai/jun. p. 40-48.

³⁸ SOUZA, L. W. de. *Op. cit.*, p. 88s.

particularmente, a forte influência da economia de mercado, estimula o número crescente de “consumidores” nas Igrejas. As organizações e pessoas que giram no universo de interesses das Igrejas muitas vezes integram-se ao mundo atual por sua semelhança ao mundo globalizado, pragmático e consumista. Segundo as palavras de Osmar Ludovico, pastor protestante:

Infelizmente, a Igreja evangélica também caiu na armadilha do mercado. Passamos a apresentar um Jesus Cristo atraente, prometemos a salvação dos céus e a prosperidade na terra, que não exige renúncia alguma. Palavras como sacrifício, pecado, arrependimento, foram substituídas por decretar, conquistar, saquear. Transformamos nossas Igrejas em prestadoras de serviços religiosos. [...] A eficiência passou a ser medida não mais pela santidade e pela presença profética, mas pelas leis do mercado: produtividade, desempenho, faturamento, profissionalismo. [...] O resultado da religião de mercado é uma crise sem precedentes na liderança evangélica brasileira³⁹.

O Dicionário Houaiss define “show” e “show business”, respectivamente, da seguinte forma: “espetáculo (musical, humorístico etc.) apresentado em teatro, televisão, rádio, casas noturnas ou mesmo ao ar livre; programa de variedades, com a participação de vários artistas (ou mesmo de um só) e por vezes também do público”⁴⁰; e o vocábulo “show business” como: “negócio, indústria de espetáculos recreativos, abrangendo especialmente teatro, cinema, televisão, rádio, feiras de amostras e circos”⁴¹.

Ora, nessas definições nada combina com “culto”, que, segundo o mesmo Houaiss, é o “conjunto de atitudes e ritos pelos quais se adora uma divindade; ritual; a expressão religiosa, considerada externamente”⁴². O culto se refere à própria natureza da Igreja, que de acordo com Philip Yancey, jornalista e escritor protestante, “não existe para oferecer entretenimento, encorajar vulnerabilidade, melhorar auto-estima ou facilitar amizades, mas, para adorar a Deus”⁴³. O culto tem por finalidade “estabelecer e manifestar, mediante seus símbolos e ritos, relação entre o homem e a divindade. [...] O culto atualiza a Palavra que une a Deus o povo escolhido, fazendo-a mais presente e viva para aqueles que se congregam a seu chamado”⁴⁴.

³⁹ LUDOVICO, O. *A Igreja e o mercado*. In: *Ultimato*. Viçosa: Editora Ultimato, 2004. n. 291. nov/dez. p. 54s.

⁴⁰ SHOW. In: HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa 1.0*. São Paulo: Objetiva, 2001.

⁴¹ Ibidem.

⁴² Ibidem.

⁴³ YANCEY, P. *Igreja: por que me importar?* São Paulo: SEPAL, 2001. p. 25.

⁴⁴ MARTIN-ACHARD, R. Culto. In: ALLMEN, J.-J. von (org.). *Op. cit.* p. 107-110. Para um estudo mais aprofundado consultar: DILLMANN, R. Culto NT. In: BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 83-85.

Assim, algumas práticas se tornam produtos religiosos nesse competitivo mercado religioso. Então, o “*show business*” funciona da seguinte forma: Jesus é o grande negócio e produto, os cultos são os grandes shows e os holofotes estão sobre os poderosos *homens de Deus*⁴⁵.

Por certo, consequência da ênfase exagerada nos números, objetivo dos grandes *shows* e ajuntamentos, a conversão acaba sendo transformada em pura adesão, como a um clube social ou algo desse tipo. A força numérica seduz mais que o empenho e compromisso moral e ético. A consequência imediata é a falta de pastoreio e de *formação* dos membros, visto que os pastores devem dar conta de suas agendas superlotadas de tarefas “empresariais”, onde falta espaço para os problemas existenciais dos membros, e a ausência de maturidade suficiente dessas pessoas nas suas *caminhadas* da vida cristã que, por falta de um bom discipulado ou trabalho catequético, continuam mergulhados numa infância religiosa e manipulados de um lado para o outro.

A esse respeito, Jorge Barro, pastor presbiteriano, chama a atenção para os riscos de uma prática eclesial fundamentada em estratégias mercadológicas com a seguinte afirmação:

O *marketing*, a teatralização dos púlpitos, a concorrência entre Igrejas, a manipulação das massas, o espetáculo ou a espetaculosidade da fé tendem a minar o amor, a motivação e a ética cristã. Então, o motivo do sucesso dessas Igrejas certamente se transformará na razão de seu fracasso no futuro, pois todas essas coisas um dia saem de moda, ficam obsoletas, cansam, mas “o amor jamais acaba” (1Co 13.8)⁴⁶.

Antes que a Igreja chegue ao fracasso total, preconizado acima, algo precisa ser feito. A velha máxima de que de nada adianta “*quantidade sem qualidade*”, parece ter o seu valor nesse momento. O contrário é plenamente aceitável, a *qualidade*, logicamente, poderá conduzir a um crescimento quantitativo, numérico, organizado e, de fato, produtivo, do ponto de vista do comprometimento com o Evangelho, a missão da evangelização, o pastoreamento, o discipulado e a maturidade dos crentes.

⁴⁵ Contrariando a imagem do *culto-show* e afirmando a seriedade da reunião comunitária, Sidney Sanches, teólogo e pastor batista, afirma que o início da formação espiritual dos crentes acontece na própria experiência litúrgica da celebração da comunidade. Ele diz: “A compreensão de que Cristo morreu em nosso favor, em total solidariedade conosco, repercute na grandiosa visão que ele possui do culto celebrado pela Comunidade cristã. O culto é o anúncio que esta faz do sacerdócio eficaz de Jesus devido aos seus sofrimentos e morte. [...] A participação no culto gera uma forte consciência de missão, consciência fundante da formação espiritual da Igreja”. In: SANCHES, S. de M.. *Hebreus espiritualidade e missão*. Belo Horizonte: Lectio Editora, 2003. p. 13.

⁴⁶ BARRO, J. H. *Uma Igreja sem o propósito de ser solidária*. In: _____. *Uma igreja sem propósitos: os pecados da igreja que resistiram ao tempo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. p. 22.

De todos os títulos e metáforas empregadas para descrever a liderança espiritual, o mais adequado é o de pastor. Como pastores de ovelhas, os pastores de Igrejas devem guardar seus rebanhos para que não se percam, conduzi-los até aos verdes pastos da Palavra de Deus e defendê-los contra os lobos selvagens (At 20.29) que pretendem assaltá-los. [...] O pastor que não alimentar o seu rebanho não o terá por muito tempo. Suas ovelhas ou vão fugir para outros campos ou morrerão de fome⁴⁷.

O apóstolo Paulo, quando escreve aos Efésios (4.11-14), faz questão de frisar que não só os *apóstolos, profetas e evangelistas* são responsáveis pelo cuidado e desenvolvimento dos crentes, mas, também, os *pastores e mestres* (lit. ποιμένας καὶ διδασκάλους). O texto completo diz:

11. E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para **pastores e mestres**,
12. com vistas ao **aperfeiçoamento dos santos** para o **desempenho do seu serviço**, para a **edificação do corpo de Cristo**,
13. até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo,
14. para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro⁴⁸.

O termo ποιμήν significa, literalmente, *pastor* ou *boiadeiro*. Seu uso registra-se desde os textos de Homero e Platão, sempre empregado em sentido metafórico: *líder, governante, comandante*, até os escritos do Oriente Antigo quando pastor “era um título de honra que se aplicava a soberanos e divindades de igual modo”⁴⁹. No NT, onde aparece 18 vezes⁵⁰, ποιμήν é aplicado diretamente: 1) a Jesus como o pastor messiânico prometido no AT (Cf.. Ez 34), e 2) ao cargo eclesiástico na comunidade cristã local de Éfeso, responsável pelo bem-estar espiritual do rebanho, que é o desenvolvimento da fé e a condução à maturidade⁵¹.

Como a conjunção καί (*e*) marca a apresentação em conjunto dos “pastores e mestres”, é possível que estes sejam dois nomes para um mesmo ministério que, associado aos outros três, também se mostra responsável pelo ensino e *formação* dos crentes. Segundo John Stott,

⁴⁷ MacARTHUR JUNIOR, J. *Redescobrimo o ministério pastoral: moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. p. 46-47.

⁴⁸ Versão Almeida Revista e Atualizada (ARA).

⁴⁹ BEYREUTHER, E. Ποιμήν. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Op. cit.*, p. 1587-1591.

⁵⁰ Mt 9.36, 25.32, 26.31; Mc 6.34, 14.27; Lc 2.8, 15, 18, 20; Jo 10.2, 11, 12, 14, 16; Ef 4.11; Hb 13.20; 1Pe 2.25.

⁵¹ Cf. BEYREUTHER, E. *Op. cit.* Compartilha do mesmo pensamento Gérard Siegwalt, quando afirma que “o pastor é o responsável por uma Igreja local, pela sua reunião e sua edificação”. Cf. SIEGWALT, G. Pastor. In: LACOSTE, J.-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 1352.

“talvez se deva dizer que todo pastor deva ser um mestre, tendo o dom de ministrar a Palavra de Deus ao povo (seja a uma congregação, seja a grupos ou a indivíduos). [...] É o ensino que edifica a Igreja”⁵².

Se o modelo mercantilista da fé não se preocupa com a formação do caráter, o desenvolvimento de uma ética da responsabilidade pelo outro ou pelo meio ambiente, mas com a experimentação, a comprovação e a efetividade da bênção através da experimentação imediata, *aqui e agora*⁵³, no modelo neotestamentário, por outro lado, a *qualidade* resultará do compromisso dos pastores com o cuidado e instrução das ovelhas, que, em vez de viverem encerrados num forte ativismo e isolados em seus próprios ministérios e funções, destinarão tempo para seus relacionamentos, se dedicarão a desenvolver relações mais profundas, e serão capazes de contribuir para o desenvolvimento espiritual dos seus membros e discípulos, como verdadeiros pastores do corpo de Cristo.

2.4 A Teologia da Prosperidade *versus* Seguimento de Cristo

Não apenas um tipo de mensagem ou pregação desvirtuada do Evangelho ou a pura e simples ênfase no crescimento numérico compõem a crise na IEB. Falar da mercantilização barata da fé, da descentração da mensagem, de cristológica para ufanista, da concentração nos projetos para a formação de uma mega-Igreja e tantos outros pontos que já foram apresentados anteriormente, é encarar a influência de uma forma de pensar, que padronizou-se chamar de “teologia”, que privilegia todas essas características citadas: a Teologia da Prosperidade (TP).

Mesmo que o objetivo desta etapa do plano da dissertação não seja explorar todo o percurso da história e desenvolvimento da TP, é necessário que alguns elementos históricos sejam pontualizados para uma melhor compreensão do movimento em si, como fenômeno religioso cristão, de sua associação com o neopentecostalismo, e de sua fundamentação teológica, para, então, colocá-lo frente a frente com o modelo do seguimento de Cristo, entendido como diretamente contrário aos ideais pressupostos pela TP⁵⁴.

⁵² STOTT, J. *A mensagem de Efésios: a nova sociedade de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 118.

⁵³ Cf. LIBANIO, J. B. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 223ss.

⁵⁴ É necessário dizer que, devido à proximidade temporal do surgimento e desenvolvimento da TP no Brasil, há falta de maiores estudos e produções textuais mais densos sobre o assunto. As áreas que mais estudam e pesquisam acerca da TP são as Ciências Sociais e da Religião, embora haja espaço para experimentação do processo fenomenológico em muitos ambientes eclesiais no Brasil, especificamente em Belo Horizonte.

Surgida na América do Norte (EUA) entre 1940-60 e propagada no Brasil desde 1970, a TP, também conhecida por seus sinônimos **Health and Wealth Gospel, Faith Movement, Faith Prosperity Doctrines, Positive Confession** entre outros⁵⁵, reúne crenças sobre curas e milagres, sucesso e prosperidade financeira, vida sem problemas e sofrimentos, poder mágico das palavras e da fé, e se define como movimento doutrinário no decorrer dos anos 70, quando “encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA”⁵⁶, difundindo-se para outros grupos e correntes cristãs, incluindo o catolicismo. Desse modo, muitas IEB's, portadoras desse tipo de pregação, têm enfatizado que seguir a Jesus Cristo ou experimentar a salvação é, automaticamente, candidatar-se a uma “vida de conquistas financeiras, de projeção social e de imunidade a qualquer tipo de sofrimento”⁵⁷.

Nos EUA, seus principais expoentes são: Kenneth Hagin, Essek William Kenyon, Oral Roberts, Kenneth e Gloria Copeland, Tommy Lee Osborn, Benny Hinn, John Avanzini entre outros⁵⁸. Já no Brasil, desde 1970, são muitos os pregadores que se destacam com o discurso da TP⁵⁹: o missionário R. R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus; Cássio Colombo (o *tio Cássio*), ligado ao ministério de Jorge Tadeu, líder das Igrejas Maná, em Portugal; Miguel Ângelo, líder da Igreja Evangélica Cristo Vive (Rio de Janeiro); Valnice Milhomens Coelho, líder do Ministério Palavra da Fé; Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus; René Terranova, líder do Ministério Internacional da Restauração (Manaus); Sinomar Fernandes da Silveira, fundador do Ministério Luz Para os Povos (Goiânia); Robson e Lúcia Rodovalho, casal de bispos da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra; Estevam e Sônia Hernandez, casal de líderes da Renascer em Cristo; Silas Malafaia, líder da Assembléia de Deus; Marcos Gregório, presidente do Ministério Apascentar de Nova Iguaçu (Rio de Janeiro)⁶⁰.

Optou-se, então, por um levantamento bibliográfico a respeito, tanto acerca da TP, como, também, das reações a ela.

⁵⁵ MARIANO, R. *Op. cit.*, p. 149.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 151.

⁵⁷ BARRO, J. H.; PROENÇA, W. de L. *Uma Igreja com o propósito de ser perseverante*. In: BARRO, J. H. *Op.cit.*, p. 147.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 150-156.

⁵⁹ Cf. ROMEIRO, P. *Supercrentes: o evangelho Segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. 2 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 36-43.

⁶⁰ Alguns líderes e ministérios foram citados com o nome de suas respectivas cidades entre parênteses, designando que esses ministérios têm 1) apenas alcance local ou 2) pouca expressão em nível nacional e internacional. Os demais, que não têm os nomes das cidades especificados, estão presentes em outros estados do país ou países, caracterizando um sistema de governo com Igrejas-sede e filiais.

Especificamente, na cidade Belo Horizonte, o elenco da TP é formado, principalmente, por Márcio e André Valadão, pai e filho, líderes da Igreja Batista da Lagoinha; Jorge Linhares, líder da Igreja Batista Getsêmani; e Jerônimo Onofre da Silveira, líder da Igreja do Evangelho Quadrangular, além dos tantos outros ministérios, citados no parágrafo anterior, e que têm alcance nacional e internacional.

No Brasil, além destas instituições eclesiais, algumas organizações paraeclesiásticas também se destacam na promoção da TP. A principal delas é a Adhonep (**A**ssociação **d**os **h**omens de **n**egócio do **e**vangelho **p**leno)⁶¹. Em seu site consta a seguinte apresentação da organização:

Na Adhonep você terá a oportunidade de participar de programações inesquecíveis. Encontros sofisticados em lugares de requinte. O bom gosto e qualidade a serviço de sua família. O ambiente que você sempre buscou entre os mais bem-sucedidos empresários, profissionais liberais e autoridades civis e militares. Eventos de alto nível para pessoas de primeira classe. Você participará de jantares, chás, coquetéis, reuniões, cafés da manhã e palestras extraordinárias. Sua vida será enriquecida em todos os sentidos. Na Adhonep você tem a chance de conhecer homens e mulheres de sucesso, atletas, artistas, grandes industriais, empreendedores e os mais respeitados executivos! Os melhores hotéis e restaurantes abrem seus espaços para eventos da Associação, sempre repletos de atrativos. Porque a Adhonep é “Classe A”. Programações de alto nível para pessoas de grande estilo, sempre num ambiente saudável e relevante, com requinte e muito bom gosto, preparado para pessoas especiais como você⁶².

Numa perspectiva mais ampla, João B. Libanio, teólogo jesuíta, analisa as relações da TP com a cultura pós-moderna e o capitalismo neoliberal. Refletindo uma chave de leitura da TP semelhante ao sociólogo Ricardo Mariano, Libanio afirma que “o triunfo do neoliberalismo encontra em muitas Igrejas pentecostais e neopentecostais e frações carismática católicas seu arrimo”⁶³, seu auxílio e proteção. Ele continua:

O individualismo neoliberal fomenta concorrência e competição em que vencem os mais fortes, os mais preparados e competentes. Visa ao resultado. É necessário encontrar uma religião que favorece a vitória, a prosperidade dos melhores. Recorre-se então à teologia da bênção de Deus para os ricos e ao castigo para os pobres, porque preguiçosos e pecadores. Afirma-se sem nuances que Deus quer a felicidade, a riqueza, os bens materiais, a felicidade, a saúde, aqui e agora, para seus filhos. E nada de deixar felicidade só para a vida eterna. Isso é que seria alienação. [...] É uma teologia feita sob medida para alimentar Igrejas que sustentam o sistema neoliberal. [...] Ela seduz, ao oferecer um atalho para o sucesso sem passar pelo trabalho, pela renúncia, pelo esforço. Submete-se às propostas neoliberais do consumismo,

⁶¹ Fundada em 1952 pelo empresário Demos Shakarian, americano descendente de armênios, foi criada para estabelecer contatos entre empresários, autoridades e homens que compartilham experiências de sucesso financeiro. No Brasil começou de forma efetiva em 1982, na liderança do empresário e Presidente Nacional Custódio Rangel Pires.

⁶² Cf. <<http://www.adhonep.org.br/hotsite/adhonep.htm>>. Acesso em 07/11/07.

⁶³ LIBANIO, J. B. *Op. cit.*, p. 155.

hedonismo, triunfo pessoal à custa do social. Termina justificando e camuflando a injustiça social, tranquilizando a consciência com tintura religiosa com jogo de bênção e maldição de Deus: bênção para os ricos e maldição para os pobres preguiçosos⁶⁴.

As palavras de João B. Libanio são reforçadas pelas afirmações contidas nos vários livros dos líderes do movimento da TP, principalmente os que serão citados abaixo (J. Avanzini, R. R. Soares, K. Hagin, E. Macedo). As teses desses homens são aplicadas desde a questão da saúde física, passando pela prosperidade financeira, até à afirmação de que o crente partilha dos mesmos poderes de Deus, se são seus filhos. Fica nítido, então, perceber que há relação íntima entre as propostas do sistema capitalista e o discurso religioso⁶⁵.

Uma primeira característica ou marca evidente na TP é o modo como desenvolvem o tema do sofrimento, de doenças, das aflições, dos “descaminhos” e desencontros da vida. Essa distorção se reflete nas inúmeras desculpas que são dadas quando se tenta justificar ou encontrar uma explicação para os eventos desagradáveis que acometem homens e mulheres diariamente.

Se é fato que o sofrimento está presente na vida de qualquer ser humano, também é fato que muitos fazem questão de negá-lo. Alguns líderes cristãos têm até tentado mascarar toda esta questão do sofrimento, na tentativa de encontrarem a razão e a explicação para a sua origem. Argumentam que todo mal sofrido por uma pessoa decorre de suas próprias ações, em uma espécie de teologia da retribuição ou por atuação do Diabo e seus demônios. Como diz Paulo Romeiro, “há muitas pessoas dispostas a crer em Deus em troca de um belo carro, mansão e outros bens materiais. Poucas estão dispostas a crer nele em meio às adversidades”⁶⁶.

São inúmeros os pastores e líderes da TP que, assim como os amigos de Jó, defendem e propagam a idéia de que Deus sempre prospera o caminho dos justos e faz tropeçar os que não são fiéis; envia o sofrimento como castigo àqueles que o fazem por merecer. Para esses, o sinal da bênção divina é uma vida isenta de sofrimento, com saúde inabalável e riqueza. O cristão deve ser próspero financeiramente e sempre ser livre de toda e qualquer enfermidade. Saúde e riqueza representam sempre a vontade de Deus para o cristão e, se isso não acontece, algo está muito errado, existe pecado, ou falta fé ou ação demoníaca proveniente de uma

⁶⁴ Ibidem, p. 155s.

⁶⁵ Cf. Ibidem.

⁶⁶ ROMEIRO, P. *Op. cit.*, p. 53.

abertura que o próprio crente dá ao “inimigo”⁶⁷, tendo este o direito de “operar” suas obras más nas diversas áreas da vida do crente. Com relação a isso, Ricardo Mariano afirma:

Portanto, a velha “mensagem da cruz”, discurso teológico que pregava o sofrimento terreno do cristão, caiu por terra e, sem qualquer compadecimento, foi sumariamente soterrada. Daí que, no cotidiano dos cultos e na vasta programação de rádio e TV dos neopentecostais, conhecer Jesus, ter um encontro com Ele e a Ele obedecer constituem, acima de tudo, meios infalíveis para o converso se dar bem nesta vida⁶⁸.

Hoje, no meio onde a TP se desenvolve, se um cristão é hospitalizado e os seus amigos e amigas (como os de Jó!) vão visitá-lo, começam a questionar sobre os prováveis motivos que poderiam ter levado aquele cristão ao leito da enfermidade. Utilizam regras pré-fabricadas, tentam achar respostas simples. Utilizam um dos textos mais usados para afirmar que o cristão não pode ficar acamado: Is 53.4-5 – “Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados”. Sobre esse texto, afirma T. L. Osborn:

A cura está na expiação. Temos a cura na redenção. Se somos salvos, devemos ser curados. Se somos curados, devemos ser salvos. [...] A enfermidade não provém do amor, e Deus é amor. A doença rouba a saúde, rouba a felicidade, rouba o dinheiro de que necessitamos para outras coisas. A doença é nossa inimiga. É ladra. Não digais a ninguém que doença assim é a *vontade de Deus*. É a *vontade do ódio*; é a *vontade de Satanás*. [...] Se a doença é a vontade de Deus, então o céu está cheio de doença⁶⁹.

Um dos codinomes da TP, como visto acima, é Confissão Positiva (CP). Nesse tipo de pensamento, tudo o que procede dos lábios é automaticamente realizado, executado, trazido à existência. Muitos disseminam a idéia de que o crente não deve proferir, confessar ou admitir algo ou alguma coisa negativa, como doenças, enfermidades ou pobreza. Kenneth Hagin, fundador do *Rhema Bible Training Center*⁷⁰, localizado em Oklahoma, Texas, importante

⁶⁷ Muitas vezes o termo utilizado para se referir ao Diabo e aos demônios é “inimigo”.

⁶⁸ MARIANO, R. *Op. cit.*, p. 9.

⁶⁹ OSBORN, T. L. *Curai os enfermos e expulsai os demônios*. Rio de Janeiro: Graça de Deus, 1980. p. 45s.

⁷⁰ Fundado em 1974, o *Rhema* tem o “objetivo de ensinar os princípios da confissão positiva aos candidatos ao ministério eclesástico. O centro de treinamento começou a receber alunos de todas as partes dos Estados Unidos. Rhema agora tem centros de treinamento em 13 países, entre eles o Brasil”. ROMEIRO, P. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 96. No Brasil, especificamente na cidade de Belo Horizonte – MG, funciona uma “filial” do *Rhema*. O *Seminário Teológico Carisma* funciona nos mesmos padrões, ensina as mesmas disciplinas, promove eventos, tais como: Seminário para Pastores e Líderes, Conferência do Espírito Santo, Cruzadas Evangelísticas, entre outros. Tem sido o principal centro de formação e divulgação das doutrinas de Kenneth Hagin, bem como da Confissão Positiva e da Teologia da Prosperidade. Cf. <<http://www.carisma.org.br>>.

centro mundial de formação de líderes dessa corrente, enfatizando fé, curas, milagres, poder e prosperidade, adapta a CP ao seu sistema de pensamento, elaborando o que ele chama de “*fórmula da fé*”, que diz ter recebido diretamente de Jesus. Afirma que se alguma pessoa deseja possuir o que deseja, basta colocá-la (a fé) em prática, seguindo quatro passos básicos:

1) “Diga a coisa” positiva ou negativa, tudo depende do indivíduo. De acordo com o que o indivíduo quiser, ele receberá. Essa é a essência da confissão positiva; 2) “Faça a coisa”. Seus atos derrotam-no ou lhe dão vitória. De acordo com sua ação, você será impedido ou receberá; 3) “Receba a coisa”. Compete a nós a conexão com o dínamo do céu. A fé é o pino da tomada. Basta conectá-lo. 4) “Conte a coisa” a fim de que outros também possam crer. Para fazer a confissão positiva, o cristão deve usar as expressões: exijo, decreto, declaro, determino, reivindico, em lugar de dizer: peço, rogo, suplico; jamais dizer: “se for da tua vontade”, pois isto destrói a fé⁷¹.

Já, em seu livro, *30, 60, cem por um*, John Avanzini, pregador e divulgador da TP nos EUA, afirma o seguinte explicando o significado do texto de Mc 11.23 (“Porque em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco”):

Nossas palavras são decisivas para recebermos o que pedimos mediante a fé. Pronuncie tão somente palavras de vitória com respeito à sua colheita financeira. Nunca expresse palavras de dúvida, medo, ou destruição. Mantenha sempre a confiança inabalável de que Deus pode fazer o que prometeu. Repita apenas aquilo que confirma a sua colheita, jamais palavras que a cancelem. As Escrituras dizem que quando você ora, as coisas que você deseja são manifestas⁷².

Uma segunda característica do sistema *doutrinário* da TP é o da exploração dos membros com relação à contribuição financeira com vistas a um benefício celestial. As mensagens são recheadas de conteúdo *marketeiro* e os membros se vêem “motivados” a contribuírem para alcançarem as tão merecidas bênçãos materiais. O lema é: “*dar para receber*”. O díizimo constitui o meio pelo qual os fiéis se tornam habilitados para desfrutar das promessas bíblicas. Quanto mais ou maior for a oferta, tanto maiores as bênçãos que serão dispensadas por Deus. John Avanzini declara exatamente isso quando escreve: “Se você deseja uma grande colheita, então você precisa plantar com abundância. Se você semear muito, a Palavra promete que você colherá muito”⁷³.

⁷¹ HAGIN, K. *O extraordinário crescimento da fé*. Rio de Janeiro: Graça, [s.d.]. p. 78-94.

⁷² AVANZINI, J. *30, 60, cem por um: a liberação da sua colheita financeira*. Rio de Janeiro: ADHONEP, 2001. p. 166.

⁷³ AVANZINI, J. *Op. cit.*, p. 156.

Há Igrejas e pregadores encorajando, com sucesso, seus membros a depositarem ofertas de valores consideráveis, prometendo-lhes todo o retorno em forma de bênçãos materiais, também chamadas de *chuvas de bênçãos*. A idéia de que *é dando que se recebe* estimula os fiéis a estabelecerem a todo instante uma negociata com Deus. Há quem seja capaz de doar todo o restante de seus bens para se livrar da falência, de uma doença terminal, de um divórcio ou com vistas à abertura de um negócio e/ou para adquirir mais riquezas e bens de consumo. Chegam a afirmar que o dízimo é o controle remoto dos portais celestiais. Quando é ofertado, automaticamente abrem-se nos céus os portões que despejarão a multiplicação a 30, 60 ou 100% do valor ofertado⁷⁴.

Há uma inversão dos valores: o dízimo é transformado em “dividendos”⁷⁵, que Houaiss define como “vantagens, lucros financeiros, resultantes de negociações, alianças, situações das quais se tira proveito”⁷⁶, Deus se torna o grande “*credor*”, que é “quem está reconhecido ou obrigado a [retribuir] outra pessoa por algum favor ou benefício recebido”⁷⁷, e o crente o grande “*credor*”, que “é digno, merecedor, beneficiário em vantagens, compensações, considerações”⁷⁸. O missionário Romildo R. Soares (o R. R. Soares), da Igreja Internacional da Graça de Deus, num de seus livros deixa isso evidente quando diz:

Deus promete ao dizimista ricas bênçãos e dentre elas, a de repreender o devorador. Certamente Deus está se referindo a todo espírito de miséria, de pobreza e de injustiça que rouba, mata e destrói o homem. [...] O negócio que Deus nos propõe é simples e muito fácil: damos a Ele, por intermédio da Sua Igreja, dez por cento do que ganhamos e, em troca, recebemos d’Ele bênçãos sem medida. [...] Quando damos nossas ofertas para a obra de Deus, estamos nos associando a Ele em seus propósitos. [...] Ser sócios de Deus significa que nossa vida, nossa força, nossos dons e nosso dinheiro passam a pertencer a Deus, enquanto suas dádivas como paz, alegria, felicidade, e prosperidade passam a nos pertencer⁷⁹.

Assim, a espiritualidade do fiel passa a ser medida a partir das posses, da aquisição e exibição dos bens, da saúde em boas condições e da vida sem sofrimento, que detém todos os direitos se, na prática, é um dizimista fiel. Paulo Romeiro, jornalista, teólogo protestante e cientista da religião, ainda comenta que os “verbos exigir, decretar, determinar, reivindicar

⁷⁴ Ibidem, p. 127.

⁷⁵ Cf. *O dízimo transformado em dividendos*. In: *Ultimato*. Viçosa: Editora Ultimato, 2005. n. 295. jul/ago. p. 26. Editorial.

⁷⁶ DIVIDENDO. In: HOUAISS, A. *Op. cit.*

⁷⁷ DEVEDOR. In: Ibidem.

⁷⁸ CREDOR. In: Ibidem.

⁷⁹ SOARES, R. R. *As bênçãos que enriquecem*. Rio de Janeiro: Graça, 1985. pp. 61, 141.

frequentemente substituem os verbos pedir, rogar, suplicar, etc”⁸⁰. Dessa forma, Deus não tem como deixar de cumprir suas promessas e, assim, sua onipotência e soberania são diretamente afetados e ficam comprometidos. De acordo com John Avanzini,

É responsabilidade de Deus tornar abundante o que você dá. Quando você entrega suas finanças a Deus, ele assume pessoalmente a responsabilidade de torná-las abundantes para você. [...] O grande benefício de darmos a Deus é que cada vez que damos fazemos um depósito para uma próxima colheita. Não haverá apenas o suficiente para as suas necessidades, mas muito mais. Não haverá apenas uma única semente de dinheiro colhida para cada semente de dinheiro que você plantar. Você colherá sementes de dinheiro multiplicadas para cada semente que semear⁸¹.

O bispo Edir Macedo, líder da IURD e proprietário da Rede Record de Televisão, vai mais além e, de forma clara e objetiva, diz que Deus é obrigado a retribuir a oferta dada. Em suas palavras:

Comece hoje, agora mesmo, a cobrar dele tudo aquilo que Ele tem prometido. [...] O ditado popular de que ‘promessa é dívida’ se aplica também para Deus. Tudo aquilo que ele promete na Sua Palavra é uma dívida que tem para você. [...] Dar dízimos é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que diz a Bíblia. [...] Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, reprimendo os espíritos devoradores. [...] Quem é que tem o direito de provar a Deus, de cobrar d’Ele aquilo que prometeu? O dizimista!⁸²

As palavras de Ronald Sider, nesse momento, servem de crítica e alerta diante dos desafios impostos pela TP e sua ênfase no sucesso financeiro:

Ganhar mais dinheiro e adquirir bens se tornou mais importante do que gastar tempo com os filhos, com o cônjuge ou com os irmãos da Igreja. Todos são convidados a escolher essa ou aquela novidade capaz de fazê-los felizes. O que comanda o mercado são as preferências pessoais; cada um escolhe os detalhes específicos dos utensílios que mais lhe agradam. Infelizmente, a Igreja cristã, inclusive a comunidade evangélica, tem se mostrado incapaz de resistir a essa onda de relativismo, materialismo e individualismo. Muitos teólogos e líderes religiosos têm fabricado algumas desculpas simplistas para a riqueza e justificativas sofisticadas para esse “materialismo piedoso”, com o propósito de santificar a preocupação cada vez maior dos evangélicos com a abundância material⁸³.

A terceira marca ou característica, até tratada como controversa e um tanto complexa, diz respeito às afirmações dos pregadores da TP com relação à deidade do homem. O pastor Kenneth Hagin faz afirmações, em seus livros, que evidenciam uma antropologia cristã equivocada. Por exemplo:

⁸⁰ ROMEIRO, P. *Supercrentes...*, p. 59.

⁸¹ AVANZINI, J. *Op. cit.*, p. 29.

⁸² MACEDO, E. B. *Vida com abundância*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990. pp. 36, 54, 79.

⁸³ SIDER, R. *Op. cit.*, p. 90s.

Você é tanto uma encarnação de Deus quanto Jesus Cristo o foi. Cada homem que nasceu de Deus é uma encarnação e o Cristianismo é um milagre. O crente é uma encarnação tanto quanto o foi Jesus de Nazaré⁸⁴.

Fisicamente, nascemos de pais humanos e participamos da sua natureza. Espiritualmente, nascemos de Deus e participamos da Sua natureza⁸⁵.

Já sabemos, portanto, que o homem é espírito. Sendo espírito, encontra-se na mesma categoria de Deus, porque Deus é espírito. Você não tem um Deus dentro de você. Você é um Deus. Louvado seja Deus! Isto me foi concedido, porque tenho a vida e a natureza de Deus⁸⁶.

Jesus foi primeiramente divino e depois humano. E, na carne, Ele foi um ser divino-humano. Quanto a mim, fui primeiramente humano como você, mas eu nasci de Deus. E, desta maneira, tornei-me num ser humano-divino⁸⁷.

Se eu permanecer em Deus e junto dEle, meus direitos estarão plenamente assegurados. Ninguém poderá oferecer-me nada melhor. Nem o próprio Senhor Jesus tem uma posição melhor diante de Deus do que você e eu temos⁸⁸.

Além de Kenneth Hagin, muitos outros utilizam a Bíblia para buscarem apoio em seus ensinamentos. A interpretação que fazem do texto bíblico parte de uma leitura literalista e subjetivista, que mediante a direção do Espírito Santo, revela a “verdade”. No entanto, comprometendo o seu sentido correto, já que deixa de se preocupar com o texto dentro de seu variado contexto e com a própria ortodoxia teológica cristã. Um exemplo de texto lido e usado para justificar a teoria de que os homens nascidos de novo são deuses como Deus é o Salmo 82.6: “Eu disse: sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo”, citada posteriormente por Jesus em Jo 10.34. Interpretando esse texto, o pastor Miguel Ângelo diz: “Esta é uma congregação divina, esta é uma congregação de deuses. Eu exijo ao mundo espiritual: respeitem a congregação divina. Deus se multiplicou. Cada um de nós é um pedaço de Deus”⁸⁹.

Que tipo de respostas, então, poderiam ser dadas neste primeiro momento aos desvios apresentados pelos *teólogos* e propostas da TP, como os vistos acima? A vida e o ministério de Paulo, talvez, possam responder, porque, para ele, mais do que uma vida de prosperidade e

⁸⁴ HAGIN, K. *A autoridade do crente*. Rio de Janeiro: Graça, [s.d.]. p. 14.

⁸⁵ HAGIN, K. *Como ser dirigido pelo Espírito de Deus*. Rio de Janeiro: Graça, [s.d.]. p. 96.

⁸⁶ HAGIN, K. *Zoe: a própria vida de Deus*. Rio de Janeiro: Graça, [s.d.]. pp. 15, 29.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 55.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 79.

⁸⁹ ÂNGELO, M. *apud* ROMEIRO, P. *Op. cit.*, p. 81.

conforto, a vida de discípulo de Cristo implicava seguir os seus passos e identificar-se com sua vida e seus sofrimentos, que para o apóstolo, é carregar a Sua cruz⁹⁰.

“Participar dos sofrimentos de Cristo sempre foi uma grande honra e motivo de verdadeira alegria para aqueles que contemplavam na cruz o seu próprio pecado exposto na vergonha do Crucificado”⁹¹, e, isso era o que Paulo fazia. Para ele, seguir a Cristo era imitar a sua vida, participar dos seus sofrimentos. Como se dissesse: “Se Cristo sofreu tudo o que sofreu por mim, sendo Deus, quanto mais eu devo sofrer, que sou um simples alcançado pela graça que me foi conferida na cruz!” (Cf. At 20.24), sem dúvida era essa a justificativa de Paulo para os seus males. E o que mais chama a atenção em Paulo é a certeza com que vivia o Evangelho e a coragem e perseverança com que enfrentava suas dificuldades e problemas, sem desanimar.

Em momento algum, Paulo se isentou da responsabilidade de sofrer por Cristo. Até mesmo a sua condição de apóstolo não o impediu de sofrer tanto ou de se achar no direito de reivindicar de Deus alguma isenção de sofrimento. E, de fato, Paulo demonstrou ter recebido essa melhor sorte. A esse respeito, John Piper diz o seguinte:

A fé que Paulo tinha em Deus, sua certeza da ressurreição e sua esperança da comunhão eterna com Cristo não produziram uma vida de conforto e tranquilidade, que teria sido realizadora mesmo sem ressurreição. Não, o que sua esperança produziu foi uma vida de sofrimento deliberado. (...) E essa esperança o liberou para abraçar sofrimentos que ele jamais teria escolhido sem a esperança da sua própria ressurreição e a daqueles por quem sofria⁹².

Inúmeros são os textos onde o apóstolo Paulo testemunha de suas angústias e sofrimentos. Em momento algum, afirma que a vida cristã deveria permanecer sempre estável ou isenta de provações e males. Mas, pelo contrário, ele mesmo era testemunha viva de que, também, o cristão estava sujeito às dificuldades da vida. É isso, então, que os crentes hodiernos devem perceber ao longo de sua caminhada no Evangelho, que a vida não é constante, que ela está sujeita aos altos e baixos, que a oscilação entre os períodos de conforto e os períodos de desconforto fazem parte do ritmo da vida de todo ser humano.

Para o apóstolo, identificar-se com Cristo, *imitatio Christi*⁹³ era encarar a vida cristã como uma ação sacrificial em prol do Evangelho e do povo de Deus (Cf. 1Co 4. 16; 11.1; Fp

⁹⁰ Cf. SANCHES JÚNIOR., A. *Quando chega o sofrimento*. Belo Horizonte: Água da Vida, 2007. p. 69.

⁹¹ SOUSA, R. B. de, *Janelas para a vida: espiritualidade do cotidiano*. Curitiba: Encontro, 1999. p. 71.

⁹² PIPER, J. *Teologia da alegria: a plenitude da satisfação em Deus*. São Paulo: Shedd, 2001. p. 217.

⁹³ Cf. LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 479ss.

3.17). Por isso, doou-se ao sofrimento por amor à causa do apostolado e do Evangelho. As palavras do Senhor Jesus a Ananias, referentes ao episódio da conversão de Paulo na estrada para Damasco, traduzem bem tudo o que foi a sua vida apostólica: “eu lhe mostrarei o quanto lhe importa sofrer pelo meu nome” (At 9.15-16).

Noutras palavras, o sofrimento de Paulo integrava o chamado apostólico e pastoral que recebera. E, por isso, para ser fiel ao seu chamado, Paulo deveria suportar as mesmas amarguras pelas quais Jesus passou, partilhar os sofrimentos de Jesus, carregar a sua cruz diariamente. Paulo traduz isso aos seus discípulos ao dizer que todos também deveriam “sofrer”⁹⁴, pois se tornaram co-herdeiros de Cristo, significando que não somente as bênçãos estariam sendo compartilhadas com Cristo, mas também suas chagas. Nas palavras de R. C. Sproul, teólogo reformado: “todo indivíduo batizado leva assim o sinal sagrado de sua participação na humilhação de Cristo. Ele leva o sinal de sua identificação com o Servo Sofredor de Israel”⁹⁵.

Completar “o que resta das aflições de Cristo” (Cl 1.24), era a motivação de Paulo. Não que a morte expiatória de Cristo tivesse sido ineficaz e precisasse ainda de ser completada ou que a redenção tivesse ficado restrita ao trabalho pastoral de Paulo. Na verdade, Paulo ensina a total disponibilidade do efeito da cruz em termos da justificação do homem. E, também, não pensava que seus sofrimentos fossem capazes de completar o valor expiatório da cruz de Cristo. No grego, a expressão “as aflições de Cristo” (τῶν θλίψεων τοῦ Χριστοῦ) refere-se diretamente à experiência dos sofrimentos vividos pela Igreja e seus membros no testemunho da obra de Cristo⁹⁶. Assim, os cristãos experimentam aflições em solidariedade e identificação com a morte e paixão de Cristo⁹⁷.

Completar “as aflições de Cristo” significava, então, levar adiante o valor da expiação de Cristo ao resto do mundo. Assim, era que Paulo se esforçava, para levar a redenção, a cruz e seu efeito salvífico àqueles que ainda não haviam sido alcançados. Por isso, ele dizia: “me regozijo nos meus sofrimentos” (Cl 1.24), pois tinha prazer em sofrer por seu chamado e pela sua vocação de levar a mensagem do Evangelho ao resto do mundo, mesmo que, para isso, tivesse de padecer tanto.

⁹⁴ Cf. Romanos 8.17ss.

⁹⁵ SPROUL, R. C. *Razão para crer: uma resposta às objeções comuns ao Cristianismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 1997. p. 102.

⁹⁶ Cf. SANCHES JÚNIOR, A. *Op. cit.*, p. 81s.

⁹⁷ SCHIPPERS, R. Θλίψις. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Op. cit.*, p. 1658-1660.

Desenvolver esse tipo de espiritualidade é o caminho para a maturidade cristã e a humildade na fé; significa dependência e certeza de que Deus está presente, sempre. Como disse Henry Nouwen: “a vida cresce em plenitude através da espera e, freqüentemente, do sofrimento”⁹⁸. Essa esperança de plenitude e maturidade é que conscientiza o cristão de sua aprovação como seguidor de Cristo e da garantia de que poderá reagir de forma diferente em meio às suas angústias, assim como os discípulos de Cristo, em Jerusalém, depois de terem sido espancados por pregarem o Evangelho: “retiraram-se do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afronta por esse Nome”(At 5.40s).

Desse modo, três aspectos podem ser destacados como conclusivos na abordagem paulina do sofrimento cristão e que sugerem uma resposta objetiva e de resistência a todo o pensamento da TP. Primeiro, os sofrimentos vêm aos cristãos como parte da sua identificação com Cristo. O cristão genuíno é aquele que se identifica com Cristo e com a sua cruz e, por isso, tem a responsabilidade de levar a mensagem do Evangelho adiante, custe o que custar. Segundo, o cristão está sujeito aos sofrimentos porque precisa ter o seu caráter cristão aprovado. Sua vida cristã deve alcançar maturidade, deve conscientizar-se do quanto importa sofrer pelo nome de Deus. Para isso acontecer, necessário se faz passar por provações e por tribulações para que a sua fé repouse na esperança da glória de Deus e da vida eterna com Cristo. E, terceiro, o cristão passa por sofrimentos por causa da própria característica “contra-cultura” da fé, da própria natureza do Cristianismo. Paulo foi muitas vezes perseguido porque o Evangelho que pregava exigia transformação e mudança, e muitos não queriam essa transformação, por isso, rejeitavam-no e submetiam-no a perseguições e açoites.

2.5 Má formação de pastores *versus* Vocação e preparo

Este quarto e último aspecto bem poderia ser o primeiro. Se, de fato, a crise que ronda o seio das IEB's na atualidade ocorre sintomaticamente, então, isso se dá por conta da má formação, da falta de preparo e seriedade com que o ministério pastoral tem sido desempenhado. O ministério pastoral se desenvolve de uma maneira tão fácil no contexto brasileiro atual que, da noite para o dia, muitos novos *ministros e ministras do Evangelho* assumem seus postos de liderança numa Igreja qualquer, muitas vezes auto-intitulando-se apóstolos, bispos, pastores e pastoras. Muitos encaram o ministério pastoral como profissão e,

⁹⁸ NOUWEN, H. J. M. *Transforma meu pranto em dança*. Rio de Janeiro: Textus, 2002. p. 56.

até mesmo, o modo pelo qual alcançarão destaque e status na sociedade. As considerações de Wander de Lara Proença, pastor e teólogo presbiteriano, a esse respeito, são pertinentes:

Pessoas com pouquíssimo tempo de conversão à fé evangélica, ou ainda sem o mínimo preparo teológico e até mesmo bíblico, auto-intitulam-se pastores (as), alugam, um salão para o início de suas pregações e logo passam a ter um grupo de seguidores. [...] Contribui para isso o fato de não existir nenhum órgão evangélico ou organização de reconhecimento público que possa – com base em critérios que levem em conta o devido preparo e formação – emitir uma credencial de reconhecimento e legitimidade a que deseje exercer o ministério pastoral ou fundar uma nova Igreja⁹⁹.

Muitas vezes, um tipo de liderança jovem e leiga¹⁰⁰, que assume posto na estrutura hierárquica eclesiástica (composta de obreiros, presbíteros, pastores, bispos e apóstolos), é desobrigada de freqüentar um seminário ou faculdade teológica e, ali, passar quatro a cinco anos de formação, com a justificativa de que se poderia fazer muito mais se estivesse no campo de trabalho, fazendo e aprendendo no dia-a-dia. Desse tipo de pensamento, compartilha Edir Macedo:

O religioso tenta explicar Deus; o cristão, compreendê-lo. Através da tentativa de explicá-lo, surgiu a teologia, que abrange vários ramos, a saber: dogmática, moral, ascética, mística, sistemática, exegética, pastoral e outros. Todas as formas e todos os ramos da teologia são fúteis; não passam de emaranhados de idéias que nada dizem ao inculto, confundem os simples e iludem os sábios. Nada acrescentam à fé e nada fazem pelos homens, a não ser aumentar sua capacidade de discutir e discordar entre si¹⁰¹.

Por acreditarem, simplesmente, que são *ungidos por Deus*, muitos abrem mão de uma preparação adequada e, no máximo, o treinamento que recebem é direcionado à reprodução dos esquemas ou métodos para fazer a Igreja local alavancar numericamente e financeiramente. É no convívio diário, observando os mais experientes que os novatos, aspirantes ao ministério, galgam os vários postos hierárquicos e, ao mesmo tempo, aprendem as técnicas litúrgicas e de gerenciamento dos templos.

⁹⁹ PROENÇA, W. de L. *Uma Igreja sem o propósito da maturidade na Palavra*. In: BARRO, J. H. *Op. cit.*, p. 47s.

¹⁰⁰ Os termos “jovem e leiga” não se referem, necessariamente, à pouca idade ou à falta de capacidade intelectual-teológica, mas, também, àquelas pessoas que têm pouco tempo de adesão à fé cristã e que, obviamente, não estão preparadas para assumirem funções tão importantes numa comunidade religiosa. Isso não significa que elas não têm o seu lugar, afinal, um dos princípios reformados reza que *todos os salvos têm uma função sacerdotal* e pressupõe que cada crente tem uma vocação e um dom específicos dentro do corpo de Cristo, que é a Igreja, o que, também, não exclui o fato de que essa vocação deve ser desempenhada em todos os momentos e em todos os tipos de relações. No entanto, entende-se que, para ocupar a função de liderança ou sacerdócio, necessário é uma capacitação específica e necessária para o desempenho de tal função.

¹⁰¹ MACEDO, E. B. *A libertação da teologia*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1997. p. 17.

O nascimento de um pastor capaz de arrebatat multidões ou comandar programas de televisão campeões de audiência é fruto de uma bem arquitetada operação em que só vocação espiritual não basta. Para conseguir pular dos bancos dos templos para os púlpitos, os jovens candidatos a pregador das Igrejas evangélicas de linha pentecostal e neopentecostal aprendem de noções de teologia a oratória, passando por técnicas para apresentação em rádio e televisão e até etiqueta¹⁰².

Na verdade, constata-se muitas pessoas desabilitadas, sem capacitação adequada para o desempenho de suas funções e, além disso, sem uma necessária percepção teológica que os faça enxergar a realidade sócio-ecclesial de maneira crítica. Com suas mensagens vazias de conteúdo evangélico, mas cheias de retórica entusiástica, engodada e apelativa, esses pregadores exploram aquilo que faz parte do anseio dos ouvintes: saúde, prosperidade e riqueza financeira. Destaca-se aquele ou aquela que pula mais, fala mais alto ou mais difícil, explora mais as emoções ou, simplesmente, aquele que cativa mais os ouvintes com seu jeito carismático de se mostrar.

Se, por um lado, a tese que defende uma formação pastoral no exercício da própria prática pastoral tem o seu grau de veracidade, afinal, é o contato com as dinâmicas pastorais que auxiliarão na formação do caráter do pastor ou ministro, por outro lado, contudo, a falta de preparo teológico associada a um tipo de leitura e interpretação bíblicas despreocupadas de *ortodoxia*¹⁰³, principalmente nas Igrejas pentecostais e neopentecostais, produzem o que se vê propagado nos veículos midiáticos: uma miscelânea de rituais espiritualistas, misturadas com um sincretismo típico brasileiro: sal grosso, rosa ungida, exorcismos ao vivo, sessões de descarrego, anunciações *profético-vindentes*, “jejum de Daniel”, campanhas, “correntes”, amostras de água do Rio Jordão, dos ramos de árvores do Jardim do Getsêmani ou uma porção da terra da cidade santa (Jerusalém), tudo isso toma o lugar e a centralidade da pregação da Palavra de Deus, e se tornam objeto de culto e adoração, como já visto acima. As conseqüências imediatas desse tipo de comportamento são a desvalorização: 1) da própria natureza da vocação sacerdotal-pastoral e 2) da formação pastoral que inclui o preparo teológico.

¹⁰² LINHARES, J. *Como se forma um pregador*. In: VEJA. São Paulo: Editora Abril, 2006. n. 27. ed. 1964. p. 84.

¹⁰³ É comum no pentecostalismo e neopentecostalismo um tipo de leitura e interpretação literal da Bíblia, com ênfase nos textos e personagens veterotestamentários que, como visto acima, são bastante explorados pela pregação da TP. Assim, a Bíblia passa a ser vista como um livro que coleciona experiências religiosas que podem ser repetidas nos mesmos moldes pelos leitores atuais. O problema hermenêutico, aqui, passa: 1) pelo próprio destaque na liberdade de interpretação que cada crente tem, mediante a ênfase no auxílio do Espírito Santo, aliás, prova da herança reformada nesses novos movimentos, e 2) pela ênfase na experiência que, acima de qualquer aplicação de métodos hermenêuticos, autoriza o tipo de leitura que uma pessoa faz do texto bíblico como verdadeira. Para mais informações, conferir: ROMEIRO, P. *Op. cit.*, 2005. p. 117-131.

Embora o termo latino *vocatio* (“ação de chamar”; “intimação”, “convite”¹⁰⁴) não tenha um correspondente direto no hebraico, na LXX é usado, principalmente, o termo “chamar” (καλέω - *kaléo*) para se referir ao homem ou à mulher que é escolhido por Deus para o seu serviço durante toda a vida (Cf. Ex 3.4; Is 42.6; 45.3)¹⁰⁵, como acontece com Moisés, Abraão, Josué, por exemplo.

No texto neotestamentário, dois termos são utilizados para indicar essa “vocação” divina para o desempenho de um ofício ministerial, κλήσις (*klêsis* – *subs.* “chamado”, “convite”) e κλητός (*kletós* – *adj.* “chamado”, “convidado”), por exemplo, quando Jesus começa a convocação para o seu seguimento (Mt 4.18-22; Mc 1.16-20; Lc 5.1-11).

No *corpus paulinum*, os dois termos se relacionam, respectivamente, ao aspecto soteriológico do chamamento e ao aspecto eclesiológico, da função ou cargo ministerial-ecclesial.¹⁰⁶ O primeiro afirma a chamada ao arrependimento e à conversão (Rm 8.30 – “E aos que predestinou, a esses também chamou; e **aos que chamou, a esses também justificou**; e aos que justificou, a esses também glorificou.”; Rm 11.29 – “Porque os dons e a **vocação de Deus** são irrevogáveis.”; 1Co 7.15c – “Deus vos tem **chamado à paz**.”; 2Ts 2.14 – “Para o que também **vos chamou mediante o nosso evangelho**, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo.”).

Já o segundo aspecto, associa o chamado ao serviço eclesial, individual e coletivo¹⁰⁷ (Cl 3.15 – “Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes **chamados em um só corpo**.”; 1Co 1.26s – “Irmãos, reparai, pois, na **vossa vocação**...”; 1Co 7.17s – “Ande cada um segundo o Senhor lhe tem distribuído, **cada um conforme Deus o tem chamado**. É assim que ordeno em todas as Igrejas. Foi alguém chamado, estando circunciso? Não desfaça a circuncisão. Foi alguém chamado, estando incircunciso? Não se faça circuncidar. [...] **Cada um permaneça na vocação em que foi chamado**.”).

Com isso, tem-se que, tanto no AT como no NT, a vocação é procedente da parte de Deus, que se dirige ao homem, convocando-o para a salvação e para o serviço do seu reino, à comunidade dos crentes. Isso indica que, embora a chamada de Deus se enderece a um indivíduo, nunca diz respeito somente a ele, mas que ela se realiza na comunhão com os

¹⁰⁴ VOCAÇÃO. In: HOUAISS, A. *Op. cit.*

¹⁰⁵ FISCHER, G. Vocação (AT). In: BAUER, J. B. *Op. cit.* p. 448.

¹⁰⁶ NUTZEL, J. M. Vocação (NT). In: BAUER, J. B. *Op. cit.*, p. 449.

¹⁰⁷ COENEN, L. Καλέω. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.) *Op. cit.*, p. 349-354.

outros membros do corpo, em todas as relações com o próximo. Nas palavras de Xavier Léon-Dufour, sacerdote jesuíta:

Vocação é o chamado que Deus dirige ao homem a quem Ele escolheu para si e que destina a uma obra especial no seu plano de salvação e no destino do seu povo. Na origem da vocação há, portanto, uma eleição divina; no seu termo, uma vontade divina a cumprir. Não obstante, a vocação acrescenta algo à eleição e à missão: um chamado pessoal dirigido à consciência mais profunda do indivíduo, produzindo uma reviravolta na sua existência, não só nas suas condições exteriores, mas até no coração, fazendo dele um outro homem¹⁰⁸.

A partir disso verifica-se que a natureza da vocação pastoral-ministerial não é algo que nasce do próprio indivíduo, daquele que deseja engajar-se no sacerdócio pastoral por puro interesse em ascensão social e status ou por encará-lo como carreira profissional, mas como testemunho (reconhecimento) do chamado de Deus; é a própria comunidade de fé que reconhece (autentica) o chamado pastoral, de origem divina, no indivíduo. É o que afirma John Stott, no seu comentário da Epístola aos Efésios:

A ordenação para o ministério pastoral de qualquer Igreja deve significar, no mínimo, (1) o reconhecimento público de que Deus chamou tal pessoa e que lhe deu dons, e (2) a autorização pública desta pessoa para obedecer à chamada e exercer o dom, com oração pedindo graça capacitadora do Espírito Santo. [...] O Novo Testamento nunca contempla a situação grotesca em que a Igreja comissiona e autoriza pessoa a exercer um ministério para o qual lhes falta tanto a chamada divina quanto o equipamento divino¹⁰⁹.

A vocação, portanto, inclui abertura aos outros, contra todo e qualquer individualismo e autoritarismo, porque ela mesma acontece e continua se realizando no serviço e nos encontros cotidianos da convivência com o próximo. E, também, é exercício de variação durante a vida, justamente porque acontece na história e nas histórias dos indivíduos participantes da realização dessa vocação. Dessa forma, o ministro dificilmente experimentará estagnação no exercício de sua vocação, pois, ele sempre tem diante de si novas oportunidades, novas histórias, novas pessoas e situações que exigirão dele uma nova atitude, novas respostas e novos desafios¹¹⁰.

Com relação a isso e às etapas de preparação do vocacionado para o desempenho de suas funções pastorais, encontra-se uma que é de suma importância: a formação teológico-

¹⁰⁸ LÉON-DUFOUR, X. Vocação. In: _____. *Vocabulário de teologia bíblica*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 1099ss.

¹⁰⁹ STOTT, J. *Op. cit.*, 2001. p. 119.

¹¹⁰ Cf. CORDOBÉS, J. M. Vocação. In: FIORES, S. de; GOFFI, T. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 1187-1192.

acadêmica. Como dito acima, um dos elementos centrais da crise pastoral é a certeza de que Deus vocaciona, concedendo os dons necessários para o desempenho da missão, que o conhecimento se dá diretamente por revelação divina na prática cotidiana e, então, tudo o mais é irrelevante.

Todavia, por meio do estudo teológico-acadêmico abre-se a possibilidade ao vocacionado dessa oportunidade de orientação de seu chamado. Uma das funções da reflexão teológica é servir profeticamente à Igreja, animando-a e despertando-a para novas dimensões e perspectivas de práxis pastoral. Isso possibilita àquele que se dedica ao estudo teológico, pelo menos, duas atitudes: 1) o distanciamento, que lhe possibilite enxergar e analisar criticamente o desempenho da prática eclesial, e 2) a re-aproximação, com voz profética e orientativa para a comunidade de fé. Uma relação, então, *koinônica* entre o jovem aspirante e a Igreja que o reconhece como futuro-pastor. Conforme Alderi Souza de Matos, historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, o verdadeiro teólogo “não é aquele que se coloca do lado de fora e procura impor os seus conceitos pessoais e subjetivos, mas alguém que faz parte do povo de Deus, caminhando com ele, partilhando suas lutas e esperanças”¹¹¹.

Uma reflexão teológica *encarnada* e *contextual*, não só comprometida com o evangelho de Jesus Cristo, com a revelação de Deus e com o corpo de Cristo, mas também que tenha relevância para a comunidade humana, não apenas do ambiente cristão, mas, de modo geral, a todas as pessoas. Aprender a *ler* a história da Igreja, do mundo, da própria vida e das pessoas, então, deve ser o objetivo principal do candidato ao ministério pastoral.

Por isso, a preparação teológico-acadêmica é fundamental para todo o que se sente vocacionado e desafiado ao ministério pastoral, pois, ele terá contato com inúmeras disciplinas, desde as próprias do ramo teológico (sistemáticas, bíblico-exegéticas, históricas, prático-pastorais, etc.), como as disciplinas afins ao curso teológico, que compõem uma reflexão mais engajada com as questões sócio-político-econômicas do seu próprio contexto (sociologia, filosofia, antropologia, psicologia, etc.), que o ajudarão a reconhecer, refletir e desenvolver uma práxis que contribua para a solução dos problemas de tensão entre a Igreja e o mundo.

¹¹¹ MATOS, A. S. de. *Credo ut intelligam: a teologia cristã e seus parâmetros*. In: *Ultimato*. Viçosa: Editora Ultimato, 2007. n. 306. mai/jun. p. 43.

2.6 Síntese

O propósito deste capítulo foi apresentar *Os problemas do ministério pastoral contemporâneo*. Para isso, buscou-se, por meio de vasta pesquisa bibliográfica, organizar o pensamento em torno da influência que os processos sociais têm sobre o fenômeno religioso, e vice-versa. A força desses processos sociais faz desenvolver na Igreja uma cultura, também, pragmatista, consumista, hedonista e individualista, levando o conteúdo do Evangelho ao extremo de sua coisificação e mercantilização, bem como da própria fé, criando o chamado *mercado religioso*.

Como resultado dessa força do sistema capitalista sobre o processo religioso norte-americano, surge a Teologia da Prosperidade, em meados do século XX. Ela contribui para o estado de crise que perpassa a Igreja evangélica brasileira, desde sua chegada e desenvolvimento a partir da década de 70, com relação à formação e ao desenvolvimento do ministério pastoral, da pregação e das ênfases evangelísticas e teológicas.

Por isso, neste capítulo, primeiro, analisou-se a perspectiva do discurso dos púlpitos, o quanto são influenciados pelo modelo mercadológico capitalista, como os conteúdos das pregações exploram os temas relacionados a este mercado, distorcendo o *kerigma* central da mensagem cristã e, com isso, influenciando diretamente a imagem do Cristianismo na sociedade. Tentou-se resgatar o modelo neotestamentário do papel do pregador do Evangelho, onde sua mensagem é única e exclusivamente centrada em Cristo e em sua obra.

Num segundo momento, verificou-se que, associada a um tipo de pregação mercadológica, está a preocupação dos líderes das IEB's com o crescimento numérico, mesmo que isso comprometa a qualidade de vida cristã, o compromisso e o envolvimento dos membros nas Igrejas. Comprovou-se que, essa busca por números leva os pastores e líderes a perderem o foco da própria função pastoral, visto que muitos devem se envolver num ativismo pragmatista, se distanciando do contato com “as ovelhas”. Em resposta a este problema, procuraram-se no texto bíblico bases para um retorno ao real significado do trabalho pastoral, o que foi encontrado no texto paulino de Efésios, onde o *pastor* é também reconhecido como *mestre* e responsável pelo cuidado dos membros do corpo de Cristo, que é a Igreja.

Em seguida, delineou-se fenomenológica e teologicamente a TP, através dos escritos dos seus principais representantes. Buscou-se entender as condições que fomentaram a difusão da TP, examinou-se, mesmo que sinteticamente, o seu quadro fenomenológico no

cenário religioso evangélico brasileiro e, especificamente, na cidade de Belo Horizonte, *locus* do pesquisador. Verificou-se o alcance da TP em diversas áreas da prática da IEB: negação do sofrimento e das doenças na vida do cristão; disseminação de um discurso reforçado pela Confissão Positiva, onde as palavras proferidas têm o poder de trazer qualquer coisa à existência; ênfase na prosperidade financeira como sinal da bênção divina, motivada e realizada pela contribuição (dízimo) à Igreja; afirmação da deidade do homem. Como respostas a tudo isso, tomou-se o exemplo da vida e ministério do apóstolo Paulo, homem que sofreu tantas coisas por amor ao Evangelho, por reconhecer-se vocacionado pelo próprio Deus para seguir o ministério de Cristo, anunciando as boas novas do Evangelho e que, nem por isso, ficou isento dos momentos infelizes da vida.

Por último, constatou-se que o principal problema que colabora para a crise do ministério pastoral diz respeito ao próprio modo como a vocação ministerial é encarada, hoje, em algumas IEB's. Constatou-se que a vocação se desenvolve individualmente e coletivamente, quando toda a Igreja reconhece o vocacionado e, este, busca habilitar-se para desenvolver seu ministério vocacional. O não reconhecimento da necessidade da formação e capacitação teológica contribui para que o ministério pastoral seja visto como profissão e, até mesmo, o modo pelo qual alcançarão destaque e status na sociedade. Valorizou-se, então, o estudo e preparo teológico como a rica possibilidade de oferecimento de bases sólidas para que o vocacionado tenha orientação e instrumentalização maior no desempenho de suas funções nas mais diversas áreas de atuação pastoral.

Estes quatro elementos apresentados, bem como suas implicações e soluções, serão retomados no *Capítulo 4*, que abordará o modelo pastoral representado pelo apóstolo Paulo, e no *Capítulo 5*, quando se apresentará, a partir da análise textual das Cartas Pastorais nos capítulos 3 e 4, reflexões para o ministério pastoral evangélico na atualidade. Antes disso, no capítulo a seguir, será dada ênfase a uma *Introdução geral às Cartas Pastorais*, onde serão pesquisados os vários comentários e os principais comentaristas, tanto católicos como protestantes, das Cartas a Timóteo e Tito, dentre eles: Raymond Brown, João Calvino, Donald Carson, Donald Guthrie, Walter Hendriksen, Luke T. Johnson, John N. D. Kelly, Martinho Lutero, John Stott, Frances Young, entre outros. O objetivo é tentar reconstruir as características do contexto em que os jovens Timóteo e Tito estavam inseridos, a história de suas comunidades, reconhecer os elementos e o estilo lingüísticos presentes nas três Cartas e apontar os desafios com relação ao combate aos falsos mestres.

3 INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS PASTORAIS

3.1 Introdução

No capítulo anterior foram apresentados *Os problemas do ministério pastoral contemporâneo*. Primeiramente, analisou-se a perspectiva do discurso dos púlpitos, tentou-se resgatar o modelo neotestamentário do papel do pregador do Evangelho. Depois, verificou-se a preocupação dos líderes das IEB's com o crescimento numérico, comprovou-se que essa busca por números leva os pastores e líderes a perderem o foco da própria função pastoral, procurou-se no texto bíblico bases para um retorno ao real significado do trabalho pastoral. A seguir, delineou-se a TP, buscou-se entender as condições que fomentaram a sua origem, examinou-se o seu quadro fenomenológico no cenário religioso evangélico brasileiro, tomou-se o exemplo da vida e ministério do apóstolo Paulo como resposta aos fundamentos errantes da TP. Por fim, constatou-se que o principal problema que colabora para a crise do ministério pastoral diz respeito ao próprio modo como a vocação sacerdotal é encarada, hoje, em algumas IEB's; valorizaram-se, por fim, o estudo e preparo teológico como a positiva possibilidade de oferecimento de bases sólidas para que o vocacionado tenha orientação e instrumentalização maior no desempenho de suas funções nas mais diversas áreas de atuação pastoral.

Em continuidade com o capítulo anterior, o estudo das Cartas Pastorais, nos próximos capítulos, será empreendido com o propósito de extrair delas os elementos essenciais para o desenvolvimento de um pensamento com relação ao ministério pastoral contemporâneo. Pretende-se encontrar nas Cartas subsídios para um modelo pastoral em Paulo, Timóteo e Tito que sirva de paradigma para o pastorado hoje, fundamentado e comprometido com a tradição e mensagem do Evangelho de Jesus Cristo, presente no Novo Testamento. Essa preocupação pastoral está presente nas palavras de Rinaldo Fabris, biblista católico:

Numa situação como a atual, em rápida evolução sociocultural, os modelos organizacionais da Igreja também são submetidos a uma revisão, tanto do ponto de vista histórico como teológico. A revisão se impõe inclusive por um dado de fato: o modelo transicional do padre [*pastor*] está defasado numa comunidade cristã que tem uma inserção e dimensão diferentes no mundo ou na sociedade moderna, bem transmutada em relação ao passado, inclusive recente. O dado dessa evolução que mais salta aos olhos é a “crise de vocações”. [...] Nessa fase de busca e experimentação “ministerial”, é oportuno um confronto com os textos das cartas pastorais, que nos dão um esboço da organização das primeiras comunidades. [...] Por isso, a pesquisa em torno das formas de ministério cristão nas cartas pastorais é

estimulante, inclusive pelo atual desenvolvimento da Igreja e dos ministérios em seu interior¹¹².

Desse modo, a intenção, agora, neste capítulo, é desenvolver uma *Introdução geral às Cartas Pastorais*, onde serão pesquisados os vários comentários e os principais comentaristas¹¹³, tanto católicos como protestantes, das duas Cartas do apóstolo Paulo endereçadas a Timóteo e da Carta a Tito, dentre eles: Raymond Brown, Donald Carson, Rinaldo Fabris, Donald Guthrie, Walter Hendriksen, Luke T. Johnson, John N. D. Kelly, Jerome Murphy-O'Connor, John Stott, Frances Young, entre tantos outros.

O objetivo é tentar reconstruir as características do contexto em que os jovens Timóteo e Tito estavam inseridos, seus principais aspectos biográficos, as histórias de suas comunidades, reconhecer os elementos e os estilos lingüísticos presentes nas três Cartas, destacar as características dos falsos mestres e da falsa doutrina, perceber como o ministério eclesiástico é desenvolvido nas Igrejas de Éfeso e Creta e apontar os desafios com relação ao desenvolvimento do ministério pastoral, tendo o apóstolo Paulo como modelo dessas comunidades.

Para isso, primeiramente, uma breve amostra do percurso histórico da interpretação das Pastorais ao longo da história da Igreja, apresentando as várias tendências que aceitam ou não a autoria paulina para esses textos e, conseqüentemente, suas implicações para a

¹¹² FABRIS, R. *As cartas de Paulo (III)*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 281. (Grifo do autor).

¹¹³ Dentre os principais autores e comentários no estudo dos escritos paulinos, especialmente, a respeito das Cartas Pastorais, podem ser destacados: BARBAGLIO, G. *São Paulo, o homem do evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1993; BECKER, J. *Apóstolo Paulo: vida, obra e teologia*. São Paulo: Academia Cristã, 2007; BRUCE, F. F. *Paulo, o apóstolo da graça: sua vida, cartas e teologia*. São Paulo: Shedd, 2003; CERFAUX, L. *O cristão na teologia de Paulo*. São Paulo: Teológica, 2003; DUNN, J. D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003; FEE, G. *God's empowering presence: the Holy Spirit in the letters of Paul*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1994; HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993; KÄSEMANN, E. *Perspectivas paulinas*. São Paulo: Teológica, 2003; MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000; PESCE, M. *As duas fases da pregação de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996; REGA, L. S. (org.). *Paulo: sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre*. São Paulo: Vida, 2004; BORNKAMM, G. *Bíblia, Novo Testamento: introdução aos seus escritos no quadro da história do Cristianismo primitivo*. São Paulo: Teológica, 2003; BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004; CALVINO, J. *Pastorais*. São Paulo: Parácleto, 1998; CARSON, D. A. (et al.). *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997; GUTHRIE, D. *The pastoral epistles*. England: Intervarsity Press, 1990; MARSHALL, I. H. *The pastoral epistles*. New York: T&T Clark LTD, 1999, (The International Critical Commentary); HENDRIKSEN, W. *1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito*. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2001; JOHNSON, L. T. *The first and second letters to Timothy*. USA: Doubleday, 2001. (The Anchor Bible; v. 35a); KELLY, J. N. D. *I, II Timóteo e Tito: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2005; FABRIS, R. *As cartas de Paulo (III)*. São Paulo: Loyola, 1992; KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento 2: história e literatura do Cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005; LUTERO, M. *Cartas del apóstol Pablo a Tito, Filemon y epístola a los Hebreus*. Barcelona: CLIE, 1999; MATERA, F. J. *Ética do Novo Testamento: os legados de Jesus e de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1999; SCHREINER, J. DAUTZENBERGER, G. *Forma e exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004; STOTT, J. *A mensagem de 2 Timóteo*. São Paulo: ABU, 2001; YOUNG, F. *The Theology of the Pastoral Letters*. Cambridge: University Press, 1994.

afirmação da datação desses escritos. Em seguida, uma apresentação do gênero literário *parenético* utilizado pelo autor das Cartas, um breve estudo do vocabulário e das características que tornam as Pastorais um grupo homogêneo em conteúdo e estilo.

Com relação à *falsa doutrina*, combatida e reprimida nas Pastorais, um breve estudo dos elementos que caracterizam essa *doutrina*, das pessoas envolvidas nesse movimento e suas implicações para a Igreja representada por Timóteo e Tito. Os dois destinatários iniciais são apresentados buscando-se reconstruir seus contextos biográficos individuais e seus relacionamentos com o apóstolo Paulo. E, por fim, um estudo das estruturas eclesiásticas e das funções pastorais dos *bispos*, *presbíteros*, *diáconos* e *diaconisas*, com vistas ao entendimento e desenvolvimento do ministério pastoral contemporâneo.

3.2 A situação histórico-biográfica e datação

As Cartas Pastorais são assim chamadas desde o século XVIII quando, em 1703, D. N. Bardot referiu-se a Tito como uma carta pastoral e, em 1726, Paul Anton deu este nome às três epístolas, por causa de seu conteúdo diretamente relacionado ao cuidado pastoral das comunidades ligadas à tradição paulina, dirigidas por dois de seus discípulos Timóteo e Tito, destinatários dos escritos¹¹⁴.

Discute-se se as Cartas foram enviadas individualmente e particularmente a Timóteo e Tito ou se estes são apenas figuras representativas das comunidades e, então, as Cartas teriam mais conteúdo comunitário do que pessoal. Os vários autores discutem essa questão e, entre eles, Rinaldo Fabris defende esta segunda hipótese que as Cartas se diferem das demais do *corpus paulinum* “não tanto porque endereçadas a uma pessoa em particular, mas sobretudo porque dirigidas a chefes da comunidade com um discurso de caráter oficial que interessa a toda a comunidade”¹¹⁵. Donald Carson, biblista reformado, por sua vez, assume que Timóteo e Tito, tinham suas responsabilidades pastorais e, assim, “as três cartas constituem uma

¹¹⁴ Cf. *Introdução às epístolas pastorais*. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* (RIBLA). Petrópolis: Vozes, 2006. n. 55. p. 36.

¹¹⁵ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 211. Helmut Koester, biblista luterano e discípulo de Bultmann, concorda com Fabris quando diz que as Pastorais “são endereçadas não como a indivíduos, mas como a líderes da igreja, responsáveis pela organização e supervisão da vida de comunidades cristãs. São documentos oficiais relacionados com a estruturação das igrejas”. KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento 2: história e literatura do Cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 317.

unidade pelo fato de serem as únicas cartas neotestamentárias dirigidas a indivíduos com essas responsabilidades”¹¹⁶.

De qualquer maneira, mesmo que as Pastorais não sejam ou contenham um manual de teologia pastoral, sua utilidade e importância para as questões de ordem eclesiástica são reconhecidas desde tempos antigos. Em seu comentário, Donald Guthrie, biblista protestante, destaca que o próprio Cânon Muratoriano continha um certo elogio à importância das Pastorais para a organização eclesiástica na Igreja Católica¹¹⁷.

Dois momentos são marcantes no estudo e interpretação das Cartas Pastorais: 1) na Igreja Antiga e Medieval e 2) na Igreja Moderna¹¹⁸.

Na época do crescimento e desenvolvimento da Igreja Antiga, a partir do século II, as Pastorais não foram questionadas quanto à sua *autenticidade*. O primeiro documento que atesta a autenticidade é o já citado Cânon Muratoriano (180 d.C.), defendendo a utilidade das pastorais para a disciplina da igreja. Depois Ireneu (séc. III), Clemente Orígenes e Eusébio (séc. IV). No entanto, elas não estão no Cânon de Marcião (c. 140 d.C.), primeiro a questioná-las, provavelmente pelo conteúdo diretamente anti-herético (gnóstico?) das Cartas. Embora o antigo papiro Chester Beatty (P⁴⁶) contenha os textos atribuídos ao apóstolo Paulo, as Pastorais não estão lá¹¹⁹. Mas, encontram-se nos fragmentos do antigo papiro Ryland 5 (P³²), que contém 1 Tm 1.11-15; 2.3-8, da mesma época.

De modo geral, como herança dos estudos críticos dos séculos XVIII e XIX, as Pastorais são consideradas como *não-autênticas*. Naquele tempo, os comentaristas que tentavam qualificar elementos que marcassem a diferença das Pastorais para as cartas *autênticas* o faziam por meio de, basicamente, cinco critérios: 1) diferenças marcantes na

¹¹⁶ CARSON, D. A. (et al.). *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 395. Outro biblista que concorda com Carson é Norbert Brox, que diz: “Elas são endereçadas não a comunidades, mas aos seus pastores”. BROX, N. *Ministério, igreja apostólica na época pós-apostólica*. In: SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G. *Forma e exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004. p. 155. Embora a Epístola a Filemon seja endereçada a um indivíduo, ele aparentemente não estava numa posição de liderança como Timóteo e Tito.

¹¹⁷ Cf. GUTHRIE, D. *The pastoral epistles*. Downers Grove: Intervarsity, 1990. p. 17.

¹¹⁸ Para um estudo aprofundado sobre todas as questões que circundam o ambiente das Pastorais, o comentário mais completo é o de Luke Timothy Johnson, *The first and second letters to Timothy: a new translation with introduction and commentary* (EUA: Doubleday, 2001 – The Anchor Bible; v. 35A), páginas 13-99.

¹¹⁹ Rinaldo Fabris comenta esta ausência afirmando que “a hipótese mais provável e benévola é que tenham sido omitidas porque o amanuense teria calculado mal e encontrou-se no final sem folhas para copiar as três cartas pastorais; a prova seria o fato de ter diminuído o espaço entre as linhas, na segunda parte do códice”. FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 216, nota 7.

linguagem, 2) no estilo literário, 3) na perspectiva teológica, 4) na organização da Igreja e 5) no tipo de oposição que a Igreja tinha de enfrentar¹²⁰.

O primeiro a expressar dúvidas com relação ao texto de 1Tm foi J. E. C. Schmidt (1804), seguido por F. Schleiermacher (1807), questionando os elementos da linguagem e das informações biográficas¹²¹. Algum tempo depois, J. C. Eichhorn (1812) questionou elementos da linguagem religiosa presente nas três Cartas. Quando, em 1835, F. C. Baur tentou provar que a polêmica das Pastorais girava em torno do gnosticismo do século II, recebendo aprovação de H. J. Holtzmann (1880), R. Bultmann (1930), M. Dibelius (1931), N. Brox (1969), entre outros¹²², a impossibilidade da autoria paulina toma conta do ambiente de pesquisa neotestamentário. Wayne Meeks (1983) não considera as três Cartas nem mesmo como extensão das “tradições dos grupos paulinos”¹²³.

No entanto, ainda há aqueles que ainda se dividem em duas perspectivas: 1) os que têm a convicção de que as três Cartas, de um modo ou de outro, remontam à autoria de Paulo: C. J. Ellicott (1864), A. Plummer (1888), F. J. A. Hort (1894), J. H. Bernard (1902), B. Weiss (1902), A. Schlatter (1936), C. Spicq (1947), J. Jeremias (1953), J. N. D. Kelly (1963), G. Fee (1984), entre outros; 2) aqueles que acreditam que nas três Cartas estão presentes pequenos fragmentos genuínos do apóstolo: P. N. Harrison (1921), E. F. Scott (1936), R. Falconer (1937), B. S. Easton (1948), C. K. Barrett (1963), Strober (1969), P. Dornier (1961)¹²⁴.

A *pseudonímia* para autoria paulina é defendida, na maioria das vezes, como hipótese de um secretário (amanuense) ou por um redator posterior, conhecedor da tradição paulina presente nas cartas autênticas do apóstolo, que por seu estilo e seu vocabulário superam o próprio apóstolo¹²⁵. Norbert Brox assume essa posição quando afirma que

¹²⁰ Cf. MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 359. Conferir também: KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1982. p. 487.

¹²¹ Cf. KÜMMEL, W. G. *Op. cit.*, p. 486.

¹²² Cf. GUTHRIE, D. *Op. cit.*, p. 21.

¹²³ Cf. MEEKS, W. A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 18.

¹²⁴ Ibidem, p. 21s. Para uma lista exaustiva de estudos e comentários conferir: JOHNSON, L. T. *Op. cit.*, p. 103-131 e MARSHALL, I. H. *The pastoral epistles*. New York: T&T Clark LTD, 1999. p. xvii-xlii.

¹²⁵ Importante notar que na segunda metade do século XX, muitos autores resgatam as perspectivas antigas de interpretação das Pastorais e contra-argumentam, refutando os críticos em suas teorias. Autores como John N. D. Kelly, William Hendriksen, Donald Carson, Douglas Moo, Leon Morris, Donald Guthrie, Luke T. Johnson e Rinaldo Fabris, entre outros, fazem parte desse grupo que afirma o reconhecimento da autenticidade das Pastorais, justificando sua historicidade por meio dos fragmentos que contêm informações específicas acerca do apóstolo e dos seus colaboradores, e instruções diretas a eles. Como afirma John N. D. Kelly: “É uma coisa publicar sob o nome de Paulo ou dalgum outro apóstolo um tratado. [...] É outra coisa bem diferente inventar

Como escritos pseudônimos, as cartas pastorais são o documento mais denso da vitalidade da tradição apostólica (isto é, paulina) pelos fins do século I e começos do II. O que era preciso dizer no momento, foi dito como palavra de Paulo; é como se fosse ele o autor: cita-se a si mesmo, fala de si e da sua função na Igreja, serve-se da qualificação de apóstolo para dar diretrizes; é simplesmente o Apóstolo, pois não se fala de nenhum outro. Mais ainda, as cartas pastorais pretendem traçar um esboço biográfico de Paulo. [...] Com efeito, não é ele que fala, mas fala-se dele em termos que correspondem imagem que dele se formou na época posterior¹²⁶.

Entretanto, apresentar as Pastorais sob o aspecto exclusivo da *autenticidade* ou *não-autenticidade* seria agir de maneira reducionista e unilateral, como fizeram os pesquisadores histórico-críticos que, desse modo, subordinaram a validade e autoridade dos aspectos histórico, literários, teológicos e pastorais das Cartas ao problema da *autenticidade*.

Com relação à datação dos escritos, por um lado, se de autoria autenticamente paulina, 1Timóteo e Tito datam de cerca de 63-64 d.C.¹²⁷, quando o apóstolo se encontrava na região da Macedônia ou Europa Ocidental¹²⁸, depois de ter sido libertado do seu primeiro

para o tratado um arcabouço detalhado de alusões pessoais concretas, reminiscências e mensagens, sem mencionar explosões de sentimento intensamente pessoal”. Cf. KELLY, J. N. D. *I e II Timóteo e Tito: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2005. p. 39s.

¹²⁶ BROX, N. *Op. cit.*, p. 157s.

¹²⁷ Para a cronologia da carreira do apóstolo Paulo será utilizada o que Raymond Brown, em sua *Introdução ao Novo Testamento* (São Paulo: Paulinas, 2004. p. 572s), chama de cronologia “Tradicional”, seguida pela maioria dos estudiosos e, segundo ele, mais razoável. Outros autores, como Donald Carson, por exemplo, segue a chamada cronologia “Revisionista”, que sugere, logo de início, uma data mais antiga para a conversão de Paulo (ano 34 d.C.) e que, conseqüentemente, compromete todo o restante da biografia paulina. Cf. CARSON, D. A. (et al.). *Op. cit.*, p. 261. As duas posições são descritas no quadro a seguir:

Cronologia Tradicional	Evento	Cronologia Revisionista
36	Conversão	34-35
36-39	Ministério em Damasco e Arábia	35-37
39	Primeira visita a Jerusalém	37
40-44	Ministério em Tarso e na Cilícia	37-45
44-45	Visita de socorro aos famintos	45, 46 ou 47
46-49	1ª Viagem Missionária	46-47 ou 47-48
49	Concílio de Jerusalém	48 ou 49
50-52	2ª Viagem Missionária	48-51 ou 49-51
54-58	3ª Viagem Missionária	52-57
58-60	Prisão em Cesaréia	57-59
60-61	Viagem a Roma	59-60
61-63	Prisão em Roma	60-62
?	Ministério no Oriente	62-64
64 (após o verão)	Morte	64-65

¹²⁸ Clemente de Roma, na sua Carta aos Coríntios (5.1-2, 5-7), testemunha acerca das investidas missionárias finais de Paulo. Ele diz: “Todavia, deixando os exemplos antigos, examinemos os atletas que viveram mais próximos de nós. Tomemos os nobres exemplos da nossa geração. Foi por causa do ciúme e da inveja que as colunas mais altas e justas foram perseguidas e lutaram até à morte. [...] Por causa da inveja e da discórdia, Paulo mostrou o preço reservado à perseverança. Sete vezes carregando cadeias, exilado, apedrejado, tornando-se arauto no Oriente e no Ocidente, alcançou a nobre fama de sua fé. Depois de ter ensinado a justiça ao mundo inteiro e alcançado os limites do Ocidente, ele deu testemunho diante das autoridades, deixou o mundo e se foi

confinamento em Roma (Cf. At 28.16, 30-31). Naquele mesmo tempo, Timóteo estaria vivendo em Éfeso, para onde, talvez, lhe teria sido enviada a carta, e Tito na ilha de Creta, lugar onde o apóstolo o teria deixado (Cf. Tt 1.5). Já a 2Timóteo seria localizada entre a segunda prisão do apóstolo em Roma e sua morte em 64 d.C., sob Nero, que reina entre os anos 54-68.

Por outro lado, se a pseudonímia é afirmada, então, todos os três escritos são datados para o fim do século I, por conterem um tipo de eclesiologia ou uma linguagem diferenciada (entre outros aspectos), avançadas demais para o pensamento e ministério paulinos, que refletem, assim, o estado organizacional-contextual da igreja no fim do primeiro século, como defendem, respectivamente, Günther Bornkamm, teólogo luterano, quando diz que “a diferença de perspectiva e teologia é muito óbvia e a condição da Igreja, sua constituição e suas tendências, tudo aponta para uma época mais tardia”¹²⁹, e a teóloga feminista Marga J. Ströher:

A concepção de igreja presente nas cartas deuteropaulinas não é representativa de experiências e concepções eclesiais das primeiras comunidades cristãs, mas indica possibilidades entre a diversidade de pensamento, e a respectiva atuação, sobre o ser igreja no primeiro século da E.C. A voz das Pastorais, por exemplo, representa apenas uma das muitas vozes vinculadas ou não ao legado de Paulo, no debate sobre a reorganização comunitária e pela redefinição do seu universo simbólico num contexto diferente da época paulina. [...] As comunidades das Cartas Pastorais têm vínculo com a tradição paulina, mas encontram-se em outra situação e circunstância históricas em relação à de Paulo¹³⁰.

Em resumo, na melhor das hipóteses, as Cartas são fruto da tradição paulina e fazem questão de reforçá-la diante da nova situação que enfrentam. É o que afirma Margareth Macdonald, teóloga protestante, analisando as Pastorais:

A primeira e a segunda Carta a Timóteo e a carta a Tito refletem a continuidade do movimento paulino no século II. Sem dúvida, a religiosidade que aparece nestes escritos é muito diferente a das cartas autênticas ou a de Colossenses e Efésios. O universo simbólico paulino foi transformado ao entrar em relação com o novo contexto social. [...] Não obstante as grandes diferenças entre os escritos do corpus paulino, é evidente uma certa continuidade. Por exemplo, a autoridade do apóstolo dos gentios se reforça nas Cartas pastorais e nas outras cartas. O *ethos* do amor patriarcal continua relevante para a vida da comunidade¹³¹.

para o lugar santo, tornando-se o maior modelo de perseverança”. Cf. CLEMENTE. *Clemente aos Coríntios*. In: FRANGIOTTI, R. *Padres apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística). p. 27.

¹²⁹ BORNKAMM, G. *Bíblia, Novo Testamento: introdução aos seus escritos no quadro da história do Cristianismo primitivo*. São Paulo: Teológica, 2003. p. 130.

¹³⁰ STRÖHER, M. J. *Eclesiologias em conflito nas deuteropaulinas: o caso das Cartas Pastorais*. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA)*. Petrópolis: Vozes, 2006. n. 55. p. 81-82, 83.

¹³¹ “La primera y la segunda carta a Timoteo y la Carta a Tito reflejan la continuación del movimiento paulino en el siglo II. Sin embargo, la religiosidad que aparece en estos escritos es muy diferente a la de las cartas auténticas

Há, ainda, um grupo que chega a considerar apenas a 2Timóteo como autêntica, por conter um conteúdo estritamente próprio e pessoal¹³².

Não cabe aqui defender uma ou outra opção, mas, tão somente, tentar perceber os elementos, as peculiaridades da tradição presente nas Cartas com relação ao ministério pastoral, os papéis e funções eclesiais desenvolvidos nas comunidades apresentadas explicitamente nos textos, Éfeso e Creta. Assim, mesmo que a tentativa de contextualização histórica seja tão importante para a focalização da mensagem e intenções, as Cartas podem ser lidas deixando-se entre parênteses a questão da autoria.

Isso conduz a um critério que, por agora, se torna o principal e orientador, que é o da *canonicidade*. A partir dele, “o texto das Pastorais, que, para os cristãos, é sagrado e inspirado (prescindindo da sua atribuição ou não a Paulo, pois a canonicidade não está ligada à autenticidade), tem um valor intrínseco e autônomo, e como tal deve ser lido e interpretado”¹³³. Com isso se quer dizer que, por mais que as controvérsias acerca da *autenticidade* sejam pertinentes e importantes para um aprofundamento histórico dos textos das Pastorais, o fundamental é reconhecer o texto como aprovado por toda a tradição eclesial-teológica primitiva, patrística, medieval, moderna e contemporânea. Os crentes de todos os tempos, desde os primeiros séculos, sempre reconheceram a autoridade dos escritos das Pastorais, e isso garante sua validade no estudo exegético e pastoral que se faz neste trabalho.

3.3 Questões críticas: gênero literário, linguagem e estilo

Juntamente com o trabalho dos seus cooperadores, as cartas são expressão e instrumento do acompanhamento das comunidades fundadas pelo apóstolo Paulo. Por meio delas, o apóstolo e as comunidades mantêm as mais diversas relações. Às vezes, impossibilitado de ir ter com as Igrejas, é por meio delas que o apóstolo orienta, exorta, corrige, aconselha, abençoa, ordena e discipula.

o a la de Colosenses y Efesios. Se ha transformado el universo simbólico paulino al entrar en relación con una nueva situación social. [...] No obstante las grandes diferencias entre los escritos del corpus paulino, es evidente una cierta continuidad. Por ejemplo, la autoridad del apóstol de los gentiles se refuerza en las cartas pastorales y en las otras cartas. El ethos del amor patriarcal continúa pesando en la vida de la comunidad”. Cf. MACDONALD, M. Y. *Las comunidades paulinas: estudio socio-histórico de la institucionalización en los escritos paulinos y deuteropaulinos*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1994. p. 233. (Tradução livre).

¹³² Por exemplo, Werner G. Kümmel, Philip Vielhauer, Helmut Koester, Joachim Gnllka, Jerome Murphy-O'Connor.

¹³³ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 212s.

Suas cartas apresentam as mesmas estruturas de qualquer outra literatura epistolar da Antigüidade Clássica ou do próprio judaísmo¹³⁴: a) Saudação, com apresentação dos remetentes e destinatários; b) Conteúdo central e c) Conclusão, com despedida. Contudo, alguns elementos distintivos são incorporados na literatura paulina. Primeiro, o apóstolo ao apresentar-se, não o faz sozinho, mas inclui os seus cooperadores de missão. Segundo, ao invés de uma saudação convencional, ele inclui uma *bênção apostólica* ou uma *oração de graças*; mesma forma que aparece na conclusão do texto. E, terceiro, um elemento distintivo da literatura paulina é a “dose de ensinamento doutrinal, de exposição da Escritura, de extensa argumentação teológica e resumos concisos da mensagem evangélica, [...] bem como exortação (parênese) ética”¹³⁵, gerais ou específicas, direcionadas às situações práticas das comunidades.

O *gênero parenético* (vb. *παραινέω*, exortar) tem ligação íntima com a transmissão e manutenção da tradição transmitida pelo apóstolo e recebida pela comunidade. A parênese objetiva a demonstração e experimentação prática dos conteúdos centrais da fé cristã; apresentando “exortações e orientações morais, [...] ela visa organizar a vida cotidiana do cristão, segundo o critério da fé, na obediência à vontade de Deus a exemplo de Cristo”¹³⁶.

Nesse sentido, o *corpus paulinum* está repleto de parêneses, sejam elas 1) *usuais*, quando se restringem a comentar os conteúdos básicos da fé evangélica (p.ex. Rm 12; Gl 5; Cl 3; Ef 4), ou 2) *ocasionais*, tentando suprir as demandas e carências de determinado momento e contexto da comunidade para a qual o apóstolo escreve (p.ex. Rm 14.1-15.7; 1Co 7; 8-10; 2Ts 3.6-16). Elas estão presentes nas Pastorais e visam defender a tradição cristã verdadeira, orientar o comportamento ético-social dos crentes e desenvolver a unidade entre os membros das comunidades, de modo que os seus testemunhos diante da sociedade sejam, também, instrumentos da evangelização e missão.

As similaridades no *estilo* e na *linguagem* das Pastorais têm levado os comentaristas, de modo geral, a tratar as três Cartas como um grupo menor, concentrado, dentro do conjunto das epístolas paulinas. Os que argumentam a favor da pseudonímia das Pastorais, sugerem que, por falarem a uma época diferente, foi necessário proceder a uma transposição do vocabulário, do estilo e dos temas teológicos fundamentais do Paulo histórico. Como afirma

¹³⁴ Cf. BORNKAMM, G. *Op. cit.*, p. 90.

¹³⁵ Ibidem, p. 90s.

¹³⁶ SCHULZ, A. *Modelo de parênese cristã primitiva*. In: SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G. *Forma e exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004. p. 311.

Norbert Brox, “o fato de apresentar “Paulo” não repetindo a si mesmo, mas falando de acordo com a nova situação e adaptando-se a ela”¹³⁷, sugere a idéia de uma espécie de remontagem do estilo e linguagem do apóstolo.

Mesmo que, por um lado, temas comuns às outras cartas de Paulo, como a Lei, a controvérsia sobre a circuncisão, a justificação pela fé, os dons do Espírito ou o debate sobre sua autoridade apostólica não se encontrem nas Pastorais, elas relembram e compartilham de um mesmo estilo e vocabulário do apóstolo, mesmo que se distingam das demais do *corpus paulinum*.

Com relação à *linguagem e estilo*, o estudo estatístico de P. N. Harrison tentou comprovar a possível não-autoria paulina das Pastorais. Ele concluiu que todas as três Cartas empregam “902 palavras, das quais 54 são nomes próprios. Das 848 palavras restantes, 306 (mais de um terço do total) não ocorrem nas outras dez epístolas paulinas. Desses 306, nada menos do que 175 não ocorrem em nenhum outro texto do Novo Testamento”¹³⁸, mas “nos pais apostólicos e nos apologistas do início do século II”¹³⁹. Afirma, ainda, que “112 partículas, preposições e pronomes aparecem nas dez mas não nas três”¹⁴⁰.

Segundo Philipp Vielhauer, teólogo protestante, citando o estudo de Robert Morgenthaler¹⁴¹, dentre os vocábulos novos, que aparecem somente nas Pastorais, estão: μακάριος θεός, ἐπιφάνεια, φιλανθρωπία, συνείδησις καθάρá ou ἀγαθή, εὐσεβής, εὐσέβεια, εὐσεβείν, σῶφρων, σωφρονίζειν, etc. Inversamente, não aparecem nas Pastorais as seguintes palavras, reconhecidamente paulinas: σάρξ, σῶμα, δικαιοσύνη, ἄδικος, ἔργα νόμου, καυχᾶσθαι, ἀκαθαρσία, ἀκροβυστία, διαθήκη, κατεργάζεσθαι, πείθειν, etc. Segundo Vielhauer, “uma parte (36 palavras) procede da “camada literária superior”, que muitos vocábulos não ocorrem comprovadamente antes do final do séc. I, que a linguagem das Pastorais é significativamente mais “moderna” do que a das paulinas autênticas”¹⁴².

¹³⁷ BROX, N. *Op. cit.*, p. 159.

¹³⁸ Cf. CARSON, D. A. (et al.). *Op. cit.*, p. 396s. Donald Carson cita: HARRISON, P. N. *The problem of the pastoral epistles*. Oxford: Oxford University Press, 1921.

¹³⁹ Ibidem.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 398.

¹⁴¹ Cf. MORGENTHALER, R. *Statistik des neutestamentlichen Wortschatzes*. Zurich: Gotthelf-Verlag, 1958 apud VIELHAUER, P. *História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. São Paulo: Academia Cristã, 2005. p. 255.

¹⁴² Ibidem.

A crítica que Donald Carson faz à teoria de P. N. Harrison cabe também às palavras de Vielhauer. Carson afirma que naturalmente o apóstolo poderia ter empregado palavras diferentes, com sentidos diferentes, em contextos e situações diferentes.

Ninguém escreve uma carta comercial, por exemplo, no mesmo estilo em que escreve uma carta de amor. A questão é se a diferença de estilo entre as epístolas pastorais e as dez cartas de Paulo é maior do que a diferença que poder-se-ia legitimamente esperar entre as cartas particulares a colaboradores de confiança e cartas públicas a igrejas, que geralmente tratam de dificuldades específicas. Os argumentos apresentados simplesmente afirmaram que Paulo não acharia necessário mudar de estilo ao passar de um tipo de carta para outro ou então que Paulo seria incapaz de ter escrito no estilo monótono das pastorais¹⁴³.

De qualquer maneira, as questões relacionadas à *linguagem* e ao *estilo*, do uso ou não de um amanuense, de um desenvolvimento do vocabulário pessoal ou de uma autoria posterior que resgata uma tradição anterior, são, ainda hoje, argumentos hipotéticos, às vezes controversos e imprecisos, que tentam justificar ou resolver a questão da *autenticidade*. Novamente, como visto acima, o mais importante é seguir toda a tradição dos quase dois mil anos de história cristã em que as Pastorais foram consideradas como textos pertencentes ao *corpus paulinum* e reconhecidamente sagrados para a Igreja.

3.4 Relação comum entre o conteúdo das Cartas

Muito embora as Cartas tenham sido escritas para pessoas particulares, elas contêm caráter e objetivos comunitários, visto que foram endereçadas aos seus líderes, com diretivas não só pessoais, mas também gerais. Desse modo, algumas das recomendações dadas pessoalmente a Timóteo ou a Tito, servem também para os demais.

Podem-se observar os seguintes elementos nas Pastorais:

1. *O relacionamento de Paulo com Timóteo e Tito, como um pai que fala aos seus filhos.*
2. *A preocupação com o desenvolvimento do ministério da Igreja, com instruções para as diversas funções eclesiais.*
3. *Recomendações práticas para a vida cotidiana dos membros da Igreja, com base em normas éticas evangélicas.*
4. *Protesto contra as controvérsias e problemas dentro da Igreja.*

¹⁴³ CARSON, D. A. (et al.). *Op. cit.*, p. 399.

5. *Importância da “sã doutrina” para a preservação da vida da Igreja.*
6. *Resgate da tradição passada para orientação no presente, com relação ao futuro.*
7. *Fala da esperança em meio às dificuldades do dia-a-dia.*
8. *Confissão de fé naquilo que Deus já fez por meio de Jesus Cristo.*
9. *Direções acerca da importância e prática do discipulado.*
10. *Confiança e esperança do apóstolo de que as Igrejas representadas nas cartas, bem como seus membros, serão modelo para o seu tempo.*

3.4.1 Esboço de 1Timóteo

A primeira carta a Timóteo apresenta um jovem *pastor* diante de uma comunidade que necessita de orientação, organização e, acima de tudo, da viva tradição do Evangelho de Jesus Cristo. Timóteo é responsável pela comunidade de Éfeso, deixado ali por Paulo e que, agora, recebe instruções do seu pai espiritual em relação a assuntos práticos da vida da Igreja, dos crentes, dos grupos de oficiais e líderes e dos problemas com o falso ensino que ameaçavam a Igreja. O texto pode ser dividido da seguinte forma¹⁴⁴:

SAUDAÇÃO	1.1-2
A SITUAÇÃO EM ÉFESO	1.3-17
A INCUMBÊNCIA DADA A TIMÓTEO	1.18-20
INSTRUÇÕES SOBRE A ADORAÇÃO PÚBLICA	2.1-15
Orações	2.1-8
Conduta das mulheres	2.9-15
QUALIFICAÇÕES DOS OFICIAIS DA IGREJA	3.1-13
Presbíteros	3.1-7
Diáconos	3.8-13
PROPÓSITO DA INCUMBÊNCIA	3.14-16
INSTRUÇÕES SOBRE A APOSTASIA	4.1-16
A apostasia descrita	4.1-5
Métodos de tratar a apostasia	4.6-16
INSTRUÇÕES SOBRE GRUPOS E INDIVÍDUOS NA IGREJA	5.1-6.21
Homens e mulheres, jovens e idosos	5.1-2
Viúvas	5.3-16
Anciãos	5.17-25

¹⁴⁴ Os três quadros a seguir, que apresentam o esboço das três Cartas, foram adaptados da Bíblia Shedd (São Paulo: Barueri, 1997), editada pelo biblista protestante Russell P. Shedd.

Escravos	6.1-2
Falsos mestres	6.3-10
PALAVRAS PESSOAIS A TIMÓTEO	6.11-21
Incumbência do próprio Timóteo	6. 11-16
Palavra aos ricos	6.17-19
Apelo final	6.20-21

3.4.2 Esboço de 2Timóteo

Sendo, cronologicamente, a terceira carta deste grupo a ser escrita, a 2Timóteo apresenta dados da situação pessoal do apóstolo Paulo frente ao momento crítico do seu julgamento final e morte. O apóstolo ainda demonstra extrema preocupação com Timóteo e o desenvolvimento do seu ministério na Igreja de Éfeso, por isso um texto tão comovido e apelativo. Além de retomar o assunto do perigo das falsas doutrinas, Paulo faz recomendações a Timóteo sobre o progresso de sua carreira ministerial e vida pessoal. O texto se apresenta dividido assim:

INTRODUÇÃO	1.1-5
Saudação	1.1-2
Ação de graças	1.3-5
PRIMEIRA INCUMBÊNCIA	1.6-18
Reaviva teu dom	1.6-7
Dispõe-te a sofrer	1.8-10
O exemplo de Paulo	1.11-12
Guarda a verdade	1.13-14
A presente situação de Paulo	1.15-18
SEGUNDA INCUMBÊNCIA	2.1-13
Sê forte	2.1
Transmite a mensagem a homens fiéis	2.2
Metáforas do soldado, do atleta e do agricultor	2.3-7
Jesus Cristo, inspiração de constância	2.8-13
TERCEIRA INCUMBÊNCIA	2.14- 3-17
Evita vãs disputas e controvérsias insensatas	2.14-26
Avisos sobre a apostasia vindoura	3.1-9
Continua na fé	3.10-17
QUARTA INCUMBÊNCIA	4.1-8
Prega a Palavra	4.1-5
Confissão paulina	4.6-8
INSTRUÇÕES E INFORMAÇÕES PESSOAIS	4.9-19
SAUDAÇÕES E BENÇÃO FINAIS	4.20-22

3.4.3 Esboço de Tito

Deixado em Creta, o jovem *pastor* Tito recebe instruções do seu mestre com relação aos procedimentos ministeriais necessários para o desenvolvimento da Igreja ali. Assim como na 1Timóteo, as recomendações giram em torno da formação e orientação das lideranças e do cuidado com os falsos ensinamentos que colocavam em risco a verdade do Evangelho de Cristo. Tito deve estar atento às obrigações da verdadeira fé e conduzir a Igreja pelo mesmo caminho, de modo que todos sejam testemunhas públicas da graça salvadora de Deus em Cristo. O texto dessa breve carta pode ser dividido da seguinte forma:

SAUDAÇÃO	1.1-4
INSTRUÇÕES GERAIS PARA A IGREJA DE Creta	1.5-16
Qualificação para a liderança dos anciãos	1.5-9
Avisos especiais contra os judaizantes	1.10-16
INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS PARA A PREGAÇÃO	2.1-15
Responsabilidades morais dos crentes	2.1-10
Palavra aos mais velhos	2.2-5
Palavra aos jovens	2.6-8
Palavra aos escravos	2.8-10
Relação entre salvação e comportamento ético	2.11-15
INSTRUÇÃO FINAL PARA TODOS OS CRENTES	3.1-15
Responsabilidades civis e sociais dos crentes	3.1-2
Testemunho pessoal sobre o poder de Deus	3.3-7
Conselho final para pregar o Evangelho e não discutir com os legalistas	3.8-11
Petições pessoais de Paulo	3.12-15

3.4.4 Relação entre o conteúdo das três Cartas

Essas relações podem ser melhor explicitadas de duas formas. Na primeira, por meio do quadro a seguir, onde Lawrence Richards¹⁴⁵, comentarista protestante, propõe a seguinte estrutura relacional para as Pastorais, podem ser observados cinco tipos de relações: 1) *Conteúdo comum às três Cartas*; 2) *Conteúdo comum a 1Tm e 2Tm*; 3) *Conteúdo comum a 1Tm e Tr*; 4) *Conteúdo próprio de 1Tm* e 5) *Conteúdo próprio de 2Tm*.

¹⁴⁵ RICHARDS, L. *Comentário bíblico do professor*. São Paulo: Vida, 2004. p. 1119.

CONTEÚDO COMUM DAS EPÍSTOLAS PASTORAIS					
A vida da Igreja 1 Timóteo		O trabalho dos líderes 2 Timóteo		O caminho do corpo Tito	
1.3-7	Objetivo do ministério: amor de coração puro	1.3-12	Chamados para vida santa, para o amor ardente	1.1-4	Preocupação pelo conhecimento da verdade que conduz à santidade
1.8-11	Estilo de vida <i>contrário</i> à <i>sã doutrina</i> descrita no texto	1.13-14	É necessário guardar a <i>sã doutrina</i>		
1.12-17	Paulo, um exemplo de pecador salvo; vida “eterna”	1.15-18	Onesíforo é um exemplo		
1.18-20	Objetivo de Timóteo: ser ministro da fé	2.1-7	Timóteo deve confiar a verdade a homens fieis, que irão ministrá-la a outros		
2.1-7	Orar e viver para levar salvação a outros	2.8-13	A perseverança de Paulo pela salvação dos eleitos		
2.8-10	Exemplos de vida santa	2.14-19	Líderes devem viver vida santa		
2.11-15	Limites especiais colocados no papel da mulher	2.20-21	Limites fixados pela reação de cada indivíduo		
3.1-15	Qualificações dos líderes	2.22-26	Como um líder vive, ensina e corrige	1.5-9	O exemplo do líder
4.1-5	Estilo de vida falso	3.1-9	Falsos líderes	1.10-16	As tarefas do líder
4.6-10	Perigo de afastar-se da santidade				
4.11-16	Necessidade de colocar o exemplo na fé, nas palavras, na vida etc.	3.10-17	Necessidade de permanecer na vida santa e no ensino		
5.1-8	Respeito pelos outros da família: “colocar a religião em prática”	4.1-5	Necessidade de pregar e viver a verdadeira doutrina	2.1-15	A aplicação da vida santa e da doutrina
5.9-16	Papel da viúvas				
5.17-20	Responsabilidade dos anciãos				
5.21-25	Ordens diversas				
6.1-2	Atitudes dos escravos				
6.3-10	Doutrina falsa; motivação equivocada				
6.11-21	Estímulo para buscar santidade, a verdade, o amor etc, e manter a fé em Cristo no cerne de nossas vidas	4.6-18	Paulo, um exemplo de trabalhador e atleta perseverante	3.1-11	Resultados práticos da nossa salvação comum

1. *Conteúdo comum às três Cartas*: a) o amor, boa consciência e a fé não-fingida colaboram para o cuidado da tradição da fé apostólica; b) qualificações e atitudes esperadas da liderança da Igreja; c) definição e características dos falsos mestres; d) o testemunho prático da fé cristã; e) o desenvolvimento da vida espiritual tendo o apóstolo como modelo.
2. *Conteúdo comum a 1Tm e 2Tm*: a) as características da sã doutrina; b) Paulo e Onesíforo como exemplos de persistência na fé; c) tarefas e obrigações encarregadas a Timóteo; d) o perfil do líder que trabalha em prol dos outros; e) desenvolvimento da vida espiritual da liderança; f) limites da atuação de certos líderes; g) perseverança no exercício da santificação.
3. *Conteúdo comum a 1Tm e Tt*: a) o tema da *organização eclesiástica* aparece duas vezes em 1Tm e três vezes em Tt; b) embora o tema *anti-herético* seja comum aos dois textos, ele aparece mais fortemente em 1Tm.
4. *Conteúdo próprio de 1Tm*: a) as conseqüências do abandono da santidade; b) funções e papéis dos crentes das várias classes sociais; c) definição da falsa doutrina.
5. *Conteúdo próprio de 2Tm*: a) ênfase na figura de Paulo como o *modelo de pastor*, quando ele se coloca como exemplo de liderança e cuidado a ser seguido pelos demais líderes; b) O tema *anti-herético* é proeminente desde o cap. 2.14 até o 3.9.

A segunda forma de se analisar as relações entre as Cartas é o quadro a seguir, de Rinaldo Fabris¹⁴⁶. Neste, ficam evidentes cinco categorias básicas na elaboração da estrutura literária e temática das Cartas, destacadas pelas letras A, B, C, D, E.

	1Tm	Tt	2Tm
Moldura epistolar	I. Endereço e saudação inicial (1.1-2)	Endereço e saudação inicial (1.1-4)	Endereço e saudação inicial (1.1-2)
	II. Instruções e normas	Instruções e normas	Instruções e normas
C O R P O	A. Polêmica anti-herética/instruções positivas (1.3.11)	B. Organização eclesiástica: lista de qualidades para os prebiteros-bispos (1.5-9)	Agradecimento/lembração (1.3-5)
	C. Motivação teológica (exemplo de Paulo) (1.12-17)	A. Polêmica anti-herética/instruções positivas (1.10-16)	D. Modelo de pastor (1.6-8)
	D. Modelo de pastor (1.18-20)		C. Motivação teológica (1.9-10)
			E. Exemplo de Paulo (1.11-18)

¹⁴⁶ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 224. Diferentemente do quadro de Lawrence Richards, que segue a ordem canônica, a forma como as Cartas aparecem neste quadro segue a hipótese da reconstrução dos acontecimentos vividos por Paulo. Segundo Rinaldo Fabris, a “tendência predominante é situar 2Tm, de caráter mais pessoal e com acenos explícitos à morte iminente, depois das outras duas (1Tm e Tt), que se associam por motivos temáticos e clima espiritual” (*Op. cit.*, p. 223).

E P I S T O L A R	B. Organização eclesiástica (2.1-3.13): <ul style="list-style-type: none"> • oração litúrgica; • normas para as mulheres; • lista de qualidades para os presbíteros e diáconos. 	B. Organização eclesiástica (2.1-10): <ul style="list-style-type: none"> • instruções para as várias categorias de pessoas, homens e mulheres, anciãos, jovens e escravos. 	D. Modelo de pastor (2.1-7)
	C. Motivação teológica/hino (3.14-16) A. Polêmica anti-herética/instruções (4.1-5) D. Modelo de pastor (4.6-16) B. Organização eclesiástica (5.1-6.2): <ul style="list-style-type: none"> • instruções para as várias categorias; • regras para as viúvas; • regras para os presbíteros; • instruções para os escravos. 	C. Motivação teológica/catequese (2.11-15) B. Organização eclesiástica/instrução (3.1-2) C. Motivação teológica/catequese batismal (3.3-7) D. Modelo de pastor (3.8-11): <ul style="list-style-type: none"> • organiz./instr. • polêmica anti-her. • Instr. past. 	C. Motivação teológica (2.8-13) A. Polêmica anti-herética (2.14-3.9): <ul style="list-style-type: none"> • polêmica; • motivação teol.; • instruções past.; • modelo de pastor; • polêmica anti-her.
Moldura epistolar	Saudação final (6.20-21)	Instruções finais e saudações (3.12-15)	Últimas instruções e saudações (4.9-22)

O esquema elaborado (A, B, C, D, E) permite apontar os elementos mais importantes, citados mais vezes, e os secundários, citados menos vezes, no texto das Cartas:

1. *Polêmica anti-herética* (A): aparece em 1Tm (três vezes), em Tt (uma vez) e em 2Tm (uma vez, porém com amplitude).
2. *Organização eclesiástica* (B): desenvolvida em 1Tm (duas vezes) e em Tt (três vezes). Em 2Tm, apesar de estar aparentemente ausente, esta temática está atrelada mais às funções práticas da função pastoral.
3. *Motivação teológica* (C): tema consideravelmente trabalhado em todas as Cartas (duas vezes em cada uma), ganha uma importância em Tt, para o doutrinamento catequético dos membros da comunidade e conseqüente organização eclesiástica.
4. *Modelo de pastor* (D): tema consideravelmente presente em 1Tm (três vezes) e discretamente em Tt (uma vez), é a estrutura fundamental de 2Tm (três vezes extensamente).

5. *Exemplo de Paulo* (E): embora aparentemente sem destaque em 1Tm (apenas em 1.11-14) e Tt, é em 2Tm que a figura do apóstolo ganha destaque como “protótipo dos pastores e dos fiéis”¹⁴⁷ para Timóteo, Tito e qualquer outra pessoa.

De forma sintética, os três temas que se destacam, nos dois quadros acima, são: 1) *modelo de pastor*, onde as recomendações são dadas aos jovens Timóteo e Tito sobre como devem se comportar como pastores e como devem ensinar os líderes a serem pastores também; 2) a forte motivação na formação teológica de todos os membros da comunidade, mas, principalmente, daqueles que serão líderes; e 3) o *exemplo de Paulo* como modelo que deve ser seguido. Juntos, estes dois temas apontam para o perfil do apóstolo Paulo como *pastor, modelo do ofício pastoral e da comunidade*. Logo, assim como Paulo, os homens e mulheres que desejarem desenvolver funções ministeriais devem, antes de tudo, ser autênticos na imitação de Paulo, que é imitador de Cristo Jesus. Assim seguramente, a Igreja toda estará fortalecida na verdade do Evangelho.

3.5 O ambiente teológico: os falsos mestres

Nas três Cartas o autor manifesta uma imensa inquietude com relação aos hereges, que segundo ele, seguem mercadejando um tipo de fé ou doutrina oposta ao Evangelho verdadeiro (1Tm 6.3; Tt 1.11,16) e, por isso, na verdade, semeiam contendas e dissensões (1Tm 1.3-4; 2Tm 2.14,17), além de levarem uma vida de moral questionável. O autor volta constantemente ao tema, exigindo de Timóteo e Tito uma postura urgente de combate aos divergentes do Evangelho com todos os meios possíveis à disposição.

Mas, que *outra doutrina* (1Tm 1.3c) é essa que destrói, que “corrói como câncer” (2Tm 2.17a), que impede o verdadeiro conhecimento da fé, que já causou o desvio espiritual de homens como Himeneu e Fileto (1Tm 1.19-20; 2Tm 2.17b) e que, de alguma forma, toma conta das comunidades de Éfeso e Creta¹⁴⁸? E, quem é esse grupo que, mesmo não nomeado, segue pervertendo casas e igrejas, ameaçando a própria existência do grupo cristão?¹⁴⁹

¹⁴⁷ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 225.

¹⁴⁸ John N. D. Kelly assume uma posição em que, independentemente da teoria autoral que se adote, “é razoável supor que um tipo concreto de ensino, ou, de qualquer modo, de atitude diante do Cristianismo, esteja em mira, e ainda se [...] assumiu formas diferentes em Éfeso e Creta, seu padrão geral parece ter sido o mesmo nos dois centros”. Cf. KELLY, J. N. D. *Op. cit.*, p. 18.

¹⁴⁹ Alguns comentaristas preferem defender que é impossível encontrar nas Pastorais dados ou elementos suficientes que indiquem a natureza daquilo que, de fato, está sendo combatido nos textos de Timóteo e Tito. No

Tudo leva a crer que a característica mais óbvia dessa *doutrina* (heresia) é seu agrupamento de elementos ou ingredientes judaicos e gnósticos. Por um lado, os impenitentes demonstram intimidade com o judaísmo; em Éfeso, eles assumem para si o título de “mestres da Lei” (1Tm 1.7), mesmo que, conforme o escritor, eles não saibam lidar com o uso dela. Em Creta, eles são identificados como “os da circuncisão” (Tt 1.10); dedicam-se a disputas “insensatas” acerca da Lei (Tt 3.9), e estão sempre ocupados com “fábulas e genealogias” (1Tm 1.4; 2Tm 4.4; Tt 1.14; 3.9), até mesmo tentando alcançar algum tipo de lucro (1Tm 6.5; Tt 1.11).

Por outro lado, os dissidentes não se identificavam com o mesmo tipo de *judaizantes* que Paulo enfrentou durante o seu ministério, mas com alguma forma de pensamento gnóstico. Esse grupo demonstra certo *ascetismo*, envolvendo, por exemplo, a renúncia do casamento e a abstinência a certos tipos de alimentos (1Tm 4.3). O grupo é definido como seguidores de “espíritos enganadores” e influenciados por “ensinos de demônios” (1Tm 4.1) e utilitários de elementos da magia, visto que Paulo os compara a Janes e Jambres, nomes dos mágicos que se opuseram a Moisés na corte de Faraó (2Tm 3.8; cf. Êx 7.11,22). John N. D. Kelly, comentarista neotestamentário protestante, assume essa hipótese quando afirma que:

Paulo se via confrontando com os assim-chamados cristãos que combinavam idéias gnósticas acerca dos dominadores do mundo com a aderência rigorosa à lei mosaica. É o Cristianismo sincretista dos hereges, no entanto, com sua *gnosis*, seus regulamentos ascéticos, e o legalismo judaico. Talvez seja melhor definida como sendo uma forma gnosticizante do Cristianismo judaico¹⁵⁰.

No entanto, ao se falar de *gnosticismo*, nesse momento não se faz alusão aos elaborados sistemas gnósticos do século II. Talvez, o que se tem por enquanto, seja um tipo mais elementar, uma forma mais primitiva daquilo que se tornaria um sistema organizado e bem elaborado século mais adiante. O que se vê é um tipo de movimento de tendência marcadamente judaica, seus defensores ainda estavam dentro da Igreja, ou seja, não eram

entanto, seguem na tentativa, por meio de uma exegese extensa, de tentar reconhecer algum elemento central que defina o grupo ou grupos dissidentes.

¹⁵⁰ KELLY, J. N. D. *Op. cit.*, p. 20. Joachim Gnllka reforça essa idéia ao afirmar que “se insiste tanto en la conservación y defensa porque tal vez amenazaban ya a las comunidades falsos doctores – influidos quizás por la gnosis – que hacían que el evangelio se tambaleara hasta sus cimientos”. Cf. GNILKA, J. *Pablo de Tarso: apóstol e testigo*. Espanha: Herder, 2002. p. 309. O biblista E. E. Ellis ainda comenta que “they originated as a ‘judaizing’ segment of the ritually strict Hebraioi, that is, ‘the circumcision party’ of the Jerusalem church, which combined a demand for Gentile adherence to the Mosaic regulations and an ascetic ritualism with a zeal for visions of angels and, at least in the Diaspora, with gnosticizing tendencies to promote an experience of (a distorted) divine wisdom and knowledge, and to depreciate matter and physical resurrection and redemption”. ELLIS, E. E. Pastoral letters. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 662.

“necessariamente pessoas de fora, mas lideranças ativas da comunidade”¹⁵¹ e que, de alguma forma, estavam sendo influenciados por algum outro tipo de pensamento contrário aos elementos centrais da fé cristã e a aos ensinamentos de Paulo. Essa hipótese é defendida por Rinaldo Fabris, quando afirma:

Trata-se de um fenômeno de dissidência mais ou menos intra-ecclesial, que agrega elementos de marca judaica com tendência pré-gnóstica. [...] O convite a se evitar as pesquisas inúteis, vazias, e as objeções da pseudognose (1Tm 6,20) faz pensar numa certa moda gnosticizante, que dá a esses pregadores um certo fascínio. [...] Pode-se dizer que ela tem todas as características de um sincretismo judeu-gnosticizante, que poderia perfeitamente localizar-se nas regiões da Ásia Menor¹⁵².

De qualquer maneira, o grupo não é tão grande que não seja capaz de fazê-lo calar. No texto de 1Tm 1.3 o autor afirma que não são muitos. Pelo contrário, a expressão utilizada é *τισίν*, geralmente traduzida por “alguns” ou “certas pessoas” ou “alguns indivíduos”. Isso pode levar o leitor à seguinte justificativa: Paulo se refere a homens que estão cometendo alguma forma de desvio e são conhecidos por Timóteo, não sendo, pois, necessário nomeá-los. Por causa do seu zelo para com o testemunho da igreja perante os de fora, o apóstolo, então, deixa de citar os personagens envolvidos, mesmo que dois deles sejam abertamente expostos (Himeneu e Alexandre), por supostamente ocuparem a liderança de um determinado grupo dissidente e, por isso, haver a necessidade de nomeá-los como exemplos de um caso mais grave.

3.6 Os personagens

As palavras de Joachim Gnilka, teólogo especialista em teologia paulina, logo de início, revelam a importância de Timóteo e Tito no ministério do apóstolo: “Paulo é um organizador da Igreja. Ele organiza províncias eclesiais ou faz com que seus dois discípulos, Timóteo e Tito, cuidem disso”¹⁵³. Como sua missão expandiu, Paulo dependeu do seu grupo de cooperadores para promover a evangelização, a expansão da igreja e a educação nos elementos centrais de seus ensinamentos¹⁵⁴. Assim, as três Cartas são comunicações

¹⁵¹ STRÖHER, M. J. *Op. cit.*, p. 83.

¹⁵² FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 222s.

¹⁵³ “Pablo es organizador de la Iglesia. Organiza provincias eclesiales o hace que sus dos discípulos, Timoteo e Tito, cuiden esa obra”. GNILKA, J. *Op. cit.*, p. 309. (Tradução livre).

¹⁵⁴ Cf. ELLIS, E. E. Paul and his coworkers. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 188.

desafiadoras de um líder aos seus discípulos de maior confiança, dentro desse grupo de pessoas que estava à sua volta¹⁵⁵.

Timóteo e Tito são, sem dúvida, os grandes companheiros de Paulo na tarefa de evangelização e propagação da nova fé cristã. São os representantes formais do apóstolo diante das comunidades, “são eles que transmitem a tradição apostólica, os guardiães e administradores da doutrina recebida”¹⁵⁶. Juntos, eles levaram a mensagem do Cristo crucificado e ressuscitado a toda a região da Ásia Menor, Macedônia, Acaia e Europa, sem esquecer do papel fundamental de Tito, durante o “Concílio” de Jerusalém, nas questões relacionadas à circuncisão dos gentios convertidos, como será visto adiante.

Timóteo é um dos mais conhecidos personagens do Novo Testamento. Seu nome, de origem gentia e muito comum, significa “honrar ou adorar a *deus*”. Esse nome foi, com frequência, no primeiro século, re-significado e utilizado pelos judeus e cristãos referindo-se a Javé ou Deus¹⁵⁷. Filho de pai grego e de mãe judia convertida, Timóteo, que sempre foi ensinado nas Sagradas Escrituras por sua mãe e sua avó (Cf. 2Tm 3.15), provavelmente, converteu-se ao Cristianismo quando Paulo esteve com Barnabé pela primeira vez na região da Licaônia, durante a Primeira Viagem Missionária (1ª VgM) (Cf. At 13.1-14.28), na passagem por Listra. Por obter bom testemunho do jovem (Cf. At 16.2), Paulo quis que Timóteo se juntasse a ele e Silas durante a Segunda Viagem Missionária (2ª VgM), por volta de 50-52 d.C. Mas, antes, por questões relativas aos preceitos judaicos, Timóteo foi circuncidado (“Quis Paulo que ele fosse em sua companhia e, por isso, circuncidou-o por causa dos judeus daqueles lugares; pois todos sabiam que seu pai era grego” – At 16.1-3).

Paulo, então, o incluiu no grupo missionário que muito em breve haveria de levar à Europa o primeiro anúncio do Evangelho. Desde o primeiro momento se estabeleceu entre eles um relacionamento, nunca quebrado, de confiança e amizade. Desse relacionamento são testemunho fidedigno as repetidas menções a Timóteo no Livro dos Atos (Cf. At 17.14-15; 18.5; 19.22; 20.4), as que o próprio Paulo faz dele em oito das suas cartas (Cf. Rm 16.21; 1Co 4.17; 16.10; 2Co 1.1; Fp 2.19; Cl 1.1; 1Ts 1.1; 3.2, 6; 2Ts 1.1; Fm 1) e o fato de que, além

¹⁵⁵ “The coworkers of Paul include a number who are mentioned in Acts (Trophimus) and his earlier letters” Apollos, Demas, Erastus, Luke, Mark, Priscila and Aquila, Timothy, Titus, Tychicus. Others appear only in Titus (Artemas, Zenas) or in 2 Timothy (Claudia, Crescens, Eubulus, Linus, Onesiphorus, Pudens, ? Carpus), here they are workers in the church at Rome or participants in Paul’s continuing mission outreach”. ELLIS, E. E. Pastoral letters. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 662.

¹⁵⁶ CONTI, C. *Op. cit.*, p. 40.

¹⁵⁷ HENDRIKSEN, W. *1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 47.

disso, lhe dirigira duas cartas nas quais o chama de “verdadeiro filho na fé” (1Tm 1.2) e “amado filho” (2Tm 1.2; 2.1).

Mesmo que haja um vácuo no relato histórico sobre o acompanhamento de Timóteo nas viagens de Paulo, ele é o companheiro com mais frequência citado ao lado do apóstolo. A leal companhia e fiel colaboração de Timóteo foram uma ajuda constante e essencial no trabalho missionário do apóstolo Paulo.

Mais tarde, passados alguns anos, o jovem discípulo receberia o encargo de zelar pela *boa doutrina* na Ásia Menor, especificamente na cidade de Éfeso, e de impedir possíveis desvios em direção a outros ensinamentos, falsos e destrutivos (1Tm 1.3-4; 4.6, 9, 13, 16; 6.3-5), que haviam começado a penetrar em comunidades cristãs de formação recente (1Tm 1.3-11). A alusão aos “mestres da Lei”, assim como a ênfase colocada nos valores autênticos da Lei de Moisés (1Tm 1.6-10) denunciam a atividade que os judaizantes estavam desenvolvendo nas Igrejas daquela região.

Algumas características marcam a pessoa de Timóteo: 1) sua pouca idade, talvez por volta dos trinta e poucos anos¹⁵⁸. Paulo recomenda “ninguém despreze a tua mocidade” (1Tm 4.12) e “foge, outrossim, das paixões da mocidade” (2Tm 2.22), visto que diante de certo regime cultural grego, romano ou mesmo judeu, ele era novo para assumir a liderança na igreja; 2) tinha uma estrutura física fraca e era propenso à doença e o apóstolo, na primeira carta, recomenda que ele fizesse uso de um pouco de vinho por causa de problemas estomacais (Cf. 1Tm 5.23); 3) tinha um temperamento tímido, um “introvertido” para os dias atuais. Essa disposição tímida fez com que Paulo, por várias vezes, pedisse que ele tivesse coragem (Cf. 2Tm 1.7-8; 2.1-3; 3.12; 4.5). Ele pede até mesmo para que outras pessoas agissem assim para com Timóteo, por exemplo, “e, se Timóteo for, vede que esteja sem receio entre vós, porque trabalha na obra do Senhor, como também eu; ninguém, pois, o despreze” (1Co 16.10s). No entanto, mesmo com características que fossem contra um perfil de liderança, Paulo confiara em Timóteo, o jovem fraco e tímido, para o desenvolvimento de uma carreira ministerial desafiadora à frente de uma comunidade importante e conflituosa, a de Éfeso. Como afirma Joachim Gnllka, assim “como Cristo estabeleceu Paulo em seu ministério, da mesma forma este estabeleceu Timóteo em seu ministério mediante a

¹⁵⁸ Cf. STOTT, J. *A mensagem de 2 Timóteo*. São Paulo: ABU, 2001. p. 8.

imposição das mãos. Com isso se transmitiu ao discípulo o dom do ministério”¹⁵⁹ (Cf. 2Tim 1.6).

Tito, por sua vez, pagão de nascença (Gl 2.3), se converteu por meio da pregação de Paulo em Antioquia da Síria. Tudo o quanto se sabe sobre o seu caráter, sua personalidade e seu ministério em Creta é mencionado em três das suas epístolas (2Co 2.13; 7.6-7, 13-14; 8.6, 16, 23; 12.18; Gl 2.1, 3 e 2Tm 4.10). Na carta enviada a esse seu amigo e colaborador, Paulo o trata, assim como Timóteo, como “verdadeiro filho, segundo a fé comum” (Tt 1.4).

O Livro dos Atos, no entanto, não contém nenhuma referência a Tito¹⁶⁰, apesar de ter sido companheiro de Paulo na sua viagem a Jerusalém, quando ocorreu o “Concílio” (observar a relação textual entre At 15 e Gl 2). Seguramente a sua presença ali representou um papel relevante em apoio às razões de Pedro, Paulo, Tiago e outros, frente àqueles que pretendiam que os gentios, para chegarem a ser cristãos, se submetessem à Lei mosaica (Cf. At 15.1,5; Gl 2.3). Certamente, e este episódio atesta isso, Tito já deveria ser, naquela ocasião, uma figura proeminente do Cristianismo gentílico.

Passado um tempo, o apóstolo confiou a Tito missões tão delicadas como pôr ordem na igreja de Corinto (2Co 2.13; 7.6-7, 13-14; 8.6, 16, 23; 12.18) e organizar a vida da comunidade cristã da ilha de Creta (Tt 1.5). Também visitou a Dalmácia, ao norte do litoral Adriático (2Tm 4.10), visita sobre a qual não há informação. Paulo, que pensava passar o inverno em Nicópolis, rogou-lhe que fosse para lá, a fim de estar com ele (Tt 3.12). Embora pareça que Timóteo sempre estivesse mais próximo a Paulo, Tito deve ter tido um caráter mais forte, e seu serviço ao apóstolo deve ter começado antes e ter abrangido um período mais longo que o do jovem Timóteo¹⁶¹.

Em resumo, mesmo que tenham em comum a fidelidade e lealdade ao apóstolo Paulo e ao Evangelho, Timóteo e Tito têm diferenças em alguns aspectos que Walter Hendriksen, teólogo reformado, destaca da seguinte maneira logo abaixo. Contudo, o zelo e a paixão para com a tarefa evangelizadora e pastoral fazem deles, mais Paulo, ícones paradigmáticos para o ministério pastoral hodierno.

¹⁵⁹ “Como Cristo estableció en su ministerio a Pablo, así este estableció a Timoteo en su ministerio mediante la imposición de manos. Com ella se transfirió al discípulo el carisma del ministerio (2Tim 1.6)”. GNILKA, J. *Op. cit.*, p. 309. (Tradução livre).

¹⁶⁰ Cf. VIELHAUER, P. *Op. cit.*, p. 250.

¹⁶¹ Cf. KELLY, J. N. D. *Op. cit.*, p. 10.

Tito é mais líder. Timóteo é um seguidor. Tito é o tipo de homem que pode não só receber ordens, mas também pode proceder segundo seu próprio critério (2Co 8.16, 17). Timóteo necessita um pouco de estímulo (2Tm 1.6), embora aqui a ênfase esteja posta em “um pouco” e não no “estímulo”. Tito é um homem de recursos próprios, um homem com iniciativa numa boa causa. Alguém em quem se vê um pouco da agressividade de Paulo. Timóteo é cooperador, um homem que revela esse espírito mesmo quando tal cooperação exige que se façam coisas que vão contra sua natural timidez¹⁶².

3.7 O desenvolvimento do ministério

Diferentemente das demais epístolas paulinas, as Pastorais tratam diretamente dos assuntos relacionados à liderança (organizada hierarquicamente) da Igreja: bispos, presbíteros, diáconos e outros. Apresentam-se “cargos e funções eclesiais mais definidas, especialmente bispos, presbíteros, diáconos e viúvas, e nelas constam conceitos e referência a uma estruturação de ofícios eclesiais, que nas cartas de Paulo não estavam presentes”¹⁶³.

Exatamente pelo fato de as Pastorais apresentarem esse sistema tão organizado em termos de administração eclesial, que substitui os princípios comunitários livres, o elemento carismático e dinâmico das igrejas de Atos ou paulinas pelo período de organização eclesial, institucionalizado e ministerial é que muitos comentaristas sugerem uma datação posterior para elas. Outros¹⁶⁴, por sua vez, argumentam que o fato de Paulo não ter se preocupado em deixar, de maneira clara e objetiva, alguma informação sobre o governo da Igreja nas outras cartas (autênticas), não signifique diretamente que ele não lidava com comunidades e lideranças organizadas.

No entanto, pelo contrário, há menções freqüentes de oficiais que desenvolviam ações práticas e funcionais nas igrejas do primeiro século e, especificamente, as paulinas. Por exemplo, ele pede aos crentes de Tessalônica “que acateis com apreço os que trabalham entre vós e os que **vos presidem** no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam” (1Ts 5.12-13). Quando escreve à Igreja de Filipos ele saúda “a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive **bispos e diáconos**” (Fp 1.1). Aos Coríntios ele pede para que todos reconheçam os dons e ministérios distribuídos por Deus para o desenvolvimento da Igreja, inclusive os responsáveis pelos “socorros, **governos**” (1Co 12.28). E o próprio livro dos Atos narra acerca de um tipo de liderança como

¹⁶² HENDRIKSEN, W. *Op. cit.*, p. 51.

¹⁶³ STRÖHER, M. J. *Op. cit.*, p. 84. Conferir, ainda: FITZMYER, J. A. *The structured ministry of the church in the Pastoral Epistles*. In: *The Catholic Biblical Quarterly*. New York, 2004. vol. 66, n.4, oct. p. 582-596.

¹⁶⁴ Cf. KELLY, J. N. D. *Op. cit.*, p. 20; FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 281.

esse sendo estabelecido na igreja de Jerusalém para “servir às mesas” e dar conta das demais atividades práticas da comunidade (At 6.1-7).

Nas Pastorais, diante dos problemas em questão, a importância de uma liderança sólida, organizada e experimentada na fé vem à tona e ganha importância. Timóteo e Tito são responsáveis por organizar a Igreja, disciplinar os transgressores e promover o Evangelho. Para isso, devem cuidar para que um certo grupo de líderes seja organizado, treinado e preparado para que a ordem e a tradição do Evangelho sejam mantidas. É o que observa Margareth Macdonald na análise que faz do problema enfrentado pelo autor das Pastorais com relação à ortodoxia e combate à heresia:

Parece que o conflito com a falsa doutrina, nas Cartas pastorais, impulsionou um novo nível de institucionalização, que pode ser descrito como institucionalização protetora da comunidade. Estabeleceram-se limites mais definidos para proteger o universo simbólico de toda instrução indesejada. Por causa da postura que o autor das Cartas pastorais adotou contra os falsos mestres, parece que estava em jogo a própria existência do grupo. [...] Os membros da comunidade das Cartas Pastorais tiveram de decidir que doutrina era ortodoxa e qual era herética¹⁶⁵.

O vocabulário das Pastorais é rico em palavras que sugerem, em maior ou menor grau, a organização ministerial da igreja. Três grupos semânticos são reunidos: 1) διακονία (diaconía), διάκονος (diákonos) e διακονέω (diaconeô); 2) πρεσβύτερος (presbíteros), πρεσβύτες ou πρεσβύτες (presbítes ou presbítis) e πρεσβυτέριον (presbitérion); 3) ἐπίσκοπος (epískopos) e ἐπισκοπή (episcopê).

1º Grupo Semântico – apresenta um vocabulário que sugere atividades de desempenho ministerial, ligados diretamente ao “serviço, servir, servo”. Seu uso geral no Novo Testamento dá idéia de *quem serve à mesa, a um senhor ou a uma causa* e tem sua origem na atuação de Jesus e de seus discípulos¹⁶⁶.

¹⁶⁵ “Parece que el conflicto con la falsa doctrina, em las Cartas pastorales, impulso um nuevo nivel de institucionalización, que se puede describir como institucionalización protectora de la comunidad. Se establecieron limites más definidos para proteger el universo simbólico de toda intrusión ideseada. Por la postura que autor de las Cartas pastorales adoptó contra los falsos maestros, parece que estaba en juego la misma existencia del grupo. [...] Los miembros de la comunidad de las Cartas pastorales tuvieron que deicidir qué doctrina era ortodoxa y cuál era herética”. MACDONALD, M. Y. *Op. cit.*, p. 321. (Tradução livre).

¹⁶⁶ “Paulo usa o termo *diakonos* numa variedade de contextos, mais bem traduzido pela palavra genérica portuguesa ‘ministro’. O governante civil é ‘ministro’ de Deus (Rm 1,4). Paulo é ‘ministro do novo pacto’ (2Cor 3,6), ‘do Evangelho’ (Cl 1,23) e ‘da Igreja’ (1,25). Ele compartilha o título com Febe (Rm 16,1), Apolo (1Cor 3,5), Epafras (Cl 1,7), Tíquico (4,7) e Timóteo (1Ts 3,2)”. BRANICK, V. *A igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 89.

O substantivo *διάκονος* (diákonos) sugere a idéia de uma função local específica, padronizada e regulamentada, empregada principalmente “para a ajuda pessoal aos outros”¹⁶⁷. Aparece três vezes em 1Tm (3.8: “quanto a **diákonos**, é necessário que sejam respeitáveis”; 3.12: “O **diácono** seja marido de uma só mulher e governe bem seus filhos e a própria casa”; 4.6: “serás bom **ministro** de Cristo Jesus”).

Existe, ainda, uma possibilidade para o desenvolvimento de um ofício diaconal feminino onde, em meio ao trecho de 1Tm 3.8-14, especificamente no verso 11, Paulo se refere às mulheres dos diákonos da mesma forma como se dirige a eles, exigindo um comportamento atestatório do caráter cristão. Isso não é novidade, pois, o apóstolo Paulo já descreve Febe, membra da Igreja de Corinto, como diaconisa (“Febe, que está **servindo** à igreja de Cencréia”). Mesmo assim, com a restrição de 1Tm 2.11-12 (“As mulheres devem aprender em silêncio e com toda a humildade. **Não permito** que as mulheres **ensinem** ou tenham **autoridade** sobre os homens; elas devem ficar em silêncio”), parece claro que suas funções devem se limitar ao “âmbito caritativo e assistencial”¹⁶⁸ ou nas suas casas, no cuidado dos filhos e do marido, ou, ainda, das mulheres mais jovens, como testemunho das “boas obras” (1Tm 2.10).

O substantivo *διακονία* (diaconía), por sua vez, aparece uma vez em 1Tm (1.12: “Cristo Jesus, nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o **ministério**”) e duas em 2Tm (4.5: “faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu **ministério**”; 4.11: “Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil para o **ministério**”), e denota a atividade ministerial-eclesiástica e a assistência missionária¹⁶⁹.

Esse, também, é o uso do verbo *διακονέω* (diaconeô) e suas variantes aparecem em 1Tm (3.10: “**exercem o diaconato**”; 3.13: “que **desempenharem bem o diaconato**”) e 2Tm (1.18: “quantos **serviços** me **prestou** ele em Éfeso”)¹⁷⁰; seu “significado é ampliado para

¹⁶⁷ Cf. HESS, K. *Διακονέω*. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Op. cit.*, p. 2341-2346.

¹⁶⁸ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 289.

¹⁶⁹ Cf. BEYER, H. W. *Διακονία*. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (org.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999. vol. II (Δ-H). p. 88.

¹⁷⁰ “Nas outras cartas da tradição paulina, o verbo *diakonein* aparece, ao todo, cinco vezes: quatro com o significado de ‘servir-ajudar’ a quem necessita, e uma vez com o significado de ‘colaborar’; o substantivo *diakonia* encontra-se 20 vezes, assim distribuído: cerca de 10 vezes para indicar o serviço apostólico de Paulo ou dos seus colaboradores (duas vezes); nos outros casos é usado para definir a assistência ou socorro aos necessitados, sobretudo nos dois capítulos dedicados à coleta em 2Cor (8-9); *diakonos*, que também aparece umas 20 vezes, é usado 10 vezes para designar o papel de Paulo ou de outros missionários; duas vezes é usado no singular para definir a função dos seus colaboradores, entre os quais Febe, *diakonos* de Cencréia (Rm 16,1) e Timóteo (1Ts 3,2); *diakonoi*, no plural, associado a *episkopoi*, encontra-se em Fl 1,1”. FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 282.

várias ações de ajuda ao próximo, como dar de comer e beber, exercer hospitalidade, ajuda às pessoas necessitadas”¹⁷¹.

2º Grupo Semântico – reúne indicações de uma função eclesial revestida de maturidade, estabilidade e dignidade, responsável pela orientação, pregação, educação e ensinamento, digna até de receber um pagamento pelo seu trabalho pastoral. De acordo com Lothar Coenen, é o “título de honra dos membros de um corpo que cuida dos membros e da vida da igreja”¹⁷².

O substantivo *πρεσβύτερος* (presbíteros) aparece em 1Tm (5.1: “Não repreendas ao **homem idoso**”; 5.17: “merecedores de dobrados honorários os **presbíteros** que presidem bem”; 5.19: “Não aceites denúncia contra **presbítero**”) e em Tt (1.5: “em cada cidade, constituíesses **presbíteros**”). Em três ocasiões variantes desse substantivo (*πρεσβύτες* [*masc.*] ou *πρεσβύτις* [*fem.*], da raiz *πρέσβυς*, lit. “velho”) são usadas para referir-se ao grupo formado por pessoas de mais idade da comunidade, em 1Tm (5.2: “às **mulheres idosas**”); e em Tt (2.2: “Quanto aos **homens idosos**”; 2.3: “Quanto às **mulheres idosas**”), merecedores de respeito e responsáveis pela educação dos mais novos. Importante notar, novamente, a menção à função das mulheres mais velhas no ensino e formação das mais novas¹⁷³.

Há, também, menção a um colégio presbiteral (*πρεσβυτέριον*) em 1Tm (4.14: “com a imposição das mãos do **presbitério**”), provavelmente, ou “uma adaptação do modelo judeu, presente tanto na função administrativa da cidade quanto na sinagoga, portanto de sua atuação na esfera pública”¹⁷⁴, ou uma resignificação das qualidades e funções específicas públicas do ambiente não-cristão ou pagão da época¹⁷⁵.

Os presbíteros deveriam desempenhar, no geral, duas importantes funções. Em primeiro lugar, aparentemente como um grupo, deveriam prover orientação a toda a comunidade. A relação entre um presbítero e uma Igreja doméstica é obscura, mas os presbíteros dirigiam toda a comunidade e, portanto, talvez um grupo de Igrejas

¹⁷¹ STRÖHER, M. J. *Op. cit.*, p. 86.

¹⁷² Cf. COENEN, L. *Πρεσβύτερος*. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.) *Op. cit.*, p. 223-231.

¹⁷³ STRÖHER, M. J. *Op. cit.*, p. 89. Especificamente no texto de Tito 2. 2-5, o uso do verbo *σωφρονίζω* indica que os mais velhos e as mais velhas são responsáveis por ensinar os mais novos a agirem com sabedoria, de modo sóbrio, sensato, moderado, modesto e prudente, como sinal do bom testemunho cristão público.

¹⁷⁴ Idem, p. 88. Esta idéia também é suposta por Günther Bornkamm na análise que faz do vocábulo *πρεσβύτερος* no *Theological Dictionary of the New Testament* (KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (org.), volume VI [Πε-Ρ], p. 664-668).

¹⁷⁵ Cf. FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 285s.

domésticas. Em segundo lugar, deveriam exercer cuidado espiritual ou pastoral pelos cristãos em particular, em matéria de fé e de conduta moral¹⁷⁶.

3º Grupo Semântico – em relação aos termos ἐπίσκοπος (epískopos) e ἐπισκοπή (episcopê), existe um uso bastante limitado e diferenciado do seu sentido antigo, como por exemplo no texto da LXX¹⁷⁷. Seu uso no ambiente grego incluía o sentido de *supervisor* ou *assistente* de uma tarefa ou ordem, ou *protetor* ou *patrono* de um grupo de pessoas, geralmente atividades temporais e ocasionais¹⁷⁸.

Nas Pastorais, respectivamente, os termos são usados da mesma maneira pelo apóstolo Paulo e aparecem duas vezes em 1Tm (3.2: “portanto, que **o bispo** seja irrepreensível”) e Tt (1.7: “Porque é indispensável que **o bispo** seja irrepreensível”), e uma vez em 1Tm (3.1: “se alguém aspira ao **episcopado**, excelente obra almeja”). Esses podem ser termos que indiquem uma variação do título oficial de *presbítero* num grupo ou igreja local ou, como afirma Lothar Coenen, “há evidência de que suas funções coincidissem, e que os dois títulos possam ter sido termos diferentes para aquele que era essencialmente o mesmo ofício”¹⁷⁹; tanto que o comportamento exigido dos *bispos* em 1Tm 3.1-7 também é exigido dos *presbíteros* em Tt 1.5-9.

Desse modo, os textos levam a concluir que o bispado seria um cargo individual, ocupado pelo responsável local da comunidade, designado por Paulo e/ou cumpridor de suas recomendações, seguindo o “modelo profético do apóstolo que anuncia, exorta e consola, oferecendo, com seu testemunho de vida, um exemplo concreto de fidelidade e práxis cristãs”¹⁸⁰.

¹⁷⁶ BROWN, R. *Op. cit.*, p. 844. De acordo com Antônio José de Almeida, teólogo católico, “1) os presbíteros-episcopos são os mestres oficiais da comunidade, sustentando e defendendo a doutrina que receberam dos ‘apóstolos’ e de seus colaboradores, por um lado, e rejeitando qualquer ensinamento novo ou diferente, por outro; 2) os presbíteros-episcopos devem se comportar como os pais de família que cuidam de um lar e administram uma casa, dando bom exemplo, mantendo a estabilidade e a unidade, exigindo a disciplina administrando seus bens; 3) os requisitos exigidos de um presbítero-episcopo são virtudes institucionais”. ALMEIDA, A. J. de. *O ministério dos presbíteros-episcopos na Igreja do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2001. p. 131.

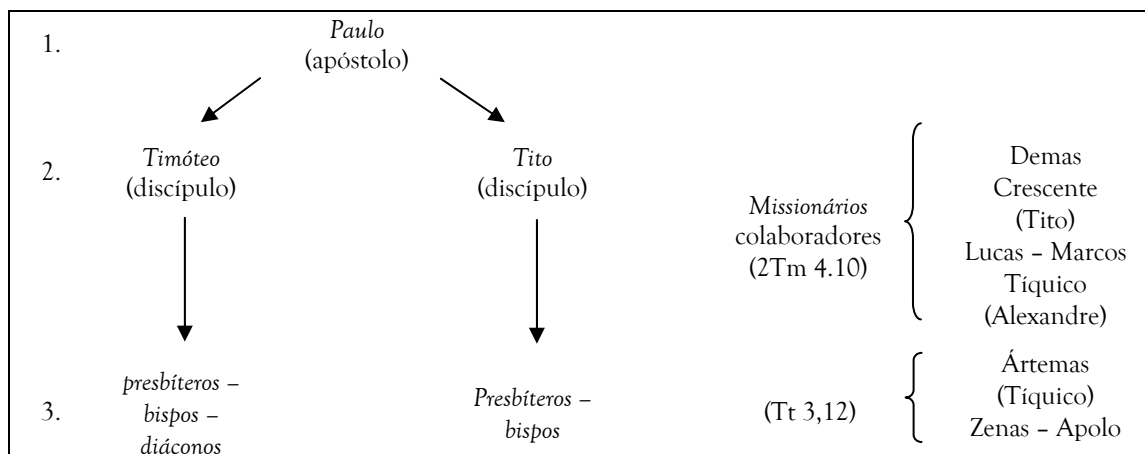
¹⁷⁷ Na LXX, ἐπισκοπή (episkopé) representa o número daqueles que tinham sido arrolados como resultado do censo (Nm 1.21, 23, 25); a nomeação a um dever ou função de serviço (1Cr 24.3); e a visitação de Deus em julgamento, ou no decurso da história ou no Dia de Javé, no seu terminar de toda a atividade humana (Jr 11.23; 23.12; Jó 7.18). Cf. BEYER, H. W. Ἐπισκοπή e Ἐπίσκοπος. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (org.). *Op. cit.*, p. 606-620.

¹⁷⁸ Cf. BRANICK, V. *Op. cit.*, p. 90s.

¹⁷⁹ Cf. COENEN, L. Ἐπίσκοπος. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.) *Op. cit.*, p. 220-223.

¹⁸⁰ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 288.

A partir do estudo desse vocabulário, pode-se traçar, então, um esquema da estrutura organizacional, bem como perspectiva de ação e função dos vários líderes e responsáveis pelo desenvolvimento das comunidades descritas nas Pastorais. Para isso, Rinaldo Fabris propõe uma imagem¹⁸¹ que descreve de maneira objetiva a organização da liderança nas Igrejas de Éfeso e Creta:



Paulo é o líder maior, o principal, o apóstolo “encarregado de proclamar, propor e ensinar de modo autorizado o evangelho, para todos os homens (1Tm 2,7; 2Tm 1,11; Tt 1,3)”¹⁸². Ele é o responsável pela transmissão (παρατίθεμι – paratíthemi) (Cf. 1Tm 1.18; 2Tm 2.2), ou “depósito” (παραθήκην – parathêkên), da mensagem original do evangelho (Cf. 1Tm 6.20; 2Tm 1.12, 14) aos homens. É exatamente dessa mensagem que Timóteo e Tito são encarregados. São colaboradores com o ministério do apóstolo e responsáveis por “proclamar e ensinar a sã doutrina, mesmo, e sobretudo, diante dos perigos da heresia, e organizar e conduzir a comunidade segundo as orientações e as instruções do apóstolo”¹⁸³.

Raymond Brown, analisando a situação contextual-ecclesial da carta dirigida a Tito, citando o Cânon Muratoriano (séc. II), faz a seguinte colocação:

A carta diz que, durante sua demora em Creta, Paulo não estabeleceu uma estrutura fixa, de sorte que agora ele está confiando tal cargo a Tito, que permanecera na cidade depois da partida do apóstolo. [...] As qualificações exigidas dessas autoridades [presbíteros e diáconos] deveriam garantir que elas exercessem uma liderança fiel ao ensinamento de Paulo, protegendo assim a fé de inovações¹⁸⁴.

¹⁸¹ Ibidem, p. 283.

¹⁸² Ibidem, p. 284.

¹⁸³ Ibidem.

¹⁸⁴ BROWN, R. *Op. cit.*, p. 841s.

Sendo assim, como eles mesmos, Timóteo e Tito, foram escolhidos e treinados por Paulo, se tornam, agora, responsáveis pela escolha e treinamento dos presbíteros, bispos e diáconos que estarão sob seu comando e direção e, futuramente, ocuparão o seu lugar em cada comunidade. Conclui-se, então, que Timóteo e Tito já são os próprios modelos dos pastores da comunidade, responsáveis pelo penhor da fé genuína por meio da organização eclesial.

Assim, após eles [Timóteo e Tito] estão os presbíteros/bispos, responsáveis por presidir a comunidade com empenho e dedicação, assim como o fazem no seu próprio lar. Raymond Brown¹⁸⁵ destaca as qualidades e qualificações necessárias aos presbíteros/bispos:

Categorias	Qualidade e Qualificações
a. Descrições negativas de comportamentos ou atitudes desqualificativas	Não presunçoso, não irasível, não violento*, <i>não briguento</i> , não beberrão*, não ambicioso, <i>não amante do dinheiro</i> .
b. Descrições positivas de virtudes e habilidades desejadas	Irreprochável, <i>irrepreensível</i> , hospitaleiro*, cortês, amante do bem, devoto, justo, controlado, sensato*, <i>sóbrio</i> , <i>nobre</i> .
c. Estado de vida que se espera de uma figura pública que deve apresentar-se como modelo para a comunidade	Casado apenas uma vez*, seus filhos devem ter fé, não ser licenciosos nem indisciplinados, <i>não deve ser recém-convertido</i> .
d. Habilidades relacionadas ao trabalho a ser feito	<i>Ter boa reputação com os de fora</i> , governar com acerto a própria família, ser mestre capacitado, manter a doutrina autêntica, que se harmoniza com o ensinamento da sã doutrina.

Verifica-se, acima, em *b* e *c*, que o comportamento basilar exigido para o reconhecimento das funções presbiterais diz respeito à vida familiar do candidato, como pais e esposos exemplares. Trata-se de requisitos *para* o ofício ministerial e não de obrigações do ofício *já* adquirido¹⁸⁶. Todo o “estilo das relações familiares deve inspirar o comportamento responsável pela comunidade”¹⁸⁷. Como diz Philip Vielhauer:

É característico que essas determinações sobre ministérios não são dadas isoladamente, e, sim, em conexão com uma ordem sobre a oração no culto e na atitude de homens e mulheres (1Tm 2s.) nos moldes da tábua doméstica (1Tm 5), ou em conexão com uma polêmica anti-herética e subsequente tábua doméstica (Tt 1s.); os ministérios, portanto, não aparecem como representação de uma “constituição

¹⁸⁵ Seguindo a mesma estruturação proposta por Raymond Brown, as qualificações mencionadas apenas em 1Timóteo estão em itálico; as que estão assinaladas com * aparecem em 1Timóteo e Tito; as demais apenas em Tito. Cf. BROWN, R. *Op. cit.*, p. 846s.

¹⁸⁶ Cf. MACDONALD, M. Y. *Op. cit.*, p. 296.

¹⁸⁷ *Ibidem*.

eclesiástica” no sentido jurídico, e, sim, como partes – todavia constitutivas – de uma ordem eclesiástica que também abarca culto e ética¹⁸⁸.

Os diáconos, muito embora Raymond Brown questione *o porquê* de haver diáconos se existem os presbíteros/bispos¹⁸⁹, têm a função direta de organizar a provisão e assistência dos necessitados e, também, deveriam ter qualificações que os autorizassem ao desempenho de sua vocação e serviço, como revela o seguinte quadro:

Categorias	Qualidade e Qualificações
a. Descrições negativas de comportamentos ou atitudes desqualificativas	Não maledicentes, não entregues ao vinho, não ávidos por dinheiro, <i>não devem ser maldizentes</i> ¹⁹⁰ .
b. Descrições positivas de virtudes e habilidades desejadas	Cheios de dignidade, devem conservar a verdade numa consciência pura, fieis à própria esposa, devem saber dirigir a própria família, <i>cheias de dignidade e respeitáveis, devem saber controlar-se</i> .
c. Habilidades relacionadas ao trabalho a ser feito	Devem ser provados, <i>dignas de confiança e fidelidade</i> .

O terreno de prova para os ofícios de ancião-bispo e diácono era a família. Ambos deveriam ser distinguidos como “dirigentes” (*proistamenoí*) competentes sobre suas próprias famílias (1Tm 3,4.12) antes de serem escolhidos com cuidado para a “Igreja de Deus”. Somente após provar se bom chefe de sua própria família é que poderia se tornar um *oikonomos* de Deus (Tt 1,7)¹⁹¹.

Nota-se que, com o tempo, os diversos ofícios e as diversas funções presentes no primeiro século, desenvolveram-se e foram incorporadas à definição do termo *pastor*. Principalmente no protestantismo, desde os séculos XVI e XVII, o seu uso está relacionado ao ministro da comunidade local, designado para o trabalho de ajuntamento e edificação do rebanho, por meio da pregação e do discipulado¹⁹².

¹⁸⁸ VIELAHUER, P. *História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. São Paulo: Academia Cristã, 2005. p. 260.

¹⁸⁹ Cf. BROWN, R. *Op. cit.*, p. 858. Raymond Brown justifica a existência dos *diáconos* a partir das distinções e divisões de classes presentes na comunidade de Éfeso. Desse modo, os *diáconos* seriam aqueles que não teriam condições financeiras suficientes para ter uma propriedade/casa e, conseqüentemente, não poderiam assumir a liderança, como *bispo* ou *presbítero*, da comunidade cristã. Mas, tão somente, poderiam exercer o ministério do serviço nesses locais.

¹⁹⁰ As qualificações mencionadas que estão assinaladas com itálico dizem respeito às mulheres dos diáconos, as diaconisas.

¹⁹¹ BRANICK, V. *Op. cit.*, p. 127. (Grifos do próprio autor).

¹⁹² Cf. SIEGWALT, G. *Op. cit.*, p. 1352.

Parte do sustentáculo essencial desta organização é justamente o ministério. O seu provimento com candidatos qualificados e o seu reto exercício representam para a igreja garantia mais segura diante dos perigos internos e externos. Os ministros encarregados da difusão da doutrina, da ordem eclesiástica e do debate com os hereges devem distinguir-se pelo bom nome, pelo comportamento exemplar e pela competência da pregação (1Tm 3.2ss; 6.3ss; 2Tm 2.2; Tt 1.9)¹⁹³.

3.8 Síntese

A intenção, neste capítulo, foi apresentar uma *Introdução geral às Cartas Pastorais*, a partir das diversas perspectivas, dos vários comentários e dos principais comentaristas. O objetivo principal foi tentar reconstruir as características do contexto em que Timóteo e Tito estavam, suas biografias, o ambiente de suas comunidades, reconhecer os elementos e os estilos lingüísticos presentes nas três Cartas e apontar os desafios com relação ao desenvolvimento do ministério pastoral.

Para isso, primeiro, realizou-se uma breve amostra do percurso histórico da interpretação das Pastorais e seu uso ao longo da história da Igreja cristã. Num segundo momento, apresentou-se o gênero literário *parenético* como predominante no texto das Cartas, bem como um breve estudo do vocabulário e das características que comprovam homogeneidade das Pastorais em conteúdo e estilo. Em seguida, uma análise dos elementos que caracterizavam a *falsa doutrina*, das pessoas envolvidas nesse movimento e suas implicações para as Igrejas representadas em Éfeso e Creta. A seguir, buscou-se reconstruir os contextos biográficos de Timóteo e Tito, bem como relacionais com o apóstolo Paulo. E, por fim, um estudo das estruturas eclesiásticas e das funções pastorais dos *bispos*, *presbíteros*, *diáconos* e *diaconisas*.

Sobre este último aspecto, especificamente, se conclui que concomitantemente à preocupação de se estabelecer uma estrutura organizacional e de liderança na Igreja, que conseguisse dar conta dos problemas e desafios impostos pelas circunstâncias, existia a preocupação com o testemunho da fé cristã por meio desses homens e mulheres na *liderança/governo* de suas casas, ou seja, para que esses homens e mulheres pudessem officiar nas comunidades locais, antes de tudo deveriam ser bons pais, boas mulheres, bons esposos e esposas em suas casas e nas atividades cotidianas dentro dela. Se o governo da casa torna-se modelo para o governo da Igreja, o padrão ético-espiritual dos membros da/na família torna-se modelo para os líderes eclesiásticos.

¹⁹³ BROX, N. *Op. cit.*, p. 160.

Por fim, no próximo capítulo, propõe-se um *Resgate da imagem do apóstolo Paulo enquanto modelo pastoral*, tentando recuperar a relevância e a contemporaneidade do apóstolo Paulo, sua teologia, sua espiritualidade e, principalmente, seu trabalho pastoral como modelo para o desenvolvimento do ministério hodierno. Paulo é relevante para a discussão acerca do trabalho pastoral na atual IEB, porque “ele viveu o fenômeno 'igreja' como poucos o fizeram. Porque não foi um teórico desvinculado da prática. Tampouco um prático estabonado, sem reflexão”¹⁹⁴.

Por isso, é importante perceber o modo como, através de sua *práxis* pastoral, o apóstolo forma o caráter e personalidade de suas comunidades, tornando-se modelo a ser seguido. Para tanto, serão exploradas, entre outras, as características presentes nas Pastorais sobre a vida e o ministério do apóstolo como plantador de igrejas, pastor, ministro e discipulador de seus membros, utilizadas por ele mesmo como padrão que deve ser seguido por Timóteo, Tito, ou qualquer pessoa que queira ser ministro do Evangelho de Jesus Cristo.

¹⁹⁴ COELHO FILHO, I. G. *apud* REGA, L. S. *Paulo, sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre*. São Paulo: Vida, 2004. p. 31.

4 RESGATE DA IMAGEM DO APÓSTOLO PAULO ENQUANTO MODELO PASTORAL

4.1 Introdução

Nos capítulos anteriores buscou-se, primeiro, identificar algumas marcas problemáticas nas IEB's, naquilo que diz respeito à formação e ao desenvolvimento do ministério pastoral, bem como refletir acerca das preocupações pastorais que se apresentam na atualidade. Segundo, buscou-se reconstruir o ambiente e a importância das Cartas Pastorais, na tentativa de preparar o caminho para uma análise mais acurada dos textos, com vistas às possíveis soluções para os problemas levantados no segundo capítulo.

Como cada uma das cartas paulinas, inevitavelmente, deixa uma impressão ou um retrato de Paulo a seus leitores, o objetivo, agora, é o *Resgate da imagem do apóstolo Paulo enquanto modelo pastoral*, tentando perceber o quanto a sua vida e o seu ministério podem ser relevantes para uma reflexão crítica e biblicamente pautada acerca dos modelos ministeriais presentes nas IEB's contemporâneas e dos desafios que esta Igreja apresenta nas suas mais diversas áreas.

Para realizar esse trabalho, serão empreendidas uma leitura e interpretação dos textos que, especificamente, apresentam algumas das características pastorais/ministeriais do apóstolo, quais sejam: *plantador de Igrejas; pai, mestre e modelo; ministro de Cristo Jesus; autoridade e cuidado pastoral; o cristocentrismo da espiritualidade pastoral paulina*. A metodologia exegética contemplará os vários termos e elementos lingüísticos que evidenciam essa tarefa pastoral do apóstolo, buscando situá-los no contexto histórico do primeiro século, no tempo em que foram redigidas as Cartas. Além, obviamente, dos vários comentários sobre as Cartas Pastorais que desde o *Capítulo 3* têm sido utilizados, essa interpretação se orientará pelos textos gregos, disponibilizados no *The Greek New Testament*¹⁹⁵ e pela tradução para a língua portuguesa de João Ferreira de Almeida, versão Revista e Atualizada.

Ao final deste capítulo pretende-se obter uma imagem do apóstolo Paulo construída como modelo para o ministério pastoral no século I¹⁹⁶, que seja plenamente relevante para o

¹⁹⁵ ALAND, K. (et al.). *The Greek New Testament*. 4 ed. Germany: United Bible Societies, 1994.

¹⁹⁶ Como afirma James D. Tabor, biblista protestante, “o legado de Paulo é formidável, já que sua versão do evangelho foi sendo gradualmente aceita por um número cada vez maior de cristãos espalhados pelo mundo romano. [...] Por volta de 150 d.C., líderes cristãos intelectualmente astutos, como Justino, o Mártir, que vivia em Roma, defenderam as idéias de Paulo e começaram a desenvolver um metódico sistema teológico, construído

desenvolvimento do ministério pastoral contemporâneo, a partir das várias características apontadas e destacadas pela interpretação dos textos das Pastorais. Nessas três Cartas, “Paulo é arauto, pregador e mestre do evangelho, cuja vida e ensinamento asseguram a verdade do que foi confiado (*paratheke*) a Timóteo e a Tito”¹⁹⁷.

4.2 Plantador de Igrejas – 1Tm 1.1, 2.7

Seguindo sua praxe regular desde as cartas anteriores, como aos Coríntios e aos Gálatas, Paulo inicia sua correspondência com Timóteo com a lembrança de que é “ἀπόστολος Χριστοῦ Ἰησοῦ” (1Tm 1.1 – “Paulo, **apóstolo** de Cristo Jesus”). Com esse título Paulo quer dizer que não é apenas um representante de uma Igreja local, mas embaixador do Senhor, pessoalmente convocado por ele e encarregado de proclamar a mensagem do Evangelho “de Cristo Jesus, nossa esperança” (1Tm 1.1)¹⁹⁸. Apesar de se questionar a necessidade de Paulo relembrar a Timóteo essas coisas, se este era tão próximo do apóstolo, a lembrança é importante se a Carta foi escrita tendo por objetivo sua leitura pública diante da comunidade de Éfeso, onde havia muitas pessoas que não simpatizavam com Paulo¹⁹⁹.

A utilização do termo grego ἀποστέλλω, um composto das palavras στέλλω (“colocar”, “aprontar”) e ἀπο (“de”, “para longe”), que significa literalmente “enviar”, e suas derivações, encontra-se, pela primeira vez, na linguagem marítima para designar um navio de carga, uma frota enviada a uma determinada expedição ou um documento que a legitimava, como um passaporte, por exemplo. Mais tarde, passou a referir “uma delegação para um propósito especial, sendo que o emissário tem plenos poderes e é o representante pessoal de quem o enviou”²⁰⁰. Esta utilização recebeu influência do Oriente, que tratava seus emissários como mediadores da revelação divina, comumente usado nos círculos gnósticos para designar um

em torno de suas idéias básicas”. TABOR, J. D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 286.

¹⁹⁷ MATERA, F. J. *Ética do Novo Testamento: os legados de Jesus e de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 296.

¹⁹⁸ Sobre este texto comenta Dietrich Bonhoeffer, pastor luterano mártir contra o regime nazista, escreve quando ainda estava aprisionado: “Com certeza, também não se deve menosprezar a importância da ilusão para a vida, mas, para o cristão, decerto a única coisa que entra em cogitação é ter esperança com fundamento. E se já a ilusão tem tanto poder na vida das pessoas a ponto de mantê-la em andamento, quanto maior será o poder que uma esperança com fundamento absoluto tem para a vida e quão invencível será essa vida! ‘Cristo, nossa esperança’: esta formulação de Paulo é a força da nossa vida”. BONHOEFFER, D. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 498.

¹⁹⁹ Cf. FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 47.

²⁰⁰ LINDNER, H. Ἀποστέλλω. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *op. cit.*, p. 154.

salvador celestial ou para representar um número de pessoas salvadoras ou “homens espirituais”²⁰¹.

Na filosofia estóica popular, a idéia de autoridade do emissário para representar seu mestre adquire um significado religioso. Um mestre peripatético cínico considerava-se um embaixador e exemplo enviado por Zeus. Daí, *apostellô* também ocorre como um termo técnico que significa a autorização divina²⁰².

No ambiente judaico (AT), conforme Jurgen Roloff, biblista católico, o termo hebraico שְׁלִיחַ (*sh'li'ah* – lit. “enviado”) “corresponde exatamente, em sua forma e em seu conteúdo, ao termo cristão *apóstolos*”²⁰³, uma vez que define a função de uma pessoa como representante autorizado em favor de outra, como uma espécie de procurador (Cf. 1Sm 25.40; 2Sm 10.4; Dn 5.24). Os judeus responsáveis pela coleta de impostos e pelas inspeções nas sinagogas localizadas tanto nas comunidades de Jerusalém como na Diáspora, desempenhavam essa função de procuradores, representantes do Sinédrio²⁰⁴.

Especificamente na LXX, aparecem três formas verbais que designam o “envio”: ἀποστέλλω, ἐξαποστέλλω e πέμπω. O último (πέμπω) aparece cerca de 26 vezes e tem o sentido básico da “ação de enviar” ou “mandar ir ou fazer alguma coisa” e não implica numa responsabilidade maior, tanto de quem manda como de quem obedece, como os outros dois termos sugerem²⁰⁵.

Por sua vez, os termos ἀποστέλλω e ἐξαποστέλλω aparecem cerca de 700 vezes, ainda na LXX, com sentido de “enviar”, designando “não a nomeação institucional de alguém a um ofício, mas, sim, sua autorização para cumprir alguma função ou tarefa que normalmente se define com clareza”²⁰⁶. Com isso, ganha importância não a pessoa que é enviada, mas quem comissiona, autoriza e envia essa pessoa para a realização de algum serviço. Serviço temporário, limitado pela própria comissão e que termina ao ser completado. De forma simples, *apostolar* seria depositar autoridade sobre alguém (o *apóstolo*) para que desempenhe uma função específica, durante um tempo específico até a sua realização total.

²⁰¹ Cf. Ibidem.

²⁰² Ibidem.

²⁰³ ROLOFF, J. Apóstolo. In: LACOSTE, J.-Y. (org.). *Op. cit.*, p. 176.

²⁰⁴ Cf. LINDNER, H. *Op. cit.*, p. 155.

²⁰⁵ MÜLLER, D. Ἀπόστολος. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Op. cit.*, p. 156.

²⁰⁶ Ibidem.

No NT há mais de 130 ocorrências do termo ἀποστέλλω (e suas variações), com grande maioria distribuída nos Evangelhos e em Atos. Especialmente no Evangelho de João, πέμπω e ἀποστέλλω são sinônimas e usadas pelo autor porque deseja “ressaltar os aspectos puramente funcionais do termo em contraste com os conceitos institucionais que já estavam sendo vinculados a *apóstolos*, e também para sublinhar mais fortemente a autoridade do Senhor que envia”²⁰⁷.

O substantivo ἀπόστολος aparece de forma nova no NT e dá peso à definição do ministério apostólico. Ocorre em Lucas (6 vezes), em Atos (28 vezes), em Hebreus (1 vez), em Pedro (3 vezes), em Judas (1 vez), Apocalipse (3 vezes) e em Paulo (34 vezes), e o termo ganha, assim, um sentido religioso mais amplo, “no sentido geral de mensageiro, e particularmente como a designação fixa de um ofício específico, o apostolado primitivo”²⁰⁸. Assim, o conceito cristão para *apóstolos* entendia que a função primária desse grupo era “servirem de testemunhas de Cristo, testemunho este baseado em anos de conhecimento íntimo, experiências preciosas e treinamento”²⁰⁹. Deveriam ser aqueles que detinham o melhor e maior conhecimento daquilo que Jesus dissera e a melhor maneira de se viver uma vida digna do testemunho do Evangelho, e a partir do Pentecostes (Cf. At 2) passaram a ser as grandes autoridades do Cristianismo do primeiro século²¹⁰. Quanto a isso, afirma Walter Hendriksen:

Nesse sentido mais pleno, mais profundo, um homem é apóstolo *para a vida inteira aonde quer que vá*. Ele está revestido com a autoridade daquele que o enviou, e essa autoridade tem que ver com a *doutrina e a vida*. [...] E assim Paulo era apóstolo no sentido mais rico do termo. Seu apostolado era o mesmo dos Doze. Paulo ainda enfatiza o fato de que o Senhor ressurreto se lhe manifestou tão verdadeiramente como se havia manifestado a Cefas (1Co 15.5,8). Esse mesmo Salvador o designara para uma tarefa tão extensa e universal que doravante ele iria se ocupar dela para a sua vida inteira (At 26.16-18)²¹¹.

O uso do termo ἀπόστολος no NT, e especificamente em Paulo, está associado com *kêryx*, como visto acima (Cf. item 2.2²¹²). Aqui, a afirmação do apóstolo em 1Tm 2.7 (“Para

²⁰⁷ Ibidem.

²⁰⁸ MÜLLER, D. *Op. cit.*, p. 158.

²⁰⁹ DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 96.

²¹⁰ Segundo Antônio J. de Almeida, “à medida, pois, que a *missão cristã* avança entre os pagãos, foi preciso organizar o *serviço missionário dos ‘apóstolos’*, palavra que significa justamente ‘missionários’, ‘enviados’”. ALMEIDA, A. J. de. *Op. cit.*, p. 89.

²¹¹ HENDRIKSEN, W. *Op. cit.*, p. 66-67.

²¹² Cf. *supra*, p. 17.

isto fui designado **pregador e apóstolo** – *lit.* κήρυξ καὶ ἀπόστολος) indica esta combinação. O seu apostolado implica na responsabilidade para com a pregação delegada e autorizada do Evangelho de Jesus. Ser *apóstolo* é ser *arauto* da mensagem acerca de Jesus Cristo (“apóstolo **de Cristo Jesus**” – 1Tm1.1) e não de outra mensagem (Cf. 1Tm 1.3-4) que afasta homens e mulheres do centro da verdade cristã. Nesse sentido, o apostolado e a vocação para a missão evangelizadora, fundamentados na mensagem do Evangelho de Jesus Cristo, se tornam um mesmo lado da tarefa ministerial paulina, como afirma Roman Kühschelm:

Paulo sabe-se eleito, pois foi chamado por Deus/pelo Cristo ressuscitado e enviado aos gentios para anunciar o Evangelho. [...] O apostolado está a serviço do Evangelho da morte e ressurreição de Jesus como acontecimento salvífico decisivo. O apóstolo é por assim dizer o órgão executivo desse Evangelho, pelo qual o Reinado de Deus, esperado para o fim dos tempos, se instala. [...] Toda a sua vida torna-se uma explanação desse Evangelho. Seu sofrimento, sua fraqueza, sua paciência, seu estar a serviço (1Cor 4,9; 2Cor 4,5.7-18; 12,9s; 13,3s) visualizam a mensagem sobre a cruz de Jesus e o poder Deus que supera a morte e a torna normativa para os destinatários²¹³.

A missão era levar a mensagem do Evangelho adiante, abrir novas frentes de missão e formar uma liderança que desse conta da continuidade desse trabalho. Seu apostolado, dessa maneira, se realizava à medida que se comprometia com a evangelização, com a abertura de novas comunidades em determinadas regiões, com o estabelecimento de uma liderança local, com o acompanhamento dessas comunidades e dessas lideranças por meio de cartas, pessoalmente ou através de representantes autorizados pelo apóstolo para tal serviço²¹⁴.

Seu escopo é fazer com que, na Igreja (de judeus e pagãos), o Evangelho ganhe forma concreta e espaço (Rm 1,1-7). Destarte, o apostolado não é uma das funções da Igreja, e sim sua base; e as comunidades são o comprovante da atividade apostólica (cf. 1Cor 9,1b-2; 2Cor 3,2s). As imagens do construtor (1Cor 3,9-17), do agricultor (1Cor 3,6), do pai que “gerou” a comunidade (1Cor 4,15; Gl 4,12-20) sublinham a importância do apóstolo para o começo da existência da comunidade. O papel de fundador, que em última análise visa o mundo inteiro, distingue o apostolado claramente dos demais serviços na comunidade²¹⁵.

²¹³ KÜHSCHELM, R. Apóstolo. In: BAUER, J. B. *Op. cit.*, p. 26s. O teólogo católico Jean-Noël Aletti ainda afirma: “Paulo liga igualmente a Cristo o ministério apostólico e a proclamação do Evangelho: no início de quase todas as suas epístolas é como apóstolo, ministro (*diakonos*) ou servo ‘do Cristo’ que ele se apresenta”. ALETTI, J.-N. Paulina (teologia). In: LACOSTE, J.-Y. *Op. cit.*, p. 1359.

²¹⁴ Estudo imprescindível para a compreensão da fundação e do acompanhamento das comunidades paulinas, após a pregação apostólica de Paulo, é o de Mauro Pesce, biblista católico, *As duas fases da pregação de Paulo: da evangelização à guia da comunidade* (São Paulo: Paulinas, 1996). Neste trabalho, Pesce assume que, no ministério apostólico de Paulo, “podem-se distinguir fundamentalmente duas fases diferentes. A primeira consiste no anúncio e conclui com a fundação de uma igreja. Paulo chamava-a ‘evangelizar’ (1Cor 1,17), com um termo técnico da sua linguagem apostólica. A segunda fase, por sua vez, substancialmente diferente da primeira, consiste na orientação das comunidades já fundadas” (p. 9).

²¹⁵ KÜHSCHELM, R. *Op. cit.*, *ibidem*.

Especificamente nas Pastorais o apostolado de Paulo é colocado como a garantia da tradição do Evangelho que sustentaria a Igreja contra toda a ameaça da *heresia*. Timóteo e Tito, bem como as lideranças preparadas por eles, deveriam dar continuidade a essa tradição como o critério de compromisso e fidelidade à ortodoxia da verdadeira fé transmitida por Paulo. E, o apóstolo entende isso como parte importante do “**mandato** de Deus [...] e de Cristo Jesus” (*lit.* ἐπιταγὴν θεοῦ [...] καὶ Χριστοῦ Ἰησοῦ – 1Tm 1.1) que recebeu, não como privilégio ou pelo reconhecimento dos homens (Cf. Gl 1.1; 2Tm 1.1), mas em dependência direta e pela revelação (*lit.* ἀποκαλύψει²¹⁶) de Deus, em Cristo, convocando-o para a missão entre os gentios (Cf. Gl 1.15-17). Por isso, o desempenho ministerial envolve responsabilidade diante da ordem que vem de Deus e que deve ser obedecida, não só por ele, mas, por todos²¹⁷.

A auto-designação “**mestre dos gentios**” (*lit.* διδάσκαλος ἐθνῶν – 1Tm 2.7) também faz referência a uma característica do apostolado de acordo com a compreensão de Paulo. Desde sua conversão, o apóstolo orienta sua vida e seu trabalho pela vocação, que sempre afirma ter recebido (Cf. Rm 1.1; 1Co 1.1; 2Co 1.1; Gl 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 1Tm 1.1; 2Tm 1.1; Tt 1.1 – exceto Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses e Filemon), para ser *apóstolo* de todas as nações, representadas pelos gentios (não-judeus), sem, contudo, excetuarem-se os próprios judeus²¹⁸.

Jürgen Becker, teólogo protestante, propõe um esquema que representa o princípio fundamental da compreensão do apóstolo Paulo acerca de sua vocação: “‘chamamento ao

²¹⁶ Embora o termo ἀποκάλυψις seja própria da linguagem apocalíptica judaica, “nos textos paulinos está associada à manifestação do desígnio salvífico de Deus ou de seu julgamento final e às experiências carismáticas. [...] A retomada dessa terminologia apocalíptica na frase autobiográfica do chamado [Gl 1.15-17] dá a entender que a ‘revelação de Jesus Cristo’ consiste no fato de que Deus revelou a Paulo ‘o seu Filho’”. FABRIS, R. *Paulo: apóstolo dos gentios*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 145.

²¹⁷ Cf. KELLY, J. N. D. *Op. cit.* p. 48. Rinaldo Fabris relaciona o *ministério de Paulo aos gentios* à não-necessidade do reconhecimento do seu apostolado pelos homens de Jerusalém, afirmando que a “autoconsciência de Paulo, aquela que o guiou nos primeiros anos de sua atividade de missionário cristão, a revelação divina de Jesus Cristo, o Filho de Deus, tem como finalidade direta e imediata anunciar o Evangelho aos pagãos. Em outras palavras, ela fundamenta a sua função de apóstolo e, por isso, após a experiência da revelação, não tem necessidade de ir pedir permissão ou autorização àqueles que eram ‘apóstolos’ antes dele em Jerusalém”. In: FABRIS, R. *Op. cit.*, 2001. p. 145.

²¹⁸ Segundo João Calvino, teólogo reformador, comentando 1Tm 2.7, “Deus o designara para conduzir os gentios à participação do evangelho, os quais, outrora, viviam alheios ao reino de Deus. Seu apostolado aos gentios era uma evidência segura de que Deus os estava chamando, e que essa é a razão por que ele se preocupava tanto em defendê-lo e asseverá-lo, visto que tantos tinham grande dificuldade em reconhecê-lo”. CALVINO, J. *Pastorais*. São Paulo: Paráclitos, 1998. p. 68.

apostolado’ – ‘evangelho para os povos’ – ‘Igreja de Jesus Cristo’²¹⁹. Com isso, ele quer dizer que

Nesse contexto, pode ser reconhecido um campo lingüístico composto das seguintes partes: vocação (separação) – apostolado (graça) – Evangelho para os povos – ressurreição de Jesus Cristo (como sinal da ação de Deus, ou seja, como indicação do conteúdo do evangelho). Este esquema, pensado para as comunidades, leva, por meio do anúncio do Evangelho, ao chamamento dos cristãos e ao surgimento das comunidades²²⁰.

A consequência imediata do seu apostolado que incluía a pregação, o discipulado e o cuidado pastoral era a fundação dessas comunidades locais. O objetivo principal desse apostolado é, então, “explicar em terras pagãs o poder do evangelho. Este apostolado torna Paulo essencialmente missionário, fundador de Igrejas, e abrirá a perspectiva universal da mensagem cristã”²²¹. Dessa forma, conclui-se que todo apostolado, enquanto parte do trabalho pastoral, tinha como meta estratégica principal o estabelecimento de novas frentes de trabalho, para que, por meio delas, as circunvizinhanças fossem alcançadas²²².

4.3 Pai, mestre e modelo– 1Tm 1.2, 18; 2Tm 1.2-6, 3.10-11; Tt 1.4

Ao se referir a Timóteo e a Tito com o uso da expressão “**verdadeiro filho na fé**” (1Tm 1.2; Tt 1.4), Paulo está ressaltando seu relacionamento de confiança e afeição, e também, provavelmente, está relembando que muito contribuiu para a conversão, discipulado e ordenação (Cf. At 16; 2Tm 1.16; Gl 2.1-3) desses jovens. O termo “**verdadeiro**” (*lit.* γνήσιω), que aparece nos dois textos (1Tm 1.2; Tt 1.4), tem um sentido especial que se refere a algo, de fato, genuíno, autêntico, sincero e fiel no compromisso de Timóteo e Tito com a “**fé**” cristã.

Esse relacionamento de *pai para filho* se expressa em dois sentidos: 1) no carinho e zelo que Paulo nutria pelos dois jovens, como alguém mais velho e experiente, que tem muito a oferecer para que eles se tornem homens maduros e experimentados, e 2) como *pai*

²¹⁹ BECKER, J. *Apóstolo Paulo: vida, obra e teologia*. São Paulo: Academia Cristã, 2007. p. 110.

²²⁰ Ibidem.

²²¹ LEUBA, J.-L. Apóstolo. In: ALLMEN, J.-J. von (org.). *Op. cit.*, p. 44.

²²² Sobre este aspecto, James D. Tabor afirma que após a conversão, Paulo “começou a se ver, finalmente, como o décimo terceiro apóstolo, e se referia a si mesmo como ‘Apóstolo dos gentios’. Assim como Jesus escolhera seu Conselho dos Doze para chefiar o povo de Israel, Paulo reivindicava ter recebido a autoridade sobre o mundo dos não judeus ou gentios, para prepará-los para uma ‘Segunda Vinda’ de Jesus como Messias, dessa vez, do céu”. TABOR, J. D. *Op. cit.*, p. 277.

espiritual, que desde a conversão acompanha os dois jovens, na caminhada da fé cristã, suprindo-os no discipulado e no ensinamento das Escrituras. No primeiro caso, Paulo se vê como responsável pelo acompanhamento e desenvolvimento do caráter dos jovens, preocupado com suas vidas e seus futuros. No segundo caso, o apóstolo se torna responsável por apresentá-los prontamente habilitados para o desempenho das funções ministeriais²²³.

Numa de suas cartas aos Coríntios, Paulo chama Timóteo de “meu filho amado e fiel no Senhor” (1Co 4.17) presumivelmente porque fora o instrumento usado para a conversão de Timóteo. O mesmo sentimento se manifesta por tantas outras pessoas, como dão a entender as palavras dirigidas à própria comunidade de Corinto: “não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a filhos amados. [...] Pois eu, pelo evangelho, vos gerei em Cristo” (1Co 4.14-15)²²⁴.

O texto de 1Tm 1.18 revela que o *pai* não só atua como cuidador e/ou orientador espiritual, mas, também, por sua autoridade apostólica, tem poder e autonomia para delegar responsabilidades a Timóteo: “Este é o **dever** de que te **encarrego**”. A ordem é para que o jovem levasse adiante o mesmo cuidado, compromisso e zelo que o apóstolo tem pela verdade do Evangelho, contra as perversões dessa mensagem.

O que Paulo deseja enfatizar, com isso, é que o dever que Timóteo deve desempenhar não é uma atividade arbitrária, mas está de acordo com a vontade de Deus, confirmada pelos profetas (“**segundo as profecias** de que antecipadamente foste objeto”), na ocasião de sua ordenação ao ministério (Cf. 1Tm 4.14). Paulo entrega essa responsabilidade a alguém a quem chama de “**filho**”. Com relação a isso, afirma João Calvino:

Ao chamar Timóteo, meu filho, o apóstolo revela não só sua intensa afeição pessoal por ele, mas também o recomenda a outros. Com o fim de encorajá-lo ainda mais, ele lembra-lhe [sic] a espécie de testemunho que havia recebido do Espírito de Deus. podemos deduzir que diversas profecias foram ministradas em relação a Timóteo com o fim de recomendá-lo à Igreja. Sendo ainda muito jovem, é possível que sua idade lhe granjeasse algum descaso por parte da Igreja, e talvez Paulo se tenha exposto a críticas por promover jovens prematuramente ao ofício de presbítero. É por isso que Paulo, desejando estimulá-lo a um zelo mais intenso, tem boas razões para lembrar-lhes as profecias por meio das quais Deus se comprometera e dera

²²³ “Similarly it was in this role as ‘father’ that Paul sought to promote spiritual growth in the churches. Just as father in the world of his day was responsible for the education of his children, so too Paul saw himself as responsible for the education of his children in Christ”. BEASLEY-MURRAY, P. Paul as pastor. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 656.

²²⁴ “Essa maneira de falar exemplifica o entendimento que a Igreja tem de si mesma como uma família genuinamente nova, refletindo, em especial, entusiasmo pelos que sacrificaram laços da família natural por Cristo (cf. Mt 10,34-39)”. NEYREY, J. H. *1 Timóteo*. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (org.). *Comentário Bíblico*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 284.

garantias à Igreja no tocante a Timóteo; dessa forma foi ele lembrado da razão por que fora chamado²²⁵.

O parágrafo de 2Tm 1.3-5 traz revelações de cunho estritamente pessoal, que revelam o nível de qualidade do relacionamento entre Paulo e seu discípulo: “sem cessar, me lembro de ti nas minhas orações, noite e dia” (v.3), “lembrado das tuas lágrimas (v.4), “pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento” (v.5).

Ele escreve “ao **amado filho Timóteo**” que “**sem cessar, me lembro de ti** nas minhas orações, noite e dia” (2Tm 1.2-3). Paulo o conduzira a Cristo, por isso não se esqueceu dele, nem o abandonou, mas lembrava-se constantemente dele. Paulo o tomara consigo em suas viagens e o treinara, dia-a-dia, como um aprendiz. Esse relacionamento entre Paulo e Timóteo, que, na verdade, revela uma grande amizade, certamente teve um poderoso efeito na formação do jovem ministro, fortalecendo-o e sustentando-o em sua vida e no serviço cristãos, no desempenho do seu ministério na comunidade de Éfeso²²⁶. Segundo Rinaldo Fabris: “o relacionamento ideal que liga o remetente Paulo com o destinatário da carta, Timóteo, representa a garantia de continuidade e identidade que está na base da tradição cristã autêntica”²²⁷.

O cuidado que Paulo tem pelos seus discípulos realça uma parte significativa do caráter do *pastor*: ele age como se fosse o próprio Pai celeste, que cuida dos seus filhos. É como se Paulo compreendesse sua missão como continuidade do ministério do próprio Deus com seu povo escolhido (Cf. 1Pe 2.9). Isso fica evidente no texto de 2Co 6.18, quando Paulo recomenda aos cristãos de Corinto um tratamento diferenciado para o relacionamento com os incrédulos, baseado nas palavras do Senhor ao profeta Natã, dirigidas a Davi, rei de Israel: “serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso” (Cf. 1Cr 17.13; 2Sm 7.14).

Paulo, então, intercede “**noite e dia**” pelo seu discípulo, como se, com isso, pudesse antecipar o desejo ardente que tinha de reencontrá-lo. Contenta-se, por um momento, com as lembranças dos dias em que passaram juntos. Por três vezes, nos versos de 3 a 5, Paulo faz uso derivado dos termos *μνεία* e *μνήμη* (*lit.* “memória”, “recordar”, “lembrar”) para se referir a tais dias. Ele não se lembra apenas de vez em quando, mas sempre, como um pai que

²²⁵ CALVINO, J. *Op. cit.*, p. 47s.

²²⁶ Cf. STOTT, J. *A mensagem de 2 Timóteo*. São Paulo: ABU, 2001. p. 19.

²²⁷ FABRIS, R. *Op.cit.*, 1992. p. 313.

também sabe que a ausência é sofrida para o filho. Então, “como um pai se compadece de seus filhos” (Cf. Sl 103.13), ele escreve a Timóteo: “**lembrado das tuas lágrimas**, estou ansioso por ver-te, para que eu transborde de alegria” (2Tm 1.4). As lágrimas demonstram tanto a sinceridade do sentimento que Timóteo nutria por Paulo, como apontam para a importância do trabalho dedicado do apóstolo no discipulado do jovem pastor.

A seção “**Tu, porém, tens seguido, de perto**, o meu ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança, as minhas perseguições e os meus sofrimentos, quais me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra, – que variadas perseguições tenho suportado! De todas, entretanto, me livrou o Senhor” (2 Tm 3.10-11), revela a proximidade de Timóteo com os mais diferentes momentos do apóstolo Paulo: momentos alegres e confortantes, momentos tristes e extremamente apreensivos. Em todos esses momentos, e o apóstolo deixa isso claro, houve a possibilidade de o jovem pastor aprender, pela experiência direta, com seu mestre. Ou, como afirma Rinaldo Fabris: “Paulo, mestre e apóstolo, é o modelo ou protótipo para o fiel ‘discípulo’ Timóteo, que o seguiu de perto e, assim, pôde aprender dele quais são as qualidades de um autêntico pastor”²²⁸.

A principal fonte de aprendizado de Timóteo é o “**ensinamento**” (*lit.* διδασκαλία - 2Tm 3.10), que qualifica ou apresenta o apóstolo como um mestre que tem autoridade. Contudo, o ensinamento não é dissociado das experiências cotidianas agregadas ao desenvolvimento ministerial. A aprendizagem de Timóteo não se restringe aos ensinamentos doutrinários ou teológicos, mas sua formação se desenvolve também na prática, acompanhando o “**procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança, as minhas perseguições e os meus sofrimentos**” do apóstolo. Como destaca João Calvino:

Neste versículo ele nos pinta um quadro vívido de um bom mestre, um que molda seus alunos não só por meio de suas palavras, mas, por assim dizer, também lhes abre seu próprio coração para que tenham a experiência de que todo o seu ensino é sincero. [...] Sua intenção é que Timóteo tivesse constantemente diante de si o exemplo de sua própria fé, amor e paciência, e assim lhe recorda especialmente suas perseguições que lhe eram melhor conhecidas²²⁹.

A expressão “**Tu, porém**” (*lit.* σὺ δέ), que aparece nos versos 10 e 14, evidenciam um propósito paulino contraditório à situação daqueles dias, em que alguns homens e mulheres estavam se desviando da verdade (Cf. 2Tm 3.2-9, 13) e dos ensinamentos do apóstolo, contribuindo para o declínio da moral e da verdadeira religião e para a propagação de falsas doutrinas.

²²⁸ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 328.

²²⁹ CALVINO, J. *Op. cit.*, p. 256.

Paulo, então, recomenda a Timóteo que tenha uma atitude diferente. E, diferentemente daqueles que têm contribuído negativamente, Timóteo deve agir de maneira que evidencie sua formação na verdade do Evangelho, que recebera desde a sua casa até os últimos dias com o apóstolo.

A expressão revela a preocupação de Paulo para com Timóteo com relação ao presente e com relação ao futuro, respectivamente. O texto de 2Tm 3.10-13 descreve o passado fiel de Timóteo. Neles, Paulo, primeiramente, lembra a Timóteo o seu procedimento até aquele momento: “Tu, porém, **tens seguido**, de perto, o meu ensino, procedimento...”. Os versos 14-17 recomendam-lhe, com insistência, a permanecer fiel no futuro e continuar no mesmo caminho: “Tu, porém, **permanece** naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste”.

E, em que Timóteo deve se agarrar, ou permanecer, diante das dificuldades do seu tempo? Àquilo que aprendeu dos seus referenciais religiosos: sua avó Lóide, sua mãe Eunice (Cf. 2Tm 1.5) e, obviamente, seu mentor e pai espiritual Paulo. Neste sentido, os modelos a serem seguidos são aqueles que sempre contribuíram para que o jovem pastor fosse formado nas “sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2Tm 3.15) e para o desenvolvimento do seu ministério. Assim, “Timóteo se torna, por sua vez, um ideal para os outros chefes de comunidades cristãs, [...] e o exemplo de Paulo é proposto como norma geral para todos os cristãos, chamados a percorrer o mesmo caminho”²³⁰.

4.4 Ministro de Cristo Jesus – 1Tm 1.12; 2Tm 1.11-12; Tt 1.1

O comissionamento de Paulo para o desenvolvimento do ministério está diretamente relacionado com sua conversão²³¹ do judeu zeloso e perseguidor da Igreja ao seguidor e zeloso pregador do Evangelho de Jesus Cristo, sendo perseguido por isso. Dessa forma, *chamado* e *missão* fizeram parte da experiência de conversão do apóstolo. No texto de 1Tm 1.12 ele fala da sua vocação para o ministério (“Sou grato para com aquele que me fortaleceu,

²³⁰ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 329.

²³¹ No NT, a palavra “conversão” traduz o termo grego *μετάνοια* que significa “mudança profunda e radical da mente, incluindo as faculdades de percepção, compreensão, emoções, juízo e vontade, que o Espírito de Deus opera num homem, na experiência da salvação”. TAYLOR, W. C. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

Cristo Jesus, nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o **ministério**”), mesmo que, num primeiro momento, fosse totalmente indigno para isso²³².

Paulo, por si, reconhece-se indigno do próprio chamamento porque fora “blasfemo, e perseguidor, e insolente” (1Tm 1.13a). No entanto, sua “capacitação, a consideração favorável e a designação”²³³ ministerial vem daquele que o “fortaleceu” (*lit.* ἐνδυναμώσαντί) para isso. Ele reconhece que essa força provém da *graça* que, por meio de Cristo Jesus, o livra do pecado e o designa para o ministério²³⁴ (*lit.* διακονίαν) do ofício apostólico.

No trecho de 1Tm 1.12-17 tem-se o testemunho do apóstolo sobre seu compromisso ministerial como modelo em tudo, inclusive da ação da graça salvadora. Ele se apresenta como “modelo e protótipo da experiência salvífica”²³⁵, da *graça* que pode operar milagres na vida de cada pessoa, tirando-a das piores condições e colocando-a no caminho da vida, convocando-a para o exercício de uma santa vocação ministerial. Como afirma William Hendriksen:

Esse modelo revelava a Paulo, como ilustração, exemplo ou modelo, o tipo de obra que a graça soberana iria efetuar na vida de todos aqueles que por sua eficácia chegariam a depositar sua fé em Cristo, a rocha ou a preciosa pedra angular, para a vida eterna, vida que é o oposto de corrupção e a morte²³⁶.

O parágrafo de 2Tm 1.11 identifica o auto-entendimento que Paulo tinha acerca do seu ministério: de arauto da mensagem do Evangelho, através de um ministério itinerante, sempre preocupado com a formação e o discipulado dos novos na fé.. O texto, que diz “Para o qual eu fui designado **pregador, apóstolo e mestre**” (*lit.* εἰς ὃ ἐτέθην ἐγὼ κἑρυξ καὶ ἀπόστολος καὶ διδάσκαλος).

²³² “As histórias sobre Paulo parecem sempre nos lembrar de sua fraqueza ou de sua rejeição de Jesus, do mesmo modo que as histórias da missão de Paulo conservam o fato de que ele antes perseguiu a Igreja. O propósito disso é realçar o cerne de nossa fé, confessado claramente no v. 15: ‘Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores’ (cf. Mc 2,10; Lc 15). Assim, a total conversão de Paulo do pecado para o ministério torna-se o exemplo edificante para Timóteo e para todos nós”. NEYREY, J. H. *Op. cit.*, p. 284s.

²³³ HENDRIKSEN, W. *Op. cit.*, p. 96.

²³⁴ No Novo Testamento existem várias expressões que caracterizam o ministério cristão: διακονία, διακονέω, διάκονος, ὑπηρέτης, ὑπηρετέω, λατρεύω, λατρεία, θρησκός, θρησκεία, λειτουργέω, λειτουργία, λειτουργός, λειτουργικός (Cf. Servir. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *op. cit.*, p. 2341-2351.). Todas elas se referem e se aplicam ao “ministério do apóstolo, aos diversos ofícios de certos fiéis, ao dever que todos os fiéis estarem a serviço de seus irmãos na comunidade” (MENOUD, Ph.-H. Ministério. In: ALLMEN, J.-J. von (org.). *Op. cit.*, p. 344.), prestando, com isso, seu culto a Deus.

²³⁵ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 238.

²³⁶ HENDRIKSEN, W. *Op. cit.*, p. 108.

Neste trecho, é evidente que Paulo se considera um pastor responsável: 1) pela proclamação, 2) pela salvação e 3) pela instrução daqueles que são objeto do seu ministério. Este *tripé* é compreendido como a base fundamental e única do ministério do apóstolo. Como bem afirma John Stott, nos círculos teológicos hodiernos, é muito comum “fazer uma clara distinção entre o *kêrygma* (a pregação) e o *didachê* (o ensino)”²³⁷, associando as responsabilidades de uma pessoa a uma ou outra função. Mas, chama a atenção para o fato de que são dois lados de uma mesma moeda e que “havia muito de *didachê* no *kêrygma* e muito de *kêrygma* no *didachê*”²³⁸, como já visto acima, no item 2.2²³⁹, e que elas são funções indissociáveis. Faz parte do ministério de Paulo e acontecem ao mesmo tempo o apostolado, a pregação e o ensino.

De acordo com Colin G. Kruse, biblista protestante, “o elemento fundamental do ministério de Paulo foi a pregação do Evangelho (1Co 1.17), acompanhada pelos ‘sinais e maravilhas’ (2Co 12.12), fruto de uma vida dedicada de oração (1Tm 1.3)”²⁴⁰. É pela sua dedicação a este ministério que afirma “**estou sofrendo** [πάσχω] estas coisas” (2Tm 1.12a). aqui, as palavras de João Calvino são tantalizantes:

Sabe-se sobejamente que o furor dos judeus, inflamado contra Paulo, era mais por esta causa do que por qualquer outra, ou seja, por ele ter dado aos gentios uma participação comum do evangelho. [...] Ele mostra que a causa de sua prisão, longe de ser uma desgraça, era-lhe, ao contrário, uma honra, visto que fora aprisionado não por algum mau procedimento, mas porque obedecera ao chamado divino. [...] E ao dizer, *não me envergonho*, ele usa o próprio exemplo para encorajar outros a demonstrarem a mesma ousadia²⁴¹.

Paulo queria que os cristãos, e especificamente Timóteo, estivessem conscientes de que os seus sofrimentos faziam parte da sua vida dedicada à causa de Cristo e faz referência a

²³⁷ STOTT, J. *Op. cit.*, p. 33. Posição semelhante é a de Juan A. Ruiz de Gopegui ao afirma que o anúncio e o ensino formam uma “unidade indissolúvel, no testemunho apostólico. A didaque ou a didascália não aparecem, no Novo Testamento, como momentos sucessivos ao querigma apostólico, mas como parte integrante dele”. In: GOPEGUI, J. A. R. de. *Op. cit.*, p. 35s.

²³⁸ Cf. STOTT, J., ibidem. O teólogo católico Maurice Carrez completa: “Em Rm 12, *diakonia* é associada aos dons de ensino (*didaskalia*), da exortação (*paraklesis*), da presidência (*proistamenos*), do exercício da misericórdia (*eleon*)”. CARREZ, M. Ministério. In: LACOSTE, J.-Y. *Op. cit.*, p. 1145.

²³⁹ Cf. *supra*, p. 17s.

²⁴⁰ Cf. KRUSE, C. G. Ministry. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 605s.

²⁴¹ CALVINO, J. *Op. cit.*, p. 211s. James D. Tabor afirma categoricamente que “Paulo estava disposto a sofrer perseguição física por conta do que pregava e acreditava, e contava a seus seguidores a lista de coisas que tinha suportado – surras, naufrágios, fome, prisões e quase morte por lapidação (2 Coríntios 11.20-29). Não há dúvidas com relação à sinceridade de Paulo e sua paixão por aquilo em que acreditava”. TABOR, J. D. *Op. cit.*, p. 285. Como, ainda, diz Joachim Gnilka, “Pablo se convierte en el ejemplo, sobre todo, para aquellos que han recibido un ministerio; ejemplo de la doctrina, en la vida, en el esfuerzo, en la fe, en la magnanimidad, en el amor, en la paciencia, en las persecuciones, en los sufrimientos”. GNILKA, J. *Op. cit.*, p. 309.

isso em outros momentos, por exemplo: “Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente crerdes nele, pois tendes o mesmo combate que vistes em mim” (Fp 1.29-30); “Por isso, estou sofrendo estas coisas; todavia, não me envergonho, porque sei que ele [Jesus] é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia” (2Tm 1.12); “Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3.12).

Portanto, quando Paulo se regozijava em sofrer pelos seus irmãos, ou por quem quer que fosse, sua intenção era de anunciar a Cristo. Como ‘servo de Cristo’ e seu imitador, Paulo alegrava-se com a oportunidade de participar dos sofrimentos de Cristo, pelo povo de Cristo²⁴².

Esse tipo de sofrimento, em favor do Evangelho e pela Igreja de Jesus, faz parte do ministério de Paulo e também deve fazer parte dos ministérios daqueles que são vocacionados para isso. Paulo mesmo convoca Timóteo: “Pelo contrário, **participa comigo dos sofrimentos**, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus” (2Tm 1.8b). Literalmente, o texto original diz συγκακοπάθησον, “sofre comigo”. Paulo pede ao seu discípulo, chamado e vocacionado para o ministério pastoral, para carregar juntamente com ele as dores e o peso da responsabilidade com o Evangelho, sua pregação e seu ensinamento, diante de todas as adversidades que estavam enfrentando. Ou, como afirma Burkhard Gärtner, teólogo protestante, “se os membros de uma comunhão devem mostrar não meramente simpatia uns com os outros, mas também a compaixão ativa e prática (*sympaschô*), então a verdadeira união na fé é exigida”²⁴³. E é a essa união que Paulo se refere quando diz “Não te envergonhes... participa comigo”²⁴⁴.

No texto de Tt 1.1 uma estrutura inédita aparece no epistolário paulino. Por meio dessa estrutura, apostolado, serviço e ministério da palavra, “atados um ao outro por vínculo indissolúvel”²⁴⁵, se tornam sinônimos na compreensão que o apóstolo tem da sua atividade pastoral não só para com Tito mas, também, de toda a comunidade.

Diferentemente das outras formas que utiliza para se referir, por exemplo “servo de Cristo Jesus” (Rm 1.1), no texto de Tito diz: “Paulo, **servo de Deus e apóstolo de Jesus**

²⁴² SANCHES JÚNIOR, A. *Op. cit.*, p. 97.

²⁴³ GÄRTNER, B. Πάσχω. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *op. cit.*, p. 2418.

²⁴⁴ O texto de da Epístola aos Hebreus, capítulo 13, verso 23, testemunha que o jovem Timóteo esteve em algum momento encarcerado (“Notifico-vos que o irmão Timóteo foi posto em liberdade.”). Porém, como afirma Rinaldo Fabris, no comentário que faz a Epístola aos Hebreus, “nada se sabe de uma eventual prisão de Timóteo. [...] Em todo caso, se Timóteo é o conhecido colaborador missionário de Paulo, originário de Listra, pode-se concluir que o redator dessas linhas pertence ao círculo ou à escola de Paulo”. FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 513.

²⁴⁵ CALVINO, J. *Op. cit.*, p. 298.

Cristo, para promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade”. Rinaldo Fabris explica essa estrutura da seguinte maneira:

Em relação a Deus, Paulo é chamado de “servo”, um apelativo que lembra o das grandes figuras bíblicas escolhidas por Deus para uma missão histórica; em relação a Jesus Cristo, é o apóstolo. A esse título está ligado o desenvolvimento temático, que oferece um breve prontuário de catequese cristã. Dessa radiografia do texto conclui-se imediatamente que a iniciativa salvífica está na origem da investidura apostólica²⁴⁶.

A sua posição diante de Deus (*lit.* δοῦλος – “servo”²⁴⁷) e o seu apostolado promovido por Jesus Cristo têm uma única finalidade: a promoção da verdadeira fé. Assim, há uma relação mútua entre: 1) o seu ministério apostólico e 2) a vida dos crentes. E essa relação é mediada pela pregação da palavra (Cf. Tt 1.3b).

Seu ministério pastoral se preocupa não só com a pregação do Evangelho para que os pagãos cheguem à fé em Cristo, mas, também, com o desenvolvimento dessa “fé dos eleitos” e com o “conhecimento da verdade segundo a piedade”²⁴⁸, diante das ameaças que circundavam a Igreja de Creta, e que são criticadas no restante da Carta²⁴⁹. Suas preocupações pastorais giram em torno do ensinamento dos propósitos centrais da fé cristã (p. ex. o entendimento correto da ressurreição e da segunda vinda de Cristo) e da vivência prática do cristão com elas.

²⁴⁶ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 290. O reformador João Calvino esclarece que o “termo ‘servo’ não significa apenas sujeição ordinária, no sentido em que todos os crentes podem ser chamados servos de Deus, mas significa um ministro a quem se destina certo ofício definido. Nesse sentido, os antigos profetas foram caracterizados por esse título”. Cf. CALVINO, J. *Op. cit.*, p. 298.

²⁴⁷ O termo grego δοῦλος, usado por Paulo para se referir a “servo de Deus”, neste texto, “se aproxima mais ao significado de *diakonos*, ‘servo’, que freqüentemente se emprega nos escritos de Paulo a respeito do serviço apostólico do testemunho. Paulo se fez escravo de todos (1Co 9.19); no serviço do evangelho (Fp 2.22) é o servo da comunidade por amor a Cristo (2Co 4.5)”. TUENTE, R. Δοῦλος. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *op. cit.*, p. 677.

²⁴⁸ “No es un siervo de la Ley; no es un siervo de los hombres en cuando concierne a la seguridad y a la certeza de su doctrina; ni tampoco es un siervo que intente imponer la esclavitud de la Ley. Así, cualquiera que mantenga fiel a su propia función, es un siervo de Dios”. LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero: cartas del apóstol Pablo a Tito, Filemon y Epístola a los Hebreos*. Barcelona: CLIE, 1999. p. 15.

²⁴⁹ “Paul frequently refers to himself as a slave (*doulos*) of Christ (Rom 1:1; Gal 1:10; Phil 1:1; cf. Tt 1:1). In the LXX *doulos* is used not only to denote slaves of human masters, but also to describe kings and prophets as servants of the Lord. Therefore, Paul’s description of himself as a slave of Christ probably has a double meaning: it reflects not only his understanding of the serving nature of his apostolate, but also his privileged status as an apostle. Paul speaks of himself as the slave of his converts (2Cor 4:5) and those to whom he preached the gospel (1Cor 9:19), but they were not his masters. He acknowledged only one master, Christ, and he served others for his sake (2Cor 4:5)”. KRUSE, C. G. Servant, service. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 870.

4.5 Autoridade e cuidado pastoral – 1Tm 1.5; Tt 3.8-11

Como visto acima, Paulo escreve a Timóteo e a Tito preocupado com a situação das respectivas comunidades que este dois lideram. Por isso, suas recomendações alternam-se entre: a) a formação e orientação das lideranças e b) o cuidado com os falsos ensinamentos que colocavam em risco a verdade do Evangelho de Cristo.

Acerca da autoridade apostólica de Paulo, James D. G. Dunn, teólogo metodista, a partir das Cartas aos Coríntios e aos Gálatas, destaca cinco princípios que, segundo ele, são “princípios da autoridade apostólica em ação, princípios na prática”²⁵⁰, que caracterizam o nível da autoridade de Paulo diante suas comunidades. São eles:

1. *A primazia do Evangelho.* Tema que se destaca na Carta aos Gálatas e que evidencia o apostolado de Paulo totalmente subordinado ao Evangelho e a serviço dele. “Um apóstolo não podia desconsiderar o Evangelho. A autoridade apostólica era condicionada ao Evangelho e sujeita à norma do Evangelho”²⁵¹.
2. *Trabalho em favor das comunidades.* Assunto sobejamente trabalhado nas correspondências com os Coríntios e que destaca o papel ministerial de Paulo não ausente ou distante da comunidade, mas inserido nela, na sua realidade cotidiana, preocupado em conduzir todos à obediência e a guarda das “ordenanças de Deus” (1Co 7.19).
3. *Princípio da acomodação ou adaptabilidade.* Fazendo-se “escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (Cf. 1Co 9.19-23), Paulo demonstra sensibilidade pastoral e “a habilidade de um apologista, mostrando uma extraordinária elasticidade mental e flexibilidade para tratar de situações que exigem um tratamento delicado e engenhoso”²⁵² dentro da comunidade.
4. *Limitado pelo campo de ação missionária.* Analisando o texto de 2Co 10. 13-16²⁵³ James Dunn destaca que Paulo “concebia sua autoridade apostólica como a missão

²⁵⁰ DUNN, J. D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 645.

²⁵¹ Ibidem, p. 645.

²⁵² Ibidem, p. 651.

²⁵³ “Nós, porém, não nos gloriaremos sem medida, mas **respeitamos o limite da esfera de ação que Deus nos demarcou** e que se estende até vós. Porque **não ultrapassamos os nossos limites** como se não devêssemos chegar até vós, posto que já chegamos até vós com o evangelho de Cristo; não nos gloriando fora de medida nos trabalhos alheios e tendo esperança de que, crescendo a vossa fé, seremos sobremaneira engrandecidos entre vós, **dentro da nossa esfera de ação**, a fim de anunciar o evangelho para além das vossas fronteiras, sem com isto nos gloriarmos de coisas já realizadas em campo alheio”.

de pregar o Evangelho dentro da esfera ou campo particular. [...] Podia dirigir-se tão francamente aos Coríntios precisamente (e somente) porque era apóstolo *deles*”²⁵⁴.

5. *O sofrimento assegura a autoridade do apóstolo.* Paulo tinha uma segura compreensão de que o ministério apostólico era experimentar e compartilhar dos sofrimentos de Cristo, da força sobrenatural e divina em meio à fraqueza humana (Cf. 2Co 12.9-10; 13.4). “Como o evangelho é o evangelho do crucificado, o ministério do evangelho envolve viver uma *theologia crucis* e não uma *theologia glorie*”²⁵⁵ (Cf. 2Tm 3.12).

Resumindo, portanto, Paulo tinha uma elevada idéia da autoridade apostólica, como missão específica recebida do Cristo ressuscitado de pregar o evangelho e fundar igrejas. Mas na prática o exercício dessa autoridade sempre era condicionado: era sempre subordinado ao evangelho; funcionava dentro das suas igrejas como um entre muitos ministérios (embora fosse o mais importante), que formavam toda a estrutura de um ministério responsável nessas igrejas; era adaptável às circunstâncias e à liberdade cristã e não determinado simplesmente por precedentes ou convenções; ficava dentro dos limites da sua missão; e espelhava o caráter da sua mensagem como a proclamação do crucificado²⁵⁶.

Por isso, como apóstolo, pleno de autoridade (ἐξουσία²⁵⁷) pelo “mandato de Deus [...] e de Jesus Cristo” (Cf. 1Tm 1.1), admoesta aos seus delegados, Timóteo e Tito, para que estejam atentos às suas obrigações de conduzir a Igreja pelo caminho da verdade do

²⁵⁴ DUNN, J. D. G. *Op. cit.*, p. 652. James Dunn ainda afirma que “Paulo não concebia um apóstolo como apóstolo da igreja universal; isso está relacionado com sua concepção de ‘igreja’ como igreja local. Também não concebia a autoridade apostólica como algo exercido por indivíduos em todas as igrejas. Como a autoridade apostólica estava subordinada ao evangelho, da mesma forma era limitada pelo âmbito da missão apostólica” (p. 653). Por outro lado, quando Lucien Cerfaux trata do assunto da autoridade apostólica ele destaca que “os apóstolos possuem sua autoridade colegialmente; a autoridade de cada um é total, mas só se exerce conjuntamente com a autoridade de todos os outros. [...] Paulo afirma ou supõe regularmente a unidade das atividades apostólicas: a mensagem, a tradição, a fundação das igrejas cristãs. A mensagem, ou o Evangelho, é essencialmente uma, e esta unidade inclui a concórdia apostólica. [...] Paulo relata uma ‘tradição’ concernente à ressurreição de Cristo (1Co 15.3-8). Ele ‘recebeu’ fórmulas forjadas em Jerusalém e as ‘transmite’ como riqueza sua, seu Evangelho. [...] A unidade do grupo apostólico acoberta também a fundação e o governo das igrejas. Todas as igrejas particulares constituem a Igreja uma”. CERFAUX, L. *A missão apostólica*. In: CERFAUX, L. *O cristão na teologia de Paulo*. São Paulo: Teológica, 2003. p. 132-134.

²⁵⁵ Ibidem, p. 654. Conferir, também: SANCHES JÚNIOR, A. *O sofrimento cristocêntrico de Paulo*. In: SANCHES JÚNIOR, A. *Op. cit.*, p. 67-102; CRUTCHLEY, D. E. *Theologia crucis: um princípio da espiritualidade paulina*. In: REGA, L. S. *Op. cit.*, p. 315-337.

²⁵⁶ DUNN, J. D. G., *ibidem*.

²⁵⁷ “The term *exousia* (and the related words *exousiazô*, *exesti*) is used of ‘ability’, ‘freedom’ and ‘right’ in the Pauline writings. When applied to Paul himself, *exousia* refers to a ‘right’ that stems from his commission as apostle to the Gentiles. When used of the apostolate, the term carries the sense of faithful transmission and hence guarantor rather than innovator of church tradition. Within the church it has the twofold sense of individual ‘freedom’ and corporate ‘warrant’ that derives from the presence of Christ’s power with those gathered in his name”. BELLEVILLE, L. L. Authority. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 54s.

Evangelho. “A mente de Paulo trabalha imersa no contexto de uma congregação de almas, homens e mulheres chamados a se arrepender e crer, obedecer e amar, orar e perdoar, em meio à confusão causada pelo pecado na família, na cultura, no mundo e no trabalho”²⁵⁸ do seu tempo. Conclui-se, por enquanto, que Paulo não dissocia sua autoridade apostólica da responsabilidade que tem para com todos os crentes pelo seu cuidado pastoral e recomenda a Timóteo e a Tito para que façam o mesmo.

O intuito da admoestação de Paulo, assim como ocorre em toda a pregação moral cristã, não é meramente negativo. Se seu propósito inicial é refrear o erro, tem o alvo adicional, mais positivo, de estabelecer o amor na congregação de Éfeso em lugar do espírito da contenda que os mestres do erro semearam ali. Esta mútua caridade pode brotar “de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia”²⁵⁹.

Seguindo as palavras de John N. D. Kelly, pode-se concluir que o apóstolo está mais preocupado com toda a comunidade cristã, o que resume a expressão de 1Tm 1.5 “o objetivo desta ordem” (*lit.* τὸ δὲ τέλος τῆς παραγγελίας), do que com questões próprias ou pessoais, como por exemplo, a defesa de seu apostolado. Paulo, nesse momento, não tem necessidade de defender seu ministério apostólico, mas sente que tem como obrigação, uma vez chamado por Deus para esse ministério, de cuidar e zelar pelo seu povo. Utiliza-se de sua autoridade apostólica para dizer a Timóteo: “Ora, o intuito da presente **admoestação** visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia”.

Importante perceber que Paulo utiliza uma estrutura tríplice (“coração puro”, “consciência boa” e “fé sem hipocrisia”) para combater aqueles que, por manifestarem um comportamento inadequado às três características listadas “perderam-se em loquacidade frívola, pretendendo passar por mestres da lei, não compreendendo, todavia, nem o que dizem, nem os assuntos sobre os quais fazem ousadas asseverações” (1Tm 1.6-7).

Segundo a argumentação do apóstolo, essas “certas pessoas” (v.3) não cumprem o “serviço de Deus” (v.4) porque se preocupam mais com “outra doutrina” (v.3), com “fábulas e genealogias” (v.4), promovendo inúmeras “discussões” (v.4) inúteis para o bem-estar da

²⁵⁸ PETERSON, E. *Terminando a carreira em Roma*. In: PETERSON, E.; DAWN, M. *O pastor desnecessário: reavaliando a chamada para o ministério*. Rio de Janeiro: Textus, 2001. p. 57.

²⁵⁹ KELLY, J. N. D. *Op. cit.*, p. 53. Jerome H. Neyrey, biblista católico, acrescenta: “A missão de Timóteo era guardar a fé, o que aqui significa ordenar a outros pretensos mestres que cessem de propagar doutrinas divergentes. [...] Aqui tocamos o âmago da preocupação do autor com essas igrejas: que suas vidas sejam dignas do chamado que receberam. Ele vê que a verdadeira doutrina leva à boa moralidade e a uma vida religiosamente integrada”. NEYREY, J. H. *Op. cit.*, p. 284.

comunidade. Mas, no verso 5, Paulo explica que o serviço de Deus é cumprido na prática do amor (*lit.* “ἀγάπη”). Como destaca Rinaldo Fabris:

Às doutrinas extravagantes, baseadas em fábulas e pesquisas genealógicas, fonte de disputas e sofismas, opõe-se o projeto salvífico de Deus, que se baseia na fé; ao desvio, que não leva a lugar nenhum, se contrapõe o autêntico discurso cristão, que tem como fruto a caridade íntegra, amadurecida por uma fé genuína; ante a arrogância dos chamados ‘mestres da lei’, que não sabem o que dizem nem entendem o que pregam, opõe-se a firme convicção de quem conhece o papel limitado e relativo da lei quando em confronto com a ‘sã doutrina’²⁶⁰.

É como se Paulo dissesse a Timóteo e a toda a comunidade: “*Busquem a Deus e se esforcem, dia-a-dia, para que vocês obtenham um coração puro, uma consciência pura e uma fé sem falsidade, para que juntas, essas três características produzam aquele amor que é mais precioso do que tudo e que pode torná-los praticantes das verdades do Evangelho de Cristo!*”²⁶¹.

O mesmo tipo de recomendação ele faz a Tito, seu delegado em Creta, preocupado com a vida espiritual de todos os crentes: “**Quero que**, no tocante a estas coisas, **faças** afirmação, confiadamente, para que os que têm crido em Deus sejam solícitos na prática de boas obras. Estas coisas são excelentes e proveitosas aos homens” (Tt 3.8). A expressão “estas coisas” diz respeito a tudo o que ele disse anteriormente, nos versos 4 a 7, sobre: a) a bondade e o amor de Deus para com o homem (v.4), b) sobre a obra do Espírito Santo na regeneração e renovação do homem (v.5), c) a graça de Jesus que efetiva a justificação do homem (v.6), d) a consequência de tudo isto: que todos os crentes se tornaram herdeiros da promessa da vida eterna (v.7)²⁶².

²⁶⁰ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 235.

²⁶¹ “Devemos notar especialmente como ele fala da fé *sem fingimento*, significando que é insincera qualquer profissão de fé que não se pode comprovar por uma consciência íntegra e manifestar-se no amor. Visto que a salvação do homem depende da fé, e a perfeita adoração divina consiste de fé e de uma consciência íntegra e de amor, não precisamos sentir-nos surpresos por Paulo dizer que estes elementos constituem a suma da lei. A suma da lei consiste em que devemos adorar a Deus com uma fé genuína e uma consciência pura, bem como devemos igualmente amar uns aos outros; e todo aquele que se desvia disso corrompe a lei de Deus, torcendo-a para servir a algum outro propósito alheio a ela mesma”. CALVINO, J. *Op. cit.*, p. 32s.

²⁶² “O verbo προῖστασθαι [*proistasthai*] é usado em diferentes sentidos, em grego, de modo que esta passagem admite diversas interpretações. Crisóstomo a explica no sentido em que deviam preocupar-se em socorrer seu próximo com esmolas. Προῖστασθαι às vezes significa prestar socorro, mas no presente caso a construção pressupõe que as boas obras é que devem ser socorridas, e isso se torna difícil. A palavra francesa, *avancer* [avançar], se adequa melhor. Ou é possível dizer: ‘Que se esforcem como aqueles que têm a preeminência’, porque esse é o único significado da palavra. Ou, provavelmente, como alguns dirão: ‘Que se preocupem em dar às boas obras um lugar de preeminência’, o que seria perfeitamente apropriado, pois Paulo ordena que essas coisas prevaleçam na vida dos crentes, visto que em geral são desrespeitadas por eles”. Ibidem, p. 354.

Assim, uma vez alcançados por tão grande salvação, aqueles que crêem devem manifestar, na prática, frutos dessa graça. É exatamente isso que Paulo exige que Tito faça. Que se esforce para fazer com que todos cheguem à consciência de que, por causa da graça salvadora de Cristo Jesus, que os alcançou, eles devem agir de modo que todos os homens, em geral, sejam beneficiados com isso.

Por outro lado, também exige de Tito o seguinte: “**Evita** discussões insensatas, genealogias, contendas e debates sobre a lei; porque não têm utilidade e são fúteis. **Evita** o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez, pois sabes que tal pessoa está pervertida, e vive pecando, e por si mesma está condenada” (Tt 3.9-11). Paulo utiliza dois verbos diferentes para expressar, com o mesmo sentido, o seu desejo de ver Tito e a comunidade de Creta longe das distorções da verdade do Evangelho que alguns homens têm provocado: “evita” (*lit.* περιίστασο - “fugir”, “dar a volta”, “precaver-se”) e “evita” (*lit.* παραιτοῦ - “refutar”, “rejeitar”, “abster-se”, “recusar-se a ouvir”)²⁶³.

Em outras palavras, Paulo se preocupa com que Tito deva voltar-se contra as atitudes pervertidas do tal “homem faccioso” (*lit.* αἱρετικὸν ἄνθρωπον²⁶⁴), que auto-condena-se (*lit.* αὐτοκατάκριτος – v.11) por meio das suas obras pecaminosas, e ater-se à tradição evangélica apostólica que sempre lhe fora confiada. Desse modo, Tito e os demais não serão vistos como “pervertidos”²⁶⁵, “pecadores” e, finalmente, “condenados” (v.11), mas, antes, as suas obras testemunharão da fé que têm em Deus e todos os homens terão o proveito disso (v.8b).

A atitude preocupada de Paulo com Timóteo e Tito, diante dos problemas em que os dois estavam envolvidos, revela um elemento fundamental do meu ministério pastoral: o cuidado que tem para com aqueles que são o centro do seu apostolado, não só os dois jovens pastores mas a comunidade dos salvos como um todo.

²⁶³ RUSCONI, C. *Op. cit.*, p. 368 e 352.

²⁶⁴ “A palavra traduzida *homem faccioso* (Gr. *haireticos*) ocorre somente aqui na Bíblia. O substantivo cognato *hairesis* (*lit.* “heresia”), no entanto, é usado em Atos como o significado neutro de “partido” ou “escola de pensamento” (em 5:17, dos saduceus; em 15:5, dos fariseus; em 24:5, dos cristãos), mas por Paulo com o significado pejorativo de “panelinhas partidárias” em 1Co 11:19 e Gl 5:20. No século II (e.g. 2Pe 2:1; Inácio, *Eph.* vi. 2; *Trall.* vi. 1) veio a conotar doutrina teológica falsa, e *hairetikos* quem sustenta tal doutrina, i.é, “herege” no sentido moderno”. KELLY, J. N. D. *Op. cit.*, p. 230s.

²⁶⁵ O termo grego utilizado para se referir à pessoa “pervertida” é ἐξέστραπται, verbo indicativo perfeito passivo de ἐκστρέφωμαι, que literalmente quer dizer “estar longe do caminho justo”, “ser desencaminhado”, “ser transviado” ou “desarraigado”. RUSCONI, C. *Op. cit.*, p. 159. Isso reforça a admoestação de Paulo a Tito de que deve se afastar daquele que se afastou primeiro da verdade do Evangelho e, por isso, tornou-se um pecador, auto-condenando-se por meio das suas atitudes.

4.6 O cristocentrismo da espiritualidade pastoral paulina – 1Tm 1.16; Tt 2.11-15, 3.3-7; 2Tm 2.11-13, 4.6-8

Obviamente, Jesus Cristo é o centro de todo o Evangelho e, principalmente, no pensamento paulino desempenha um “papel estruturante”²⁶⁶. Para Paulo o Evangelho não é outra coisa senão a proclamação da vida, ministério, morte, ressurreição e experiência de fé com o Cristo²⁶⁷. Isso fica mais claramente evidente quando se voltam os olhos para as saudações das Cartas Pastorais e se observa que Paulo vê, de maneira indissolúvel, seu ministério apostólico da experiência da salvação em e por meio de Jesus Cristo: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus” (1Tm 1.1 e 2Tm 1.1) e “Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo” (Tt 1.1).

Jesus Cristo é o centro da sua experiência de conversão, do seu chamado ministerial apostólico, da sua teologia e da sua atuação pastoral na condução das comunidades que fundou (ou não, no caso da Igreja de Roma). É patente essa compreensão em cada uma das suas treze cartas. Ele não é nada (Cf. 2Co 5.17) e não faz nada (Cf. 2Co 5.20), se não for por Jesus Cristo (Cf. 1Co 2.2). É o que ele afirma no texto 2Tm 2.11-13: “Fiel é esta palavra: **Se já morremos com ele, também viveremos com ele; se perseveramos, também com ele reinaremos**; se o negamos, ele, por sua vez, nos negará; se somos infiéis, ele permanece fiel”.

Por que a proclamação do Apóstolo tem de ser essencialmente *cristológica*? O final do hino de Fl 2 (vv. 9ss) deixa pressentir a resposta: se Deus glorificou Jesus e o fez Senhor para que todo o criado sem exceção o reconheça como tal, não se vê como seria possível silenciar sobre esta senhoria – e o que a precedeu. Em suma, aderir ao Evangelho equivale na prática a crer em Cristo Jesus. [...] Paulo não aceita que se pregue nem que se creia num “outro Jesus”²⁶⁸.

²⁶⁶ Cf. ALETTI, J.-N. *Op. cit.*, p. 1360.

²⁶⁷ Cf. DUNN, J. D. G. *Op. cit.*, p. 223-345. Logo de início James Dunn argumenta sobre a possibilidade de que Paulo se interessa muito mais pelo Cristo da fé do que pelo Jesus histórico. Ele diz: “Muitos dados deduzem que a morte (e ressurreição) de Jesus foi a única parte da missão histórica de Jesus que era importante para a teologia de Paulo. Seu evangelho foi evangelho de salvação, evangelho de redenção. Seria, portanto, natural se Jesus só fosse significativo para a teologia de Paulo como salvador e pelo seu ato de redenção na cruz. Paulo não nos conta quase nada sobre a vida e o ministério de Jesus, com exceção do seu clímax final. Se possuíssemos só as cartas de Paulo, seria impossível dizer muita coisa sobre Jesus de Nazaré, muito menos ainda tentar uma vida de Jesus.” (p. 224s). No entanto, em seguida, Dunn conclui que o aparente silêncio de Paulo acerca dos dados relativos à vida do Jesus histórico se justifica pelo fato de que ele escreve às comunidades que já têm viva essa tradição e que, então, seria desnecessário gastar tempo relembando ou revivendo essa tradição em vista das necessidades mais urgentes das próprias comunidades. À medida que Paulo precisa resolver ou recomendar alguma solução para os problemas comunitários, ele sempre recorre a uma ou outra situação que envolve a tradição sobre o Jesus histórico (p.ex. Gl 4.4; Rm 1.3-4; 15.3, 8; 1Co 11.1, 23-26; 2Co 10.1; Fl 1.8; 2.5).

²⁶⁸ ALETTI, J.-N. *Op. cit.*, p. 1355.

Assim sendo, Jesus Cristo é a causa de toda a vida do cristão. Se “o poder que ressuscitou Cristo não se detém nele, mas produz a vida do cristão; uma vida que é da mesma origem e da mesma natureza que a de Cristo ressuscitado”²⁶⁹, então, toda a vida do crente é centrada em Jesus Cristo e tem na sua vida um modelo a ser imitado numa ação prática, ética, que na linguagem paulina será chamada de espiritualidade²⁷⁰. Para o apóstolo Paulo “Cristo se torna o poder supra-terrestre que com sua presença sustenta e preenche toda a sua vida”²⁷¹. Todas as atitudes, enfim, do cristão regenerado devem transbordar da vida de Jesus Cristo que nele habita (Cf. Ef 3.17)²⁷².

Por *espiritualidade pastoral cristocêntrica*, pretende-se dizer, então, toda a atuação ministerial de Paulo centrada na experiência da salvação, na obra da cruz, tendo como modelo principal a vida e o ministério do Senhor Jesus Cristo. Ele se coloca como modelo a ser seguido (Cf. 1Co 4.16; 11.1; Ef 5.1; Fp 3.17; 1Ts 1.6; 2Tm 3.10-11, 14), porque tem a plena convicção de que agiu corretamente durante todos os anos de ministério, sendo submisso ao Evangelho de Cristo e lutando para apresentar aos homens a graça salvadora de Deus (2Co 11.2; Cl 1.24-28).

Toda essa argumentação se constata nos textos das Pastorais, quando o apóstolo dá testemunho de si, por exemplo, em 1Tm 1.16: “Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, **em mim**, o principal, **evidenciasse Jesus Cristo** a sua completa longanimidade, e **servisse eu de modelo** a quantos hão de crer nele para a vida eterna”. Paulo se considerava não só o principal dos pecadores, mas também – ou “por esta mesma razão” – o maior exemplo da misericórdia de Cristo. E ele é o primeiro (*lit.* πρώτῳ) daqueles muitos que haveriam de alcançar, também, a plena (*lit.* ἅπασαν) clemência (*lit.* μακροθυμίαν – “longanimidade”, “paciência”, “tolerância”²⁷³) divina. Como afirma Rinaldo Fabris: “Pinta-se

²⁶⁹ CERFAUX, L. *Cristo na teologia de Paulo*. São Paulo: Teológica, 2003. p. 252.

²⁷⁰ É importante notar que Paulo nunca usa o termo ἔθος (ethos) para se referir ao comportamento do cristão nos variados processos sociais em que está envolvido. Para ele, o comportamento do cristão, salvo em e por Jesus Cristo, que experimentou regeneração e, agora, é participante da mesma natureza divina, deve ser *pneumatikós*, resultado da experiência da salvação e do batismo por meio do Espírito Santo (Cf. Rm 12.1-2; Gl 5.1-26; Ef 2.1-22; 4.1-6; Fp 2.5-13; Cl 2.6-15; 3.1-17). Jean-Noël Aletti acrescenta: “Formalizando, pode-se dizer que as justificações cristológicas pertencem àquilo que se convencionou chamar “o indicativo” sobre o qual se enxerta “o imperativo” ético: é em nome de seu ser-em-Cristo (ou com Cristo), em virtude daquilo que ele mesmos perceberam e receberam do amor de Deus em Jesus Cristo, que Paulo exorta a seus leitores” (*Op. cit.*, p. 1359).

²⁷¹ BOUSSET, W. *apud* DUNN, J. D. G. *Op. cit.*, p. 449.

²⁷² Para um estudo mais aprofundado sobre o tema da espiritualidade ou mística paulina, sugere-se a leitura do capítulo 15 (“*Participação em Cristo*” - p. 447-471) da obra de James D. G. Dunn.

²⁷³ CERFAUX, L. *Cristo na...*, p. 294.

com tintas fortemente negativas o passado de Paulo (o “antes” da conversão), para evidenciar a misericórdia e a extraordinária bondade de Deus, ou a benevolência da Cristo”²⁷⁴.

O termo literal traduzido por “modelo”, em 1Tm 1.16, é ὑποτύπωσις, que expressa aquilo que primeiramente é “esboçado” ou “rascunhado” antes da finalização final de um trabalho²⁷⁵. Assim, esse modelo revelava a Paulo como “modelo e protótipo”²⁷⁶ da obra que a graça salvadora de Cristo Jesus iria operar na vida de todos aqueles que chegariam a crer em Cristo (*lit.* πιστεύειν ἐπ’ αὐτῷ) “para a vida eterna”.

Como modelo, ele se coloca como a primeira testemunha e o primeiro a testemunhar dessa ação de Deus na vida de uma pessoa. Ele mesmo é a garantia da pregação que anuncia, como pastor e apóstolo, da salvação que somente em Jesus Cristo todos podem achar. E é essa dimensão soteriológica coletiva que Paulo faz questão de evidenciar ao pastor de Creta:

Em Tt 2.11-15:

11. Porquanto a **graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens**,
12. educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas²⁷⁷, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente²⁷⁸,
13. aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e **Salvador Cristo Jesus**,
14. o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras.
15. Dize estas coisas; exorta e repreende também com toda a autoridade. Ninguém te despreze.

E, em Tt 3.3-7:

²⁷⁴ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 238.

²⁷⁵ Cf. HENDRIKSEN, W. *Op. cit.*, p. 108.

²⁷⁶ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 238. “Paul called Christian believers to imitate his apostolic life and service to Christ – which he experienced in the power of the Spirit – even as he was an imitator of Christ. Other than Jesus Christ, worshiped and served as Lord over all, no other person has had a greater impact upon *Christian* spirituality than Paul”. MEYE, R. P. Spirituality. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 907.

²⁷⁷ “Estes son los dos componentes de la vida: la impiedade Del espíritu e las pasiones mundanas de la carne. Son los frutos del árbol cuyas raíces las constituyen todos los vicios. Las pasiones conviven con la impiedad. Ambos vicios, la impiedad y las pasiones no cesan de luchar contra los cristianos”. LUTERO, M. *Op. cit.*, p. 81s.

²⁷⁸ “Píadosamente, es decir, servir a Dios. Cuando alguien se dice: ‘Sirvo al gobierno no para mi propio provecho, sino para el de Dios’, hace bien. Sirvo a mi Hermano no para su provecho sino para el de Dios. Amo a mi esposa mi familia y me conduzco en la vida sólo por Dios. Este es el significado de piadoso. «Y para Él solo», porque ser piadoso quiere decir dedicar todo nuestro servicio a Dios, porque, como dijo antes (v.5) deben vivir justa y piadosamente”. Ibidem, p. 82.

3. Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros.
4. Quando, porém, **se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador**, e o seu amor para com todos,
5. não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, **ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo**,
6. que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador,
7. a fim de que, **justificados por graça**, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna²⁷⁹.

Paulo, de acordo com as palavras dirigidas a Tito, centraliza o seu ministério: 1) na soberana graça de Deus que se manifesta em e por meio de Jesus Cristo e do Espírito Santo, com o propósito de: a) salvar os homens (2.11; 3.4-5), b) educar para a santificação (2.12), c) preparar a todos para a sua volta (2.13), d) purificar esse povo para si próprio (2.14; 3.5), e) fazer desse povo os seus herdeiros eternos (3.7), e, conseqüentemente, 2) na preocupação de que todos cheguem à consciência de que é na práxis da caridade cotidiana (“para a vida privada, para a vida da relação social e para a religiosa”²⁸⁰) que se manifesta essa verdadeira correspondência à experiência com a salvação (*lit.* ἡ χάρις τοῦ Θεοῦ – “a graça de Deus” – 2.11), como dito acima. Ou, nas palavras de Rinaldo Fabris:

A práxis cristã do amor é um reflexo da bondade e benignidade de Deus experimentada já no início da conversão e assinalada pelo gesto sacramental do batismo. Aliás, deve-se dizer que toda a existência cristã é sustentada pelo amor benéfico de Deus, que, desse modo, não é só modelo, mas também fonte e razão do agir dos batizados²⁸¹.

A síntese de toda essa compreensão que Paulo tem sobre sua carreira ministerial, submetido ao que Jesus Cristo é/foi, e entendendo que sua vocação é continuidade do ministério do Senhor e, por isso, sujeito às mesmas marcas, o apóstolo entende o fim da sua vida também como uma entrega por aquela que foi a razão de toda a sua vida pastoral cristã: a

²⁷⁹ Jerome H. Neyrey comenta este trecho com as seguintes palavras: “Esse parágrafo tenta explicar a diferença que o cristianismo deve fazer na vida dos fiéis, comparando a vida anterior de pecado com a nova vida na fé; o mesmo padrão encontra-se em Ef 2,3-10 e 1Pd 4,1-3. O argumento é o que já vimos na carta: a teologia boa (isto é, cristã) leva à boa moralidade. [...] O contraste entre a antiga vida pagã de vício e a vida cristã atual de virtude está não em um persistente esforço moral por parte dos cristãos, mas na ação divina da graça. [...] Longe de nos destruir, a fé neste Deus nos aperfeiçoa para uma vida plena e responsável”. NEYREY, J. H. *Tito*. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (org.). *Op. cit.*, p. 298s.

²⁸⁰ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 300.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 303.

Igreja. E, após recomendar a Timóteo que se preocupasse em assumir suas responsabilidades ministeriais (Cf. 2Tm 4.5 – “Tu, porém...”), pressentindo que está perto de sua morte, ele escreve (2Tm 4.6-8):

6. Quanto a mim, **estou sendo já oferecido por libação**, e o tempo da minha partida é chegado.
7. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé.
8. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda.

Rinaldo Fabris afirma que na “tradição judeu-helenista – na rabínica só mais tarde – a morte do mártir é interpretada como sacrifício com valor expiatório, [e que a] morte do apóstolo é o sinal extremo da sua autodoação-sacrifício e, ao mesmo tempo, a chegada à meta definitiva”²⁸². E, portanto, até neste momento o apóstolo é modelo para todos os pastores e líderes, bem como para todos os fiéis, não só em sua vida e atividade, mas também na sua morte. Modelo que devem seguir, em que o verdadeiro ministro de Cristo tem consciência de que sua vocação é, em todo o tempo, um sacrifício e uma oferta a Deus.

A metáfora da *coroação* (*lit.* ὁ τῆς δικαιοσύνης στέφανος – “a coroa da justiça”) sugere, no ambiente greco-helenista, o prêmio final concedido ao grande batalhador dos jogos gregos, como sinal de honra, triunfo e imortalidade. E, não é a primeira vez que Paulo utiliza essa metáfora. Em 1Co 9.25 ele já havia escrito: “Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível”²⁸³. Paulo mesmo considera os cristãos de Filipos e de Tessalônica sua *recompensa* ministerial em vida quando se refere a eles como “minha alegria e coroa” (Fp 4.1) e “coroa em que exultamos” (1Ts 2.19).

Talvez, isso evidencie e reforce ainda mais o tom com que o apóstolo escreve a Timóteo. Ele tem a plena convicção de que não correu em vão e que seu desempenho no ministério foi de qualidade. Ele tem a certeza de que um prêmio está guardado e que lhe será dado por causa da “fidelidade do Senhor ‘justo’, que não decepciona os que a ele se entregam

²⁸² Ibidem, p. 333s.

²⁸³ No NT ainda se encontra menção a essa idéia em Tiago: “Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a prova; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam” (1.12); em Pedro: “Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, receberéis a imarcescível coroa da glória” (1Pe 5.4), e em João: “Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2.10). O próprio apóstolo considera os cristãos de Filipos e de Tessalônica sua “recompensa ministerial” quando se refere a eles como “minha alegria e coroa” (Fp 4.1) e “coroa em que exultamos” (1Ts 2.19).

sem reservas”²⁸⁴. E isso, ele recomenda aos crentes de Colossos, quando escreve: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo” (Cl 3.23-24). Assim como Cristo que, ao morrer na cruz e ressuscitar, venceu a morte e está ao lado do pai celeste, Paulo também espera que, como recompensa do seu trabalho e dedicação ao ministério apostólico, tenha também o seu prêmio, no caso, o “da soberana vocação” (Cf. Fp 3.12-16).

4.7 Síntese

As Cartas Pastorais foram escritas por um apóstolo e pastor para jovens pastores (e às suas comunidades) e, por isso, encontram-se entre os mais intrigantes e desafiadores textos do NT no que diz respeito à estrutura, organização e desenvolvimento da Igreja no primeiro século. Para alguns (p.ex. Hanz Conzelmann e Martin Dibelius), as Pastorais esboçam um declínio da ênfase na teologia paulina acerca da justificação pela fé, do ministério carismático e da expectativa que girava em torno da iminente volta de Cristo. Para outros (p.ex. John Stott e John N. D. Kelly), elas reforçam ainda mais estes aspectos e vão além, quando percebem todas as implicações práticas que elas têm na vida cotidiana dos crentes.

Porém, deixadas as diferenças em seus devidos lugares, todos concordam que elas carregam em si um peso consideravelmente importante para a discussão do ministério pastoral. Frank Matera, teólogo católico, afirma que elas são dirigidas “a uma nova fase na vida da Igreja”²⁸⁵ e é exatamente essa nova fase que lança os desafios para a interpretação desses textos ao longo de todos esses anos de história da interpretação bíblica e teologia cristã. Uma fase marcada, principalmente, pela apresentação direta de uma liderança engajada no ministério eclesiástico, muito embora insipiente em sua estrutura hierárquica, e que revela personagens e personalidades marcantes para todos os tempos.

Por isso, o objetivo desse capítulo foi empreender um *Resgate da imagem do apóstolo Paulo enquanto modelo pastoral*, dentro dessa moldura das Igrejas representadas nas Pastorais, tentando perceber o quanto a sua vida e o seu ministério, naquilo que se mostram enquanto modelo para Timóteo, para Tito e para as próprias comunidades do século I, são relevantes para a discussão acerca do ministério contemporâneo nas IEB’s atuais.

²⁸⁴ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 334.

²⁸⁵ MATERA, F. J. *Op. cit.*, p. 298.

Nesse sentido, a partir das várias características ministeriais apontadas e destacadas pela interpretação dos textos das Pastorais, pode-se dizer que o modelo pastoral se define da seguinte forma:

1. *A espiritualidade cristocêntrica do apóstolo*: por ter sido salvo, chamado e vocacionado por Jesus Cristo para o ministério apostólico, Paulo tem um compromisso vital com o Evangelho. Ele não é apóstolo, não é pastor, não é teólogo se não tiver a Jesus Cristo como modelo único e suficiente a ser seguido. Por isso, ele combate aqueles que querem ser “pastores” sem se submeterem às verdades do Evangelho de Jesus Cristo. Nem ele, o apóstolo Paulo, nem ninguém pode exercer um ministério pastoral se não reconhecer a soberania de Jesus e a ela se sujeitar, como verdadeiro servo de Deus.
2. *Ministro de Cristo Jesus*: como ministro ele se empenha em continuar a missão de Jesus, que é anunciar a mensagem do Reino de Deus, reino de justiça, paz e alegria (Cf. Rm 14.17). Ser ministro/pastor de Jesus é, acima de tudo, ter a plena consciência de ser servo, dedicado à obra, às pessoas e sempre submisso à vontade daquele que o vocacionou para o serviço ministerial.
3. *Plantador de Igrejas*: como apóstolo de Cristo Jesus Paulo entende a sua tarefa pastoral única e exclusivamente dentro da perspectiva do compromisso com a pregação, do anúncio do Evangelho e da formação das comunidades que recebiam e testemunhavam a mensagem cristã. Assim, ser pastor é estar comprometido com o chamado para anunciar o Evangelho, propagando a fé entre todos os povos.
4. *Autoridade e cuidado pastoral*: como apóstolo e ministro de Jesus Cristo, chamado para pregar o Evangelho e conduzir os homens e as mulheres pelo caminho verdadeiro da fé em Cristo, o apóstolo Paulo se preocupa de maneira candente com os falsos ensinamentos que estavam surgindo nas Igrejas de Creta e Éfeso. Como pastor, sua obrigação é combatê-los e orientar os demais a fazerem o mesmo, preservando viva a verdade do Evangelho. Mesmo assim, contra aqueles que se rebelam e tentam engendrar heresias, como pastor ele tenta trazê-los de volta ao rebanho para serem restaurados e curados.
5. *Pai, mestre e modelo*: o apóstolo Paulo claramente é o responsável pelo acompanhamento e desenvolvimento do caráter, da fé e do ministério dos jovens Timóteo e Tito. Como pastor, tem a responsabilidade de instruí-los e de zelar para

que eles sejam, de fato, bons líderes nas Igrejas e bons homens na vida. O ensino, então, se torna uma característica marcante do modelo pastoral.

Por refletir e agir assim é que o apóstolo Paulo se torna em modelo para o pastorado em qualquer época ou circunstância. Conclui-se, então, que suas palavras e, muito mais, suas ações, se tornam imperativos categóricos a serem tomados na prática por aqueles que se sentem desafiados a serem pastores de verdade.

Assim como nos tempos do apóstolo, de Timóteo e Tito, muitos hoje se arriscam na carreira ministerial sem, de fato, estarem conscientes das exigências que a função reivindica. Isso é errado e as consequências recaem diretamente sobre o povo de Deus, a Igreja.

Dessa forma, no capítulo seguinte serão feitas, especificamente, algumas *Reflexões para o ministério pastoral evangélico na atualidade, a partir das instruções e delegações a Timóteo e Tito*, no que diz respeito às qualificações indispensáveis e essenciais aos pastores, entre elas: fé, boa consciência, piedade, justiça. A intenção é perceber como Timóteo e Tito seguem, de fato, o modelo que é o apóstolo Paulo na liderança e pastoreio de suas comunidades, já que são representantes do apóstolo em suas Igrejas e, como tais, devem exercer o ministério tal qual lhes foi recomendado. A partir disso, e das considerações já esboçadas no segundo capítulo (*Os problemas do ministério pastoral contemporâneo*), tecer observações que sejam pertinentes para a discussão acerca do ministério pastoral nas IEB's.

5 REFLEXÕES PARA O MINISTÉRIO PASTORAL EVANGÉLICO NA ATUALIDADE, A PARTIR DAS INSTRUÇÕES E DELEGAÇÕES A TIMÓTEO E TITO

5.1 Introdução

Nos capítulos anteriores constatou-se, primeiro, algumas marcas problemáticas nas IEB's contemporâneas com relação à formação e ao desenvolvimento do ministério pastoral. Em seguida, buscou-se reconstruir o ambiente e a importância das Cartas Pastorais, na tentativa de preparar o caminho para uma análise mais acurada dos textos, com vistas às possíveis soluções para os problemas levantados no primeiro capítulo. Isso foi realizado a seguir quando, no quarto capítulo, buscou-se resgatar a imagem do apóstolo Paulo, por meio da leitura e interpretação das Pastorais, como paradigma para o ministério pastoral hodierno.

Se, como visto no início desta pesquisa, a crise maior experimentada nas IEB's contemporâneas diz respeito à figura do pastor²⁸⁶, *retrogerando*, conseqüentemente, uma crise em todos os processos ministeriais e eclesiais²⁸⁷, então, é mais do que urgente buscar-se uma solução que tente integrar as novas demandas, colocadas pelos processos sociais influenciados pelos ideais pós-modernos, e os antigos fundamentos da Igreja. Se o fundamento principal da Igreja e do ministério cristão repousa em Jesus Cristo e na sua Palavra, logo, é a estes que se deve voltar e encontrar as respostas para os desafios que ora se colocam.

Assim, neste momento, o objetivo é realizar algumas *Reflexões para o ministério pastoral evangélico na atualidade, a partir das instruções e delegações a Timóteo e Tito*, acerca das qualificações essenciais que os pastores e demais ministros devem apresentar. Como dito, a intenção é perceber como Timóteo e Tito seguem, de fato, o modelo que é o apóstolo Paulo na liderança e pastoreio de suas comunidades, já que são os seus representantes nas Igrejas estabelecidas em Éfeso e Creta²⁸⁸. E, a partir disso e de algumas das

²⁸⁶ “Existe uma crise contemporânea da identidade do pastor. Até passado recente, falava-se de vocacionados ao ministério, com algumas certezas quanto à sua identidade que alimentava as levas de seminarista, pois é assim que eles eram chamados, para as instituições de onde saíam pastores. Se esse processo de identidade ainda parece persistir, na prática, aquelas certezas foram demolidas. No momento, não se sabe, exatamente, o que é um pastor, o que ele faz, como ele é formado e se, o que é pior, há necessidade de pastor!”. SANCHES, S. de M. *Perplexos, mas não desanimados: um outro olhar sobre a Igreja evangélica na pós-modernidade*. Belo Horizonte, Lectio Editora, 2006. p. 82.

²⁸⁷ Cf. LOPES, H. D. *Op. cit.*, p. 11-14.

²⁸⁸ Conforme KELLY, J. N. D. *Op. cit.*, p. 10.

considerações já esboçadas no segundo capítulo, tecer observações que sejam pertinentes para a discussão acerca do ministério pastoral para as IEB's.

Ao longo de todo o texto das três Cartas, o ministério pastoral tem grande importância por ser visto como o centro de toda a estrutura e organização da Igreja e o modelo de fé e prática para todos os fiéis. Seja nos conselhos a respeito das coisas que devem ser evitadas, como as heresias, seja nas recomendações diretas com relação ao modo como os homens e mulheres devem se comportar, seja através das referências ao passado pecaminoso que foi ricamente alcançado pela graça do Senhor, todos os momentos, nas Pastorais, remetem ao assunto principal: o pastorado e sua atuação à frente da Igreja, com o propósito de conduzir a todos pelo bom caminho da tradição do Evangelho.

5.2 Qualificações individuais indispensáveis aos pastores

Para a maioria das pessoas, o *pastor* é alguém que participa diariamente de uma comunidade religiosa, integrado a uma vida piedosa e de serviço aos outros. É, geralmente, definido como o “guia espiritual”²⁸⁹ dos grupos religiosos cristãos e, por isso, tido como um personagem de referência para grande parte dos grupos sociais. E, mesmo que essas impressões venham gradativamente sendo alteradas e novas definições estejam surgindo²⁹⁰, o *pastor* ainda é aquele sobre quem repousa a responsabilidade de cuidar do Povo de Deus.

Richard Mayhue, teólogo batista, revela sua preocupação com relação ao ministério pastoral quando faz as seguintes perguntas:

O que o pastor deve ser e fazer? Como a Igreja deve reagir diante de uma cultura que sofre rápidas mudanças? O que é importante para Deus? Qual a preocupação de Cristo com o tradicional e o contemporâneo? As Escrituras são hoje uma base adequada para o ministério? Quais são as prioridades do ministério pastoral? O pastor deve estar sob a autoridade de quem? Como distinguir entre um pastor chamado por Deus e um impostor? Quem define as necessidades do ministério: Deus ou os homens? Qual a direção que Cristo quer dar à Igreja do século XXI? E, depois de tudo, quando nos colocarmos diante do Senhor da glória e prestarmos conta de nossa mordomia, o que diremos? E, ainda mais importante, o que Ele nos dirá?²⁹¹

²⁸⁹ PASTOR. In: HOUAISS, A. *Op. cit.*

²⁹⁰ Cf. SANCHES, S. de M. *Perplexos...* p. 73-113. Neste capítulo de sua obra, Sidney Sanches trata das influências do pensamento pós-moderno sobre a identidade individual dos seres humanos e utiliza como exemplo casuístico a figura do *pastor* para demonstrar como a pós-modernidade afeta diretamente a identidade evangélica nos dias de hoje.

²⁹¹ MAYHUE, R. L. *Redescobindo o ministério pastoral*. In: MacARTHUR JUNIOR, J. *Op. cit.*, p. 24.

A preocupação de Richard Mayhue assume importante lugar na discussão sobre o perfil do pastor na atualidade. Suas questões tocam diretamente na essência do caráter do ministro cristão. Dessa forma, resta observar o que as Pastorais falam acerca das qualidades e características que os pastores devem ter para assumirem o ministério eclesiástico. E o que elas mais alegam, de fato, é que aqueles que estão ou querem estar no ministério “devem ser pessoas corretas, líderes de caráter irrepreensível”²⁹², entre outras características que serão vistas abaixo.

5.2.1 Fé e boa consciência – 1Tm 1.19; 2Tm 2.8; Tt 2.1

Depois de lembrar a Timóteo as responsabilidades proféticas recebidas no passado²⁹³, por meio da imposição das mãos dos líderes da Igreja (Cf. 1Tm 4.14 e At 16.1-3) e de convidá-lo a experimentar um verdadeiro combate contra as perversões do conteúdo do Evangelho (1Tm 1.18), um dos primeiros encargos ou uma das primeiras diretrizes pastorais que Paulo lhe dá é clara: “**Mantendo fé e boa consciência**” (1Tm 1.19a).

Fé em quê? Obviamente, na verdade do Evangelho “de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, **segundo o meu evangelho**” (2Tm 2.8). Fé naquela verdade que desde o início da caminhada com o apóstolo lhe era transmitida e ensinada (*lit.* κατὰ τὸ εὐαγγέλιόν μου). *Manter a fé* é manter o próprio conteúdo do Evangelho vivo e pertinente para a vida da Igreja de Éfeso.

Quando o apóstolo escreve a Tito, recomendando seus deveres pastorais em Creta, faz o mesmo tipo de observação com relação a esse elemento prático da fé verdadeira em Jesus Cristo. Ele diz: “Tu, porém, fala o que convém à **sã doutrina**” (*lit.* τῇ ὑγιαίνουσῃ διδασκαλίᾳ – Tt 2.1). Tito deve pastorear conforme aquilo que aprendeu a respeito da verdade do Evangelho, que é a “sã doutrina” capaz de formar os cristãos no exercício da piedade e da caridade. Os versos seguintes (2-10) fazem menção a isso, ao modo como a fé orienta as relações sociais, de maneira que a justiça se manifeste no meio da Igreja. Como afirma Rinaldo Fabris: “Uma correta organização eclesiástica – que se opõe à desordem prática dos hereges e dos que se desviaram – estabelece também um catálogo de deveres para cada

²⁹² CARSON, D. A. (et al.). *Op. cit.*, p. 415.

²⁹³ William Hendriksen afirma que essa delegação feita pelos profetas, provavelmente de Listra ou Derbe (conforme At 16.1-3), “destacavam Timóteo para um serviço especial no reino de Deus, resumiam seus deveres, prediziam seus sofrimentos e o confortavam com a promessa do auxílio divino em suas tribulações”. HENDRIKSEN, W. *Op. cit.*, p. 111.

categoria de pessoas”²⁹⁴, e esses deveres correspondem à vivência prática do Evangelho. Eugene Peterson deixa isso claro quando descreve

a tarefa pastoral de Tito como o desenvolvimento de uma liderança que honra o Evangelho na comunidade. Uma comunidade que não é constituída sob a influência transformadora de Jesus é vulnerável a qualquer pessoa com personalidade forte, carismática e autoritária, quer ela se relacione com Jesus, quer não²⁹⁵.

Por que, então, Timóteo deveria conservar a sua fé e fazer de tudo para manter sua consciência limpa e Tito deveria se preocupar com o verdadeiro ensinamento? Eles, enquanto “modelo dos pastores, deve[riam] realizar por primeiro o ideal cristão: uma fé segura e uma conduta moral irrepreensível, caracterizada pelas boas obras (caridade e justiça)”²⁹⁶. O modo como suas tarefas pastorais deveriam ser levadas adiante, por meio de fé e consciência boa, é a maneira pela qual o combate (1Tm 1.18) é feito. A própria atitude de Timóteo à frente da Igreja é o modelo clarificador do comportamento daqueles que se desviam desse padrão, isto é, o seu comportamento zeloso pela prática verdadeira da fé faz evidenciar o erro dos outros, que se perdem porque se desviam do propósito da fé.

No próprio texto Paulo explica: “Porquanto alguns, tendo rejeitado a **boa consciência**, vieram a naufragar na fé” (1Tm 1.19b). Estes são aqueles que não seguiram o padrão das boas obras, fruto de uma “boa consciência” (*lit.* ἀγαθὴν συνείδησιν²⁹⁷), e terminaram por testemunhar uma fé não verdadeira ou não correspondente à verdade do Evangelho. Ou, como afirma João Calvino: “O apóstolo mostra quão necessário se faz que uma consciência íntegra acompanhe a fé, pois o castigo de uma má consciência consiste no desvio da senda do dever. [...] A fé pode afundar-se no abismo de uma má consciência”²⁹⁸.

Como visto acima (item 4.5²⁹⁹), em 1Tm 1.5 Paulo utiliza uma estrutura tríplice (“coração puro”, “consciência boa” e “fé sem hipocrisia”) para se referir àqueles que

²⁹⁴ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 296.

²⁹⁵ PETERSON, E. *Tito: começando a carreira*. In: PETERSON, E.; DAWN, M. *Op. cit.*, p. 174.

²⁹⁶ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 241. Acréscimo do autor.

²⁹⁷ O termo grego συνείδησις significa, literalmente, “ter consciência” ou “estar consciente de algo” (Cf. RUSCONI, C. *Op. cit.*, p. 438). Isso sugere que o seu uso no NT sempre se refere à atitude que o crente deve ter uma vez que professou a fé em Cristo Jesus. Como se fosse uma lógica direta: “se salvo, praticante das boas obras da salvação”. Em vários outros momentos, Paulo utiliza essa lógica para enfatizar o serviço cristão (p.ex. Fp 2.17; 1Tm 1.4).

²⁹⁸ CALVINO, J. *Op. cit.*, p. 49, 51.

²⁹⁹ Cf. *supra*, p. 94.

“perderam-se em loquacidade frívola” (v.6), exatamente porque os seus comportamentos estavam inadequados às três características listadas.

Por três vezes, em 1Tm, Paulo utiliza o conjunto de palavras “fé e boa consciência”: 1.5, 1.19 e 3.9. Através disso, uma idéia fica evidente: há uma conexão entre o sentimento e confissão religiosa (fé) e o comportamento moral (consciência), como destaca Howard Marshall, essa estrutura serve “para caracterizar a existência cristã autêntica”³⁰⁰. E Timóteo e Tito devem dar conta das duas, enquanto pastores, no desenvolvimento dos seus ministérios nas Igrejas de Éfeso e Creta.

Estas duas características são diretamente confrontadas com o que foi destacado no segundo capítulo a respeito do conteúdo da pregação (Cf. item 2.2³⁰¹). Se o que se vê na atualidade é um discurso de tom persuasivo que contribui para a falta de maturidade cristã, conversões artificiais, pragmatismo, individualismo, e tantas outras conseqüências, nas Pastorais, o centro da pregação, do anúncio e do ensinamento é cristocêntrico, que convoca as pessoas para uma fé sincera e que se reflete no amor ao próximo. E, o pastor deve ser exemplo dessa fé; deve ser o primeiro a dar o exemplo de “fé e boa consciência”, de modo que, através do seu próprio agir, as pessoas cheguem ao conhecimento da verdade da “sã doutrina” e demonstrem isso na sua vida cotidiana.

5.2.2 *Ser servo do Senhor – 2Tm 2.24-26*

Característica marcante do ministério pastoral desenvolvido nas Pastorais é o serviço. A consciência que Paulo tem do seu ministério enquanto submetido ao chamado de Deus e o modo como ele exorta a Timóteo e Tito para que tenham a mesma consciência, demonstra o quão importante é, para o apóstolo, essa dimensão do pastor que é servo do Senhor, mas é, também, servo daqueles que o Senhor coloca em suas mãos para cuidar.

Obviamente, todos os salvos em Jesus Cristo e que são membros da Igreja cristã têm um ministério e devem desempenhá-lo com zelo e amor, como verdadeiros servos do Senhor³⁰². No entanto, no texto de 2Tm 2.24, o apóstolo deixa claro que sua recomendação é para todos aqueles que têm a função específica de pastorear ou liderar a comunidade. Ele diz:

³⁰⁰ “Πίστις and ἀγαθὴ συνείδησις combine, as in 1.5 (cf. 3.9), to characterize authentic Christian existence”. MARSHALL, I. H. *Op. cit.*, p. 411 (Tradução livre).

³⁰¹ Cf. supra, p. 14-20.

³⁰² As fórmulas mais usuais no NT são: “servo de Deus” (At 16.17; Rm 6.22; Tt 1.1; Tg 1.1; 1Pe 2.16; Ap 7.3; 15.3; 19.2) e “servo de Cristo” (Rm 1.1; Gl 1.10; Ef 6.6; Fp 1.1; Cl 4.12; 2Pe 1.1).

“Ora, é necessário que o **servo do Senhor** não viva a contender, e sim deve ser brando **para com todos**, apto para instruir, paciente”.

O que se pede a Timóteo e, através dele, a todos os pastores e ministros é que sejam íntegros no agir e hábeis para o ensinamento, equilibrados e moderados para que não incorram no mesmo erro daqueles que se impõe por meio de atitudes extremamente “insensatas e absurdas” (v.23) e desviam da prática da verdade. Como destaca Rinaldo Fabris: “Essa releitura da práxis pastoral em chave religiosa afasta-a de um mero taticismo esperto, próprio de hábeis ‘empresários’ eclesiásticos”³⁰³.

O apóstolo escreve: “Disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez” (2Tm 2.25-26a). Por isso, o ministério pastoral caracterizado fundamentalmente pelo ensino da verdade do Evangelho, tem o seu lado positivo e negativo. Positivo, pois, se preocupa em ensinar a todas as pessoas no caminho correto da verdade, e negativo, porque, às vezes, não deverá deixar de corrigir àqueles que se desviarem desse caminho. Contudo, o que se pede é mansidão e paciência nessa tarefa, não um autoritarismo típico daqueles que querem se impor à força.

Além disso, se o servo do Senhor adornar o seu ensino cristão com um caráter cristão, e se for brando em seu trato com os inconstantes, ‘disciplinando com mansidão os que se opõem’, um bom resultado virá. Deus mesmo, através de um tal ministério, pode operar uma notável obra de salvação. Tão importante como a correção feita pelo manso servo do Senhor, Deus mesmo é quem lhes dá ou concede o arrependimento³⁰⁴.

Certos paradigmas eclesiásticos atuais supervalorizaram a importância do *título* pastoral. Muitos homens e mulheres foram/são colocados nos mais altos pedestais da fama e do sucesso e tratados como verdadeiras celebridades. Como a fama e a notoriedade pública são elementos de extrema sedução, o sucesso do ministério pastoral passa a ser buscado com uso das mais diversas estratégias e passa a ser medido pelo nível de exposição que determinado líder tem nas diversas modalidades midiáticas. Em alguns casos, *ter o título* pastoral é sinal de prestígio, de *status* e de possibilidade de ascensão social, como os que enveredam pela carreira pública³⁰⁵.

³⁰³ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 324.

³⁰⁴ STOTT, J. *Op. cit.*, p. 71.

³⁰⁵ Sobre este aspecto, Sidney Sanches comenta: “Quando um pastor se utiliza desse nome para atuar na Câmara dos Deputados, a palavra já não mais corresponde àquilo que se sabia ser um pastor. Ele é um pastor-deputado,

Esta constatação se choca diretamente com o ponto de vista de John MacArthur, que pontua: “Os pastores não têm posição social. Na maior parte das culturas, os pastores ocupam os degraus mais inferiores da escala social”³⁰⁶. O que se vê são homens e mulheres cada vez mais em busca do poder e do sucesso por meio da sua influência representativa religiosa. Esquecem, talvez, das várias palavras de Jesus: “Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos” (Mc 9.35); “Pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva” (Mt 20.26b); “Mas o maior dentre vós será vosso servo” (Mt 23.11); “Aquele que dirige seja como o que serve” (Lc 22.26); de Pedro: “pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, [...] como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho” (1Pe 5.2-3); e de Paulo: “Os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição” (1Tm 6.9).

Isso revela o distanciamento considerável entre *ter* o *título* pastoral e *ser*, de fato, um pastor. Muitos podem *ter* o *título* e se utilizarem dele, mas não *serem* pastores, porque *ser* pastor é, antes de tudo, ser servo de Deus e do seu Evangelho, não servo da própria vontade ou interesses particulares. *Ter* o *título* de pastor exige o nível de comprometimento, responsabilidade e fidelidade a Deus e ao seu Evangelho, conforme é explicitado nas Pastorais. Não se pode usar o *título* pastoral de maneira revel, pois essa é a atitude dos pecadores insensatos. Mas, antes, *ser* reconhecido como pastor traz consigo todo o peso do chamado e da vocação de Deus para os homens e mulheres que estão dispostos a serem seus servos, submetidos à sua vontade, à sua Palavra e ao serviço à comunidade (Cf. 1Tm 4.6).

5.2.3 Exercício da piedade e pureza – 1Tm 4.7, 5.22; 2Tm 3.14-15

Embora alguns autores discordem³⁰⁷, na teologia paulina é evidente o uso de um *indicativo-imperativo* para a conduta da vida cristã. Isso quer dizer que, para Paulo, se o ato salvador de Deus em Cristo, por meio da sua morte e ressurreição, é o fundamento da experiência de vida cotidiana do crente, então, o comportamento ético, o caráter e a conduta

um deputado-pastor, ou um pastor que, no exercício de um mandato popular, atua como deputado? Nessas condições, na Igreja ele é pastor, durante as sessões legislativas, ele é deputado?”. In: _____. *Perplexos...* p. 96.

³⁰⁶ MacARTHUR JUNIOR, J. *Op. cit.*, p. 14.

³⁰⁷ Cf. PORTER, S. E. Holiness, sanctification. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 401.

do cristão, nas suas relações sociais diversas, deve corresponder ao que Deus, em Cristo, o faz ter³⁰⁸. Nas palavras de James Dunn:

É amplamente reconhecido que o indicativo é a pressuposição necessária e o ponto de partida para o imperativo. O que Cristo fez é a base para o que o cristão deve fazer. O começo da salvação é o começo de novo modo de viver. A “nova criação” é o que torna possível andar “em novidade de vida”. Sem o indicativo, o imperativo seria ideal impossível, fonte de desespero em vez de solução e esperança. O imperativo deve ser a consequência do indicativo. Todo “deve” repousa sobre um “é”³⁰⁹.

Dessa forma, o apóstolo não consegue conceber (*imperativo*) um comportamento cristão que não *co-respond*a à graça salvadora de Deus que é capaz de tornar o velho homem em novo homem (*indicativo*). Essa resposta é sempre descrita como o *processo de santificação* do crente, onde, “a santidade ou a santificação inclui o status soteriológico e – mais importante – a perfeição ética e escatológica”³¹⁰ no presente cotidiano das relações, com Deus e com o próximo.

Por três vezes, pelo menos, é possível encontrar essa recomendação a Timóteo para o desenvolvimento de uma vida de santificação, da busca por santidade e pureza: “Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas caducas. **Exercita-te**, pessoalmente, **na piedade**” (1Tm 4.7); “**Conserva-te** a ti mesmo **puro**” (1Tm 5.22); “Tu, porém, **permanece naquilo que aprendeste** e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2Tm 3.14-15).

O apóstolo Paulo insiste: “Exercita-te, pessoalmente, **na piedade**”. A palavra “piedade” (εὐσέβεια e suas derivações) aparece cerca de 13 vezes em todas as Pastorais (1Tm 2.2; 3.16; 4.7, 8; 5.4; 6.3, 5, 6, 11; 2Tm 3.5, 12; Tt 1.1; 2.12) e sempre se refere à atitude religiosa dos cristãos, ligada ao conhecimento da fé, que tem como centro a consciência da

³⁰⁸ Cf. MOTT, S. C. Ethics. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 269-275.

³⁰⁹ DUNN, J. D. G. *Op. cit.*, p. 709s.

³¹⁰ Cf. PORTER, S. E. *Op. cit.*, p. 397-402. Essa perspectiva fica mais clara nas palavras de Ivênio dos Santos, pastor batista: “Nós *fomos* salvos, *estamos sendo* salvos, e *seremos* salvos. São estas, portanto, as três etapas da nossa grande salvação: *fomos* salvos da *penalidade* do pecado pela *morte substitutiva* de Jesus; *estamos sendo* salvos do *domínio* do pecado pela *vida substitutiva* de Jesus; *seremos* salvos da *presença* do pecado pela *volta gloriosa* de Jesus”. In: SANTOS, I. dos. *Santidade ao seu alcance: a surpreendente revelação bíblica da santificação como obra da Graça divina e não do esforço humano*. Belo Horizonte: Redenção, 1999. p. 32 (Grifos do próprio autor).

nova vida *em* Cristo Jesus. De forma geral, εὐσέβεια “é uma das virtudes do homem que é justo, passando a significar uma atitude cristã para com a vida”³¹¹.

Carlo Rusconi, analisando as variantes do termo na língua grega, define “piedade” da seguinte forma: 1) “sentido religioso; temor; reverência; religiosidade; práticas; comportamentos; sentimentos de piedade” (εὐσέβεια); 2) “ser piedoso; mostrar piedade, reverência: para alguém” (εὐσεβέω); e 3) “piedoso; temente a Deus; religioso” (εὐσεβής)³¹². O Dicionário Houaiss apresenta duas definições para o termo: 1) “devoção, amor pelas coisas religiosas; religiosidade; virtude que permite render a Deus o culto que lhe é devido”; e 2) “compaixão pelo sofrimento alheio; comiseração, dó, misericórdia”³¹³. Disso, pode-se concluir que a “piedade”, segundo o uso paulino, tem um caráter estritamente religioso individual e, ao mesmo tempo, comunitário³¹⁴. Essa idéia fica evidente nas palavras de William Klein, teólogo reformado:

Em primeiro lugar, Paulo apresenta a perspectiva individual de perfeição para os fiéis. Ele exorta os cristãos que foram tão agraciados pela salvação de Deus para que busquem o que é perfeito.[...] Segundo, no lado coletivo, Paulo exorta a Igreja à maturidade – a se tornarem adultos plenamente amadurecidos em todos os sentidos. [...] A maturidade também acarreta a expressão coletiva de unidade da Igreja caracterizada pela fé e pelo amor³¹⁵.

A estrutura lingüística metafórica é a *esportiva*, isto é, Paulo utiliza a imagem do atleta que sempre busca estar *em forma* (1Tm 4.8), por meio de uma vida disciplinada de exercícios físicos, para falar da vida de santidade pessoal que Timóteo deveria desenvolver sempre. Se o objetivo do atleta é desenvolver o corpo, o objetivo do pastor Timóteo deve ser desenvolver-se na piedade. Se o atleta se torna modelo de dedicação e empenho na busca pelo condicionamento físico ideal, o pastor Timóteo deveria tornar-se modelo de dedicação e

³¹¹ GÜNTHER, W. Εὐσέβεια. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Op. cit.*, p. 1665.

³¹² Cf. RUSCONI, C. *Op. cit.*, p. 207. Para um estudo mais aprofundado sobre o termo εὐσέβεια conferir: MARSHALL, I. H. *Op. cit.*, p. 135-144.

³¹³ PIEDADE. In: HOUAISS, A. *Op. cit.*

³¹⁴ É o que James Dunn procura expressar quando afirma que a “ética de Paulo não pode ser abordada apenas sob o título de ética pessoal. Em todas as ocasiões a sua preocupação era com a interação social. Já sabemos que o seu entendimento do processo de salvação era de natureza totalmente corporativa, que ele reagia fortemente contra qualquer idéia de maturidade não dependente da comunidade de fé e sem interdependência em relação a ela. Portanto, o indivíduo como indivíduo dificilmente poderia esperar viver os princípios de Paulo apenas para si”. DUNN, J. D. G. *Op. cit.*, p. 755.

³¹⁵ “First, Paul holds out prospect of perfection for individual believers. Paul urges Christians who are been so greatly graced by God’s salvation to seek what is perfect. [...] Second, on the corporate side Paul urges the church to maturity – to become fully grown adults in all their ways. [...] Maturity also entails the church’s corporate expression of unity characterized by faith and love”. KLEIN, W. W. Perfect, mature. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 699-701 (Tradução livre).

empenho na busca por uma vida correta, pura e fiel aos mandamentos do Senhor. Agindo assim, será modelo para toda a Igreja, de um “bom ministro de Cristo Jesus, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina” (1Tm 4.6). Nas palavras de John Kelly:

Toda a ênfase é colocada no dever de Timóteo de fazer-se um modelo para o seu rebanho. Ao colocar diante deles um exemplo de fé, devoção e conduta cristãs, desviará a atenção deles da heresia, e, ao mesmo tempo, poderá dar vazão plena e frutífera ao dotamento espiritual que possui em virtude da sua ordenação³¹⁶.

A busca pela pureza, santidade e autodisciplina se resume ao desejo da própria piedade, uma vez que ela “designa a atitude religiosa no sentido mais profundo, a verdadeira reverência a Deus que advém do conhecimento dEle”³¹⁷. A busca pelo desenvolvimento da santificação é o desejo correto do crente que tem consciência da graça de Deus que o alcançou e que deve responder a ela, de forma que o caráter de Cristo seja desenvolvido, formado e reproduzido na vida dos outros. Qualidade essa, então, indispensável ao pastor, uma vez que deve ser o modelo a ser seguido pelas suas ovelhas.

No entanto, por causa do ativismo das suas agendas superlotadas e se a força numérica seduz mais que o empenho e compromisso espiritual, moral e ético, a consequência imediata é a falta de tempo para que os pastores se tornem comprometidos com a **leitura da Bíblia e a oração**, os exercícios fundamentais para o desenvolvimento da espiritualidade pessoal. Isso demonstra que muitos têm falhado na tarefa primeira, e necessária, da busca pela santificação individual como base dos seus ministérios pastorais. Se os pastores não têm “piedade” alguma, suas vidas se tornam um desastre e um mau exemplo para todos, e o resultado se mostra por meio dos inúmeros escândalos, propagandeados e explorados pela mídia, revelando que o que muitos pastores proclamam nos seus púlpitos é cancelado pela “impiedade” (ἀσέβεια) de suas vidas, pela falta de temor a Deus e desejo de seguir verdadeiramente a Cristo.

Henry Nouwen chama atenção para a importância da vida de oração do pastor, quando disserta sobre o tema da liderança cristã em tempos de pós-modernidade:

Se existe uma área onde o líder cristão do futuro precisará dar atenção, é a disciplina de habitar na presença daquele que está sempre perguntando: “Você me ama? Você me ama? Você me ama?” É a disciplina da oração. Através dela evitamos ser

³¹⁶ KELLY, J. N. D. *Op. cit.*, p. 96. “A sã doutrina e a piedade apresentam-se como conceitos teológicos relevantes, e o modelo do pastor coloca-se como categoria teológica no sentido de que é a garantia de permanência na doutrina correta e como forma de manter o vínculo com a tradição paulina”. STRÖHER, M. J. *Op. cit.*, p. 84. Conferir, também: REASONER, M. Purity and impurity. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 775-776.

³¹⁷ KELLY, J. N. D. *Op. cit.*, p. 65.

dominados por uma questão urgente após outra e deixamos de ser estranhos para o nosso próprio coração e o coração de Deus. A oração nos mantém em casa, fundamentados e seguros, mesmo quando estamos na estrada, nos movendo de um lugar para outro e cercados por sons de violência e guerra³¹⁸.

É por meio da oração e da leitura da Bíblia que o pastor tem acesso à revelação da vontade de Deus para si e para a sua comunidade. É por meio de uma vida de devoção ou santificação pessoal que o pastor torna-se habilitado a ser porta-voz dessa vontade de Deus para o seu povo. Como afirma Paulo, essa piedade, esse “exercício espiritual é muito mais importante, e é um revigorante para tudo o que você faz” (1Tm 4.8³¹⁹). Entretanto, se elas estão ausentes, a consequência imediata é a falta de pastoreio, de *formação*, de direção espiritual e de modelos para o restante do povo de Deus.

5.2.4 Disciplina no estudo e ensino – 1Tm 4.13; 2Tm 1.13, 2.15-18; Tt 2.7b-8

Como afirmado logo acima, a leitura e o estudo da Bíblia é fundamental para o desenvolvimento espiritual-pessoal do pastor. Se uma crise se estabelece nas IEB's hoje, isso se dá, principalmente, pela má formação e pela falta de preparo dos pastores para uma reflexão teológica séria, fundamentada nas Escrituras.

Confirmando o que foi dito no item 2.5³²⁰, o ministério pastoral hoje se desenvolve de uma maneira tão fácil que muitos novos *ministros e ministras* assumem seus postos de liderança numa Igreja, muitas vezes auto-intitulando-se apóstolos, bispos, pastores e pastoras, sem sequer terem passado por período teológico preparatório para isso. E o que se constata, na verdade, são muitos homens e mulheres desabilitados, sem capacitação adequada para o desempenho de suas funções ministeriais e, além disso, sem uma importante percepção teológica que os possibilite enxergar a realidade sócio-ecclesial de maneira mais crítica e menos *mercadológica*. Como afirma Henry Nouwen:

Poucos ministros e líderes pensam teologicamente. A maioria foi educada num clima em que as ciências comportamentais, tais como a psicologia e a sociologia, dominaram tanto o currículo educacional que muito pouca teologia autêntica foi ensinada. [...] A verdadeira reflexão teológica, o que significa pensar com a mente de Cristo, é muito difícil de se encontrar na prática do ministério. Sem uma sólida reflexão teológica, os futuros líderes serão pouco mais do que pseudo-psicólogos, pseudo-sociólogos e pseudo-assistentes sociais³²¹.

³¹⁸ NOUWEN, H. J. M. *O perfil do líder cristão do século XXI*. Belo Horizonte: Atos, 2002. p. 27.

³¹⁹ Versão A Bíblia Viva. 2 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2002.

³²⁰ Cf. *supra*, p. 36.

³²¹ NOUWEN, H. J. M. *Op. cit.*, p. 55.

As palavras de Paulo a Timóteo e Tito são diretas e tocam no cerne da questão: o verdadeiro ministro do Senhor, o pastor de verdade, é aquele que se dedica ao estudo das Escrituras Sagradas e procura desempenhar a sua prática pastoral fundamentado nelas, sendo formado e formando os crentes na verdade da Palavra de Deus. Isso fica evidente no texto dirigido a Timóteo (2Tm 2.15-18):

15. **Procura apresentar-te a Deus aprovado**, como obreiro que não tem de que se envergonhar, **que maneja bem a palavra da verdade**.
16. Evita, igualmente, os falatórios inúteis e profanos, pois os que deles usam passarão a impiedade ainda maior.
17. Além disso, a linguagem deles corrói como câncer; entre os quais se incluem Himeneu e Fileto.
18. **Estes se desviaram da verdade**, asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo a fé a alguns.

Diferentemente daqueles que se desviaram da verdade, promoveram a heresia e perigosamente perverteram os crentes, Timóteo deve desempenhar seu ministério de modo que suas ações se encontrem aprovadas em Deus, porque têm origem e fundamento na própria palavra da verdade, que é o Evangelho em que fora discipulado (“Mantém o padrão das **sãs palavras que de mim ouviste** com fé e com o amor que está em Cristo Jesus” – 2Tm 1.13), e não em simples ou inúteis maneiras de pensar. Ele, de fato, deve “contrapor aos adversários a proclamação firme e segura da fé, a ‘palavra da verdade’, e uma práxis irrepreensível, digna de alguém que trabalha na casa de Deus”³²².

Fica claro que é a “palavra da verdade” que autentica ou não a práxis dos líderes da comunidade, e agindo segundo ela, Timóteo não teria do que “se envergonhar” (*lit.* ἀνεπαίσχυντον) diante Deus e diante da Igreja, como aqueles (“Himeneu e Fileto” entre outros) que foram corrigidos (envergonhados³²³) perante todos. A *vergonha* destes, no caso, é não agir segundo a verdade do Evangelho e a *aprovação* (*lit.* δόκιμον – “provado”, “aceito”,

³²² FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 324. “Tudo leva a crer que há na comunidade um clima de conflito entre os vários grupos que exercem funções e grupos que pensam e ensinam outra verdade que não aquela que o apóstolo ou autor está indicando”. SILVA, C. A. da. *Tolerância e intolerância entre os grupos sociais em Timóteo e Tito*. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* (RIBLA). Petrópolis: Vozes, 2006. n. 55. p. 102.

³²³ O verbo “envergonhar” tem o significado, no texto, de “comprometer, manchar (a honra, a reputação, o bom nome, a memória etc.); desonrar, deslustrar, humilhar, aviltar”. Cf. ENVERGONHAR. In: HOUAISS, A. *Op. cit.*

“agradável a alguém”³²⁴) de Timóteo é ter agido diante de todas as possibilidades adversas firmado na “palavra da verdade”.

Duas outras diretrizes, uma também a Timóteo e outra a Tito, revelam que Paulo se preocupa não somente com a formação dos seus líderes/pastores, mas, por meio deles, com a formação de toda a comunidade. A Timóteo diz: “Até à minha chegada, aplica-te **à leitura, à exortação, ao ensino**” (1Tm 4.13). No texto grego, as três diretivas vêm acompanhadas, cada uma, pelo artigo definido “τῇ” (τῇ ἀναγνώσει, τῇ παρακλήσει, τῇ διδασκαλίᾳ), demonstrando, assim, que são elementos reconhecidamente válidos em toda a Igreja. Paulo insiste para que Timóteo se dedique ao ministério do κῆρυξ (*kêryx*³²⁵), de maneira equilibrada, “à leitura” da Escritura, “à exortação” no sentido de aplicação da Escritura e “ao ensino” da verdadeira doutrina que se fundamenta nessa Escritura.

A Tito, Paulo diz: “**No ensino, mostra integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível**, para que o adversário seja envergonhado, não tendo indignidade nenhuma que dizer a nosso respeito” (Tt 2.7b-8). Como alguém que deve se preocupar não menos com sua própria conduta como com o seu discurso, Tito é convocado a revelar um caráter irrepreensível em seu ministério pastoral e de ensino (*lit. ἐν τῇ διδασκαλίᾳ*³²⁶), de modo que aqueles que tentam se opor à sua pessoa sejam combatidos e os demais membros da comunidade sejam beneficiados pelo seu exemplo.

Nos dois casos, pressupõe-se o árduo empenho e dedicação de Timóteo e Tito no estudo da Escritura e no trabalho pastoral que privilegie a manutenção da sã doutrina na comunidade. É essa formação teológica, proporcionada pelos anos de convívio com o apóstolo (Cf. 2Tm 3.10) e pelo estudo da Escritura (Cf. 2Tm 3.16), que revela, evidentemente, a garantia do sucesso ministerial dos dois jovens pastores nas suas Igrejas³²⁷. É “somente na

³²⁴ RUSCONI, C. *Op. cit.*, p. 136.

³²⁵ “Arauto”, “pregador” e “mensageiro”. *Ibidem*, p. 265.

³²⁶ Segundo Marga Ströher, “a palavra *didaskalia*, entendida como corpo de doutrina, é assumida como a sã e correta doutrina, em contraposição a *outra* doutrina (1Tm 1,3.4; 6,3)”. STRÖHER, M. J. *Op. cit.*, p. 84 (Grifos da própria autora).

³²⁷ John Stott, ao comentar o texto de 1Tm 3.16, revela sua preocupação com o ministro e seu preparo teológico. Ele diz: “Paulo agora prossegue, mostrando que a utilidade da Escritura tanto se refere doutrina como à conduta (16b, 17). Os falsos mestres divorciavam essas duas coisas; nós devemos casá-las. Queremos, em nossas vidas e em nosso ministério de ensino, deixar o erro e crescer na verdade, superar o mal e crescer na maturidade? Então é para a Escritura que devemos nos voltar antes de tudo, porque a Escritura é ‘útil’ para estas coisas”. STOTT, J. *Op. cit.*, p. 98.

mesma medida em que se busca e encontra esta formação é que pode haver esperanças para a Igreja do próximo século”³²⁸.

5.2.5 Luta pela justiça – 1Tm 6.11; 2Tm 2.22; Tt 2.15

O termo δικαιοσύνη aparece no NT cerca de 91 vezes e em torno de 54 vezes na literatura paulina (33 vezes somente em Romanos). Segundo Karl Kertelge, comentarista bíblico, o uso do termo “justiça” pelos autores do NT “mantém-se preponderantemente dentro do quadro das idéias teológicas e antropológicas familiares a cada autor, seja dentro da tradição veterotestamentária e judaica, seja na linha da herança da filosofia grega”³²⁹.

Quanto ao conteúdo do conceito, há mais contato com o AT e o judaísmo do que com a linguagem grega profana. “Justiça” designa uma ação, um comportamento que tem sua norma não num conceito ideal do que seja “justo” de acordo com a doutrina grega sobre as virtudes, e sim numa relação vivencial entre Deus e o homem. Pode-se distinguir entre um conteúdo teológico e um sentido antropológico de “justiça”, ou melhor, entre o soteriológico e o ético; mas há uma relação real entre ambos. O “agir bem” de Deus possibilita e motiva o “agir bem” do homem³³⁰.

Especificamente nas Pastorais, o termo é utilizado 5 vezes (1Tm 6.11; 2Tm 2.22; 3.16; 4.8; Tt 3.5), ora se referindo à “justiça de Deus”, isto é, à obra justificadora e salvadora de Deus, revelada e realizada por meio de Cristo Jesus (o Evangelho), pela qual o homem adquire o perdão dos pecados, mediante a confissão por fé no Filho de Deus; ora se referindo à ação, atitude ou comportamento do crente em que se manifesta ou se comprova a salvação alcançada em Cristo. Por isso, em Tt 1.8, quem desempenha alguma função dentro da Igreja deve se destacar por seu compromisso com a justiça também.

É esse tipo de comportamento que Paulo espera de Timóteo e, pode-se dizer, também de Tito e do restante dos membros das comunidades de Éfeso e Creta. Ele diz a Timóteo: “Tu, porém, ó homem de Deus, **foge** destas coisas; antes, **segue a justiça**, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão” (1Tm 6.11).

³²⁸ NOUWEN, H. J. M. *Op. cit.*, p. 58.

³²⁹ KERTELGE, K. Justiça. In: BAUER, J. B. *Op. cit.* p. 224. Conferir, também McGRATH, A. E. Justification. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 517-523 e ONESTI, K. L.; BRAUNCH, M. T. Righteousness, Righteousness of God. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 827-837.

³³⁰ KERTELGE, K. *Op. cit.*, ibidem. Karl Kertelge assume, claramente, a hipótese de que as Pastorais fazem parte do grupo dos escritos posteriores do NT e, portanto, redigidas a partir da tradição paulina mais a influência dos catálogos de virtudes da ética helenista, onde a “justiça” se define por “idéia ou ideal em relação ao qual pode ser medido o indivíduo ou a ação individual” (Cf. DUNN, J. D. G. *Op. cit.*, p. 394).

Como ministro do Senhor, que deve ser exemplo para todos os membros da comunidade, pastoreando-os, Timóteo é convidado a atleticamente *fugir* de uma coisa e *correr atrás* de outra. No original grego os dois verbos, *φεύγω* (*lit.* “fugir”, “evitar”, “guardar-se de algo”³³¹) e *διώκω* (*lit.* “seguir”, “alcançar”, “ir atrás de algo”³³²), são conjugados da mesma forma (imperativo do presente ativo) e apresentados em seqüência para demonstrar, prática e objetivamente, o que Timóteo deve fazer:

1. *Fugir*, do quê? – Obviamente, se distanciar de todo tipo de comportamento que não se enquadre no ideal moral e ético estabelecido pela tradição do apóstolo e do Evangelho, aquilo que aparece citado nos versículos 3-5, 9-10 (falsa doutrina, discussões invejosas, provocações, difamações, comportamento cobiçoso e mercenário).

2. *Correr atrás*, do quê? – Timóteo deve perseguir ou se aproximar de tudo aquilo que define “toda a existência em relação a Deus e aos homens”³³³, a justiça, aquele tipo de sentimento e comportamento que, conseqüentemente, atrairá “a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão”³³⁴.

3. E, enfim, *por quê?* – Como “homem de Deus”, termo que “adiciona peso à sua exortação”³³⁵ pois carrega o sentido de alguém que está a serviço de Deus, representando a Deus e separado para estar à frente da Igreja de Éfeso como pastor, Timóteo deveria desenvolver um tipo de estilo de vida que evidenciasse e testemunhasse sua total consagração ao serviço de Deus, contrariando o comportamento daqueles que se preocupam mais com o dinheiro e o lucro.

Em outro momento, a mesma exortação de Paulo, porém, com tom mais específico: “**Foge**, outrossim, **das paixões** da mocidade. **Segue a justiça**, a fé, o amor e a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor” (2Tm 2.22). Paulo, agora, pede ao jovem³³⁶ pastor para que seja criterioso com relação às “paixões da juventude” (*lit.* νεωτερικὰς ἐπιθυμίας),

³³¹ RUSCONI, C. *Op. cit.*, p. 480.

³³² Ibidem, p. 134.

³³³ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 275.

³³⁴ O estudo de Thomas Söding é fundamental para a discussão acerca da experiência da espiritualidade e da ética individual e comunitária. Trabalhando três elementos básicos da teologia paulina – fé, esperança e amor – o autor demonstra como cada um deles é tratado individualmente dentro do pensamento de Paulo. Cf. SÖDING, T. *A tríade fé, esperança e amor em Paulo*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 190-197.

³³⁵ CALVINO, J. *Op. cit.*, p. 171.

³³⁶ De acordo com William Hendriksen, Timóteo estaria com idade entre 37 e 42 anos e, por isso, ainda seria um jovem. Cf. HENDRIKSEN, W. *Op. cit.*, p. 334.

fugindo (*lit.* φεῦγε) delas. A frase, colocada de forma *parabólica*, identifica os utensílios que servem para honra e os utensílios que servem para desonra. A *personificação* dos utensílios demonstra que os que servem para desonra são aqueles que cultivam suas “qualidades” pecaminosas ou que, segundo o versículo 18, “se desviaram da verdade”.

O que, então, há de importante nessa recomendação para deixar as “paixões da juventude” com o ofício pastoral de Timóteo? Simples e objetivamente, Paulo quer que Timóteo não seja como um deles. Antes, como pastor e líder dessa comunidade, sua conduta deve ser reta, livre da intolerância e imparcial, de modo que não gere contendas (Cf. v.23-24) com relação aos outros membros. Por isso, ele deve progredir na busca da justiça, da fé, do amor e da paz, rumo à maturidade espiritual e ministerial e que adquira, desse modo, o respeito de todos na Igreja.

No plano da prática, ou seja, do relacionamento entre as pessoas, sugere-se um método de paciência e tolerância, com alguma tentativa de moderada correção, na esperança de recuperar os que se desviaram, graças à intervenção de Deus. [...] É ainda o modelo do pastor que se recomenda, pela sua práxis íntegra e por sua habilidade para o ensinamento. Um “servo do Senhor” responsável pela comunidade deve contar com essas capacidades³³⁷.

Que tipo de relevância tem esse discurso para a IEB hoje? Talvez, ele se mostre fundamental no combate às idéias da TP, principalmente aquelas que dizem respeito ao fato de que o cristão, obrigatoriamente, deve ser próspero financeiramente. Segundo os seus propagadores, como visto acima no item 2.4³³⁸, a riqueza representa sempre a vontade de Deus para o crente e, se isso não acontece, algo está muito errado, existe pecado, ou falta fé ou ação demoníaca. Essa visível exploração financeira dos membros, por parte de alguns líderes, associadas às mensagens recheadas de conteúdo *marketeiro* e à motivação dos membros para contribuírem e alcançarem as tão merecidas bênçãos materiais, termina por gerar um certo tipo de espiritualidade onde o fiel passa a ser medido a partir das posses, da aquisição e exibição dos bens, da saúde em boas condições e da vida sem sofrimento. Esse tipo de discurso claramente revela um *desvio da verdade* (Cf. 2Tm 2.18) do Evangelho de Deus.

É, então, preciso fazer ouvir a voz de Paulo, hoje, aos pastores e líderes das IEB's, dizendo: “fujam destas coisas e sigam atrás da justiça”! Paulo diz a Tito: “Dize estas coisas; **exorta e repreende** também com toda a autoridade” (Tt 2.15). O ministro cristão deve ser o

³³⁷ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 324.

³³⁸ Cf. *supra*, p. 30.

porta-voz do Evangelho de Deus e das verdadeiras e justas motivações cristãs. É possível concluir que, se ele se desvia da verdade do Evangelho e passa a *correr* atrás daquilo que tenta subverter a Palavra e a vontade de Deus, então, toda a Igreja, também se desviará, e uma comunidade que não é constituída sob a influência do Evangelho é vulnerável a qualquer tipo de pessoa com personalidade autoritária, dominadora e opressora. Contudo, se ele se mantiver no seu lugar de autoridade (autorizado por Deus para isso) e submissão ao Evangelho de Deus, procurando viver e ser exemplo disso, então, toda a comunidade será agraciada.

5.3 A prática pastoral na comunidade

Um pastor não é *pastor* sem a sua comunidade, sem as suas ovelhas, e a Bíblia atesta isso. O profeta Ezequiel registra em seu livro as palavras de Deus denunciando o tipo de prática dos *pastores de Israel*³³⁹ no seu ministério: “Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas? [...] Assim, [as ovelhas] se espalharam, por não haver pastor” (Ez 34.2, 5). No Evangelho de João, as palavras de Jesus são objetivas: “O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge; então, o lobo as arrebatava e dispersa. O mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado com as ovelhas” (Jo 10.12). Ou, como escreve o apóstolo Pedro aos presbíteros da Igreja espalhada pela Ásia e demais regiões: “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; [...] tornando-vos modelos do rebanho” (1Pe 5.2-3b).

Tampouco, uma Igreja não é *Igreja*, corpo vivo, povo de Deus, se não tiver à sua frente um pastor. Como afirma Jürgen Becker: “As comunidades surgem porque mensageiros do Evangelho se compreendem como enviados por Deus”³⁴⁰. Se não fosse assim, o Senhor mesmo não diria a Israel: “Eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as buscarei. Como pastor busca o seu rebanho, [...] eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas e as farei repousar. [...] Elas são o meu povo” (Ez 34. 11-12, 15, 30). Nas palavras de Jesus: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas” (Jo 10.10b-11).

³³⁹ De acordo com Ezequiel 22.25-30, os *pastores de Israel* eram os sacerdotes, profetas, anciãos e príncipes.

³⁴⁰ Cf. BECKER, J. *Op. cit.*, p. 348.

Como em um princípio lógico matemático, o pastor está para a comunidade, assim como a comunidade está para o pastor. Em outras palavras, só existe a comunidade se houver quem a pastoreie e só existe o pastoreio se houver uma comunidade para ser pastoreada; a comunidade só se realiza quando dirigida por um pastor e o ministério pastoral só realiza quando inserido numa comunidade eclesial.

Se a crise estabelecida nas IEB's atinge o ministério pastoral, ela atinge, também, a Igreja como um todo. Se o ministério pastoral é desenvolvido de maneira desvinculada da vida da Igreja e dos seus membros, e objetiva o *título*, o destaque e/ou status na sociedade, como visto acima, então, o resultado é sintomático e a Igreja passa a ser composta, assim, por “ovelhas que não têm pastor” (Mc 6.34), e sim um líder carismático e cheio de habilidades empresariais.

O pastor batista Glenn Wagner chama a atenção para o desvio, mais que semântico, do conceito de *pastor* para *líder* na Igreja contemporânea, quando afirma:

As metáforas “pastor” e “líder” transmitem mensagens bem diferentes, especialmente quando cada um deles vai ocupar o papel central. Embora o pastor precise ter algumas qualidades de liderança, um líder não precisa ter ligação, de forma alguma, com o coração cuidadoso de um pastor. [...] Se nenhum dos títulos de liderança ou de autoridade ou de governo³⁴¹ são usados para descrever pastores no Novo Testamento, por que nós vamos usá-los? Por que estamos construindo um modelo de ministério em torno do conceito de liderança, se a própria Bíblia evita esse conceito na maioria dos casos?³⁴²

Embora as palavras líder e pastor se sobreponham parcialmente em significado, as abordagens que cada uma representa não são idênticas. O modelo de líder nunca pode produzir o tipo de Igreja que vai transformar a cultura ao seu redor. Somente o modelo de pastor pode fazê-lo. É por isso que Deus não nos chama para sermos líderes mas pastores. Se nosso *alvo* é o pastoreio fiel, o *resultado* vai ser uma liderança eficaz. Erramos com frequência por fazermos do resultado o nosso alvo. O problema não é que temos pastores demais e líderes insuficientes, mas é termos líderes humanos demais e não pastores chamados por Deus suficientes³⁴³.

³⁴¹ O autor cita os seguintes textos do NT: At 15.22; Gl 2.2; Hb 13.7, 17, 24, entre outros. O autor chama de “líder” o que nos textos geralmente se traduz por “guia” (ἡγούμενος).

³⁴² WAGNER, G. *Igreja S/A: dando adeus à Igreja-empresa, recuperando o sentido da Igreja-rebanho*. São Paulo: Vida, 2003. p. 157, 159.

³⁴³ Ibidem, p. 160 (Grifos do próprio autor). Glenn Wagner diferencia *pastor* e *líder* da seguinte forma:

LÍDER	PASTOR
<ul style="list-style-type: none"> • Pessoas como objeto, um meio para alcançar os fins da organização • Engenheiro, constrói sistemas de organização e estruturas • Gerente ou administrador • Transforma pessoas em objetos • Procura o crescimento da Igreja • Concentra-se em programas 	<ul style="list-style-type: none"> • Pessoas como prioridade • Encorajador do rebanho • Ministro • Conhece as pessoas e as chama pelo nome • Procura o crescimento das pessoas • Concentra-se em pessoas

Dessa forma, é importante, agora, refletir sobre as responsabilidades ministeriais dos pastores diante das suas comunidades e diretamente relacionadas a elas. Nas Pastorais, esse modelo é experimentado na relação casa-Igreja / Igreja-casa (Cf. 1Tm 3.15; 2Tm 2.20-21), onde se reflete na experiência comunitária (Igreja e/ou sociedade) o cotidiano do lar (casa) estabelecido na fé cristã³⁴⁴.

As Cartas “mostram um vivo interesse tanto pela vida da família particular como pela comunidade, entendida a partir do modelo familiar”³⁴⁵. Por isso, é candente nas Pastorais a idéia de que somente pode cuidar da organização eclesial quem sabe cuidar, administrar e governar bem a própria casa (Cf. 1Tm 3.4, 5, 12; 5.4, 8 – ver também os gráficos do item 3.7³⁴⁶).

5.3.1 Combater o bom combate – 1Tm 1.18; 2Tm 1.8, 2.3

Timóteo e Tito são jovens *pastores* que têm pela frente o difícil trabalho de dirigir duas comunidades que necessitam de orientação e organização. Para que seus trabalhos progridam, o apóstolo Paulo sabe que precisam receber instruções em relação aos aspectos práticos da vida das suas respectivas Igrejas, dos crentes, dos grupos de líderes e dos problemas com a falsa doutrina.

De maneira geral, nas três Cartas o apóstolo manifesta uma inquietude com relação aos grupos de dissidentes que mercadejam um tipo de doutrina oposta ao Evangelho de Jesus Cristo (Cf. 1Tm 6.3; Tt 1.11,16) e, por causa desse comportamento, semeiam contendas e dissensões no meio da comunidade (Cf. 1Tm 1.3-4; 2Tm 2.14,17), além de viverem uma vida imoral. Por isso, constantemente Paulo pontua a situação das Igrejas de Éfeso e Creta, recomendando a Timóteo e Tito uma atitude enérgica, e ao mesmo tempo amorosa, de

<ul style="list-style-type: none"> • Orientado por um modelo de atividade empresarial, construído sobre fundamentos psicológicos e sociológicos • Procura a auto-satisfação e a auto-referência 	<ul style="list-style-type: none"> • Orientado por um modelo bíblico enraizado na identidade de Cristo como o Bom Pastor • Procura a realização espiritual e uma absoluta dependência em Deus
---	---

³⁴⁴ Para uma investigação maior sobre o tema três estudos são importantes: MACDONALD, M. Y. *Op. cit.*, p. 294-310; STRÖHER, M. J. *Op. cit.*, p. 94-97; TOWNER, P. H. Households and households codes. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 417-419.

³⁴⁵ “Las Cartas pastorales muestran un vivo interés tanto por la vida de la familia particular como por la comunidad, entendida desde el modelo de la familia”. MACDONALD, M. Y. *Op. cit.*, p. 310 (Tradução livre).

³⁴⁶ Cf. supra, p. 67ss.

combate a esses dissidentes. Nas duas cartas a Timóteo, Paulo chama esse trabalho de “combate” (στρατεία – ou “batalha”³⁴⁷).

O autor da epístola adverte a Timóteo de que há uma verdade e que somente esta deve prevalecer. Todas as outras devem ser combatidas. Timóteo deve ter cuidado com alguns adversários e ao mesmo tempo instruir cada grupo de sua comunidade a permanecer fiel em sua função na comunidade e na sociedade³⁴⁸.

Para isso, o convite é direto: “Este é o **dever** de que te encarrego, ó filho Timóteo, segundo as profecias de que antecipadamente foste objeto: **combate, firmado nelas, o bom combate**” (1Tm 1.18). Baseado nas profecias do passado, recebidas por Timóteo por meio da imposição das mãos dos líderes da Igreja (Cf. 1Tm 4.14), Paulo o encarrega de uma “ordem” (*lit.* ταύτην τὴν παραγγελίαν): combater, com base nas mesmas palavras proféticas³⁴⁹, o pensamento enganador que quer tomar conta da Igreja de Éfeso.

Paulo ordena a Timóteo que combata os que pervertem o Evangelho, porque a atitude deles tem contribuído negativamente para a vida da comunidade e para vida dos membros da Igreja. Um dos dois citados, Himeneu, era uma pessoa influente na Igreja de Éfeso. Mas, Paulo se refere aos seus comportamentos e ensinamentos como um “câncer” (*lit.* γάγγραινα – Cf. 2Tm 2.17). O segundo, Alexandre, é mencionado como alguém que causou “muitos males” ao apóstolo (Cf. 2Tm 2.14). São comportamentos desse tipo que devem ser combatidos.

Mas, Paulo exige que ele faça isso mediante uma vida pessoal íntegra e piedosa, para que não seja pego, assim como os que são objeto da sua repreensão, em alguma falha. Para isso, as *armas* que Timóteo deve dispor para esse “bom combate” são: 1) a própria autorização ministerial³⁵⁰, advinda da imposição de mãos dos presbíteros (Cf. At 13.1-3); 2) a perseverança na fé; 3) a integridade moral pessoal; 4) o exemplo de Paulo, que já havia tratado de problemas relacionados com Himeneu e Alexandre (Cf. 1Tm 1.20).

A tarefa não é nada fácil e Paulo sabe disso. Por isso, diz ao jovem pastor: “Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado, que sou eu; pelo contrário, **participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho**, segundo o poder de Deus” (2Tm 1.8) e “**Participa dos meus sofrimentos** como bom soldado de Cristo Jesus”

³⁴⁷ RUSCONI, C. *Op. cit.*, p. 427.

³⁴⁸ SILVA, C. A. da. *Op. cit.*, p. 103.

³⁴⁹ “A evocação da investidura acontecida no passado tem a finalidade de motivar a exortação atual ao empenho”. FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 240.

³⁵⁰ Cf. KELLY, J. N. D. *Op. cit.*, p. 62.

(2Tm 2.3). O termo literal traduzido por “participa comigo”, nas duas passagens, é συγκακοπάθησον. Com ele, Paulo quer que o seu discípulo combata junto com ele, sofra junto com ele pela Igreja do Senhor Jesus, a favor verdade do Evangelho.

Contudo, é importante notar que, em todas as três Cartas, Timóteo e Tito devem entrar na luta e combate contra os hereges, mas devem fazer isso concomitantemente com a organização das comunidades, com seus bispos, presbíteros e diáconos. Isso leva a concluir que esses homens e mulheres, de igual modo, seguindo o modelo e exemplo dos seus pastores, também deveriam combater os maus ensinamentos. Por isso, exigem-se deles tantas qualidades morais, religiosas e sociais. Todos, assim, são responsáveis pela integridade da comunidade e pela manutenção da sua doutrina. O combate é de todos, uma vez engajados na mesma comunidade e tarefa.

As IEB's, hoje, enfrentam problema semelhante no que diz respeito ao desvirtuamento do Evangelho. Como pontuado no segundo capítulo (*Os problemas do ministério pastoral contemporâneo*), vários elementos têm contribuído para que a Igreja, de forma geral, e o ministério pastoral, de maneira específica, se distanciem do seu propósito bíblico: a ênfase, pura e simples, no crescimento numérico; a má formação teológica, ou nenhuma formação, dos seus pastores e líderes; as pregações vazias de sentido ou super-preenchidas de conteúdos não-bíblicos, etc.

Todavia, o elemento que tem causado mais prejuízos à IEB é a chamada Teologia da Prosperidade. Com sua maneira quimérica e falaz de interpretar a Bíblia, ela tem produzido estragos por todos os lados do meio cristão. A ênfase na riqueza, na prosperidade, na saúde inviolável, na maldição hereditária, entre outras características, causa engano e confusão na cabeça dos cristãos.

Esse tipo de movimento, então, deve ser combatido. É preciso, em todo o tempo, armar-se contra todo tipo de pensamento ou de liderança que tente levantar-se contra a mensagem verdadeira do Evangelho. Mas, para isso, é necessário que os pastores e as IEB's tenham, primeiro, disposição em seus corações para rejeitarem essa forma de pensar e assumirem os valores e as verdades do Evangelho de Cristo Jesus e, em segundo lugar, testemunharem com suas próprias vidas da realidade desse Evangelho, da soberania de Deus e do poder do Espírito Santo, seguindo “a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão” (1Tm 6.11b), entre tantas outras exigências morais, éticas e espirituais presentes na Palavra de Deus.

5.3.2 O ministro deve ser padrão para a Igreja – 1Tm 4.12; 2Tm 1.13; Tt 2.7-8a

Um elemento que tem sido pouco a pouco negligenciado por parte dos líderes das IEB's é o meio de prover um estilo de vida pessoal exemplar a ser seguido por todos os membros da comunidade. Por conta do esvaziamento de sentido do ministério pastoral, muitos não se vêem mais como aquele que deve ser o referencial para um grupo de pessoas. E pior, por causa dos constantes escândalos, que alcançam níveis televisivos, o ministério pastoral e a própria imagem do pastor já não são tão bem vistos. George Zemek, teólogo reformado, pontua:

Dizem que um pastor ensinou: “Façam o que eu digo, mas não façam o que eu faço”. Infelizmente, esse adágio franco tem caracterizado numerosos pregadores do passado e do presente, muitos deles reputados como grandes mestres da Palavra de Deus. Entretanto, quando avaliado segundo as qualificações bíblicas de comunicação e caráter, tais ministros lamentavelmente ficam aquém do desejado³⁵¹.

Nas palavras dirigidas a Timóteo e Tito: “Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, **torna-te padrão dos fiéis**, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza” (1Tm 4.12), e “**Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras**. No ensino, mostra integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível” (Tt 2.7-8a), a exigência apostólica é que os pastores sejam exemplos, em tudo, para os demais membros das comunidades. Demonstrando, assim, que a vida pessoal, moral e ética, do ministro é também uma vida comunitária, no sentido de que ele é o referencial que os crentes têm para crescerem espiritualmente e existencialmente. Como afirmou Martinho Lutero: “Um bispo está exposto aos olhares do público. Qualquer aspecto desejado nas demais pessoas, deve dar-se primeiro nele”³⁵².

As duas recomendações dão elevada prioridade ao caráter, à conduta e à responsabilidade pessoal dos ministros. A *quase obrigação* de Timóteo e Tito é de serem exemplos diante dos membros das comunidades de Éfeso e Creta. Eles devem ser (ou tornar-se) um padrão (ou modelo) para os crentes. Paulo, ao dizer: “na palavra, no procedimento” e “no ensino”, deseja que os dois mantenham indissociáveis nos seus ministérios pastorais: o *discurso* e a *prática*. Segundo Rinaldo Fabris: “A exemplaridade do pastor articula-se em toda a gama da existência cristã: no falar e na práxis, no amor fraterno e na fidelidade, ligada a

³⁵¹ ZEMEK, G. J. *O exemplo*. In: MacARTHUR JUNIOR, J. *Op. cit.*, p. 294.

³⁵² “Un obispo está expuesto a las miradas del público. Cualquier aspecto deseable en los demás, debe darse en él”. LUTERO, M. *Op. cit.*, p. 74 (Tradução livre).

uma irrepreensível correção e integridade”³⁵³. Ou, como afirma João Calvino: “A doutrina será de pouca autoridade, a menos que sua força e majestade resplandeçam na vida do bispo como o reflexo de um espelho”³⁵⁴.

O termo que geralmente se traduz por “padrão” ou “modelo” é τύπος e aparece no NT cerca de 14 vezes (Jo 20.25; At 7.43, 44; 23.25; Rm 5.14; 6.17; 1Co 10.6, 11; Fp 3.17; 1Ts 1.7; 2Ts 3.9; 1Tm 4.12; Tt 2.7; Hb 8.5; 1Pe 5.3), é usado em dois sentidos distintos complementares: 1) o *molde* – “protótipo”, “modelo”, “exemplo”; 2) a *impressão* – “cópia”³⁵⁵.

Typos, com o significado de “exemplo”, é encontrado somente com referência a Paulo (Fp 3:17; 2Ts 3:9), aos oficiais da congregação (1Tm 4:12; Tt 2:7; 1Pe 5:3) ou à própria congregação (1Ts 1.7). Estas passagens não são simplesmente admoestações a uma vida moralmente exemplar; exigem a obediência à mensagem (2Ts 3.6). Marca aqueles que a proclamam, e lhes dá autoridade.³⁵⁶

Com isso, o desenvolvimento pessoal e espiritual dos pastores (Cf. 1Tm 4.15a) naturalmente alcança a todos (v.15b). O pastor “que trabalha com perseverança e fidelidade salva-se a si mesmo e a todos os que o escutam”³⁵⁷. Surge, então, uma nova perspectiva: não só o pastor é modelo para os crentes, mas cada crente, individualmente, passa a servir de modelo e exemplo para outros crentes, como aponta Heinrich Muller: “O poder formador de uma vida vivida sob a Palavra tem, por sua vez, um efeito sobre a comunidade (1Ts 1.6), fazendo com que venha a ser um exemplo formador”³⁵⁸.

Essa perspectiva aponta para uma das principais doutrinas eclesiológicas da teologia dos reformadores: o *sacerdócio de todos os cristãos*. Baseado em textos como “Vós, porém, sois [...], sacerdócio real” (1Pe 2.9) e “E nos constituiu reino, e sacerdotes” (Ap 1.6), Martinho Lutero rompeu decisivamente com a idéia tradicional da Igreja de dividi-la em dois grupos: o clero e o laicato. O historiador da Igreja, Justo González, destaca que Lutero, “em

³⁵³ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 261.

³⁵⁴ CALVINO, J. *Op. cit.*, p. 331.

³⁵⁵ Cf. MÜLLER, H. Τύπος. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Op. cit.*, p. 2516. Segundo Heinrich Muller, na LXX, o termo aparece apenas quatro vezes: Êx 25.40, Am 5.26, 3Mac 3.30 e 4Mac 6.11 (Cf. p. 2517).

³⁵⁶ Ibidem, p. 2518.

³⁵⁷ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 262.

³⁵⁸ MÜLLER, H. *Op. cit.*, p. 2518.

seu tratado *À nobreza cristã da nação alemã* (1520) afirma que este direito é dado a todos os crentes, e não somente ao clero³⁵⁹.

O mais importante, no entanto, é perceber a importância da doutrina do *sacerdócio universal* para a vida do pastor e do discípulo na Igreja. Através dela, difundiu-se a idéia de que todo cristão é um sacerdote de alguém, e todos sacerdotes uns dos outros. Como afirma Timothy George, teólogo batista, o sacerdócio “é tanto uma responsabilidade quanto um privilégio, um serviço tanto quanto uma posição. Uma comunidade de intercessores, um sacerdócio de amigos que se ajudam”³⁶⁰. E completa:

Tudo isso implica que ninguém pode ser um cristão sozinho. Assim como não podemos nascer de nós mesmos, ou batizar a nós mesmos, da mesma forma não podemos servir a Deus sozinhos. Aqui, abordamos outra grande definição da Igreja apresentada por Lutero: *communio sanctorum*, uma comunidade de santos³⁶¹.

Por fim, toda e qualquer ação, do pastor ou dos discípulos, deve revelar o cuidado e o zelo para com a Palavra de Deus, porque é nela que se fundamentam suas atitudes. É o que Paulo ainda pede a Timóteo: “**Mantém o padrão das sãs palavras** que de mim ouviste com fé e com o amor que está em Cristo Jesus” (2Tm 1.13). O apóstolo tem o cuidado de traçar uma relação entre a eficácia da Palavra, por meio de um ensino sadio, e a eficácia secundária dos exemplos éticos, manifestados com fé e amor. Paulo mesmo foi um “τύπος” para Timóteo e Tito. Ele, então, deseja que os dois também sejam “τύποι” para as suas comunidades e que cada membro dessas comunidades também seja “τύπος” uns para com os outros.

No Novo Testamento, o elo vital da imitação ética representada nos líderes da Igreja é particularmente evidente. Por conseguinte, para redescobrir o ministério pastoral de acordo com a Palavra de Deus, é preciso que os líderes eclesiais de hoje não só reconheçam e ensinem a prioridade da exemplificação moral, mas aceitem esse desafio maior pessoalmente e, por sua graça, vivam como exemplos diante das ovelhas de Deus e de um mundo crítico, pronto para levantar uma acusação de hipocrisia³⁶².

5.3.3 Apto para o ensino, admoestação e exortação – 1Tm 1.3-4, 6.3-10; 2Tm 4.2-5

Entre as várias responsabilidades atribuídas aos pastores e demais líderes, o ensino (a admoestação e a exortação) coloca-se em um grau de importância maior. Em todo o tempo,

³⁵⁹ GONZÁLEZ, J. L. Martinho Lutero. In: _____. *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*. São Paulo: Academia Cristã, 2005. p. 435.

³⁶⁰ GEORGE, T. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 96s.

³⁶¹ Ibidem, p. 97.

³⁶² ZEMEK, G. J. *Op. cit.*, p. 313.

Paulo aponta a Timóteo e a Tito o papel determinante que tem a pregação da Palavra de Deus, elemento que tem faltado em muitas pregações contemporâneas. É por meio da pregação que as questões didáticas, bem como as exortações e admoestações alcançam as comunidades, gerando um comportamento de acordo com o conteúdo ensinado. Portanto, é fundamental que o pastor seja comprometido com as verdades do Evangelho contidas na Bíblia.

No item 2.2³⁶³ já se abordou a função do κηρυξ e o caráter da sua mensagem (κήρυγμα), mas, é importante realçar que ministério pastoral e pregação da Palavra são tarefas indivisíveis e indissociáveis³⁶⁴.

A obra pastoral não é simplesmente fazer contatos sociais, é também pregar. O ministro não cessa de ser pastor quando sobe ao púlpito; ali ele assume uma das tarefas mais sérias e pesadas do ministério. [...] Ninguém pode ser um bom pastor se não conseguir pregar, assim como ninguém pode ser um bom pastor de ovelhas se não conseguir alimentar o rebanho. Uma parte indispensável do pastoreio é a alimentação. Algumas das melhores e mais efetivas obras de todo o ministério pastoral são realizadas por meio do sermão. Num sermão, ele pode alertar, proteger, curar, resgatar e nutrir³⁶⁵.

Nas Pastorais, essa preocupação para Paulo é vital. Dentre as orientações que ele dá a Timóteo, com relação aos bispos: “É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, **apto para ensinar**” (1Tm 3.2). Em 1Tm 5.17, ele ordena: “Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade **os que se afadigam na palavra e no ensino**”. Depois de instruir acerca do relacionamento entre senhores e escravos cristão, ele diz a Timóteo: “**Ensina** e recomenda estas coisas” (1Tm 6.2). A pregação e o ensino são tão importantes para o apóstolo Paulo que ele insiste com Timóteo: “**E o que de minha parte ouviste** através de muitas testemunhas, isso mesmo **transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros**” (2Tm 2.2), e com Tito, sobre o bispo, ele deve ser “**apegado à palavra fiel**, que é segundo a doutrina, de modo que tenha **poder tanto para exortar** pelo reto ensino **como para convencer** os que o contradizem” (Tt 1.9). Enfim, Timóteo, Tito e todos os que se sentirem interessados para o ofício de bispos (ἐπίσκοπος) e presbíteros (πρεσβύτερος) devem ter um comprometimento com o ensino da Palavra.

³⁶³ Cf. supra, p. 17s.

³⁶⁴ “Embora os intérpretes do Novo Testamento tenham discutido extensamente a diferença entre os verbos *pregar* e *ensinar* na tradição apostólica, está claro que no NT e na vida do pastor estes termos estão profundamente entrelaçados”. FISHER, D. *Op. cit.*, p. 319.

³⁶⁵ JEFFERSON, C. *The minister as Shepherd*. Hong Kong: Linving Books for All, 1980. p. 63-64 *apud* MacARTHUR JUNIOR, J. *Op. cit.*, p. 280.

O apóstolo faz a mesma recomendação a Timóteo, com relação ao ensino e à correção, em 1Tm 1.3-4: “Te roguei permanecesses ainda em Éfeso **para admoestares a certas pessoas**, a fim de que **não ensinem outra doutrina**, nem se ocupem com fábulas e genealogias sem fim, que, antes, **promovem discussões do que o serviço de Deus, na fé**”³⁶⁶. E, outra vez: “**Prega a palavra**, insta, quer seja oportuno, quer não, **corrige, repreende, exorta** com toda a longanimidade e doutrina [*lit.* διδαχή – ensino]” (2Tm 4.2). A sequência de verbos, neste último texto, revela que o dever e o trabalho de Timóteo não é outro senão conduzir as pessoas, o rebanho, pelo caminho do conhecimento da vontade de Deus, pelo ensino da sua Palavra³⁶⁷. Por quê?

“Pois haverá tempo em que **não suportarão a sã doutrina**; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e **se recusarão a dar ouvidos à verdade**, entregando-se às fábulas” (2Tm 4.3-4). Utilizando-se de uma estrutura lingüística própria da perspectiva futurista da apocalíptica³⁶⁸, mas, na verdade, referindo-se ao tempo presente, o apóstolo quer alertar com relação àqueles que rejeitam a verdade do Evangelho e se reúnem em torno dos falsos mestres e seus ensinamentos.

A aptidão para o ensino e o conselho depende, unicamente, da integridade do pastor. Comprovadamente, se o poder gera uma grande capacidade de corrupção, a sua busca inconsciente e o seu uso abusivo suscitam o fracasso pastoral e “não há maior tragédia para a Igreja do que um pregador ímpio e impuro no púlpito”³⁶⁹. Por isso, a preocupação do apóstolo Paulo com a integridade de Timóteo, Tito e dos demais líderes da Igreja, na Palavra, é iminente. É o que diz a Timóteo, em 1Tm 6.3-10:

3. Se alguém ensina **outra doutrina** e não concorda com as **sãs palavras** de nosso Senhor Jesus Cristo e com o **ensino segundo a piedade**,
4. é enfatizado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas,

³⁶⁶ “Em 1Tm 1,3-11 afirma-se que Paulo gostaria que Timóteo estivesse em Éfeso para admoestar (se opor) a *certas pessoas* a não ensinarem *outra doutrina*, pressupondo diferenças entre doutrinas falsas e verdadeiras. Timóteo é recomendado a evitar as *falas profanas*, as *contradições* e o que é identificado como *conhecimento*, mas que é saber falso (6,20)”. STRÖHER, M. J. *Op. cit.*, p. 85 (Grifos da própria autora).

³⁶⁷ Rinaldo Fabris propõe outro tipo de interpretação para esse verso: “Se se quiser ser meticoloso, pode-se também subdividir essa missão essencial [do pastor] nos diversos aspectos sugeridos pela variedade dos verbos: anúncio querigmático da palavra ou evangelho, orientação e correção dos que se desviam, exortação e consolo dos fracos e desanimados”. In: _____. *Op. cit.*, p. 332.

³⁶⁸ Cf. *Ibidem*.

³⁶⁹ LOPES, H. D. *Op. cit.*, p. 22.

5. alterações sem fim, por **homens cuja mente é pervertida e privados da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro.**
6. De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento.
7. Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele.
8. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes.
9. Ora, **os que querem ficar ricos caem em tentação**, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, **as quais afogam os homens na ruína e perdição.**
10. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; **e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé** e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.

Não há dúvida sobre a intenção de Paulo³⁷⁰, que é condenar todos aqueles que não aceitam o ensino verdadeiro do Evangelho, que é sadio e piedoso, mas que fazem questão de propagar um outro tipo de ensino (*lit.* ἐτεροδιδασκαλεῖ – v.3). Esse ensino desvirtuado ou totalmente diferente do Evangelho da verdade, por sua vez, privilegia outra coisa que não a piedade e simplicidade da mensagem cristã: o lucro (*lit.* πορισμόν) e o acúmulo de riquezas, e pior, por meio da fé (v.5). João Calvino explica:

O significado consiste em que a piedade é equivalente a lucro ou é uma forma de produzir lucro, porque, para esses homens, todo o cristianismo deve ser aquilatado pelos lucros que ele gera. É como se os oráculos do Espírito Santo houvessem sido transmitidos não com outro propósito, senão de servir à sua avareza; negociam como se fossem mercadoria à venda³⁷¹.

Não seria a TP a versão contemporânea (*reloaded*) desse tipo de ensinamento, visto que muitos dos seus propagadores exploram a fé dos membros, exigindo contribuições cada vez maiores, justificados ou justificando-se por um *tipo de evangelho piedoso* que, na verdade, não é o Evangelho verdadeiro, da simplicidade, da humildade e do contentamento (v.6-8)? Algumas frases são patentes com relação a isso: “Nossas palavras são decisivas para recebermos o que pedimos mediante a fé. Pronuncie tão somente palavras de vitória com respeito à sua colheita financeira”³⁷²; “O negócio que Deus nos propõe é simples e muito fácil: damos a Ele, por intermédio da Sua Igreja, dez por cento do que ganhamos e, em troca, recebemos d’Ele bênçãos sem medida”³⁷³; “É responsabilidade de Deus tornar abundante o

³⁷⁰ Neste momento, o apóstolo Paulo retoma o assunto que já havia introduzido no capítulo 1.3-10, 19-20.

³⁷¹ CALVINO, J. *Op. cit.*, p. 166s.

³⁷² AVANZINI, J. *Op. cit.*, p. 166.

³⁷³ SOARES, R. R. *Op. cit.*, p. 61.

que você dá. Quando você entrega suas finanças a Deus, ele assume pessoalmente a responsabilidade de torná-las abundantes para você”³⁷⁴; “Dar dízimos é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que diz a Bíblia. [...] Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação de cumprir a Sua Palavra, repreendendo os espíritos devoradores”³⁷⁵.

Como pontua Ronald Sider: “Muitos líderes religiosos têm fabricado algumas desculpas simplistas para a riqueza e justificativas sofisticadas para esse ‘materialismo piedoso’, com o propósito de santificar a preocupação cada vez maior dos evangélicos com a abundância material”³⁷⁶. Paulo é arrojado e suas palavras são diretas contra esse tipo de comportamento³⁷⁷. Para ele, esses homens caem em tentação por causa do amor à riqueza (*lit.* φιλαργυρία – v.10) e caminham para a “ruína e perdição” (*lit.* ὅλεθρον καὶ ἀπώλειαν – v.9) simplesmente porque se desviaram das verdades do Evangelho (“se desviaram da fé” – v.10), blasfemando (*lit.* βλασφημίαι – v.4) contra ele.

O resultado é elementar: todo pastor hoje necessita estar submisso a Deus e à sua Palavra para desempenhar bem o seu serviço e chamado na IEB. Os que não fazem isso, perdem-se nos desejos megalomaniacos de poder e status. Mas, aqueles que “foge[m] destas coisas” (1Tm 6.11a) e buscam seguir pelo caminho da “justiça, a piedade, a fé, o amor” (v.11b) contribuirão com o ensinamento da doutrina sadia a verdadeira do Evangelho. Como disse Charles Spurgeon, pastor batista: “o ensino saudável é a melhor proteção contra as heresias que assolam à direita e à esquerda de nós”³⁷⁸.

5.3.4 Cuidado pastoral – 1Tm 5.1-25; Tt 1.5-2.10

O ministério pastoral apresentado nas Pastorais não é fundamentado em outra coisa senão “no caráter e no sentido do seu [de Paulo] Evangelho”³⁷⁹. Por isso, sua preocupação em forjar nos seus dois discípulos, Timóteo e Tito, um caráter forte, irrepreensível e exemplar que

³⁷⁴ AVANZINI, J. *Op. cit.*, p. 29.

³⁷⁵ MACEDO, E. B. *Op. cit.*, p. 36, 54.

³⁷⁶ SIDER, R. *Op. cit.*, p. 91.

³⁷⁷ É importante pontuar que Paulo não é contra a riqueza em si. Ele, inclusive, dá recomendações a Timóteo para que oriente os ricos da Igreja de Éfeso (Cf. 1Tm 6.17-19). Paulo é contra a riqueza sem piedade, sem boas obras e sem submissão a Deus e a sua justa vontade.

³⁷⁸ SPURGEON, C. H. *Lições aos meus alunos: volume 2*. São Paulo: PES, 1982. p. 73.

³⁷⁹ Cf. BEASLEY-MURRAY, P. *Op. cit.*, p. 654 (Tradução livre).

fosse condizente com a verdade da mensagem proclamada sobre Jesus Cristo e a salvação. O cuidado e o zelo que Paulo tem pelos dois, ele deseja ver nas suas práticas ministeriais nas comunidades de Éfeso e Creta.

Eles devem desempenhar bem o seu serviço pastoral e, para isso, devem estar preparados e aptos para essa tarefa. Por isso, todas as recomendações que Paulo fez a Timóteo e Tito, com relação à fé e consciência, ao serviço ministerial, ao desenvolvimento da santificação, ao compromisso com o estudo e ensino das Escrituras, à integridade moral e ética, aos desafios da vocação pastoral e ao exemplo de vida que devem ser, são qualidades que, segundo ele, são indispensáveis a todos que se acham vocacionados e desejam seguir pelo caminho do ministério cristão, no serviço ao Senhor, na Igreja.

Nas Pastorais, principalmente em 1Tm 5.1-25 e Tt 1.5-2.10, Paulo dá recomendações claras sobre como e em quais áreas e aspectos Timóteo e Tito deveriam atuar. Os conselhos dados visam orientar o trabalho dos pastores na organização eclesiástica e na condução da formação dos crentes e da vida comunitária.

Ao lado das normas de teor prescritivo ou disciplinar, há exortações e reflexões parenéticas que dão ao conjunto a fisionomia de um manual para a condução da comunidade cristã. Pode-se pensar que na base dessa coleção de normas e exortações exista [...] o modelo dos catálogos ou listas de deveres nos quais o nosso autor se inspira para traçar um estilo de vida para os cristãos, de acordo com o próprio status social³⁸⁰.

As regras pastorais apresentadas a partir da perspectiva da família, seguem o modelo da relação Igreja-casa / casa-Igreja³⁸¹, onde na experiência comunitária (Igreja e/ou sociedade) se reflete o dia-a-dia do lar (casa) cristão, e vice-versa. A casa e toda sua estrutura social passa a servir de modelo para a organização, as regulamentações e as relações entre os membros da Igreja. Como afirma Philip Towner:

O efeito do emprego paulino de imagens de casa é a descrição do povo de Deus como casa de Deus, uma família viva e crescente com uma vida em comum que requer mutualidade de serviço e cuidado, reconhecimento de responsabilidades e um

³⁸⁰ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 264.

³⁸¹ Por três vezes, pelo menos, há referência à Igreja como casa e ao comportamento dos líderes eclesiásticos como líderes familiares (*pater familias*), em 1Tm 3.15 (“Para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na **casa de Deus**, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade”), em 2Tm 2.20-21 (“Ora, numa grande **casa** não há somente utensílios de ouro e de prata; há também de madeira e de barro. Alguns, para honra; outros, porém, para desonra. Assim, pois, se alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, **estando preparado para toda boa obra**”) e em Tt 1.11 (“É preciso fazê-los calar, porque andam pervertendo **casas inteiras**, ensinando o que não devem, por torpe ganância”). Conferir, também: STRÖHER, M. J. *Op. cit.*, p. 94-97. Para um estudo mais aprofundado sobre o tema, conferir: MARSHALL, I. H. *The church in the Pastoral Epistles*. In: _____. *Op. cit.*, p. 512-521 e BANKS, R. Church order and government. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Op. cit.*, p. 131-137.

senso de identidade, de fazer parte e de ter proteção. Como casa, entende-se que a comunidade do povo de Deus compõe-se de uma variedade de pessoas, papéis e responsabilidades e que, para funcionar com eficiência, é preciso manter a ordem³⁸².

A preocupação que Paulo expressa contempla dois níveis, ambos tendo como base a Igreja estruturada, a partir do modelo familiar, também, estruturado: 1) para os de fora e 2) para os de dentro. O primeiro, visando transformação da sociedade, e o segundo, visando proteger a própria comunidade contra as tendências heréticas. De outra forma, se a família é atingida pelas falsas doutrinas (Cf. 1Tm 5.13; 2Tm 3.6; Tt 1.11) ou não é dirigida por homens capazes (Cf. 1Tm 3.4, 12; 5.8), a Igreja experimenta decadência (Cf. 1Tm 3.5) e deixa de cumprir sua missão em prol da sociedade.

De acordo com Margareth Macdonald, as orientações e exortações familiares, e suas conseqüências para a vida da Igreja, na sua relação comunitária, podem se dividir em três tipos:

1. *As exortações que se referem à conduta particular na família*, nas relações marido-esposa, pais-filhos, anciãos-jovens, senhor-escravo.
2. *As exortações dirigidas à interação dos diversos membros da família no conjunto da Igreja*, objetivando o desenvolvimento moral e ético dos seus membros.
3. *As exortações aos líderes da Igreja manifestam uma estreita relação entre a própria posição na família, na conduta que exige a função de liderança e a elegibilidade para um ofício*, a partir das qualidades e qualificações exigidas³⁸³.

Dirigindo uma atenção especial para os indivíduos e para os diversos grupos dentro da comunidade de Éfeso, em 1Tm 5.1-25 Paulo dá instruções a Timóteo sobre como deve comportar-se pastoralmente na família de Deus ao tratar os idosos, jovens e mulheres (**“Não repreendas** ao homem idoso; **antes, exorta-o** como a pai; aos moços, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; às moças, como a irmãs, **com toda a pureza”** – v.1-2), as viúvas (**“Honra** as viúvas verdadeiramente viúvas. [...] **Prescreve**, pois, estas coisas, para que

³⁸² “The effect of Paul’s use of household imagery is to depict the people of God as God’s household, a living and growing family whose life together requires mutuality of service and care, recognition of responsibilities, and a sense of identity, belonging and protection. As a household it would be understood that the community of God’s people would be comprised of varieties of people, roles and responsibilities, and that to function effectively order would need to be maintained”. TOWNER, P. H. *Op. cit.*, p. 418 (Tradução livre).

³⁸³ MACDONALD, M. Y. *Op. cit.*, p. 296s. “Es probable que la importancia dada a la function de los líderes como administradores de su casa esté relacionada con la necesidad de proteger la comunidad contra la falsa doctrina. Las estructuras familiares, como medio de organización de la comunidad, proporcionan un modelo para la estabilización de las relaciones comunitarias” (Ibidem, p. 300).

sejam irrepreensíveis. [...] Mas **rejeita** viúvas mais novas, porque, quando se tornam levianas contra Cristo, querem casar-se” – v.3-16) e os presbíteros (“**Não aceites denúncia** contra presbítero, senão exclusivamente sob o depoimento de duas ou três testemunhas. Quanto aos que vivem no pecado, **repreende-os** na presença de todos, para que também os demais temam” – v.17-22).

As expressões verbais destacadas acima apontam para a direção que deve ter o cuidado, o conselho e o zelo pastoral de Timóteo. Tanto as atitudes negativas (correção, repreensão, rejeição, na aceitação), quanto as positivas (exortação, prescrição, honra, ensino), devem ser executadas com a finalidade de promover a fé e a tradição cristãs, “por causa da missão da Igreja”³⁸⁴. De acordo com Rinaldo Fabris:

O que impressiona é a preocupação escrupulosa com a justiça e a equidade, o que assegura às Igrejas uma condução digna e exemplar. Se se tem presente que a carta, com essas normas eclesiais, era destinada à leitura pública na assembléia cristã, intui-se que a solução dos problemas presbiterais, segundo o espírito das pastorais, deve ser encontrada num contexto e num estilo comunitário³⁸⁵.

A Tito (1.5-2.10), Paulo dá o mesmo tom às recomendações práticas para o ministro cristão: “Por esta causa, te deixei em Creta, para que **pusesse em ordem** as coisas restantes, bem como, em cada cidade, **constituísse presbíteros**”³⁸⁶, conforme te prescrevi” (1.5); “**É preciso fazê-los calar**, porque andam pervertendo casas inteiras, ensinando o que não devem, por torpe ganância” (1.11); “Portanto, **repreende-os severamente**, para que sejam sadios na fé” (1.13); “Tu, porém, **fala o que convém à sã doutrina** (2.1). [...] Aos homens idosos (v.2). [...] Às mulheres idosas (v.3). [...] Aos moços (v.6)”; “**Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras**” (2.7).

Paulo faz recomendações importantes a Tito em, pelo menos, três aspectos: 1) na ordenação dos bispos e presbíteros; 2) no ensino constante da sã doutrina; 3) no exemplo pessoal enquanto pastor e líder da Igreja. Todos esses três aspectos juntos devem atender satisfatoriamente à preocupação do apóstolo com a ameaça herética que ronda as famílias e a Igreja, por meio de homens que são moralmente enfraquecidos e “reprovados para toda boa obra” (Tt 1.16). O presbítero-bispo deve ser “irrepreensível” (*lit.* ἀνεγκλητος), ou seja,

³⁸⁴ MATERA, F. J. *Op. cit.*, p. 304.

³⁸⁵ FABRIS, R. *Op. cit.*, p. 270.

³⁸⁶ Os conteúdos das cartas a Timóteo e a Tito são de várias maneiras semelhantes. No entanto, um fator marca a diferença das responsabilidades dos dois pastores: a Igreja de Éfeso já tem uma estrutura eclesial formada por bispos, presbíteros e diáconos (Cf. 1Tm 3.1-7), enquanto Tito é encarregado de selecionar e organizar o ministério da Igreja de Creta (Cf. Tt 1.5-9).

“apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem” (1.9); o ensino da verdade do Evangelho deve ser a regra de fé e prática de toda a comunidade (2.1); e Tito deve ser o exemplo da própria irrepreensibilidade e moral cristãs (2.1, 7-8).

Enfim, Timóteo e Tito devem ser pastores que zelam pelas vidas que lhes foram confiadas, procurando manter a ordem comunitária com base na tradição apostólica e no Evangelho de Cristo Jesus. Para isso, eles devem estar próximos das pessoas, conhecer e reconhecer cada uma das necessidades delas, ensiná-las as verdades do Evangelho e, antes de tudo, serem eles mesmos *o* exemplo. Como afirma Glenn Wagner:

O pastor forma um relacionamento de confiança com o rebanho para que as ovelhas estejam dispostas a segui-lo para pastos verdejantes. O pastor sabe que suas ovelhas não podem ser o que elas foram chamadas para ser para Deus, nem podem produzir o que Deus as chamou para produzir, a não ser que ele fielmente as leve para onde elas precisam ir. E elas não vão segui-lo a não ser que conheçam a sua voz. Elas precisam confiar nele³⁸⁷.

Este, talvez, seja o grande desafio para muitos pastores e líderes que, influenciados por alguns modelos gerenciais ou empresariais, acabam se distanciando do rebanho, da leitura e do estudo acurado da Bíblia para poder dar conta dos seus inúmeros compromissos e agendas.

5.4 Síntese

Este capítulo pretendeu realizar algumas *Reflexões para o ministério pastoral evangélico na atualidade, a partir das instruções e delegações a Timóteo e Tito*, em dois níveis: 1) sobre as qualificações essenciais aos pastores e 2) sua atuação nas comunidades.

Lendo e interpretando diversas passagens das Cartas Pastorais, procurou-se identificar as diversas recomendações e exigências do apóstolo Paulo aos seus dois discípulos e representantes nas Igrejas de Éfeso e Creta, com relação à vida pessoal e ministerial: fé e boa consciência, compromisso com o serviço ministerial, busca do desenvolvimento da santificação, dedicação ao estudo e ensino correto das Escrituras, manutenção da integridade moral e ética, perseverança diante dos desafios da vocação pastoral, aptidão para o ensino, o conselho e a correção, zelo para com o “rebanho de Deus” (1Pe 5.2).

Essa tarefa possibilitou identificar as diretrizes e as bases para a construção ou elaboração de um modelo pastoral que pode (e necessita) ser resgatado, hoje, para tentar

³⁸⁷ WAGNER, G. *Op. cit.*, p. 165.

solucionar os diversos problemas que as IEB's enfrentam com relação à má formação e capacitação dos seus pastores, à ênfase pragmática e numérica dos vários métodos para crescimento da Igreja, à descentração cristológica das mensagens e pregações ou às diversas e/ou variadas *teologias* que surgem a partir dos apelos mercadológicos (p.ex. a TP).

No entanto, diante dessa realidade das IEB's e dessa apresentação das Pastorais, pode-se concluir, neste momento, que resgatar todos esses princípios e valores é o grande desafio, como estampam as palavras de David Fisher:

As comunidades nas quais trabalhamos já não valorizam mais o nosso empenho como a sociedade respeitava a Igreja e o ministério antigamente. Prestamos um serviço para um mundo que já não o deseja mais. Os líderes religiosos são um anacronismo em uma cultura secular. Até as nossas congregações nos estranham. Os cristãos contemporâneos estão afetados pela natureza secular do nosso mundo mais do que podemos imaginar. Cada vez mais somos empurrados para a marginalidade. O que é ser um pastor cristão em nossa sociedade?³⁸⁸

Essa tentativa não será nova. Olhando para a história, comprova-se que muitos já tentaram e conseguiram. Outros, ficaram pelo meio do caminho e, ainda, alguns sucumbiram às pressões e cederam às luzes dos holofotes. Contudo, mesmo correndo o risco, o modelo pastoral que as Cartas Pastorais apresentam podem apontar para o caminho da mudança. Ele só precisa ser resgatado e colocado em prática. É preciso recuperar o sentido bíblico do ministério pastoral e renunciar ao modelo disfarçado do lobo, como pontua Osmar Ludovico, pastor batista:

Pastores e lobos têm algo em comum: ambos se interessam e gostam de ovelhas, e vivem perto delas. Assim, muitas vezes, pastores e lobos nos deixam confusos para saber quem é quem. Isso porque lobos desenvolveram uma astuta técnica de se disfarçar em ovelhas interessadas no cuidado de outras ovelhas. Parecem ovelhas, mas são lobos. No entanto, não é difícil distinguir entre pastores e lobos. Urge a cada um de nós exercitar o discernimento para descobrir quem é quem. [...] Os lobos estão entre nós e é oportuno lembrar-nos do aviso de Jesus Cristo: “Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em ovelhas, mas interiormente são devoradores” (Mt 7.15)³⁸⁹.

³⁸⁸ FISHER, D. *Op. cit.*, p. 8.

³⁸⁹ Cf. <<http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=54&materia=290>>. Acesso em 20/06/08.

6 CONCLUSÃO

O objetivo desta dissertação foi o de perceber a relevância da mensagem das Cartas Pastorais para crise do ministério pastoral contemporâneo, marcado pela descrença, desmotivação e esvaziamento de sentido da vocação e/ou função, apresentando o apóstolo Paulo e seus dois discípulos, Timóteo e Tito, como modelos de pastores para os dias de hoje, por meio de suas práticas, atitudes e teologia.

A metodologia utilizada para tentar chegar a esse objetivo se deu através da investigação bibliográfica sobre o assunto e da análise dos textos das Cartas Pastorais. Assim, primeiramente, tentou-se identificar as características e as condições problemáticas das IEB's, no que diz respeito ao ministério pastoral. Em seguida, buscou-se, nas Pastorais, subsídios para uma análise confrontativa entre essa realidade das IEB's e o modelo bíblico do ministério pastoral.

Para isso, no segundo capítulo – *Os problemas do ministério pastoral contemporâneo*: 1) analisou-se a perspectiva da pregação contemporânea, do ponto de vista do conteúdo e do ponto de vista do pregador, chegando-se à conclusão de que, com relação ao primeiro, a pregação contemporânea se distancia do seu centro, que é Jesus Cristo, e com relação ao segundo, que muitos pregadores não têm se preocupado em manter uma sintonia com a mensagem que pregam e a vida que levam; 2) pontuou-se a preocupação dos pastores com o crescimento numérico da Igreja, comprovando-se que, essa busca por números leva os pastores e líderes a perderem o foco da própria função pastoral; 3) delineou-se a TP, buscando-se entender a sua origem, examinando-se o seu quadro fenomenológico no cenário religioso evangélico brasileiro e sua influência negativa nos mais diversos setores da Igreja e da vida cristã individual; 4) verificou-se que o principal problema que colabora para a crise do ministério pastoral diz respeito ao próprio modo como a vocação ministerial é encarada, hoje, em algumas IEB's e como pouca ênfase é dada à formação teológica, moral e ética dos candidatos ao ministério.

No terceiro capítulo – *Introdução geral às Cartas Pastorais*, delineou-se o percurso histórico da interpretação das Cartas Pastorais ao longo da história da Igreja, apresentando: a) a situação histórico-biográfica e a datação, b) as questões com relação a gênero literário, linguagem e estilo, c) a relação comum entre o conteúdo das três Cartas, d) o ambiente teológico e a questão dos falsos mestres e da heresia, e) a perspectiva biográfica e ministerial de Timóteo e Tito, f) o desenvolvimento do ministério eclesástico (bispos, presbíteros, diáconos e diaconisas) em Éfeso e Creta. Todo esse exercício possibilitou reconstruir as

características dos contextos em que os jovens Timóteo e Tito estavam inseridos, bem como de suas comunidades, apontando os seus desafios ministeriais, tendo o apóstolo Paulo como modelo dessas tarefas.

No quarto capítulo – *Resgate da imagem do apóstolo Paulo enquanto modelo pastoral*, buscou-se reconstruir a perspectiva da vida e do ministério do apóstolo, na tentativa de encontrar os fundamentos para uma reflexão crítica e neotestamentária, acerca dos modelos ministeriais presentes nas IEB's contemporâneas e dos desafios que esta Igreja apresenta. Para isso, empreendeu-se a leitura e interpretação dos textos das Pastorais, especificamente, daqueles trechos que, de alguma forma, se relacionam ao tema, em busca das características pastorais/ministeriais do apóstolo: 1) plantador de Igrejas, 2) pai, mestre e modelo, 3) ministro de Cristo Jesus, 4) autoridade e cuidado pastoral, 5) o cristocentrismo da espiritualidade pastoral paulina.

No quinto e último capítulo – *Reflexões para o ministério pastoral evangélico na atualidade, a partir das instruções e delegações a Timóteo e Tito*, buscou-se refletir sobre algumas das qualificações essenciais que os pastores e ministros da Igreja devem ter (fé e boa consciência; ser servo do Senhor; exercício da piedade e pureza; disciplina no estudo e ensino; aptidão para o ensino, o aconselhamento e o cuidado pastoral) e tecer algumas observações que fossem pertinentes para a discussão acerca do ministério pastoral para as IEB's, a partir daquilo que havia sido apresentado no segundo capítulo. Foi intenção, então, tentar perceber como Timóteo e Tito deveriam seguir, de fato, o modelo apostólico de liderança e pastoreio em suas comunidades, desempenhando suas funções pastorais.

Em síntese, com relação ao problema central desta pesquisa, exposto em todo o segundo capítulo, o estudo do modelo pastoral nas Cartas Pastorais possibilitou concluir que, primeiro, com relação ao tipo de *discurso persuasivo* presente nos púlpitos, que desvirtua o Evangelho, tirando do seu centro a pessoa de Jesus Cristo e promovendo alienação e falta de compromisso com os valores do Reino de Deus, o texto das Pastorais, contrariamente, revela uma profunda preocupação com a pregação, ensino e educação dos crentes na “sã doutrina” (Cf. 1Tm 1.10; 6.3; 2Tm 1.13; 4.3; Tt 2.1). Que ela é quem personifica a verdade e assegura a centralidade da mensagem do Evangelho de Cristo Jesus contra os desvios doutrinários e teológicos, contra aqueles que promovem esses desvios e é ela quem define o tipo de comportamento ético, moral e social dos cristãos. E que o **ensino de Paulo** (de Timóteo, de Tito e dos demais líderes constituídos), a **verdade do Evangelho** e a **sã doutrina** são

sinônimos nas Pastorais e, como Palavra de Deus para os dias de hoje, devem ser tomados como fundamento da mensagem, da pregação, do ensino e da atuação pastoral nos púlpitos.

Em segundo, com relação à ênfase pela conquista dos grandes *templos e números* de membros, revelando uma preocupação da liderança dessas Igrejas mais por estratégias *marketeiras* e empresariais, visando mais poder, status e sucesso do que o crescimento e expansão do Reino de Deus e a realização do chamado de Deus para simplesmente *pastorear as ovelhas*, as Pastorais, de maneira contrária, se preocupam com o **pastoreio** e o **discipulado dos crentes** (Cf. 1Tm 1.3, 18-19; 4.6, 16; 2Tm 1.8; 2.2, 14; 3.16-17; 4.2; Tt 1.5; 2.7-8, 15). Nas recomendações apostólicas a Timóteo e Tito fica evidente o desejo do apóstolo de que os dois devem colaborar para o **crescimento e desenvolvimento dos valores do Evangelho** na vida de cada crente, através de uma liderança convicta e comprometida com a verdade.

Em terceiro, com relação à presença do discurso da *Teologia da Prosperidade* nas IEB's, que, acima de tudo, utiliza a Bíblia para buscar apoio para os seus ensinamentos contraditórios sobre algum tipo de prosperidade financeira, que desvirtua os valores simples do Evangelho e promove uma espiritualidade medida por posses, aquisição e exibição de bens e da vida sem sofrimento, as Pastorais, por sua vez, propõem uma **teologia da gratuidade**, que reconhece a **soberania e a Graça de Deus** (Cf. 1Tm 1.15; 2.5-6; 3.15; 4.4-5; 6.15-16; 2Tm 1.10; Tt 1.1; 2.11-14; 3.3-7), associada a uma **espiritualidade da simplicidade**, baseada na identificação do crente com própria vida de Jesus Cristo (Cf. 1Tm 1.12-13, 16; 6.9-10, 17; 2Tm 1.12; 2.11-13, 19; Tt 3.14). O apóstolo Paulo se coloca como imitador desse **modelo que é Cristo** e deseja que todos façam o mesmo.

Por último, com relação à *má formação de pastores* e à falta de preparo e capacitação teológica, que termina por contribuir para o estado de crise tanto do ministério pastoral quanto para a própria vida da Igreja e dos seus membros, as Pastorais, por outro lado, afirmam a importância do estudo aplicado e do ensino das Escrituras (Cf. 1Tm 3.2; 4.6-7, 13-16; 5.17; 6.2, 17, 20; 2Tm 1.13-14; 2.2, 14; 3.14-15; 4.2; Tt 1.9; 2.1, 7-8, 15; 3.1, 8) como parte fundamental da formação e do exercício do ministério pastoral e da liderança da Igreja. Para o apóstolo Paulo, é o ensino correto do Evangelho que poderá preservar as comunidades de Timóteo e Tito, e as comunidades de todos os tempos, dos falsos ensinamentos e contribuirá para o desenvolvimento teológico, moral e ético de todos os membros da comunidade, a começar pelos seus líderes.

Discutir a realidade do ministério pastoral, colocando-a frente a frente com o padrão bíblico das Escrituras, especificamente das Pastorais, e tentando resgatar esse modelo para o

contexto das IEB's contemporâneas foi um desafio que se colocou para esta pesquisa, visto que pouco se tem escrito minuciosa e diretamente sobre o tema. Por isso, o que ora se apresenta é um ensaio, um começo, uma introdução a uma discussão importante, necessária e urgente para o contexto brasileiro da Igreja evangélica.

Do modo como foi apresentada, esta dissertação tentou trazer relevantes contribuições, que podem ser identificadas em três pontos principais. A primeira contribuição diz respeito a um melhor aprofundamento na perspectiva da teologia paulina, presente em suas Cartas Pastorais, concernente à eclesiologia e, especificamente, ao ministério pastoral. Conseqüentemente, a segunda contribuição diz respeito às diretrizes para a organização da Igreja hoje, nas suas mais diversas áreas ministeriais, principalmente, na área da liderança, na sua seleção, formação e capacitação para a atuação. A terceira contribuição encontra-se no favorecimento também do aprofundamento da discussão teológica (bíblica e pastoral), acerca do ministério pastoral no contexto da Igreja Evangélica Brasileira, tentando: 1) aclarar sua multifacetada imagem, 2) entender sua presença no mundo pós-moderno e 3) orientar sua atuação nesse mundo.

Há muitos outros caminhos de estudo e reflexão teológica para se analisar o fenômeno do ministério pastoral, a partir de uma perspectiva teológica, histórica, bíblica ou sistemática. Entretanto, é necessário que toda tentativa privilegie o distanciamento, o olhar crítico e a análise sistemática, sem, contudo, perder o foco principal que é o benefício da Igreja, da vida dos seus membros e do Reino de Deus. Para isso, por exemplo, podem ser realizadas pesquisas de campo com aplicação de questionários, entrevistas, observações presenciais e outras técnicas de pesquisa, como alternativas não somente válidas, mas necessárias para uma apreensão mais concreta da realidade contextual.

Encerra-se aqui com as palavras de Osmar Ludovico³⁹⁰ quando aponta que há uma diferença entre os verdadeiros pastores e os falsos pastores. Que, pelo trabalho e compromisso dos primeiros, os outros sejam cada vez mais uma raridade no meio das IEB's.

Pastores buscam o bem das ovelhas, lobos buscam os bens das ovelhas.

Pastores gostam de convívio, lobos gostam de reuniões.

Pastores vivem à sombra da cruz, lobos vivem à sombra de holofotes.

Pastores choram pelas suas ovelhas, lobos fazem suas ovelhas chorar.

Pastores têm autoridade espiritual, lobos são autoritários e dominadores.

Pastores têm esposas, lobos têm coadjuvantes.

³⁹⁰ Cf. <<http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=54&materia=290>>. Acesso em: 20/06/08.

Pastores têm fraquezas, lobos são poderosos.
Pastores olham nos olhos, lobos contam cabeças.
Pastores apaziguam as ovelhas, lobos intrigam as ovelhas.
Pastores têm senso de humor, lobos se levam a sério.
Pastores são ensináveis, lobos são donos da verdade.
Pastores têm amigos, lobos têm admiradores.
Pastores se extasiam com o mistério, lobos aplicam técnicas religiosas.
Pastores vivem o que pregam, lobos pregam o que não vivem.
Pastores vivem de salários, lobos enriquecem.
Pastores ensinam com a vida, lobos pretendem ensinar com discursos.
Pastores sabem orar no secreto, lobos só oram em público.
Pastores vivem para suas ovelhas, lobos se abastecem das ovelhas.
Pastores são pessoas humanas reais, lobos são personagens religiosos caricatos.
Pastores vão para o púlpito, lobos vão para o palco.
Pastores são apascentadores, lobos são marqueteiros.
Pastores são servos humildes, lobos são chefes orgulhosos.
Pastores se interessam pelo crescimento das ovelhas, lobos se interessam pelo crescimento das ofertas.
Pastores apontam para Cristo, lobos apontam para si mesmos e para a instituição.
Pastores são usados por Deus, lobos usam as ovelhas em nome de Deus.
Pastores falam da vida cotidiana, lobos discutem o sexo dos anjos.
Pastores se deixam conhecer, lobos se distanciam e ninguém chega perto.
Pastores sujam os pés nas estradas, lobos vivem em palácios e templos.
Pastores alimentam as ovelhas, lobos se alimentam das ovelhas.
Pastores buscam a discrição, lobos se autopromovem.
Pastores conhecem, vivem e pregam a graça, lobos vivem sem a lei e pregam a lei.
Pastores usam as Escrituras como texto, lobos usam as Escrituras como pretexto.
Pastores se comprometem com o projeto do Reino, lobos têm projetos pessoais.
Pastores vivem uma fé encarnada, lobos vivem uma fé espiritualizada.
Pastores ajudam as ovelhas a se tornarem adultas, lobos perpetuam a infantilização das ovelhas.
Pastores lidam com a complexidade da vida sem respostas prontas, lobos lidam com técnicas pragmáticas com jargão religioso.
Pastores confessam seus pecados, lobos expõem o pecado dos outros.
Pastores pregam o Evangelho, lobos fazem propaganda do Evangelho.
Pastores são simples e comuns, lobos são vaidosos e especiais.
Pastores tem dons e talentos, lobos tem cargos e títulos.
Pastores são transparentes, lobos têm agendas secretas.
Pastores dirigem igrejas-comunidades, lobos dirigem igrejas-empresas.
Pastores pastoreiam as ovelhas, lobos seduzem as ovelhas.
Pastores trabalham em equipe, lobos são prima-donas.

Pastores ajudam as ovelhas a seguir livremente a Cristo, lobos geram ovelhas dependentes e seguidoras deles.

Pastores constroem vínculos de interdependência, lobos aprisionam em vínculos de co-dependência.

BIBLIOGRAFIA

1. Edições da Sagrada Escritura e Traduções

A Bíblia Viva. 2 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2002.

ALAND, K. (et al.). *The Greek New Testament*. 4 ed. Germany: United Bible Societies, 1994.

Bíblia de Estudo Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Bíblia Sagrada Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000.

Novo Testamento interlinear grego-português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

RAHLFS, A. (ed.). *Septuaginta*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2004.

SHEDD, R. P. (ed.). *Bíblia Shedd*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

STORNIOLO, I. (et al.). *A Bíblia de Jerusalém: Novo Testamento e Salmos*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

2. Enciclopédias, Dicionários e Comentários Bíblicos

ALLMEN, J. J. von (org.). *Vocabulário bíblico*. São Paulo: ASTE, 2001.

BAUR, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000.

BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (org.). *Comentário Bíblico*. São Paulo: Loyola, 1999.

BROWN, C.; COENEN, L. (org.) *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

FIORES, S. de; GOFFI, T. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993.

FRIBERG, B.; FRIBERG, T. *O Novo Testamento grego analítico*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. *Léxico do Novo Testamento grego-português*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

GONZÁLEZ, J. L. *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*. São Paulo: Academia Cristã, 2005.

HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa 1.0*. São Paulo: Objetiva, 2001.

KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (org.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

LACOSTE, J.-Y. (org.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004.

LÉON-DUFOUR, X. *Vocabulário de teologia bíblica*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

RICHARDS, L. *Comentário bíblico do professor: um guia didático completo para ajudar no ensino das Escrituras Sagradas do Gênesis ao Apocalipse*. São Paulo: Vida, 2004.

RUSCONI, C. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005.

SABA, N. (org.). *Ilumina: the world's first digitally animated bible and encyclopedia suite*. Orlando: Tyndale, 2002.

TAYLOR, W. C. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

3. Introdução e Teologias do Novo Testamento

BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

CARSON, D. A. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GUNDRY, R. H. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento 2: história e literatura do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005.

KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1982.

LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001

MARSHALL, H. I. *Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos, um só evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MORRIS, L. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2003.

4. Comentários sobre as Cartas Pastorais

CALVINO, J. *Pastorais*. São Paulo: Paráclitos, 1998.

FABRIS, R. *As cartas de Paulo (III)*. São Paulo: Loyola, 1992.

FRANGIOTTI, R. *Padres apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística).

GUTHRIE, D. *The pastoral epistles*. Downers Grove: Intervarsity, 1990.

HARRISON, P. N. *The problem of the pastoral epistles*. Oxford: Oxford University Press, 1921.

HENDRIKSEN, W. *1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

JOHNSON, L. T. *The first and second letters to Timothy: a new translation with introduction and commentary*. New York: Doubleday, 2001. (The Anchor Bible; v. 35A).

KELLY, J. N. D. *I e II Timóteo e Tito: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero: cartas del apóstol Pablo a Tito, Filemon y Epístola a los Hebreos*. Barcelona: CLIE, 1999.

MARSHALL, I. H. *The pastoral epistles*. New York: T&T Clark LTD, 1999. (The International Critical Commentary).

STOTT, J. *A mensagem de 2 Timóteo*. São Paulo: ABU, 2001.

YOUNG, F. *The theology of the pastoral letters*. New York: Cambridge Press, 1994.

5. Livros de conteúdo relacionado à biografia ou à teologia do apóstolo Paulo

BALL, C. F. *A vida e os tempos do apóstolo Paulo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

BECKER, J. *Apóstolo Paulo: vida, obra e teologia*. São Paulo: Academia Cristã, 2007

BRANICK, V. *A igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994.

CERFAUX, L. *Cristo na teologia de Paulo*. São Paulo: Teológica, 2003.

_____. *O cristão na teologia de Paulo*. São Paulo: Teológica, 2003.

CROSSAN, J. D.; REED, J. L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

DUNN, J. D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.

FABRIS, R. *Para ler Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Paulo: apóstolo dos gentios*. São Paulo: Paulinas, 2001.

GNILKA, J. *Pablo de Tarso: apóstol e testigo*. Barcelona: Herder, 2002.

KÄSEMANN, E. *Perspectivas paulinas*. São Paulo: Teológica, 2003.

MACDONALD, M. Y. *Las comunidades paulinas: estudio socio-histórico de la institucionalización em los escritos paulinos y deuteropaulinos*. Salamanca: Sigueme, 1994.

MEEKS, W. A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

MURPHY-O'CONNOR, J. *A antropologia pastoral de Paulo: tornar-se humanos juntos*. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Paulo de Tarso: história de um apóstolo*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2007.

PATTE, D. *Paulo, sua fé e a força do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1987.

PESCE, M. *As duas fases da pregação de Paulo: da evangelização à guia da comunidade*. São Paulo: Paulinas, 1996.

REGA, L. S. *Paulo, sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre*. São Paulo: Vida, 2004.

RIDDERBOS, H. *Paul: an outline of his theology*. Michigan: Eerdmans, 1982.

SCHNELLE, U. *A evolução do pensamento paulino*. São Paulo: Loyola, 1999.

SÖDING, T. *A tríade fé, esperança e amor em Paulo*. São Paulo: Loyola, 2003.

6. Livros e manuais de conteúdo geral

ALMEIDA, A. J. de. *O ministério dos presbíteros-episcopos na Igreja do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2001.

AVANZINI, J. *30, 60, cem por um: a liberação da sua colheita financeira*. Rio de Janeiro: ADHONEP, 2001.

BARRO, J. H. *Uma igreja sem propósitos: os pecados da igreja que resistiram ao tempo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

BONHOEFFER, D. *Discipulado*. 7 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

_____. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

CHAPELL, B. *Pregação cristocêntrica: restaurando o sermão expositivo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

CHESTERTON, C. K. *Ortodoxia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

CROSSAN, J. D.. *O nascimento do Cristianismo: o que aconteceu nos anos que seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004.

EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento: introdução aos métodos lingüísticos e histórico-críticos*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FISHER, D. *O pastor do século 21: uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no terceiro milênio*. São Paulo: Vida, 2001.

GEORGE, T. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GOPEGUI, J. A. R. de. *Conhecimento de Deus e evangelização: estudo teológico-pastoral em face da prática evangelizadora na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1977.

- HAGIN, K. *A autoridade do crente*. Rio de Janeiro: Graça, [s.d.].
- _____. *Como ser dirigido pelo Espírito de Deus*. Rio de Janeiro: Graça, [s.d.].
- _____. *O extraordinário crescimento da fé*. Rio de Janeiro: Graça, [s.d.].
- _____. *Zoe: a própria vida de Deus*. Rio de Janeiro: Graça, [s.d.].
- HORSLEY, R. A.; SILBERMAN, N. A. *A mensagem e o Reino: como Jesus e Paulo deram início a uma revolução e transformaram o Mundo Antigo*. São Paulo: Loyola, 2000.
- JEREMIAS, J. *Estudos no Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2006.
- KONINGS, J.; RIBEIRO, S. H. *Manual de normas para trabalhos acadêmicos*. Belo Horizonte: FAJE, 2008. Apostila escolar.
- LÉONARD, É. G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. 3 ed. São Paulo: ASTE, 2002.
- LIBANIO, J. B. *Olhando para o futuro: perspectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.
- LOPES, A. N. *O que você precisa saber sobre batalha espiritual*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.
- LOPES, H. D. *Piedade e paixão: a vida do ministro é a vida do seu ministério*. São Paulo: Candeia, 2002.
- MacARTHUR JUNIOR, J. *Redescobrimo o ministério pastoral: moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.
- MACEDO, E. B. *A libertação da teologia*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1997.
- _____. *Vida com abundância*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990.
- MANNING, B. *O evangelho maltrapilho*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- MARSHALL, I. H. *New Testament interpretation: essays on principles and methods*. Michigan: Eerdmans, 1979.
- MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo brasileiro*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- NOUWEN, H. J. M. *O perfil do líder cristão do século XXI*. Belo Horizonte: Atos, 2002.
- _____. *Transforma meu pranto em dança*. Rio de Janeiro: Textus, 2002.
- PACKER, J. I. *Entre os Gigantes de Deus*. São Paulo: Fiel, 1996.
- PETERSON, E.; DAWN, M. *O pastor desnecessário: reavaliando a chamada para o ministério*. Rio de Janeiro: Textus, 2001.

- PIPER, J. *Teologia da alegria: a plenitude da satisfação em Deus*. São Paulo: Shedd, 2001.
- REGA, L. S.; BERGMANN, J. *Noções do grego bíblico: gramática fundamental*. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- ROMEIRO, P. *Supercrentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. 2 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- _____. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- SANCHES JÚNIOR, A. *Quando chega o sofrimento*. Belo Horizonte: Água da Vida, 2007.
- SANCHES, S. de M. *Hebreus: espiritualidade e missão*. Belo Horizonte: Lectio, 2003.
- _____. *Perplexos, mas não desanimados: um outro olhar sobre a igreja evangélica na pós-modernidade*. Belo Horizonte, Lectio, 2006.
- SANTOS, I. dos. *Santidade ao seu alcance: a surpreendente revelação bíblica da santificação como obra da Graça divina e não do esforço humano*. Belo Horizonte: Redenção, 1999.
- SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G. *Forma e exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.
- SIDER, R. J. *O escândalo do comportamento evangélico: por que os cristãos estão vivendo exatamente como o resto do mundo?* Viçosa: Ultimato, 2006.
- SPROUL, R. C. *Razão para crer: uma resposta às objeções comuns ao cristianismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.
- SPURGEON, C. H. *Lições aos meus alunos: volume 2*. São Paulo: PES, 1982.
- SOARES, R. R. *As bênçãos que enriquecem*. Rio de Janeiro: Graça, 1985.
- SOUSA, R. B. de, *Janelas para a vida: espiritualidade do cotidiano*. Curitiba: Encontro, 1999.
- STOTT, J. *A mensagem de Efésios: a nova sociedade de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- _____. *O perfil do pregador*. 4ed. São Paulo: SEPAL, 2000.
- TABOR, J. D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- THEISSEN, G. *O Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2007
- VIELHAUER, P. *História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. São Paulo: Academia Cristã, 2005.
- WAGNER, G. *Igreja S/A: dando adeus à igreja-empresa, recuperando o sentido da igreja-rebanho*. São Paulo: Vida, 2003.

WITHERINGTON III, B. *História e histórias do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

YANCEY, P. *Igreja: por que me importar?* São Paulo: SEPAL, 2001.

ZABATIERO, J. *Fundamentos da Teologia Prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

7. Artigos de periódicos e revistas teológicas

CAVALCANTI, R. *Crescem os crentes, crescem os problemas*. In: *Ultimato*. Viçosa: Ultimato, 2006. n.302. set/out. p. 38s.

CONTI, C. *Introdução às epístolas pastorais*. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* (RIBLA). Petrópolis: Vozes, 2006. n. 55. p. 36-43.

COTHENET, É. *Directives pastorales dans les épîtres à Timothée*. In: *Esprit & Vie*. Paris, 2004. n.113, out. p. 17-23.

_____. *La prière chrétienne selon les épîtres pastorales*. In: *Esprit & Vie*. Paris, 2004. n.112, set. p. 21-27.

FITZMYER, J. A. *The structured ministry of the church in the Pastoral Epistles*. In: *The Catholic Biblical Quarterly*. New York, 2004. vol. 66, n.4, out. p. 582-596.

HARRINGTON, D. J.; MATTHEWS, C. R. (ed.). *New Testament Abstracts*. Cambridge: Weston Jesuit School of Theology, 2004. vol. 48, n.3.

_____. *New Testament Abstracts*. Cambridge: Weston Jesuit School of Theology, 2004. vol. 49, n.1 e 2.

LUDOVICO, O. *A igreja e o mercado*. In: *Ultimato*. Viçosa: Ultimato, 2004. n. 291. nov/dez. p. 54s.

MATOS, A. S. de. *Credo ut intelligam: a teologia cristã e seus parâmetros*. In: *Ultimato*. Viçosa: Ultimato, 2007. n.306. mai/jun. p. 43.

O DÍZIMO transformado em dividendos. In: *Ultimato*. Viçosa: Ultimato, 2005. n.295. jul/ago. p. 26.

SILVA, C. A. da. *Tolerância e intolerância entre os grupos sociais em Timóteo e Tito*. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* (RIBLA). Petrópolis: Vozes, 2006. n. 55. p. 98-110.

STRÖHER, M. J. *Eclesiologias em conflito nas deuteropaulinas: o caso das Cartas Pastorais*. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* (RIBLA). Petrópolis: Vozes, 2006. n. 55. p. 81-97.

8. Artigos de revistas em geral

CARNEIRO, M. *Em nome do marketing*. In: VEJA. São Paulo: Abril, 2004. n. 39. ed. 1873. p. 76s.

LINHARES, J. *Como se forma um pregador*. In: VEJA. São Paulo: Abril, 2006. n. 27. ed. 1964. p. 84.

NASCIMENTO, G. *Em nome de Deus*. In: *Negócios da comunicação*. São Paulo: Segmento, 2004. n. 8. mai/jun. p. 40-48.

9. Verbetes de dicionários da língua grega

BEYER, H. W. Διακονία. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (org.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999. vol. II (Δ-H). p. 88.

_____. Ἐπισκοπή e Ἐπίσκοπος. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (org.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999. vol. II (Δ-H). p. 606-620.

BEYREUTHER, E. Ποιμήν. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1587-1591.

BORNKAMM, G. Πρεσβύτερος. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (org.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999. vol. VI [Πε-P], p. 664-668.

COENEN, L. Ἐπίσκοπος. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 220-223.

_____. Καλέω. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 349-354.

_____. Κηρύσσω. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1857.

_____. Πρεσβύτερος. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 223-231.

GÄRTNER, B. Πάσχω. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 2418.

GÜNTHER, W. Εὐσέβεια. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1665

HESS, K. Διακονέω. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 2341-2346.

LINDNER, H. Ἀποστέλλω. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 154.

MÜLLER, D. 'Απόστολος'. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 158.

MÜLLER, H. Τύπος. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 2516

RUSCONI, C. Ἐξέστραπται. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo, 2005. p. 159.

_____. Κήρυξ. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo, 2005. p. 265.

_____. Παραιτοῦ. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo, 2005. p. 352.

_____. Περίστασο. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo, 2005. p. 368.

SCHIPPERS, R. Θλίψις. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1658-1660.

TUENTE, R. Δούλος. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 677.

10. Outros verbetes de dicionários, enciclopédias e comentários

ALETTI, J.-N. Paulina (teologia). In: LACOSTE, J.-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 1359.

BANKS, R. Church order and government. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 131-137.

BEASLEY-MURRAY, P. Paul as pastor. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 656.

BELLEVILLE, L. L. Authority. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 54s.

CARREZ, M. Ministério. In: LACOSTE, J.-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 1145.

“CREDOR”. In: HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa 1.0*. São Paulo: Objetiva, 2001.

CORDOBÉS, J. M. Vocação. In: FIORES, S. de; GOFFI, T. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 1187-1192.

DILLMANN, R. Culto NT. In: BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 83-85.

“DEVEDOR”. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa 1.0*. São Paulo: Objetiva, 2001.

“DIVIDENDO”. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa 1.0*. São Paulo: Objetiva, 2001.

ELLIS, E. E. Pastoral letters. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 662.

_____. Paul and his coworkers. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 188.

“ENVERGONHAR”. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa 1.0*. São Paulo: Objetiva, 2001.

FISCHER, G. Vocação (AT). In: BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 448.

GONZÁLEZ, J. L. Martinho Lutero. In: _____. *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*. São Paulo: Academia Cristã, 2005. p. 432-438.

KERTELGE, K. Justiça. In: BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 224.

KLEIN, W. W. Perfect, mature. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 699-701.

KRUSE, C. G. Ministry. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 605s.

_____. Servant, service. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 870.

KÜHSCHERM, R. Apóstolo. In: BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 26s.

LÉON-DUFOUR, X. Vocação. In: _____. *Vocabulário de teologia bíblica*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 1099ss.

LEUBA, J.-L. Apóstolo. In: ALLMEN, J.-J. von (org.). *Vocabulário bíblico*. São Paulo: ASTE, 2001. p. 44.

MARTIN-ACHARD, R. Culto. In: ALLMEN, J.-J. von (org.). *Vocabulário bíblico*. São Paulo: ASTE, 2001. p. 107-110.

McGRATH, A. E. Justification. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 517-523.

MENOUD, Ph.-H. Ministério. In: BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 344.

MEYE, R. P. Spirituality. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 907.

MOTT, S. C. Ethics. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 269-275.

NUTZEL, J. M. Vocação (NT). In: BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 449.

“PIEIDADE”. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa 1.0*. São Paulo: Objetiva, 2001.

ONESTI, K. L.; BRAUNCH, M. T. Righteousness, Righteousness of God. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 827-837.

PORTER, S. E. Holiness, sanctification. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 397-402.

REASONER, M. Purity and impurity. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 775-776.

ROLOFF, J. Apóstolo. In: LACOSTE, J.-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 176.

SENF, C. Pregar. In: ALLMEN, J.-J. von (org.). *Vocabulário bíblico*. São Paulo: ASTE, 2001. p. 458.

SIEGWALT, G. Pastor. In: LACOSTE, J.-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 1352.

“SHOW”. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa 1.0*. São Paulo: Objetiva, 2001.

TOWNER, P. H. Households and households codes. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R. (org.). *Dictionary of Paul and his letters*. Downers Grove: Intervarsity, 1993. p. 417-419.

“VOCAÇÃO”. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa 1.0*. São Paulo: Objetiva, 2001.

11. Sítios da web (artigos, periódicos, referências bibliográficas, etc.)

www.atla.com (American Theological Library Association)

www.adhonep.org.br/hotsite/adhonep.htm

www.carisma.org.br

www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=54&materia=290

www2.ceris.org.br/estatistica/religioibge/_rqdreligiao2000.asp